



Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Campus Ministro Reis Veloso
Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação
Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
Av. São Sebastião, Nº. 2819 | Bairro Ministro Reis Veloso

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR
DE PEDRO II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa

IVANILDA TEIXEIRA DO AMARAL

Parnaíba (PI), agosto de 2017
Meio Norte do Brasil

IVANILDA TEIXEIRA DO AMARAL

**O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR
DE PEDRO II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para
obtenção do grau de Mestre.

Edital nº. 01/2014

1ª Turma | 2015-2017

Orientadora: Profª Drª. Áurea da Paz Pinheiro

Co-orientadora: Profª Drª Lorena Sancho Querol

Parnaíba (PI), agosto de 2017

Meio Norte do Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
SETORIAL PROF. CÂNDIDO ATHAYDE – CAMPUS PARNAÍBA

A485s Amaral, Ivanilda Teixeira do.

O saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa. / Ivanilda Teixeira do Amaral. – Parnaíba: 2017. 253f.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Arte, Patrimônio e Museologia - Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2017.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Áurea da paz Pinheiro.

1. Patrimônio Cultural - Piauí. 2. Tecelagem Manual - Saber-Fazer. 3. Glossário Especializado - Expressões Oraís. 4. Mapa Cultural - Redes de Dormir de Pedro II - PI. I. Título.

CDD: 363.692 2

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR
DE PEDRO II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para
obtenção do grau de Mestre.

Edital nº. 01/2014

1ª Turma | 2015-2017

Orientadora Profª Drª. Áurea da Paz Pinheiro

Co-orientadora Profª Drª. Lorena Sancho Querol

Trabalho apresentado e aprovado em 18 de maio de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Áurea da Paz Pinheiro
(Orientadora | UFPI)

Prof.ª Drª. Maria de Fátima Pereira Alves
(Avaliadora Interna | Universidade Aberta de Portugal | UFPI)

Prof.ª Mestre Sônia Regina Rampim Florêncio
(Avaliadora Externa | Departamento de Articulação e Fomento | DAF, Iphan)

Às teceloas, sábias mulheres da camada popular que dominam o saber-fazer secular da tecelagem manual das redes de dormir típicas de Pedro II – Piauí, que merecem toda nossa admiração e respeito. A visibilidade das teceloas é uma questão de memória e fortalecimento de identidade.

“Era a coisa mais linda do mundo ver aquele monte de mulher tecendo”

Neusa Barroso da Silva, 78 anos
Localidade São João, Pedro II-PI. 19/07/2016.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus familiares, em especial minha mãe Enilda e filha Ana Deusa, por serem meus exemplos de batalhadoras e boa convivência intergeracional. Sou grata a todos pelo ninho, amor, confiança, incentivo e apoio incondicional, inclusive técnico profissionais, de Francisco Eudes do Amaral, Jáyra Teixeira do Amaral e de meu amado filho e companheiro de todos os sonhos e desafios Adonias Antônio Galvão Neto.

As Teceloas de Pedro II, mestras do modo de saber-fazer da Tecelagem Manual das Redes de Dormir pelo apoio, disponibilidade, carinho, memórias, conversas sem fim e risos fartos.

As orientadoras deste trabalho, professoras Dr^a Áurea da Paz Pinheiro e Dr^a Lorena Sancho Querol pelo acolhimento, incentivo e pela confiança.

Equipe do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional - coordenação, professores e funcionários.

Aos amigos e amigas do mestrado e da vida, e ex-alunos que fizeram parte dessa etapa de minha evolução, incentivando, apoiando, acolhendo e acreditando nos meus sonhos.

Ao povo de Pedro II, parceiros (as) e colaboradores (as) pela satisfação e apreço com que apoiaram efetiva e afetivamente este trabalho participativo. SEDUC e SEMED pela licença concedida para cursar o mestrado.

A todos meus professores e mestres que, durante a vida, me mostraram que ensinar é compartilhar, é conviver e doar-se num maravilhoso processo de aprendizado e que nossas experiências são verdadeiras lições de vida para manter a disposição e atrair prosperidade em tudo que se faz.

A todos aqueles que contribuíram de toda e qualquer forma em todas as etapas, desde a orientação, o conhecimento, as memórias, a documentação, o tempo disponibilizado, o espaço cedido, as gentilezas, os materiais e equipamentos emprestados.

LISTA DE SIGLAS

ACPC – Associação Comunitária de Produção e Consumo
ADAPI – Agência de Defesa Agropecuária do Piauí
APA – Área de Proteção Ambiental
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CES-UC – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra
CNFCP – Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICOM – Conselho Internacional de Museus
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IP – Inventário Participativo
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MINC – Ministério da Cultura
PCI – Patrimônio Cultural Imaterial
PIB – Produto Interno Bruto
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGAPM – Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
PRODART – Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí
SAP – Sala do Artista Popular
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC – Secretaria Estadual de Educação
SEMED – Secretaria Municipal de Educação de Pedro II
UESPI – Universidade Estadual do Piauí
UFDP – Unidades Familiares de Produção Doméstica
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPI – Universidade Federal do Piauí

RESUMO

O município de Pedro II, localizado no nordeste do Piauí, Brasil, agrega em seu território um rico e complexo patrimônio cultural e natural, com destaque para os modos de saber-fazer associados à tecelagem manual - objeto de estudo desta pesquisa-ação. Trata-se de um trabalho de pesquisa aplicada para construção de produtos/serviço: um Inventário Participativo (IP), acompanhado de um Glossário Especializado das expressões orais e um Mapa Cultural da Tecelagem Manual das Redes de Dormir de Pedro II. Procuramos compreender os modos de saber-fazer da tecelagem manual (TeMa); as características do saber-fazer; como ocorrem os processos de transmissão e que artefatos/instrumentos estão ligados a essa sabedoria ancestral no território. O inventário instiga formas de divulgação, valorização e revitalização do saber. O ofício das teceloas – como se autodenominam as mulheres protagonistas da tecelagem em teares manuais – está presente a mais de um século na história do município. Todavia, essa prática cultural vem enfrentando desafios que comprometem a sua permanência, como a baixa visibilidade das mestras teceloas, a quase interrupção na transmissão do saber e a competitividade comercial com produtos da tecelagem industrial vinda de outros Estados. Constatando-se a ausência de dados analíticos sobre a situação atual da referência cultural, o presente estudo propôs uma intervenção para conhecer a tecelagem manual no contexto social local, através de um instrumental metodológico que viabilizasse o empoderamento das detentoras e intérpretes dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual da rede de dormir característica de Pedro II-PI.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural Imaterial. Tecelagem Manual. Piauí. Pedro II. Inventário Participativo.

ABSTRACT

The municipality of Pedro II, located in the northeast of Piauí, Brazil, has in its territory a rich and complex cultural and natural patrimony, with emphasis on the know-how associated with manual weaving - object of study of this action research. This is an applied research work for the construction of products / services: a Participatory Inventory (PI), accompanied by a Specialized Glossary of oral expressions and a Cultural Map of the Manual Weaving of Sleeping Hammock from Pedro II city. We try to understand the ways of know-how of manual weaving (TeMa); The characteristics of know-how; How the processes of transmission occur and what artifacts | instruments are linked to this ancestral wisdom in the territory. The inventory instigates ways of disseminating, valuing and revitalizing of knowledge. The craft of the weavers - as they call themselves the women protagonists of weaving in manual looms - has been present for more than a century in the history of the municipality. However, this cultural practice is facing challenges that jeopardize its permanence, such as the low visibility of teceleas masters, the almost interruption in the transmission of knowledge and the commercial competitiveness with industrial weaving products from other states. Based on the lack of analytical data on the current situation of the cultural reference, the present study proposed an intervention to know the manual weaving in the local social context, through a methodological tool that enabled the empowerment of the holders and interpreters of the know- Make associated with the manual weaving of the sleeping hammock feature of Pedro II city (PI).

Keywords: Intangible Cultural Heritage. Weaving Manual. Piauí. Pedro II City Participatory Inventory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Problema	12
1.2. Justificativa	14
1.3. Objetivos e Metas	16
1.4. Públicos	18
1.5. Produtos e serviços	19
2. ESTUDO DO CONTEXTO	19
3. REFERENCIAL TEÓRICO	21
4. METODOLOGIA	27
5. MEMÓRIA DESCRITIVA DOS PRODUTOS E SERVIÇOS	34
6. PARCEIROS COLABORADORES	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7. REFERÊNCIAS	39
8. APÊNDICES	42
Apêndice A – Inventário Participativo	43
Apêndice B – Glossário Especializado	183
Apêndice C – Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II	230
Apêndice D – Oficinas de Escuta como Metodologia de Inventário Participativo: uma experiência em Pedro II-PI	244
9. ANEXOS	251
Anexo A – Caderno da teceloa Anízia Alves Sousa de Oliveira com <i>Gabaritos/Ramos</i> – digitalizados	251

1. Introdução

O projeto de pesquisa-ação *O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa*, inscrito na Linha de Pesquisa Patrimônio, Sociedade e Educação Museal do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, teve início em abril de 2016. O acrônimo TeMa foi adotado pelo projeto para fazer referência à tecelagem manual, universo no qual está situada a pesquisa.

A premissa do projeto é a singularidade dos modos de saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II-PI e a possibilidade de ainda se ter acesso a essa prática cultural, cuja transmissão enfrenta uma série de dificuldades. A proposta de estimular a própria comunidade a protagonizar o inventário, definir e valorizar a referência cultural é pautada na lógica coletiva de reprodução do saber. O inventário da TeMa, saber-fazer transmitido através da prática e da oralidade ao longo de gerações, foi realizado de forma participativa, coletiva e dialógica, com vistas a contribuir efetivamente para a melhoria de vida das pessoas envolvidas.

Buscou-se estratégias para administrar as restrições impostas a esta natureza de trabalho, favorecer e minimizar os riscos visando um melhor desenvolvimento do projeto. Recorreu-se constantemente à formação de parcerias para coproduções e coautorias, principalmente no que se referiu às limitações técnicas e orçamentárias. Em termos gerais, a pesquisa-ação demonstrou que a produção de redes de dormir em Pedro II é sistêmica e interligada, tentar interpretá-la exigiu um amplo conhecimento da realidade específica.

1.1 Problema

Por muito tempo, Pedro II teve sua economia ancorada na produção agropastoril e extrativista de subsistência, atividades ainda muito representativas no quadro econômico local. Atualmente, o município apresenta a maior taxa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de sua história - 0,571 - e o índice da renda *per capita* mensal se encontra na faixa de R\$127,50 a R\$ 206,25 (IBGE, 2015).

As redes de dormir são produzidas com fins comerciais no município de Pedro II desde o final do século XIX (Ver apêndice B). Desde então, a tecelagem manual esteve presente como complemento de renda e até mesmo como principal fonte de renda para muitas famílias pedrossegundense. A totalidade das *teceloas* – como se autodenominam as mulheres protagonistas da tecelagem em teares manuais – entrevistadas durante a pesquisa identificaram a prática da tecelagem manual como uma “estratégia de sobrevivência” em muitos momentos de suas vidas.

Entretanto, essa prática cultural vem enfrentando desafios que comprometem a sua continuidade, como a baixa visibilidade das mestras tecelãs; a quase interrupção na transmissão do saber; a competitividade comercial com produtos da tecelagem industrial vinda de outros Estados; a desvalorização dos modos de saber-fazer tradicionais associados à tecelagem manual desse tipo de rede, e o desuso da matéria-prima preparada artesanal no local ou raridade com que algumas técnicas de confecção dos instrumentos de trabalho da tecelagem e das redes de dormir, são encontradas. Os ramos ou gabaritos que estampam as redes, por exemplo, só existem na cabeça das tecelãs, é uma prática questionável para a salvaguarda do saber-fazer. São pouquíssimas pessoas que tem os ramos em papel. A tecelã Anízia Alves de Sousa Oliveira criadora de ramos e desenhista (Ver documento em anexo) nos informa que, a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II Ltda, nas décadas de 1970 e 1980, criava uns desenhos e dava para as cooperadas passarem para o papel e reproduzir modelos, às vezes, também, comprava peças em feiras e encontros de artesãs, para tirar amostras e servir como gabaritos dos ramos. A Cooperativa não oferecia cursos de aperfeiçoamentos, afirmam as tecelãs que “Quando o ramo era muito difícil as mulheres juntavam-se, umas com as outras cooperadas, para bater cabeça até acertar”.

A rede de duas capas, por exemplo, não é mais encontrada no mercado. A produção das redes manuais de três panos ou a rede caroá têm diminuído sensivelmente, em razão da opção de muitos produtores pela fabricação de outro tipo de rede, a rede de sol-a-sol, na qual se utiliza 90% de tecido industrializado e vasta mão de obra terceirizada, além da alteração na estrutura dos teares que estão sendo cortados para adequar-se à etapa/função de apenas “mamucabar¹” as redes semi-industrializadas. A predominância do uso de matérias-primas totalmente importadas de outros municípios e Estados, “oriundas de indústrias modernas” (ARAÚJO, 1996: 18), representa um dos fatores responsáveis pelo comprometimento da continuidade dos processos tradicionais de produção da rede de dormir em Pedro II-PI.

Constatando-se a ausência de dados analíticos sobre a situação atual da referência cultural objeto do estudo, a pesquisa propôs uma intervenção de conhecimento da tecelagem manual no contexto social local, através de um instrumental metodológico capaz de viabilizar o empoderamento das detentoras e intérpretes dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual das redes de dormir características de Pedro II-PI.

¹Uma das expressões recorrentes no universo da tecelagem manual, a qual se refere ao procedimento de passar o mamucabo, ou seja, juntar tranças, em cada extremidade da rede, dentro de uma ou duas cintas, tecidas com fio no mesmo tear, no sentido da largura da rede, que servem de base e sustentação para receber os punhos, mede de 3 a 4 cm de largura.

1.2 Justificativa

O projeto de pesquisa foi elaborado em resposta à necessidade de salvaguarda apresentada por um bem imaterial significativo para a identidade local de Pedro II-PI. Frente à série de dificuldades enfrentadas pela produção manual de redes de dormir nesse município, gestou-se o interesse pelo objeto de estudo – os modos de saber-fazer associados à tecelagem manual das redes de dormir típicas do município de Pedro II.

Trata-se de um trabalho de pesquisa-ação para construção de um inventário participativo, com o propósito de compartilhar saberes produzidos pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, objetivando-se o registro dos modos do saber-fazer e a proposição de formas de reconhecimento, valorização e promoção dessa prática de tecelagem que se configura como uma referência cultural local.

A rede de dormir possui representatividade como um dos símbolos da cultura piauiense, e isso não é um dado recente. Podemos citar como exemplo os registros do arquiteto Paulo Thedim Barreto, que realizou levantamento pioneiro da arquitetura piauiense no final dos anos 1930, e para o qual a rede constituía um dos elementos típicos do mobiliário das habitações piauienses: “Raramente encontramos cama, móvel que o piauiense pouco usa e que é ali bastante desagradável, tal o calor que concentra. Na rede é que se dorme bem” (BARRETO, 1938: 212). No artigo “O Piauí e sua arquitetura”, o arquiteto faz referência da rede como um objeto distinto e comumente apropriado pela população piauiense, acrescentando informações sobre as matérias-primas e os procedimentos da produção da rede de dormir no Estado:

Bilheiras, potes e redes são os objetos de maior adorno, os mais cuidados e, às vezes, requintadamente acabados. As redes existem de pano, algodão ou linho; ou tecidas com fibras de tucum ou caroá, de carnaúba ou outra fibra qualquer. Os tecidos são os mais variados, desde o trançado fino e acabado, até ao grosso e entreaberto. As varandas das redes são executadas com gosto; aí é que o artífice emprega o seu maior engenho e imaginação. As redes e os armadores encontram-se espalhados em todas as dependências da habitação (...). (BARRETO, 1938: 212).

A primeira constatação e desafio da pesquisa foi a percepção de que a sua área de abrangência consiste numa rede de “malha unida”, bem mais complexa do que supúnhamos inicialmente. A secular produção da rede de dormir é sistêmica e interligada. Existe uma ampla cadeia produtiva e além dos teares e elementos completos que produzem os panos de rede, existem também a produção dos instrumentos e equipamentos de trabalhos adicionais e da matéria prima para os acabamentos e adornos que compõem a peça final. São, portanto, variados os eixos de levantamento e análises. Partimos, então, para uma projeção realística, através de uma imersão

nas realidades locais para a realização do diagnóstico preliminar e do planejamento do trabalho de campo, na perspectiva de trabalho com base na construção coletiva e dialógica do conhecimento.

Câmara Cascudo, em *Redes de Dormir: Uma Pesquisa Etnográfica* (2003: 130), relata que com a ajuda do inspetor Benetido Afonso de Lima, resgatou estatísticas bastante expressivas com relação ao número de redes produzidas no Piauí em 1956, 26.250, no valor de Cr\$ 3.375.291, 00. Com destaque para Pedro II:

“O município de Pedro II é o que mais conta com produtores de rede em todo o Estado. Ocorre, porém, que não há ali fábricas especializadas. As redes são fabricadas a mão e tem todas as características de indústria caseira. São, contudo, as melhores redes para dormir que se fabricam no Piauí, tornando-se Pedro II o centro fornecedor de redes para quase todos os municípios do Estado e ainda para outros Estados. Redes de luxo, para presentes, de perfeito acabamento, são também fabricadas em Pedro II e adquiridas para pessoas residentes em São Paulo, no Rio, Bahia, Recife, Fortaleza e outras importantes cidades. (...). (CASCUDO, 2003: 130).

Passados os anos vê-se que o processo produtivo do saber-fazer da TeMa suscita fortes sinais de resistência e continuidade, porém apresenta um quadro ascendente de queda na produção manual de redes de dormir. Os procedimentos da pesquisa-ação revelaram quão profunda são suas raízes e o poder de florescer em qualquer estação, desde que sejam implementados os meios, as medidas e os recursos necessários ao fortalecimento do saber, considerando suas características e especificidades. A exemplo do que foi constatado em pesquisas sobre a tecelagem em outros Estados, e relatado por Cecília Londres Fonseca no Dossiê do Minc/Iphan - Patrimônio Imaterial: *O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial* (2006, 93): partia do pressuposto de que, sob uma capa de resistência de reiteração de gestos e produtos, se desenvolvia uma dinâmica específica. De modo semelhante, viu-se que, ao longo do tempo a singularidade da TeMa em Pedro II fixa suas raízes e a fez resistir até então

A pesquisa-ação mostra-se essencialmente importante para dar conhecimento e o reconhecimento da TeMa e das teceloas como garantia para existência desse saber-fazer ancestral, com mais “capitalização em simpatia”, parafraseando Câmara Cascudo, do que social e financeiramente. A inexistência de uma rede de trocas, que favoreça todos os segmentos da atividade de forma integral e estimule a geração de trabalho e renda, assim como da pouquíssima renovação da mão-de-obra, indicam que o saber-fazer corre riscos. Atestamos um ponto fraco da referência cultural: a quase interrupção na transmissão de saberes entre gerações compromete a garantia do saber e a conseqüente continuidade da referência cultural. Curiosamente as teceloas de Pedro II fabricam redes de dormir, mas não trabalham em uma rede ativa, desperta, organizada social e politicamente com capacidade e poder de defender a profissão, os direitos das teceloas ou o saber-fazer, hoje ameaçado pela escassa transmissão intergeracional.

O caráter propositivo que permeia a pesquisa-ação é consequência da opção por instrumentos capazes de provocar a emergência de soluções sustentáveis para definição de ações para: a valorização e revitalização desse saber-fazer; a continuidade da transmissão do saber; a capacitação e fortalecimentos das produtoras; relações comerciais justas; a visibilização e a dignificação da profissão da teceloa. Um trabalho dessa natureza, feito com uma prática popular de grande relevância, saindo como Indicativo de Salvaguarda, não seria a primeira inovação brasileira visando o registro de um patrimônio imaterial, porém, considerando, os vai e vem das interpretações dos redirecionamentos conceituais, legais e institucionais, infere-se das palavras de Paulo C. G. Marins que seria um ganho a mais para a sociedade no “desafio de incluir as referências patrimoniais dos “diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” reconhecidos pela Constituição de 1988” (2016:20).

(...) Seja do ponto de vista de um reconhecimento lento das fraturas e diferenças que constituem o país – e não apenas diversidades ou sínteses apaziguadoras –, seja pela gradual reorientação metodológica que procura trazer os agentes da sociedade civil para o processo de identificação, nomeação e autopromoção de valores patrimoniais atribuíveis a seus suportes de memória e práticas culturais, as políticas federais de preservação cultural vêm se transformando. (...) (MARINS, 2016:20)

1.3 Objetivo e Metas

O principal objetivo da pesquisa-ação foi a construção colaborativa de um inventário dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual das redes de dormir no município de Pedro II, o que inclui, em si, indicativos para um Plano de Salvaguarda e a divulgação das informações colhidas no IP.

Para tanto, materializou-se:

- ✓ Realização do Inventário Participativo da tecelagem manual das redes de dormir do Município de Pedro II, Piauí;
- ✓ Elaboração de um Glossário Especializado com nomes das ferramentas, objetos e instrumentos de trabalho; métodos, matérias-primas, produtos e acessórios usados pelos modos do saber-fazer e termos e expressões usuais do universo da TeMa;
- ✓ Confecção de Mapas, localizando os lugares de produção e de comercialização das redes de dormir, das ferramentas, instrumentos de trabalho, matéria prima e elementos adicionais da TeMa, incluindo o sistema de organização social das teceloa.

1.3.1 Metas

META 1 – Realizar 01 inventário participativo para identificação e documentação do saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir característica da cidade de Pedro II.

Etapa 01: Realizar 01 jornada de trabalho de campo para identificar onde e como funciona o processo de tecelagem manual das redes de dormir junto à comunidade local;

Etapa 02: Coordenar 01 Inventário Participativo com o público envolvido e outras iniciativas manifestas.

Tipos e estratégias de pesquisa: bibliográfica (livros, teses, artigos, sites e periódicos especializados); documental (arquivos, instituições, etc.); de campo (observação direta e entrevistas semiabertas).

META 2 – Identificar mestras teceloas de destaque e suas técnicas e formas tradicionais de produção

Etapa 03: Realizar 01 trabalho pontual de recolha de relatos orais e pesquisa em acervos públicos e particulares para a identificação das mestras da tecelagem manual, que contribuíram ao longo da história para o desenvolvimento da tecelagem da rede em Pedro II;

Etapa 04: Executar registro fotográfico, sonoro e audiovisual no processo de identificação das mestras de Pedro II e das técnicas tradicionais de produção empregadas na atualidade.

Tipos e estratégias de pesquisa: bibliográfica (livros, teses, artigos e periódicos especializados); documental (arquivos, instituições, etc.); de campo (observação direta e entrevistas semiabertas).

META 3 - Registro da tradição oral da tecelagem manual em documento escrito

Etapa 05: Construir 01 levantamento das memórias das mestras teceloas e do seu legado;

Etapa 06: Registrar na Ficha do Saber-Fazer a história da tecelagem manual de Pedro II.

Tipos e estratégias de pesquisa: estudo de campo (observação direta e entrevistas semiabertas); registro em áudio e fotografia.

META 4 - Registro das formas, das técnicas e do fazer tradicional em tecelagem manual em documentos escritos (06 fichas do inventário e 01 Glossário Especializado da TeMa).

Etapa 07: Levantar através de registro oral, observações e por meio de imagens as técnicas de produção artesanal das mestras teceloas, seu legado e as expressões orais próprias do saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II.

Tipos e estratégias de pesquisa: estudo de campo (observação direta e entrevistas semiabertas); registro fotográfico e escrito.

META 5 – Publicação em formato de 01 Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II contendo os pontos de fabricação das ferramentas/artefatos de trabalho da tecelagem; da cadeia produtiva e comercialização, representativo do sistema de organização social das teceloas.

Etapa 08: Levantar através de observação direta, documentos escritos, diagnósticos em acervos públicos e particulares, registro oral e por imagens, os pontos de fabricação das ferramentas/artefatos de trabalho da tecelagem, da cadeia produtiva e comercialização.

Etapa 09: Levantar através de observação direta, documentos escritos, diagnósticos, acervos públicos e particulares, realização de entrevistas as formas de organização social das teceloas.

Tipos e estratégias de pesquisa: bibliográfica (livros, teses, artigos e periódicos especializados); documental (arquivos, instituições, etc.); de campo (observação direta e entrevistas semiabertas).

META 6 – Indicar um Plano de Salvaguarda, com vistas à sensibilização comunitária para a preservação dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual.

Etapa 10: Identificar 04 pontos fortes que justifiquem a ação coletiva de salvaguarda da tecelagem manual das redes de dormir;

META 7 – Divulgar informações colhidas no IP em página web de acesso público.

Etapa 11: Sistematização das informações e construção de 01;

Etapa 12: Disponibilização das informações em página web de acesso público.

META 8 – Desenvolver e apresentar o Trabalho Final de Mestrado (TFM)

Etapa 13: Sistematização das informações em 01 TFM;

Etapa 14: Depósito de dossiê formado por elementos integradores do TFM.

1.4 Públicos

Mestras teceloas, unidades familiares de produção doméstica, Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, Associação Artesanal dos Artesãos de Pedro II, artesãos, ex-integrantes da Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II Ltda. (extinta), ex-integrantes da empresa de tecelagem Fio-a-Fio (extinta), Fundação Cultural Grande Pedro II, Prefeitura Municipal de Pedro II, educadores e pesquisadores do patrimônio cultural de Pedro II.

1.5 Produtos e Serviços

O principal produto da pesquisa-ação é um inventário dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual das redes de dormir no município de Pedro II. A sistematização e materialização das informações compartilhadas e do conhecimento construído pela hibridação dos diferentes saberes e narrativas são apresentados na forma de:

1. Inventário Participativo do Saber-Fazer da Tecelagem Manual das Redes de Dormir em Pedro II – Piauí, composto pelas seguintes fichas: Ficha do projeto; Ficha do território; Ficha dos saberes e objetos; Ficha das fontes pesquisadas; Ficha dos relatórios de imagens e Ficha do roteiro das entrevistas;
2. Glossário Especializado com a nomenclatura das ferramentas, objetos e instrumentos de trabalho; métodos, matérias-primas, produtos e acessórios utilizados pelos modos do saber-fazer e termos e expressões usuais do universo da TeMa;
3. Mapeamento dos lugares de produção e de comercialização das redes de dormir, dos instrumentos de trabalho e das matérias primas utilizadas na tecelagem manual.

Tendo em conta a vasta existência dos modos de saber-fazer da TeMa e a acessibilidade a esse patrimônio cultural intangível, optou-se por um inventário dessa natureza com o intuito de conhecer o conjunto da referência cultural em sua dinâmica, contexto e especificidades. Considera-se que o caráter propositivo que permeia esta pesquisa-ação seja consequência da opção por instrumentos capazes de provocar a construção de soluções sustentáveis, para definição de uma proposta de salvaguarda ativa, que contribua para a valorização e fortalecimento desse saber-fazer e responda aos problemas levantados pelas tecelãs de Pedro II-PI.

2. Estudo do Contexto

O município de Pedro II está localizado na região nordeste do Estado do Piauí, ocupando uma área de 1.518,233 km², o que corresponde a 0,6% da área total do Estado. Limita-se ao norte com o município de Domingos Mourão; ao sul com Milton Brandão e Buriti dos Montes; a leste com Poranga (Ceará); e a oeste com Piri-piri e Lagoa de São Francisco. Sua sede distrital é referenciada pelas coordenadas geográficas 04°25'29" latitude sul e 41°27'31" longitude oeste, e dista cerca de 210 km da capital, Teresina.

De acordo com os critérios de divisão territorial do IBGE, Pedro II está situado na Microrregião de Campo Maior, que agrega 40 municípios. Já pelos critérios adotados pelo Governo do Estado do Piauí em 2004, o município está inserido no Território de Desenvolvimento dos Cocais, composto por 22 municípios da região centro-norte do Estado.

O território pedrossegundense está situado na Área de Proteção Ambiental - APA da Serra da Ibiapaba, criada por Decreto Federal de 26 de novembro de 1996, por se localizar na biorregião do complexo Serra Grande. O município possui características peculiares proporcionadas pelo clima serrano, com altitude máxima de 850 metros; pelo mosaico de vegetação que reúne os tipos caatinga, cerrado, mata atlântica e carrasco, proporcionando belas paisagens; e por sua condição climática, que apresenta temperatura mínima de 16 °C, máxima de 36 °C e média anual de 26°C, com clima tropical quente.

De acordo com o último censo do IBGE (2016), a população de Pedro II é formada por 38.090 habitantes, dividida entre 18.443 homens e 19.057 mulheres. Do total da população, 22.671 pessoas são residentes da zona urbana e 14.829 da zona rural. A densidade demográfica apontada na última década é de 24,7 hab./km², e sua taxa de urbanização de 60,4%.

O município apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM de 0,571 (PNUD, 2010), situando-se na faixa de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (entre 0,5 e 0,599). Ocupa uma posição mediana, se comparado aos demais municípios do Piauí: dos 224 municípios, está na 76ª posição (IBGE, 2016). O Produto Interno Bruto – PIB *per capita* apresentado em 2013 (IBGE, 2013) foi de 4.976,03 reais, o que expressa uma grande desigualdade econômica frente ao número de pessoas em extrema pobreza.

As principais atividades econômicas do município são a pecuária; a agricultura de lavoura permanente, com destaque da agricultura familiar; o turismo, que explora demasiadamente seus potenciais como cachoeiras, sítios arqueológicos, mirantes e o patrimônio cultural, e a mineração, concentrada na exploração de jazidas de opalas (IBGE, 2014). É o “único município do Estado onde a confecção da rede assume caráter de atividade econômica para considerável parcela da população” (ARAÚJO,1985). Não sendo diferente da realidade da maioria dos municípios do Piauí, o setor de serviços públicos dá sustentáculo à economia local.

A história de Pedro II ainda carece de maior pesquisa e problematização. O que atualmente se encontra disposto como história do município, na literatura local, são relatos da evolução política e administrativa da cidade, baseados nas leis de fundação e renomeações do município e na criação da Comarca. Mesmo com uma expressiva quantidade de sítios arqueológicos na região, a origem da aglomeração humana em torno do lugar é geralmente atribuída à chegada de portugueses no final do século XVIII, que teriam fundado a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição no povoado Matões. Eis uma passagem que exemplifica o mito fundador da cidade:

[...] Chamado antigamente de Pequiizeiro, Matões e Itamaraty, o município foi fundado no fim do século XVIII por João Alves Pereira com seus irmãos e alguns amigos, todos de procedência lusitana. Tal se deu pela Lei Provincial n. 295 e 26 de agosto de 175 (sic), publicada no dia 28 deste mesmo mês e ano, sendo, assim, criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Matões. A Lei n. 367, do dia 11 de agosto de 1854 e publicada no dia 14 do mesmo mês e ano, elevou o povoado Matões à categoria de vila com a denominação de Pedro II, em homenagem ao Imperador do Brasil. A inauguração da vila deu-se no dia 25 de agosto de 1855. A Lei n. 394, de 13 de dezembro de 1855 e publicada no dia seguinte, tratou da anexação ao patrimônio municipal de todo o território da Serra dos Matões com nome de ‘município de Pedro II’. [...] (GALVÃO, 2002).

O município de Pedro II é um importante polo cultural do Piauí, destacando-se nas artes plásticas, na literatura, na música, nos diversos tipos de artesanato, na arte santeira e pelo acervo arquitetônico de seu centro histórico. A tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II, por exemplo, é uma atividade que representa simbolicamente o município no Estado, apresentada como expressão do patrimônio cultural reconhecida pelo senso comum, que reitera o título de “terra da rede e da opala” atribuído ao município. De acordo com José Luís L. Araújo (1985), 90% das casas de muitas localidades de Pedro II, visitadas por ocasião da sua pesquisa, tinham presença de atividades de confecção da rede.

Sua riqueza patrimonial justificou a realização de vários eventos culturais no município, destacando-se o Festival de Inverno de Pedro II, realizado anualmente desde 2002. Ainda que não seja perceptível uma mudança expressiva nos indicadores sociais devido a essa festividade, como incremento na economia do município ou um revestimento em desenvolvimento local sustentável, o Festival de Inverno promoveu uma maior visibilidade ao patrimônio cultural pedrossegundense, constatado pela repercussão na imprensa local e nacional.

Destarte todas as potencialidades e manifestações culturais, o município não tem instituído nenhum órgão ou recurso de lei próprio como complementação dos instrumentos legais superiores no âmbito da preservação e salvaguarda do patrimônio cultural.

3. Referencial Teórico

Este Trabalho Final de Mestrado está inserido no campo de estudos do Patrimônio Cultural Imaterial em interface com a Nova Museologia. Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa-ação, foi tomada como referência de base a publicação *Educação Patrimonial: Inventários Participativos* (IPHAN, 2016), que apresenta uma perspectiva atualizada e dinâmica para a realização de inventários. A metodologia apresentada por esse guia possibilitou estabelecer uma aproximação

aos preceitos defendidos pelo movimento da Nova Museologia, que em linhas gerais pode ser apreendido através deste olhar dos pesquisadores Mario Chagas e Inês Gouveia:

A museologia social, na perspectiva aqui apresentada, está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares [...] (CHAGAS; GOUVEIA, 2014: 17).

Saberes são formas próprias de fazer algum produto ou realizar algum serviço. Podem ter sentidos práticos ou rituais, e envolvem o conhecimento de técnicas e matérias-primas, que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele (FLORÊNCIO, 2016: 68). Essa dimensão da atividade humana relacionada à produção da cultura está contemplada na definição de patrimônio cultural consagrada pela Constituição Federal de 1988, associada diretamente aos “modos de criar, fazer e viver”:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Nesses termos, o texto constitucional prevê o acautelamento pelo Estado dos modos de criar, fazer e viver no conjunto dos bens de natureza material e imaterial constituintes do patrimônio cultural brasileiro; respaldado no Decreto 3551/2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003); instrumentos legais e normativos que estabelecem direitos e medidas que visam garantir a proteção e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

De maneira geral, o Inventário objetivou realizar o registro de uma referência cultural de natureza imaterial e contribuir para a sua promoção, abrindo caminhos para a salvaguarda de uma tradição cultural expressiva, em vista de sua “continuidade histórica e relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira” (IPHAN, 2016: 7).

A fim de conhecer a tecelagem manual no universo da pesquisa e possibilitar o empoderamento dos (as) detentores (as) e intérpretes dos modos de saber-fazer como atividade transformadora, de conquista e de visibilidade das tecelãs – principais agentes do saber-fazer inventariado -, buscamos respostas aos questionamentos levantados, apresentando soluções aos problemas pertinentes ao utilizar o Inventário Participativo (IP) como um instrumental

metodológico democrático, que se revelou capaz de deixar “de ser um fim em si mesmo, para passar a ser um meio de identificação que permite alcançar a salvaguarda, agora entendida como transmissão e continuidade” (SANCHO-QUEROL, 2012: 17) do saber-fazer das redes de dormir de Pedro II, enquanto herança sociocultural.

O viés cultural tem como base uma concepção antropológica, e não poderia ser outra, tendo em vista a diversidade não só na produção das redes e tipos de teares como no significado e valores que as teceloas e comunitários atribuem ao saber-fazer.

O conceito de cultura que eu defendo (...) acreditando (...), que o homem é um animal amarrado a uma teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 1989: 83).

No estudo, consideramos o emprego do conceito de memória social entendida por “[...] diferentes formas pelas quais somos moldados pelo passado, conscientemente ou inconscientemente, na esfera pública ou na esfera privada, de forma material ou comunicativa, e de modo consensual ou conflitual” (OLICK, ROBINS, 1998 apud PERALTA, 2007: 4). Nesse sentido, compreende-se as possibilidades de instrumentalização do passado em função dos propósitos atuais dos poderes instituídos, da mesma forma em que é possível considerar a pluralidade de forças, práticas e regimes que coexistem numa mesma sociedade e refletem o leque de versões do passado produzidas e sua discursividade. Essa noção de memória social abrange ainda a aceção de que o movimento de relacionar eventos passados com eventos contemporâneos faz da memória parte integrante dos mecanismos de atribuição de significado próprio de uma cultura:

Esta perspectiva permite enfatizar que a dimensão social da memória sem, contudo, esquecer a sua dimensão individual. A memória é social porque nela influem os constrangimentos sociais próprios de determinado grupo. A memória é social porque pressupõe sempre uma relação de partilha cultural no seio do grupo social. Mas a memória é social principalmente porque é um sistema de organização e mediação cultural do acto mental de recordar (PERALTA, 2007: 18).

Pretendeu-se, com a pesquisa-ação, dar visibilidade ao grupo social das teceloas, suas relações com a natureza, sociedade e a consciência de si e do saber-fazer da tecelagem manual, enquanto forma de expressão e tradição secular da cultura local, que reproduz a maneira de viver e de estar do grupo e em comunidade. Nesse aspecto, justifica-se a utilização do Inventário Participativo como um método, instrumento e exercício de cidadania ativa, apreendido como um procedimento de educação patrimonial, por envolver “processos educativos formais e não

formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado [...]” (IPHAN, 2016:1).

A pesquisa está respaldada pelas normatizações e orientações legais referentes à política de salvaguarda do patrimônio imaterial, entendendo-se que “[...] preservar o patrimônio cultural brasileiro significa fortalecer e dar visibilidade às referências culturais dos grupos sociais em sua heterogeneidade e complexidade [...]” (SANT’ ANNA, 2006: 9). O caráter participativo adotado pelo processo de inventariamento em prol da preservação dos modos de saber-fazer da TeMa em Pedro II-PI é ainda tributário de reflexões fundamentais que orientaram a estruturação da política nacional de salvaguarda do patrimônio imaterial:

[...] O princípio do trabalho de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é compartilhar responsabilidades e informações. É desenvolver em estreito contato com os grupos sociais, que produzem, reproduzem e transmitem esse patrimônio, os projetos de mapeamento, identificação, registro e fomento à valorização e à continuidade de bens culturais (SANT’ ANNA, 2006: 9).

A valorização e salvaguarda de um bem cultural imaterial, no caso o saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir, a partir da capacidade de empoderamento, conquista de visibilidade, presença e direito a voz de um grupo social na comunidade, é uma prática política essencial para o fortalecimento da participação social comunitária e o desejo consciente do desenvolvimento local, “que respeita os saberes socialmente construídos na prática comunitária” (FREIRE, 1997: 11).

Quanto à noção de referência cultural exercitada no âmbito da pesquisa, concordamos com Cecília Londres Fonseca (2006: 89) quando a mesma defende que

O ato de apreender referências culturais pressupõe não apenas a captação de determinadas representações simbólicas como também a elaboração de relações entre elas, e a construção de sistemas que falem daquele contexto cultural, no sentido de representá-lo. Nessa perspectiva, os sujeitos dos diferentes contextos culturais têm um papel não apenas de informantes como também de intérpretes de seu patrimônio cultural. (FONSECA, 1997: 11).

Optamos pelo trabalho com história oral, definida por Paul Thompson (2006) como uma abordagem ampla, de interpretação da história, das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. “Isso também está vinculado à valorização social do testemunho e do patrimônio oral [...]. A história oral é considerada atualmente parte essencial de nosso patrimônio cultural” (THOMPSON, 2006: 19). Diz-se que quando a pessoa, a comunidade, o grupo que conta sua história percebe a dimensão do que realizou, reafirma sua capacidade de decidir e participar. E é bem esse o propósito interventivo da pesquisa-ação: provocar a capacidade das tecelãs de reafirmarem sua capacidade de decisão e de participação.

O procedimento metodológico da história oral, “[...] recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (MEIHY; HOLANDA, 2014: 17), baseado na realização de entrevistas e na sua utilização como fonte documental, envolve expressões orais que articulam ideias intencionalmente orientadas para responder aos interesses planejados pelo projeto de pesquisa. É sempre uma história do tempo presente, uma “história viva”, e carrega em si um papel social:

O que se chama de ‘grupal’, ‘cultural’, ‘social’ ou ‘coletivo’ em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários. Os indivíduos, nesse contexto, têm autonomia de procedimento na medida em que suas vontades dimensionam de maneira original a combinação de fatores pessoais, biológicos e as influências do meio em que vivem. [...] Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais (MEIHY; HOLANDA, 2014: 27-28).

No que se refere às formas de organização da produção, a “história viva” revelou universos particulares formando o mosaico da TeMa. Para cada um deles existem discursos que os justificam, por vezes distanciados entre si, por outras unidas por características e realidades comuns entre as tecelões. A categoria das tecelões não tem representação política e nem articulação em rede para fortalecer a produção coletiva, com exceção do protagonismo das duas associações locais - a Associação dos Artesão de Pedro II e a Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II -, pelos resultados e conquistas do grupo de mulheres que a formam. A grande maioria, porém, produz individualmente, em família ou para terceiros, e produzem pouco. Talvez o suficiente para o saber-fazer ainda existir. Lembra muito a nota de Cecília Londres ao descrever a realidade das tecedeiras do Triângulo Mineiro:

No caso da tecelagem, por exemplo, verificou-se que, conforme a orientação da atividade se a tecedeira tece apenas para si, e prestando serviços a outras mulheres, ou se produz para vender para um público externo sua leitura da tecelagem é bastante diferente (FONSECA, 2006: 96).

Com a concretização da pesquisa, pretendeu-se aprofundar os conhecimentos gerados pelos produtos serviços resultantes – Inventário Participativo, Glossário Especializado e Mapeamento da TeMa, com o intuito de dar continuidade ao processo e manter interação com a comunidade. A culminância das metas será uma constante e ocorrerá também através de devolutivas aos sujeitos, colaboradores e parceiros, assim como pela contribuição com o enriquecimento do acervo sobre a temática e disponibilidade para seguir ou fundamentar mais estudos, pesquisas e ações educativas. Buscar-se-á o meio e o sítio adequado para depositar e publicizar todo o material produzido na pesquisa-ação, primando pelo acesso público e seguro.

Objetiva-se acessibilidade com a criação e alimentação de uma página web como canal de comunicação e interatividade para divulgação dos modos de saber-fazer da TeMa, do trabalho realizado, possíveis ações futuras ou complementares e demais produtos sociais advindos com a pesquisa-ação.

Contribuir com o fortalecimento do ofício e do protagonismo das mestras teceloas organizadas socialmente constitui o grande objetivo da pesquisa. O trabalho pretende-se continuidade. Os exemplos das boas práticas identificadas terão um aliado e uma fundamentação respaldada pela coparticipação e coautoria das produções coletivas e colaborativas. As experiências menos favoráveis terão novos parâmetros e perspectivas. Não há como perder ou não aprender algo novo no processo educativo do IP. O trabalho com seus produtos e resultados já pressupõem um indicativo de salvaguarda. A pesquisa nos mostra que a Definição do Plano de Salvaguarda não é o primeiro passo. Estamos, pois, ressignificando o quarto e quinto objetivo do projeto no sentido de ampliá-lo como meio, e não o fim último das ações. A implementação do Plano de Salvaguarda ficará, pois, como um indicativo de continuidade e produto social da pesquisa.

Percebemos que a preservação de um bem cultural é atravessada por justiça social, que remete ao reconhecimento e valorização de pessoas detentoras de saberes e fazeres importantes para o desenvolvimento sociocultural e econômico do contexto local. Nesse sentido, é pertinente frisar que o interesse pelo patrimônio aqui focalizado “[...] não se justifica apenas pelo seu vínculo com o passado, seja ele qual for, mas pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos seres em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias” (CHAGAS, 2007: 12).

Chegamos até aqui, impreterivelmente, com a valiosa colaboração de todos os envolvidos com a pesquisa, parceiros e interessados pelo projeto e pela temática. Não seria possível marcar um ponto sequer, nesse tecido, sem a rede de conhecimentos e interações que foi urdida para produção participativa do inventário por pessoas com histórias de vidas ligadas à TeMa.

O incentivo das principais partes interessadas no projeto e na construção de uma boa articulação entre os parceiros e sujeitos da pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento de um diálogo construtivo e frutífero com o universo imediato e o grupo referência de estudo. A interação com teceloas, unidades familiares de produção doméstica, associações, fundações, instituições, poderes constituídos, educadores e pesquisadores do patrimônio cultural local foi satisfatória no retorno às solicitações e descobertas da pesquisa. A boa acolhida prevaleceu sobre as dificuldades, por certo, típicas dessas empreitadas que contam com a participação social e a valorização da visão dos detentores.

4. Metodologia

Em consonância à referência *Educação Patrimonial: Inventários Participativos* (IPHAN, 2016), encaramos a realização do inventário participativo da TeMa em Pedro II-PI como um procedimento de educação patrimonial. Nesse sentido, objetivamos “[...] construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas [...]” (IPHAN, 2016: 9).

A publicação produzida por técnicos do Iphan traz orientações para o trabalho com referências culturais que se enquadram nas categorias celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos. Na presente pesquisa-ação, foram focalizadas as categorias dos saberes e dos objetos, com o emprego das fichas correspondentes a essas categorias, uma vez que viabilizam o conhecimento em profundidade do conjunto no qual se insere esta pesquisa-ação. Entendendo que:

A noção de referência cultural pressupõe a produção de informações e a pesquisa de suportes materiais para documentá-las, mas significa algo mais: um trabalho de elaboração desses dados, de compreensão da ressemantização de bens e práticas realizadas por determinados grupos sociais, tendo em vista a construção de um sistema referencial da cultura daquele contexto específico (FONSECA, 2006: 94).

De posse do diagnóstico preliminar e da literatura básica, constatou-se a necessidade de identificação da referência cultural em sua dinâmica – processos, matérias-primas e formas de organização da produção e comercialização – contexto e complexidade, considerando, além do valor histórico, social e econômico, a dimensão simbólica, e por vezes artística, do saber-fazer. Decidiu-se por ampliar o instrumental de trabalho e criar subsecções na ficha do saber-fazer, com o intuito de abrigar e sistematizar as dimensões e categorias enfatizadas nos relatos das entrevistadas, primando por uma linguagem a mais próxima possível dos lugares de fala das tecelãs, com o intuito de também contribuir para o acervo sobre o saber e viabilizar outras interpretações e análises futuramente.

Para contar a história da TeMa, buscando suas origens, trajetória e transformações do saber-fazer ao longo do tempo, optamos por dividir a sessão história, no interior da ficha da categoria saberes, em subtítulos que não seguem uma ordem cronológica rigidamente, visto que as narrativas não são operadas em um tempo linear e por vezes remetem a uma ideia de desterritorialização ou rememoração de uma territorialidade anterior. Destarte, o tempo para as tecelãs é subjetivamente afetivo e tem como parâmetro as relações e acontecimentos pessoais, familiares ou ligados à profissão. Ouvimos, por exemplo, uma tecelã contar a gravidez pela quantidade de redes tecidas. Outras entrevistadas referiram-se a períodos da história da TeMa

usando expressões ou palavras específicas do universo das tecelões referente a lugares, questão de gênero, relações socioeconômicas - aqui utilizadas para nomear ou anunciar os subtítulos.

Os modos de saber-fazer a TeMa foram documentados na forma de fichamentos e outros instrumentais associados que viabilizam a sua divulgação em vários contextos (políticos, socioculturais e educativos). O inventário está composto por um conjunto de seis fichas, a saber:

- ✓ Ficha do Projeto;
- ✓ Ficha do Território;
- ✓ Ficha das Categorias: Saberes e Objetos;
- ✓ Ficha das fontes pesquisadas;
- ✓ Ficha do roteiro da entrevista.

O IP foi o fio condutor de todo o processo, mas não se colocou à frente ou em separado, foi construído em conjunto e paralelamente aos demais instrumentais e produtos da pesquisa-ação. Ele foi a base, a partir da qual aconteceram as construções e fortalecimentos dos elementos estruturantes. Consideramos os últimos produtos como desdobramentos natos do primeiro, o IP.

Quanto à direção e métodos utilizados, buscou-se atender às particularidades, atendendo aos objetivos mais que aos métodos. Considerando os objetivos propostos fez-se, então uma pesquisa aplicada. De acordo com os procedimentos utilizados a opção pela pesquisa-ação de abordagem do tipo qualitativa etnográfica e uso de entrevistas semiestruturadas, história oral temática e metodologias participativas, como as cartografias colaborativas, oficinas de escutas/rodas de conversas, foram muito importantes para a concretização do inventário e materialização dos produtos serviços. (Ver apêndices C e D). Por este caminho chegou-se às definições, significados, história e descrições do saber-fazer que permitiram identificar, conhecer, reconhecer e documentar a referência cultural.

O conjunto metodológico composto e amparado pelo conceito de pesquisa-ação, defendido por Michel Thiollent como um tipo de pesquisa social de base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2007: 16), reforçado na copresença dos/as diferentes agentes ao longo do processo, na coprodução, e na coautoria do conhecimento deste saber-fazer da comunidade, tornou-se imprescindível para o desenvolvimento processual sustentável do IP e dos registros das iniciativas comunitárias de memória e museologia social. Cláudia Feijó da Silva salienta que:

[...] a criação de inventários participativos em comunidades historicamente excluídas, onde os patrimônios foram até então negligenciados, é de extrema importância, pois o reconhecimento de tais patrimônios pode significar uma nova perspectiva de formação do patrimônio social brasileiro, onde se reconhece a importância das diferentes contribuições sociais para a construção da Nação (SILVA, 2013: 1).

Para Michel Thiollent, na metodologia da pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo nas realidades dos fatos investigados. Entre seus principais aspectos encontra-se: a) ampla interação entre pesquisadores e comunidade investigada; b) resultante dessa interação são eleitos os problemas e soluções a serem pesquisados; c) o objeto de investigação é a situação social e seus problemas levantados; d) o objetivo da pesquisa é resolver ou pelo menos esclarecer os problemas observados; e) acompanhamento das decisões e ações por todos os atores envolvidos; e) aumentar o nível de conhecimento dos pesquisadores e de consciência das pessoas envolvidas. (THIOLLENT, 2007: 18-19). Vê-se, pois que nesta proposta de mestrado profissional a pesquisa-ação dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual foi totalmente pertinente e satisfatória.

O universo da pesquisa-ação é composto pelo conjunto das tecelões de Pedro II. A relação universo e grupo referência de estudo está delimitada pelos critérios representativos que definem o grupo referência: experiência de vida, conhecimento do saber-fazer; nível de representatividade, ancianidade e disponibilidade para a pesquisa. São critérios pensados para selecionar e legitimar um grupo de difícil escolha, considerando o vasto universo da pesquisa, a popularidade do saber-fazer, a extensão geográfica do município, as adversidades da forma produtiva individualizada, predominante no processo produtivo atual, os tipos de teares e a variedade de redes existentes. O desafio de escolher o grupo referência de estudo não se traduz pela ausência de tecelões ativas e sim pelas especificidades quanto a localização das residências das detentoras no território e pela dispersão da categoria, visto que não existe uma organização e nem registro da categoria. O diagnóstico preliminar foi decisivo para seleção do grupo e realização das entrevistas.

O grupo referência de estudo composto por quinze (15) tecelões das zonas rural e urbana do município, pertencentes ou que pertenceram a unidades familiares de produção doméstica, associações ou são produtoras independentes mostrou-se bastante interessado no processo participativo, disponibilizando saberes, técnicas informações, imagens, documentos e arquivos pessoais. Ao todo foram produzidas quinze entrevistas e 32.34:58 min de gravação, que fundamentaram os produtos serviços da pesquisa (Ver Ficha do Projeto).

O perfil do grupo referência de estudo mostrou-se bastante representativo da realidade analisada. São mulheres com idades compreendidas na faixa etária de 44 a 78 anos; 70% delas têm em média 3 anos de estudo, dominam apenas operações básicas de ler e escrever o nome, e

movimentar dinheiro da venda das redes com contas simples. As demais teceloas são analfabetas. As quinze mulheres tiveram as primeiras experiências com a tecelagem manual ainda na infância, por volta dos quatro aos doze anos de idade, no início auxiliando com o enchimento de bilros e canelas e aos poucos iniciando o processo de aprendizagem do saber-fazer, fazendo, olhando, participando naturalmente da rotina das unidades familiares de produção doméstica. Todas têm filhos. 40% vivem exclusivamente da renda da rede; 40% já se aposentaram como lavradoras e as outras 20% têm a produção com a tecelagem manual como renda complementar. Quanto ao sistema de organização social da categoria, destaca-se uma (01) teceloa como membro da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, treze (13), trabalham e produzem por conta própria e com o apoio da família e uma (01) delas terceiriza o trabalho com a tecelagem, exclusivamente, por encomenda de uma lojista.

Diante da grande manifestação da referência cultural no município e o tempo disponível para realização das entrevistas e sistematização das informações, o amadurecimento para limitação do grupo referência de estudo em quinze teceloas mostrou-se elementar. Para tanto, tomou-se os tipos de teares existentes e ativos no território, como eixo de representatividade e centralidade das categorias de análise das entrevistas, e não a figura das produtoras. Primou-se pela descrição minuciosa do processo produtivo dos tipos de redes de dormir, confeccionadas nos diferentes tipos de teares, considerando as singularidades e resistência de cada uma das teceloas em seus universos particulares. A forte presença do saber-fazer no processo de construção da história da comunidade, também foi ressaltado na Ficha do Saber-Fazer no sentido de suprir a quase ausência de registro histórico da relevância sócio cultural e econômica da atividade para o município.

Antes da jornada da pesquisa de campo sentiu-se a necessidade de uma imersão no universo da tecelagem manual da rede de dormir, com o intuito de conhecer a linguagem, os trejeitos do ofício e os modos de fazer, que aproximassem os sujeitos da pesquisa e facilitassem o diálogo para uma maior absorção das memórias e realidades. Para tanto vivenciou-se uma experiência de dois dias na casa de duas teceloas do Tear de Três Panos na localidade Aroeira, Teresinha Alves Brandão e Maria do Socorro Brandão Alves, além de várias visitas à Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, onde existe todos os teares, com o intuito de observar, participar e compreender os processos, sentidos e dinâmicas do saber-fazer. Viu-se que mesmo conhecendo a tecelagem manual local e o território, era preciso aprender os nomes de todos instrumentos de trabalho, identificar as etapas do processo produtivo e produtos da tecelagem, dominar a linguagem utilizada para adquirir segurança e adentrar com tranquilidade o mundo das teceloas. Ressalta-se a importância e o prazer da experiência para abrir o campo das percepções, da comunicação e poesia da pesquisa.

O grupo referência de estudo foi preciso no fornecimento das informações sobre a técnica, processos, materiais, instrumentos e linguagem utilizados pelas teceloas. Assim como no repasse de dados, nomes de pessoas, períodos e fatos relevantes para construção do histórico da TeMa e dos instrumentais de trabalho, definição dos elementos estruturantes dos trabalhos e produtos da pesquisa. Pela grandiosidade do trabalho, extensão do território da pesquisa, a dimensão da referência cultural, o tempo disponibilizado para a mesma, a dinâmica da equipe de trabalho, a logística implementada, a carência de apoio técnico e orçamentário, não se definiu, previamente um número de coparticipantes. Entendeu-se que a natureza da pesquisa e metodologia utilizada, abria espaço para o maior número possível de colaboradores, coprodutores e coautores do inventário. No decorrer da jornada foi surgindo um conjunto de informantes, que emergiam das narrativas, como uma importante rede de informações, na qual um informante cita outros e a partir da interação e intertextualidade foram sendo construídos o tecido e a memória social da rede de dormir de Pedro II com base na história oral.

A formação de parcerias e voluntários para colaborar com a recolha de relatos e narrativas, registros, sistematização e edição dos trabalhos e finalização dos produtos, foi substancial para a sustentabilidade da pesquisa-ação. O nome de todos eles estão relacionados no item colaboradores.

Não foi possível, porém, reunir pessoalmente todo o grupo referência de estudo. Ainda não sendo um dos objetivos e nem uma das metas teria sido, certamente, um grande encontro de mestre e uma produtiva roda de conversa, mas, a cultura do trabalho intenso e integral, transformou as teceloas em mulheres muito concentradas¹, aplicadas e especialistas no modo de saber-fazer, porém, sem prioridade para a dimensão política e organizacional da produção e da categoria. O alibi da “ausência de tempo” é utilizado para justificar a predominância do trabalho individualizado nas unidades familiares de produção doméstica. Associações, sindicatos, reuniões, encontros de teceloas, participação em oficinas, apresentação de trabalho entre outras dinâmicas políticas e socializadores, não são prerrogativas para a grande maioria das teceloas de Pedro II. Diante dessa realidade desafiadora utilizou-se de flexibilidade metodológica e criativa para realizar entrevistas, oficinas de escuta e cartografias colaborativas nos próprios lugares e horários de produção e venda, a fim de conciliar as necessidades das partes envolvidas na pesquisa-ação. A pesquisadora esteve presente em todas as atividades de campo e realizou pessoalmente todas as entrevistas nos locais de trabalho ou residências das teceloas, que permaneciam tecendo ou desempenhando atividades relacionadas durante o diálogo.

¹ Concentradas – a expressão foi utilizada pela profetisa da chuva Maria Adeodata dos Anjos para referir-se às teceloas como mulheres dedicadas ao trabalho da tecelagem com afinco e entrega total, permanecendo silenciosas e atentas durante o ato de tecer.

Compreendeu-se que diante da postura das teceloas e das dificuldades de produção e comercialização não era viável interromper o trabalho durante as entrevistas, porque “o tempo que se passava sem tecer, era tempo que se perdia em produção e dinheiro”, e a pesquisa não dispunha de recurso financeiro para pagar as horas de trabalho dispensadas pelas teceloas para participar da pesquisa. O meio termo foi aproveitar os momentos e lugares de produção e comercialização das teceloas para realização das ações e atividades da pesquisa-ação, sem, contudo, comprometer a realização dos trabalhos e objetivos de ambos.

As oficinas de escuta para o mapeamento dos lugares de produção e de venda da TeMa foram realizadas entre os meses de junho e dezembro de 2016, com a participação de teceloas, pessoas do público e colaboradores do projeto presentes em feiras no Mercado do Artesão, localizado no centro do município; e com as teceloas integrantes da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, em sua sede. Paralelamente, escutas foram viabilizadas nas rodas de conversas espontâneas que se formaram antes ou após a realização das entrevistas, ocasiões em que as pessoas demonstraram interesse pela temática. As rodas de conversas espontâneas aconteceram principalmente nas localidades da zona rural Mangabeira, Aroeira e Martins.

Os cidadãos e cidadãs participantes das oficinas atuaram como coprodutores e coautores da reelaboração dos conhecimentos sobre o saber-fazer da tecelagem manual. As oficinas reuniram pessoas de grupos sociais diversos para discutir estratégias do Inventário Participativo (IP), tais como o propósito de mapeamento da produção e comercialização da rede de dormir e a proteção do modo de saber-fazer da TeMa, apreendida como uma atividade representativa do processo histórico do município.

Regidas pelo princípio das cartografias colaborativas - “como um dispositivo de mobilização das memórias, campo de proposições e compartilhamento de conhecimentos e processos” (in: <http://www.iconoclasistas.net/>), as oficinas fundamentaram metodologicamente o mapeamento do saber-fazer e primaram pelo respeito às particularidades de perfil e disponibilidade dos participantes de cada atividade de escuta. Ver no apêndice D, artigo “Oficinas de Escuta como metodologia de Inventário Participativo: uma experiência em Pedro II-PI”

A visão do processo como ação de educação patrimonial com uso de metodologia participativas deu suporte teórico e filosófico à pesquisa. As cartografias colaborativas e a materialização dos mapas, traduzem, por exemplo, trajetórias afetivas, profissionais, percursos históricos, lugares de fala, produção e comercialização, tendo como protagonista a Rede de dormir de Pedro II. Os mapas adquiriram uma dinâmica própria de formação continuada.

Na tessitura da rede de conhecimentos e saberes sobre a TeMa, deparamo-nos com versões diferentes sobre a história do Tear e da tecelagem em Pedro II. Enquanto os relatos orais trazem

a explicação pelo tempo da memória, na literatura disponível, o fenômeno é explicado pela base bibliográfica, que não se revelou extensa. Primou-se, todavia, por analisar a historicidade da referência cultural sem estabelecer uma hierarquização dos saberes (da memória coletiva e da bibliografia), exercitando-se procedimentos de “história oral híbrida”, a qual busca promover uma relativização dialógica entre as expressões constantes na documentação oral produzida na pesquisa e os dados dispostos nos documentos bibliográficos (MEIHY; HOLANDA, 2014: 130-132).

A pesquisa-ação foi desenvolvida com base no preceito de “conhecimento colaborativo”, pautada pela construção coletiva e partilhada do conhecimento, sem prevalência ou propriedade do discurso científico sobre o tradicional ou vice-versa. Nesse processo de conhecimento colaborativo dos modos de saber-fazer associados à tecelagem, o emprego da história oral trouxe importante contribuição para um tema contemporâneo e tão pouco estudado. Enquanto fonte de pesquisa e por vezes até mesmo método complementar de investigação, nesta pesquisa-ação a história oral, as biografias e memórias das pessoas entrevistadas foram privilegiadas (ALBERTI, 2013: 31)

Na perspectiva utilizada para este Inventário Participativo, os conhecimentos tradicionais sobre os modos de fazer das redes de dormir em Pedro II têm a mesma relevância do conhecimento científico existente (viabilizado com a concretização da pesquisa) sobre esse patrimônio cultural. Buscamos pelas versões, através da memória e da bibliografia, sobre a história do tear e da tecelagem em Pedro II, com o cuidado de não hierarquizar os saberes.

Dos gêneros da história oral, o mais adequado ao trabalho, com elementos da memória social, é a tradição oral, que se assenta em procedimentos de observação continuada, de registro do cotidiano do grupo focalizado e no reconhecimento do outro nos detalhes autoexplicativos de sua cultura. Com isso, essa forma de expressão da história oral exige detalhamento descritivo e explicações delegadas pelo próprio setor social que vivencia os fatos, e as “investigações devem revelar, além das posturas e comportamentos do grupo, a noção de passado e presente daquela cultura” (MEIHY; HOLANDA, 2014: 41). Ao utilizar essa vertente da história oral, o pesquisador deverá estar atento ao calendário, às festividades, aos rituais de passagem e cerimônias cíclicas, como matérias da investigação, segundo orientação dos pesquisadores em história oral José Carlos S. B. Meihy e Fabíola Holanda.

Para esses autores, o trabalho como tradição oral se torna mais denso e menos imediato por requerer participação constante – recomenda-se um acompanhamento atento que extrapole a realização das entrevistas – por exigir conhecimento do entrevistador tanto da situação específica investigada, como do conjunto mitológico no qual as comunidades organizam sua visão de mundo (MEIHY; HOLANDA, 2014: 40-42). O princípio da alteridade nessa abordagem a aproxima do método etnográfico da observação participante, que em suas linhas gerais busca compreender a

visão de mundo do grupo pesquisado na totalidade de seus aspectos, estabelecendo-se uma honestidade intelectual entre o pesquisador e suas “fontes históricas vivas” (que ele mesmo produz – memórias, relatos) no exercício de uma convivência naturalizada com a sociedade estudada.

A relação conceitual entre memória, tradição oral e mudança social no trabalho com as categorias dos saberes e dos objetos está amalgamada em procedimentos analíticos da história e da etnografia. O uso da história oral temática a serviço da construção da memória social da TeMa e da categoria das tecelões, destaca elementos pouco estudados como o objeto em estudo apresentado. Tal como afirma Thompson (2006: 24) que “atores na história podem ser pessoas completamente desconhecidas”, como as tecelões das redes de dormir em Pedro II.

Buscamos apreender, portanto, a memória no sentido primário do termo, ou seja, “[...] tudo aquilo que uma pessoa retém na mente como resultado de suas experiências. Ela é seletiva, seja um procedimento consciente ou não. Portanto, não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes” (THOMPSON, 2006: 24). Como nem todos tem o poder e o prazer de ter suas histórias registradas oficialmente, vê-se que o trabalho com história oral, memória e construções coletivas de biografias e histórias de vida, são instrumentos potenciais para o emponderamento de sujeitos excluídos da história oficial, capazes, juntamente com o Inventário Participativo, de contribuir efetivamente para o conhecimento em profundidade dos modos do saber-fazer da tecelagem manual e articulado com a comunidade, propor formas de reconhecimento, valorização, revitalização e promoção desse bem cultural e, conseqüentemente, dignidade e visibilidade para as tecelões.

5. Memória Descritiva dos Produto e Serviços

“[...] Sem roda não há fuso”

Mestre Antônio Miguel
Profeta da Chuva

Há que se contextualizar para se compreender o presente. “Sem roda não há *fuso*”, diz o profeta. Entende-se que sem diálogo as coisas não andam. Sem inserção social, as pessoas, tal qual os instrumentos e ferramentas, se assemelham a objetos desprovidos de qualquer signo, significado ou referência cultural, e sem referências, acredita-se, que o processo não flui. Estou entrando na trama para narrar o feito da pesquisa em primeira pessoa.

Sou Ivanilda Amaral, sempre fui apaixonada pelas pessoas com suas labutas entre ócios criativos e produtivos. Neta de sertanejos e descendentes indígenas, filha de migrantes mascates e

comerciantes, sobrinha de teceloas; meu primeiro ofício foi fazer varanda de crochê com fio de algodão para as redes de dormir. Nascida e criada em Pedro II, cresci vendo, sentindo os cheiros e ouvindo os risos fartos dos feirantes amigos e vizinhos de comércio, inclusive sou afilhada de um amigo de meu pai que também era comerciante.

Como muitos contemporâneos, sem oportunidade de estudo no município, também migrei para a capital do Estado, só com “a cara e a coragem” para me formar e consegui um Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí - UFPI e uma Licenciatura correlata na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. A primeira universitária de uma imensa família sertaneja espalhada pelas terras de meu Deus. Voltei para Pedro II, diplomada, constitui família, armei minha rede e finquei morada. Urdi meu nome, trabalhando com os movimentos sociais, educação, cultura e poesia na trama do patrimônio cultural. Sempre buscando fiz três especializações: Supervisão de Ensino, Gestão Escolar e por último Educação do Campo e Pedagogia da Alternância pela Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG (2012). Desenhei um riso fácil que estampa meus sonhos, estou sempre em rodas, minha vida é um balanço numa bela rede, e meu estudo, com esta pesquisa-ação, é uma consequência prazerosa das minhas raízes e inserções sociais.

Desvelar o desafiador universo invisível e particular das teceloas defronta-se com a imperiosa necessidade de se escrever coletivamente a história da tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II, a partir de uma metodologia democrática e abrangente, capaz de abarcar fatos, nuances e perspectivas que projetem o saber-fazer, deem visibilidade à categoria das teceloas e trate o processo produtivo das redes como fenômeno social, que conduz o fio da história de um importante grupo da sociedade pedrossegundense.

“A expressão referência cultural tem sido utilizada sobretudo em textos que têm como base uma concepção antropológica de cultura, e que enfatizam a diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais” (IPHAN, 2016: 8). É com essa perspectiva plural que construímos esta pesquisa-ação, análise e sistematização das informações.

O inventário é formado por um conjunto de seis ficha que estiveram sempre à mão. Literalmente, elas são utilizadas concomitantemente, tanto na fase de transferências das informações compartilhadas, como na fase de confecção dos produtos.

Ficha do Projeto – ficha estruturante

Ficha do Território pesquisa

Ficha das categorias: Saberes e Objetos

Ficha do roteiro da entrevista

Ficha das fontes pesquisadas

Todas as entrevistadas, filhas de teceloas em Pedro II, dizem ter iniciado as atividades com a tecelagem ainda muito pequenas. Vera Lúcia dos Santos Pereira, refere-se à idade de dois ou três anos como a época de sua apresentação ao universo da tecelagem, quando a mãe a colocava “sentadinha próxima dela” ao tear, para encher canela com as demais irmãs e irmãos. Essa lembrança remete ao apontamento do historiador Solimar Oliveira Lima (2005: 11) de que as meninas escravas nas fazendas da nação no Piauí “[...] começavam a trabalhar como fiandeiras aos quatro anos de idade, o que segundo parece, também servia para economizar gastos de vigilância com as crianças pequenas”. Não que o trabalho das teceloas seja considerado um trabalho escravo, mas que, de fato, as narrativas comprovam, longas e exaustivas jornadas de trabalho. Tal fato também remete às condições particulares de resistência do saber-fazer e das teceloas ao longo de mais de um século de existência no território.

Vale ressaltar que a pesquisa-ação foi muito além das entrevistas semiestruturadas. Ouviu-se dezenas de pessoas envolvidas com a temática e registrou-se, detalhadamente, as narrativas do grupo referência de estudo, com anotações, gravação de áudio e vídeos e transcrições direcionadas. Viu-se que a temática é agregadora de rodas de conversas espontâneas. Ao longo do Inventário foi compondo-se uma cadeia de informações essenciais, de onde emergiram elementos importantes para a estruturação e análise das narrativas.

Paralelamente ao preenchimento das fichas do IP, foi construído o Glossário Especializado com as expressões orais da TeMa. É um guia intermediador da comunicação pessoal com o objeto e o universo pesquisado. O Glossário está diretamente ligado aos demais produtos e tem como proposta ressaltar a linguagem peculiar do mundo da tecelagem. Alguns termos são nativos e possui ilustrações com fotografias produzidas pela pesquisa, em situações reais e pertencentes ao arquivo pessoal da pesquisadora.

O Mapa Cultural da TeMa das Redes de Pedro II é um instrumento, um meio e um produto agregador de parcerias, colaboradores e mão de obra voluntária. É fruto de uma total construção colaborativa, em todas as etapas do processo, iniciando pelas narrativas, prosseguindo com as oficinas de escuta e cartografias colaborativas, o qual viabilizou o levantamento oral, a localização dos lugares de produção e comercialização da rede, da confecção dos instrumentos de trabalho, assim como as formas de organização social das teceloas.

O mapeamento permanecerá em processo contínuo de transformação tendo em vista a dinâmica da referência cultural e da metodologia construtiva. Novas informações poderão ser acrescentadas à medida que mais pessoas intervenham no processo construtivo. O mapeamento é feito a partir dos lugares de fala das pessoas participantes das oficinas de escuta e cartografias sociais. De posse da localização de todos os pontos, que são também, importantes categorias de análises para a fundamentação e confecção dos produtos, evoluiu-se para a fase de revisão e

produção gráfica. Concebe-se que “Mapeamento é um processo de criação que subverte o lugar de enunciação para desafiar as narrativas dominantes sobre os territórios, a partir do conhecimento e experiências dos participantes todos os dias” (ICONOCLASISTAS <http://www.iconoclasistas.net/>)

Chegamos até aqui, impreterivelmente, com a valiosa colaboração de todos os envolvidos com a pesquisa, parceiros e interessados pelo projeto e pela temática. Não seria possível marcar um ponto sequer, nesse tecido, sem a rede de conhecimentos e interações que foi urdida para produção participativa do inventário por pessoas com histórias de vidas ligadas à TeMa.

O incentivo das principais partes interessadas no projeto e na construção de uma boa articulação entre os parceiros e sujeitos da pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento de um diálogo construtivo e frutífero com o universo imediato e o grupo referência de estudo. A interação com tecelões, unidades familiares de produção doméstica, associações, fundações, instituições, poderes instituídos, educadores e pesquisadores do patrimônio cultural local foi satisfatória no retorno às solicitações, construções e redescobertas da pesquisa. A boa acolhida prevaleceu sobre as dificuldades, por certo, típicas dessas empreitadas.

7. Parceiros | Colaboradores

- **Institucionais** – memórias, narrativas, disponibilização e fornecimento de informações, dados, literatura, experiências e documentos

Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II

Associação dos Artesãos de Pedro II

Fundação Cultural Grande Pedro II

Prefeitura Municipal de Pedro II | Secretaria Municipal de Educação | Prof^a Adriana Costa (2016)

Agentes de microcrédito do Banco do Nordeste do Brasil – BNB | Rogério Viana e Valdênia Lima

Museu da Roça | Anitalice Passos Galvão

Agencia de Defesa Agropecuária do Piauí - ADAPI | Hélio Ulisses do Carmo

- **Individual** - disponibilização e fornecimento de tempo, conhecimentos, habilidades profissionais, informações, experiências, logística e equipamentos

Fotografia: Samuel Lima, Adonias Antônio Galvão Neto, Dany Rafael Melo, Douglas Brandão, Eugênia Teixeira Sales

Vídeo: Francisco Lima

Mapa e informática: Francisco Eudes do Amaral, Hélio Ulisses do Carmo e Carlos

Desenhos: José de Arimatéa Guimarães Júnior, João Batista Bezerra da Cruz, Anízia Alves de Sousa Oliveira

Acompanhante | Transporte Zona Rural: Dany Rafael Melo, Samuel Lima

Cartografias Sociais e Oficinas de Escuta: Jutta Almeida, Eugenia Teixeira Sales

Orientações, técnicas e imersão sobre Teares e Redes: Maria Ester Mendes da Silva, Teresinha Alves Brandão, Maria do Socorro Brandão Alves

Informações, dados, literatura, documentos e contatos: Anitalice Passos Galvão, Elzirene Lopes, Afonso Celso Getirana, Adonias Antônio Galvão Neto, Thais Castro.

Revisão: Jáyra Teixeira do Amaral, Adonias Antônio Galvão Neto

8. Considerações Finais

Feito o registro, através do Inventário, de uma referência cultural de natureza imaterial, este projeto deixa claro a importância, necessidade e urgência de definição e implementação de mais ações interventivas que abram caminhos uma proposta de salvaguarda da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II, enquanto tradição cultural expressiva.

Diante da continuidade ao longo de mais de um século de existência e da grande importância da referência cultural para memória, construção da identidade local, história e economia do município e da delicada situação em que se encontra a reprodução do saber-fazer, considerando ainda o protagonismo da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, vê-se na legitimidade da mesma, forte poder de articulação para garantir continuidade, fortalecimento, valorização e visibilidade das tecelões e do saber-fazer. A referida Associação, apoiada pelos parceiros, colaboradores e sujeitos da pesquisa, apropriando-se dos trâmites legais, mostrou-se suficiente para provocar e conchamar a sociedade, órgãos e instituições de apoio e fomento, a instauração de um amplo processo de discussão e implementação das mudanças e serviços necessários para a salvaguarda do saber-fazer que incluía impreterivelmente medidas de atuação para a valorização, revitalização e transmissão do saber-fazer; a capacitação e fortalecimentos das produtoras; o comércio justo; a visibilização e a dignificação da profissão da Tecelão.

Considerando o estudo do contexto da pesquisa e sobretudo a reconhecida importância de Pedro II no cenário cultural piauiense, a pesquisa ressentiu-se da ausência de políticas e programas públicos em prol da educação patrimonial no município, assim como da inexistência de um Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, de um Departamento de Patrimônio Cultural, e mais

especificamente de políticas públicas e serviços de apoio efetivo e incentivo à Tecelagem Manual da Redes de Dormir de Pedro II. Diante do exposto recomenda-se a criação e estruturação dos referidos setores de serviços, de decisão e articulação, assim como a definição das políticas e programas públicos locais, como essenciais a continuidade da existência do saber-fazer.

O conjunto dos produtos que acompanham o Inventário nos permite, também, a título de marco do reconhecimento e visibilização do saber-fazer, sugerir a criação de um centro de interpretação da tecelagem no Mercado do Artesão, localizado na sede do município de Pedro II.

Por meio da Pesquisa-Ação viabilizada pelo Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, objetiva-se continuidade do projeto com disponibilização dos produtos e serviços resultantes, através da criação e alimentação de uma página web como canal de comunicação, acessibilidade e interatividade para divulgação dos modos de saber-fazer da TeMa, dos processos e instrumentais utilizados no trabalho realizado, e demais produtos sociais advindos com este trabalho colaborativo.

9. Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ARAÚJO, José Luís Lopes. **A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II**. 1985. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1985.

_____. **As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste Brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço**. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) -Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2009.

CARVALHO, Luciana. **Artes e Ofícios de Pedro II**. Sala do Artista Popular; n. 152, 32 p. Rio de Janeiro: CNFCP/Iphan: 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica**. Rio de Janeiro: Global, 2003.

_____. Casas e Portas da Memória e do Patrimônio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial**: Dossiê final das atividades da Comissão e do

Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006. p. 83-98.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALVÃO, Tangneth. O município de Pedro II. In: GETIRANA, Ernâni. **Lendas da cidade de Pedro II**. 2 ed. Pedro II: Ed. Do Autor, 2002. p.5-10.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Articulação e Fomento. Coordenação de Educação Patrimonial. **Educação Patrimonial: inventários participativos**. Brasília, 2016.

_____. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

_____. Departamento de Identificação e Documentação. **Manual de Aplicação – Inventário Nacional de Referências Culturais**. Brasília, 2000.

LIMA, Solimar Oliveira. **Braço Forte: trabalho escravo nas fazendas da nação do Piauí (1822 – 1871)**. Passo Fundo: UPF, 2005.

MARINS, Paulo César Garcez. Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 9-28, jan/abr 2016.

_____. Casas e Portas da Memória e do Patrimônio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da Memória Social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**. Antropologia, Escala e Memória, Lisboa, n. 2 (Nova Série), p.4-23, 2007.
POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Lugares do Imaterial: o inventário do PC. Material didático utilizado no Curso temático do Plano de Formação anual da Rede de Museus do Algarve, 2012.

SANT'ANNA, Márcia. Avanços da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006. p.9-11.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2007.

THOMPSON, Paul. **História Falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC/Museu da Pessoa/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

On-line

BRASIL. **Decreto n. 3.551**, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.html>, acessado em 11/02/2016.

CHAGAS, Mário de Sousa. O Campo de Atuação da Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. v. 2 n. 2, p. 7 – 28, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/19>>, acessado em 11/02/2016.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**, n. 41, ano 27, p. 9-22. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2594/1521>> acessado em 06/05/2017.

_____. Sem Sonho não há Sociomuseologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. V. 2, n. 2, 1994, p. 5 – 6. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/19>>, acessado em 11/02/2016.

MOUTINHO, M. Evolving Definition of Sociomuseology: Proposal for reflection. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.38, p.27-31, 2010. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/153>, acessado em 28/12/2015.

_____. Sobre o Conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.1, p.7-9, 1993. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5231/3371>, acessado em 02/02/2016.

SANCHO-QUEROL, Lorena. Para uma gramática museológica do (re) conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, série I, vol. 25, p.165-188, 2013. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11484.pdf>, acessado em 28/12/2015.

SANCHO-QUEROL, Lorena; SANCHO, Emanuel. Imagens que valem mil palavras: a experiência do Arquivo de Memórias do Museu de São Brás. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.4, p.7-34, 2014. Disponível em:

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4627>, acessado em 27/12/2015.

Sites consultados

ESCRITÓRIO DE PROJETOS. <https://trello.com/b/PY7w2zZj/escritorio-de-projetos>, acessado em 11/02/2016.

IBERMUSEUS. **Declaração da Cidade de Salvador**. I Encontro Ibero-Americano de Museus. Bahia: 2007.

ICONOCLASISTAS. **Mapeo colectivo, cartografias, investigación e imágenes de libre circulación**. Argentina. Disponível em: <http://www.iconoclasistas.net/>, acesso em 29/01/2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Informações estatísticas de Pedro II, Piauí**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=2207900>, www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_piaui.pdf, acessado em 04/01/2016, acessado em 04/01/2016.

9. APÊNDICES

Apêndice A – Inventário Participativo

Apêndice B – Glossário Especializado

Apêndice C – Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II

Apêndice D – **Oficinas De Escuta Como Metodologia De Inventário Participativo: uma experiência em Pedro II-PI**

10. ANEXOS

Anexo A – Fragmentos do Caderno da teceloa Anízia Alves Sousa de Oliveira com *Gabaritos/Ramos* – digitalizados

Apêndice A – Inventário Participativo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI

MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DO PROJETO

Nº 01

“Aprendi tecer com minha mãe aos 10 anos de idade, me criei com ela”
(M^a Teixeira Santiago, 24/06/2016, 2:01)

NOME DA RESPONSÁVEL

Ivanilda Teixeira do Amaral



Figura 1 - Teceloa com trouxa de redes na cabeça, fazendo entrega em loja do Mercado do Artesão de Pedro II - PI. Arquivo pessoal da Pesquisadora – Foto: Douglas Brandão. Em 11/11/2016

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

NOME/DADOS GRUPO REFERÊNCIA DA PESQUISA

O universo da pesquisa-ação é composto pelo conjunto das tecelões de Pedro II. A relação universo e grupo referência de estudo está delineada pelos critérios representativos que definem o grupo referência: experiência de vida, conhecimento do saber-fazer; nível de representatividade, ancianidade e disponibilidade para a pesquisa. São critérios pensados para selecionar e legitimar um grupo de difícil escolha, considerando o vasto universo da pesquisa, a popularidade do saber-fazer, a extensão geográfica do município, as adversidades da forma produtiva individualizada, predominante no processo produtivo atual, os tipos de teares e a variedade de redes existentes. O grupo referência de estudo composto por quinze (15) tecelões das zonas rural e urbana do município, pertencentes ou que pertenceram a unidades familiares de produção doméstica, associações ou são produtoras independentes. Uma é membro de uma associação artesanal, treze, trabalham e produzem por conta própria, com apoio da família e uma tece por encomenda de lojista. O grupo referência de estudo e demais colaboradores somaram quarenta e duas (42) fontes orais pesquisadas.

Tabela 1 – Grupo referência de estudo

Nº	Nome/apelido	Idade	Residência	Organização da produção	Tipo de tear
01	Alice Alves de Oliveira	64	Comunidade Pimenta – ZR	Individual	Tear de Parede
02	Anízia Alves Sousa de Oliveira	74	Comunidade Martins - ZR	Individual	Tear de Parede
03	Cícera Pereira Matos de Sousa	78	Bairro São Francisco – ZU	Individual	Tear de Três Panos
04	Emília Pereira de Sousa	47	Comunidade Tucuns dos Pedro – ZR	UFPD*	Tear de Três Panos
05	Evanilda Maria de Sousa Santos	44	Comunidade Gameleira – ZR	UFPD*	Tear de Parede
06	Francisca Maria de Oliveira Silva/França	52	Comunidade Serra dos Matões – ZR	UFPD*	Tear de Parede
07	Lucimar Martins da Silva/Bá	55	Bairro Mutirão – ZU	Individual	Tear de Três Panos
08	Luiza Maria de Carvalho Nascimento	65	Bairro Embrapa – ZU	UFPD*	Tear de 3 Panos

09	Maria Alves de Oliveira	50	Bairro Santa Fé - ZU	Coletiva/ Associação	Tear de Parede e Tear de Três Panos
10	Maria Teixeira Santiago Sousa	71	Comunidade Morro do Meio – ZR	Individual UFPD*	Tear de Três Panos
11	Neusa Barroso da Silva	78	Comunidade São – ZR	Coletiva/ Associação	Tear de Parede
12	Rita Maria de Sousa/ Rita Nego	52	Bairro São Francisco – ZU	UFPD*	Tear de Três Panos
13	Rosa Alves Soares Pinheiro	68	Comunidade Gameleira- ZR	Individual	Tear de 3 Panos e Tear de Batelão
14	Suzete M ^a de Oliveira	55	Comunidade Barro dos Lopes - ZR	Individual	Tear de Parede
15	Vera Lúcia dos Santos Pereira	50	Bairro São José Engenho Novo - ZU	Individual	Tear de Três Panos

*Unidade Familiar de Produção Doméstica - UFPD

PARCEIROS | COLABORADORES

- Institucionais – compartilhamento de informações, dados, literatura e documentos

Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II

Associação dos Artesãos de Pedro II

Fundação Cultural Grande Pedro II

Prefeitura Municipal de Pedro II

Agentes de microcrédito do Banco do Nordeste – Rogério Viana e Valdênia Lima

Museu da Roça – Anitalice Passos Galvão

Associação dos Artesãos de Pedro II

Secretaria Municipal de Educação de PII – Prof^a Adriana Costa (2016)

Agencia de Defesa Agropecuária do Piauí (ADAPI) – Hélio Ulisses do Carmo.

- Individual – apoio, logística, serviços técnicos

Tecelões de Pedro II

Fotografia: Samuel Lima, Adonias Antônio Galvão Neto, Dany Rafael Melo, Douglas Brandão, Eugênia Teixeira Sales

Vídeo: Francisco Lima

Mapa e informática: Francisco Eudes do Amaral, Hélio Ulisses do Carmo

Desenhos: José de Arimatéa Guimarães Júnior, João Batista Bezerra da Cruz, Anízia Alves de Sousa Oliveira

Acompanhante/Transporte Zona Rural: Dany Rafael Melo, Samuel Lima

Cartografias Sociais e Oficinas de Escuta: Jutta Almeida, Eugenia Teixeira Sales

Orientações sobre Teares e Redes: Maria Ester Mendes da Silva, Teresinha Alves Brandão, Socorro Brandão

Apoio, informações, dados, literatura, documentos e contatos: Cândida Maria de Jesus, Maria Adeodata dos Anjos, Anitalice Passos Galvão, Elzirene Lopes, prof^o José Luis Lopes Araújo, José Maria Saraíva, Afonso Celso Getirana de Lima, Adonias Antônio Galvão Neto, Thais Regina de Castro.

Revisão: Jáyra Teixeira do Amaral, Adonias Antônio Galvão Neto

ISTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Tabela 2- Instituições participantes da pesquisa

Instituição	Participante	Função
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia Coordenadora e Docente Áurea da Paz Pinheiro	Formação Profissional para produção de soluções para problemas e demandas reais agregando soluções inovadoras às comunidades, empresas e organizações, sejam públicas ou privadas.
Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra (Portugal) PVE/CAPES (2015-16)	Pesquisadora e Docente Lorena Sancho Querol	Criação novos modelos de inventário participativo de PCI, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento sustentável de comunidades do Estado do Piauí, no contexto do programa PVE- CAPES.
Prefeitura Municipal de Pedro II (2015-16)	Gestora do Sistema Municipal de Educação;	Concessão licença mestranda/pesquisadora

Fundação Cultural Grande Pedro II	Érico Rodrigues Gomes	Apoio financeiro para confecção de elemento educativo (Mapa e Cartilha)
Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP)	M ^a Elisabeth de Andrade Costa: coordenadora setor de pesquisa; Sala do Artista Popular (SAP) M ^a Elisabeth B. Paiva Pougy	Apoio pesquisa: informações, dados, material de consulta bibliográfica e documental.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO

Janeiro de 2016 a maio de 2017

REFERÊNCIA CULTURAL PESQUISADA

Tecelagem Manual das Redes de Dormir de Pedro II

Tabela 3- Tipos de Teares e de Redes de Dormir de Pedro II - PI

Tipos de Teares	Modelos/pontos de redes
Tear de Parede	Redes Caroá; Tapuerãna ou Capuerãna; Olho de Pombo ou Furadinha; Coentro ou De Tala; Duas Capas; Ponto de Colcha; Batida ou Da Moda; Carreirinha; Bordada ou De Ramo; Catada ou Ponto Catado
Tear de Três Panos	Rede de Três Panos: Batida, Ponto Catado, Falhadinha
Tear Batelão	Redes Batida, Ponto Catado, Falhadinha

FICHAS DAS CATEGORIAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL UTILIZADAS NA PESQUISA

Fichas do Inventário:

- Ficha do Projeto – ficha estruturante;
 - Ficha do Território de Pedro II;
 - Ficha das Categorias:
 - Ficha dos Objetos - 03
 - Ficha do Saber-Fazer - 01
 - Ficha das fontes pesquisadas;
 - Ficha do roteiro de entrevista
- Total de fichas produzidas: 08

DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA

Inventário Participativo – 194 páginas

Glossário Especializado – 47 páginas

Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II – 14 páginas

Artigo sobre Oficinas de Escuta – 07 páginas

Nº de fotografias: 1040

Horas de gravação de vídeo: 10h

Horas de gravação de som: 32.34:58

Nº de desenhos: 07 pictogramas, 05 ícones, 1 mapa

Nº de transcrições direcionadas das entrevistas temáticas: 15

Nº de caderno de campo: 04

Nº de digitalizações: 05

OBSERVAÇÕES

1 – O “G” sobrescrito utilizado na Ficha do Saber-Fazer indica os termos que se encontram descritos no Glossário Especializado.

2 – As citações que aparecem em cinzento nas Ficha das Categorias (Saber-Fazer e Objetos) significam opções a mais de leitura de trechos das transcrições direcionadas, caso o leitor tenha interesse em aprofundar e conhecer outras citações das narrativas que enfatizam os subtemas analisados.

3 – O número de teares por comunidades, citados na tabela 2, refere-se exclusivamente aos equipamentos utilizados para confecção das redes manuais. Não foi considerado o uso dos mesmos equipamentos para confecção de redes de brim, também conhecidas como rede de sol a sol, redes semi-industrializadas, surgida na década de 1980 e hoje com vasta produção e consumo no município.

4 – A identificação das fichas e produtos assim como a enumeração das figuras e tabelas é reiniciada com o número 1 a cada nova ficha do Inventário e demais produtos em apêndices conferindo independência de leitura e compreensiva dos documentos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DO TERRITÓRIO

Nº 02

(...) Teu poema se urde nos teares das choupanas
Onde moças caprichosas tecem as redes de dormir (...)
Genuíno Sales
Matões (1988)

IMAGENS DO TERRITÓRIO

Memorial Tertuliano Milton Brandão



Figura 2- Patrimônio edificado de Pedro II –arquivo pessoal da pesquisadora.

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

Casa de Teceloa no campo



Figura 3- Patrimônio edificado e imaterial de Pedro II, típica casa de teceloa na zona rural, localidade Martins – arquivo pessoal da pesquisadora. Foto Samuel Lima. Em 13/08/2016

Unidades Familiares de Produção Doméstica

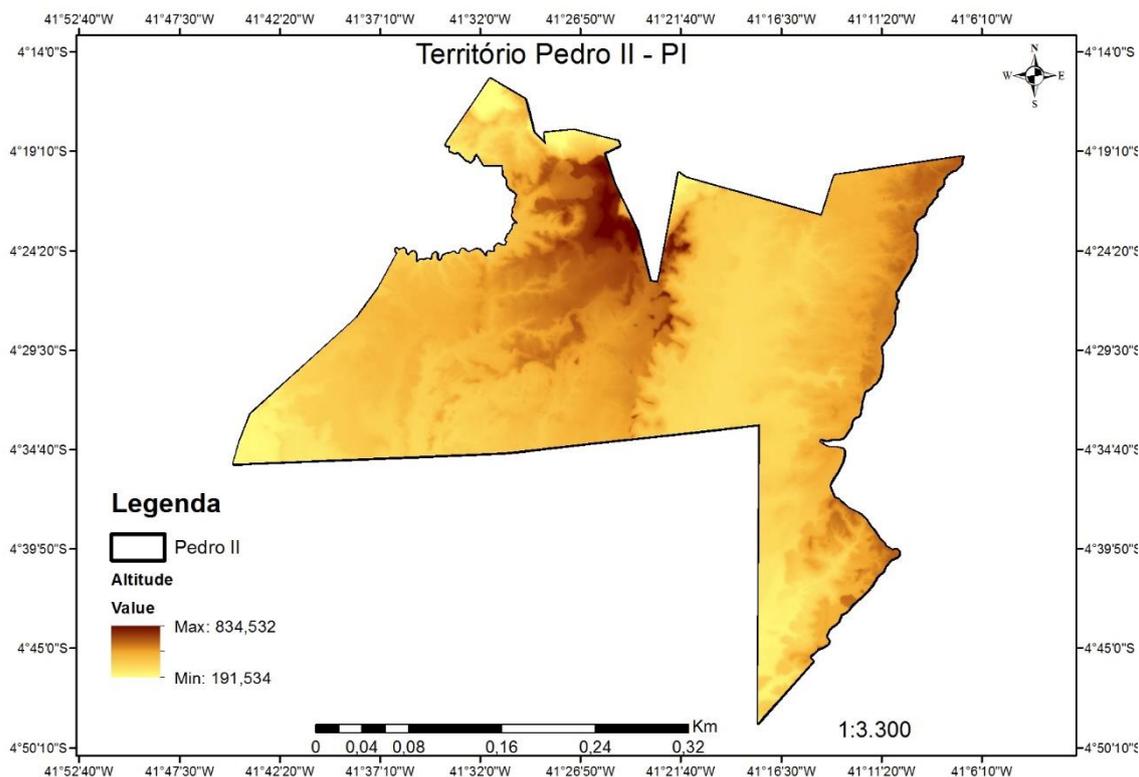


Figura 4- Mestra Luíza Mª do Nascimento e sua filha Aldenice Nascimento, urdindo no Tear de Três Panos - Bairro São Francisco- arquivo pessoal da pesquisadora. Em 05/07/2016

DENOMINAÇÃO DO TERRITÓRIO

Município de Pedro II.

MAPA DO TERRITÓRIO DE PEDRO II



OUTRAS REFERÊNCIAS DE LOCALIZAÇÃO

O município de Pedro II está localizado no centro-norte do Estado do Piauí, ocupando uma área de 1.518,233 km², que corresponde a 0,6% da área total do Estado. Limita-se ao norte com o município de Domingos Mourão; ao sul com Milton Brandão e Buriti dos Montes; a leste com Poranga (Ceará); e a oeste com Piri-piri e Lagoa de São Francisco. Sua sede municipal tem as coordenadas geográficas 04°25'29" latitude sul e 41°27'31" longitude oeste, e dista cerca de 210 km da capital Teresina.

De acordo com os critérios de divisão territorial do IBGE, Pedro II está situado na Microrregião Campo Maior, que agrega 40 municípios. Já pelos critérios adotados pelo Governo

do Estado do Piauí em 2004, o município está inserido no Território de Desenvolvimento denominado Cocais, que é composto por 22 municípios.

Situado na região da Serra dos Matões, é destacado pelo seu complexo patrimônio cultural e natural. Do conjunto de suas expressões culturais, abordamos neste trabalho o saber fazer da tecelagem manual (TeMa) das redes de dormir.

DESCRIÇÃO

Pedro II está situado na Área de Proteção Ambiental - APA da Serra da Ibiapaba, criada por Decreto Federal de 26 de novembro de 1996, por se localizar na biorregião do complexo Serra Grande e abranger enorme biodiversidade e variados ecossistemas. O município possui características peculiares proporcionadas pelo clima serrano, com altitudes que chegam a 850 metros; pelo mosaico de vegetação que reúne os tipos caatinga, cerrado, mata atlântica e carrasco, que proporcionam belas paisagens e por sua condição climática, que apresenta temperatura mínima de 16 °C, máxima de 36 °C e média anual de 26°C, com clima tropical quente.

HISTÓRIA

A origem do município de Pedro II remonta ao antigo povoado Matões, no qual foi criada a freguesia sob o orago de Nossa Senhora da Conceição no ano de 1851. Com seu território desmembrado do termo de Piracuruca e submetido juridicamente à comarca de Parnaíba, a freguesia de Matões foi elevada à categoria de vila no ano de 1854 (lei provincial n.367, de 14 de agosto), recebendo então a denominação de Pedro II¹.

Mesmo com uma expressiva quantidade de sítios arqueológicos na região, a origem da aglomeração humana em torno do lugar é geralmente atribuída à chegada de portugueses no final do século XVIII, que teriam fundado a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição no povoado Matões. Eis uma passagem que exemplifica o mito fundador da cidade:

[...] Chamado antigamente de Pequizeiro, Matões e Itamaraty, o município foi fundado no fim do século XVIII por João Alves Pereira com seus irmãos e alguns amigos, todos de procedência lusitana. Tal se deu pela Lei Provincial n. 295 e 26 de agosto de 175 (sic), publicada no dia 28 deste

¹ COSTA, F. A. P. da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Vol II. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. p. 460.

mesmo mês e ano, sendo, assim, criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Matões.

A Lei n. 367, do dia 11 de agosto de 1854 e publicada no dia 14 do mesmo mês e ano, elevou o povoado Matões à categoria de vila com a denominação de Pedro II, em homenagem ao Imperador do Brasil. A inauguração da vila deu-se no dia 25 de agosto de 1855. A Lei n. 394, de 13 de dezembro de 1855 e publicada no dia seguinte, tratou da anexação ao patrimônio municipal de todo o território da Serra dos Matões com nome de ‘município de Pedro II’. [...] (GALVÃO, 2002).

Um mapa estatístico realizado em 1 de fevereiro de 1854, meses antes da instituição da vila, informa que em Matões se encontrava um total de 4.434 habitantes – 4.094 nacionais livres, 339 escravizados e 1 estrangeiro¹. Segundo o historiador José Martins Pereira d’Alencastre, por esses tempos havia no povoado uma escola de primeiras letras, criada no ano de 1836².

DADOS SOCIOECONÔMICOS

De acordo com o último censo do IBGE (2016), a população de Pedro II era de 38.090 habitantes, dividida entre 18.443 homens e 19.057 mulheres. Do total da população, 22.671 pessoas residiam na zona urbana e 14.829 na zona rural. A densidade demográfica apontada na última década é de 24,7 hab./km², e sua taxa de urbanização de 60,4%.

O município apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM de 0,571 (PNUD, 2010), situando-se na faixa de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (entre 0,5 e 0,599). Possui uma posição mediana, se comparado aos municípios do Piauí: dos 224 municípios ocupa a 76ª posição (IBGE, 2016).

O Produto Interno Bruto – PIB *per capita* apresentado em 2013 (IBGE) foi de 4.976,03 reais, o que expressa uma grande desigualdade econômica frente ao número de pessoas em extrema pobreza.

As principais atividades econômicas do município são a pecuária; a agricultura de lavoura permanente, com destaque da agricultura familiar; o turismo, que explora demasiadamente seus potenciais como cachoeiras, sítios arqueológicos, mirantes e o patrimônio cultural; a mineração, que explora jazidas de opalas (IBGE, 2014). É o “único município do Estado onde a confecção da rede assume caráter de atividade econômica para considerável parcela da população. ”

¹ COSTA, 1974, p.472.

² D’ALENCASTRE, J. M. P. de. Memória chronológica, histórica e corographica da Provincia do Piauhy. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo XX, 1857. p.105.

(Araújo,1985). Não sendo indiferente a maioria dos municípios do Piauí, o setor de serviços públicos dá sustentáculo à economia local.

O município de Pedro II é um importante polo cultural do Piauí, destacando-se nas artes plásticas, na literatura, na música, no reisado, nas tecelagens, nos diversos tipos de artesanato, na arte santeira e pelo seu centro histórico. A tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II, por exemplo, é uma atividade e produto símbolo singular do município no Estado, apresentada como patrimônio de valor reconhecido pelo senso comum, como Redes de Pedro II. De acordo com José Luís L. Araújo (1985), 90% das casas de muitas localidades de Pedro II, visitadas por ocasião da sua pesquisa, tinham presença de atividades de confecção da rede.

Sua riqueza patrimonial trouxe vários eventos para o município, sendo o maior deles o Festival de Inverno de Pedro II, já na sua 12ª edição. Ainda que não seja perceptível uma mudança expressiva nos indicadores sociais, como incremento na economia do município ou um revestimento em desenvolvimento local sustentável, o Festival de Inverno deu visibilidade ao patrimônio cultural pedrossegundense, constatado pela sua repercussão em vários sites, imprensa e redes sociais.

Referências

- ARAÚJO, José Luis Lopes. **“A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II.** (Tese Mestrado) Recife, UFPe 1985.
- COSTA, F. A. P. da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Vol. II. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- D’ALENCASTRE, J. M. P. de. Memória chronológica, histórica e corographica da Provincia do Piauhy. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo XX, 1857. p. 5-103.
- GALVÃO, Tangneth. O município de Pedro II. In: GETIRANA, Ernâni. *Lendas da cidade de Pedro II*. Pedro II, 2002. 2ª ed. p.5.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DO SABER-FAZER

Nº 03

“Nós aqui, da Xique-Xique do São João, ensinamos as mulheres da Xique-Xique da cidade, a fazer as redes tapuerãnas e aprendemos com elas a fazer as redes de ponto catado”
(Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 38:11)

IDENTIFICAÇÃO

NOME

(Escrevam o nome mais comum do saber e outros nomes pelos quais é conhecido)

Tecelagem Manual das Redes de Dormir de Pedro II

No dia a dia, “Tecer Rede” é a identificação mais comum do saber-fazer (aqui inventariado). O termo emerge da usualidade corriqueira fazendo parte da maneira de falar e de viver das pessoas envolvidas com o saber e representando a única forma de tecer em Pedro II, visto que não há no município o emprego da tecelagem industrial. Outra denominação, mais formal e descritiva – Tecelagem Manual das Redes de Dormir em Pedro II, expressa o objeto de estudo e o recorte estabelecido para o propósito deste inventário.

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

IMAGEM

(No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do saber)

Mestra Josefa Oliveira – Rede Tapuerãna
TEAR DE PAREDE



Comunidade Carnáubas – Arquivo pessoal da pesquisadora. Em 19/07/2016

Mestra Luíza Maria de Carvalho Nascimento
TEAR E REDE DE TRÊS PANOS



Bairro São Francisco – Pedro II
Arquivo pessoal da Pesquisadora. Em 05/07/2016.

Mestra Rosa Alves Soares Pinheiro
TEAR DE BATELÃO



Comunidade Gameleira
Arquivo pessoal pesquisadora. Em – 13/08/2016

O QUE É

(Contém de forma resumida quais as características desse saber e de que forma ele pode ser transmitido)

“Eu sou teceloa mesmo, é assim que a gente é conhecida, artesã é coisa de agora”
(Rita M^a de Sousa, 01/07/2016, 31:53)

É o ofício desempenhado por mulheres que confeccionam manualmente Redes de Dormir, utilizando fio e linha de algodão no trabalho em teares de madeira também fabricados manualmente.

As trabalhadoras da rede do município de Pedro II, se reconhecem pelo título de teceloa e produzem atualmente dez variações de pontos/modelos de redes em três tipos de teares diferentes, relacionados na tabela à baixo de acordo com a condição de mais usado para o menos usado atualmente.

Tabela 1- Tipos de Teares e de Redes

TIPOS DE TEARES	MODELOS/PONTOS DE REDES
Tear de Parede	Redes Caroá; Tapuerãna ou Capuerãna; Olho de Pombo ou Furadinha; Coentro ou De Tala; Duas Capas; Ponto de Colcha; Batida ou Da Moda; Carreirinha; Bordada ou De Ramo; Catada ou Ponto Catado
Tear de Três Panos	Rede de Três Panos: Batida, Ponto Catado, Falhadinha
Tear Batelão	Redes Batida, Ponto Catado, Falhadinha

ONDE ESTÁ

(Localizem o saber a partir das referências mais conhecidas)

Pedro II é uma cidade do Nordeste do Piauí, situada na região da Serra dos Matões, possui um rico e complexo patrimônio cultural e natural com destaque para a TeMa, realizada na quase totalidade pelas mulheres.

A tradição da tecelagem manual encontra-se espalhada por quase toda zona rural e urbana do município, através das Unidades Familiares de Produção Doméstica, doravante denominada como UFPD, das associações e produtoras independentes.

É comum ver no dia-a-dia mulheres nas casas, calçadas, quintais, ruas e feiras emaranhadas com as atividades da tecelagem. O uso da rede de dormir pelos moradores do município assim como a presença de tecelões na história das famílias e a comercialização dos mais variados tipos de redes nas casas das produtoras e pontos de vendas espalhados pelo município é fato bastante comum. O que causa estranheza por aqui é uma casa, quarto de hotel, área, salão, corredor, não possuir armador. O fio que une a tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II é herança cultural secular de tradição familiar, tanto no uso quanto na produção.

O saber-fazer é distribuído por várias localidades do município. A tabela a seguir traz os lugares de produção pelos tipos e estimativas da quantidade de teares ativos. É uma síntese das informações dadas pela pesquisa, através das entrevistas, oficinas de escuta/cartografias sociais, revisão de literatura e informações complementares. Não foram identificadas estatísticas oficiais ou institucionais para somar às construções dessa pesquisa-ação.

As comunidades abaixo relacionadas foram organizadas segundo sua ordem de relevância produtiva, considerando a presença de tecelões nas localidades e a quantidade de teares ativos, da maior para a menor produção de redes, tipos e quantidade de teares manuais por localidades, tendo como base o ano de 2016. Foi priorizado o demonstrativo só da produção de redes, vale ressaltar, todavia, que em todas as comunidades relacionadas e outras tantas que não produzem mais redes, são confeccionados outros produtos da TeMa e alguns teares, inclusive, já sofreram adaptações de tamanho para as novas finalidades e funções a que se destinam. Os teares foram ressignificados principalmente para a produção de tapetes e *mamucabos*^G das redes de brim, mantendo a técnica e forma tradicional da produção manual.

Tabela 2 – Relação dos tipos de teares e de redes detectados em Pedro II

Nº	Comunidade	Tipo de Tear	Teares Ativos	Tipo de Redes Produzidas
01	Olho D'Água do Meio***	Tear de Três Panos	09	Rede de Três Panos. Obs. 90% da comunidade tece tapetes, há duas décadas atrás tecia-se só redes de dormir
02	Mangabeira	Tear de Parede	09	Tapuerãna, Caroá, Olho de Pombo, Ponto Catado
03	Serra dos Matões	Tear de Parede	07	Tapuerãna, Olho de Pombo
04	Pequis	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos.
		Tear de Parede	01	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
05	Martins**	Tear de Parede	05	Tapuerãna, Caroá, Olho de Pombo, bordada, Ponto de Colcha, Ponto Catado
06	São João	Tear de Parede	05	Tapuerãna, Da Moda, Caroá, Batida
07	Carnaúbas	Tear de Parede	05	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
08	Felipe	Tear de Três Panos	05	Rede de Três Panos
09	São Braz	Tear de Três Panos	03	Redes de Três Panos
10	Aroeira	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
11	Terra Dura	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos

12	Tucuns dos Pedro	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
13	Tiririca	Tear de Parede	02	Da Moda, Caroá
		Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
14	Coitadas	Tear de Parede	03	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
15	Cipó de Cima	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
		Tear de Parede	01	Da Moda, Olho de Pombo
16	Tamboril	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
17	Pajeú	Tear de Parede	03	Tapuerãna, Caroá, Olho de Pombo
18	Roça Velha	Tear de Parede	03	Tapuerãna, Da Moda
19	Gado Bravo	Tear de Parede	03	Tapuerãna, Caroá, Olho de Pombo
20	Gameleira *	Tear Batelão	01	Colchas e tapetes
		Tear de Três Panos	01	Tapetes
21	Barro dos Lopes	Tear de Parede	02	Tapuerãna, Da Moda, De Ramo, Bordada
22	Assentamento Arara	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
23	Baixa do meio	Tear de Parede	01	Da Moda, De Ramo
24	Engenho Novo	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
25	Toca	Tear de Parede	02	Tapuerãna, Da Moda
26	Coitezeiro	Tear de Parede	02	Tapuerãna, Da Moda
27	Lagoa de Sucuruju	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
28	Pimentas	Tear de Parede	01	Tapuerãna, Caroá, Olho de Pombo, De Ramo
29	Goiabeira	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
30	Roça dos Pereira	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos

31	Salobro	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
32	Centro dos Gomes	Tear de Parede	01	Tapuerãna, Caroá
33	Barroca	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
34	Morro do Meio	Tear de Parede	01	Coentro, Ponto Catado
35	Mamoeiro	Tear de Parede	01	Coentro, Da Moda
36	Açude	Tear de Parede	01	Da Moda, Tapuerãna
37	Açude Velho	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
38	Carnaubinha	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
39	SUB TOTAL ÁREA RURAL	Tear de Parede	59	Tapuerãna Da Moda ou Olho de Pombo, Caroá, De Ramo, Coentro, Ponto Catado, Bordada, Ponto de Colcha.
		Tear de três Panos	48	Três Panos
40	SUB TOTAL ÁREA URBANA	Tear de Parede	11	Tapuerãna, Da Moda, Caroá, Olho de Pombo, De Ramo, Ponto Catado
		Tear de Três Panos	14	Batida, Ponto Catado, Falhadinha
41	TOTAL GERAL	Tear de Parede	70	Tapuerãna Da Moda ou Olho de Pombo, Caroá, De Ramo, Coentro, Ponto Catado, Bordada, Ponto de Colcha.
		Tear de Três Panos	62	Três Panos: Batida, Ponto Catado, Falhadinha

Fonte: primária, dada pela pesquisa, 2016

* Apesar de hoje não apresentar produção de redes, só tapetes e produtos derivados da TeMa a Gameleira aparece na listpor ser a terra da mestra Rosa Alves Soares Pinheiro e abrigar dois tipos de teares (Tear de Três Panos e Tear Batelão) e também pela proximidade, física e cultural, com a localidade vizinha, Martins, e suas detentoras do saber.

** O Martins é uma grande expressão em produção e variedades de redes manuais, feitas no Tear de Parede. É um exemplo de resistência e dedicação à TeMa com grande contribuição ao saber-fazer. É terra de grandes mestras tecelões ativas como Anísia A. de Sousa Oliveira, Maria de Lourdes Sousa, Maria do Carmo Sousa e M^a do Rosário Lopes Alves (Naná)

*** Olho D'Água do Meio é considerado o maior pólo de produção com o Tear de Três Panos de Pedro II. Tem potencial para ser maior produtor de redes de três panos, mas só nove tecelões produzem regularmente para feira e para compradores certos. Alegando falta de mercado as demais só produzem por encomendas eventuais e dedicação-se à produção de tapetes.

A presença de teceloas na história das famílias de Pedro II é fato comum e corriqueiro. A existência de teares e instrumentos de trabalho nas casas residenciais, idem, porém, identificou-se que em bem menor proporção do que há três gerações atrás. Em algumas localidades o saber-fazer está inativo, sem produção, os teares estão desmontados e não existem estoques de redes, mas, em localidades não relacionadas na tabela acima, estão detentoras do saber, capazes de repassar oralmente, quando solicitadas, todas as etapas de confecção da rede. Supõe-se aqui uma produção latente, ou seja, que se pode voltar a produzir, caso queiram. Escutou-se várias teceloas dizerem: “eu não digo que não volto mais, e meu tear está guardado”. Fato é que a TeMa é assunto de domínio público local.

“Eu desarmo o tear, mas na hora que aparece serviço como fazer estolas, por exemplo, eu corro e armo depressa o tear e coloco no mesmo lugar”. (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 47:26).

Vê-se que nas localidades rurais predomina o uso de apenas um dos três tipos de tear com a respectiva produção das redes confeccionadas nesses equipamentos. Vê-se e destaca-se que atualmente, apenas três delas, Pequis, Tirica e Cipó de Cima, apresentam dois, dos três tipos de teares, ao mesmo tempo, em um mesmo lugar de produção. Em nenhuma localidade existe os três tipos de teares em funcionamento.

Na área urbana, vê-se o uso concomitante dos três teares apenas na Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, doravante denominada Xique-Xique, entidade econômica de produção social, localizada no bairro Santa Fé. Na casa da teceloa Rita M^a de Sousa, ela e seus três filhos, utilizam quatro Teares de Três Panos no quintal de casa. São dois teares de tamanho normal e um deles maior, adaptado para peças grandes como tapetes de sala. O quarto instrumento é um Tear de Pente e Liço, um tear mecânico, vindo de Fortaleza, de uso exclusivo de Áureo de Sousa, filho de D. Rita Maria de Sousa, especialista em tapetes grossos, bem-acabados com até 32 pernas de fio e uso de desenhos em curvas, habilidade desenvolvida quando a família trabalhou na empresa Tearte, fábrica de tecelagem, com uso de teares mecânicos que expunha seus produtos na loja da fábrica Fio-a-Fio, inaugurada em 1998 e fechada em 2005 pertencida às irmãs Anitalice e Fátima Passos Galvão, apesar do curto espaço de existência influenciou muito a tecelagem manual, principalmente na preocupação com o profissionalismo e qualidade do produto. Ninguém da família de Rita Maria de Sousa sabe manusear o Tear de Parede, a exemplo de tantas outras adeptas do Tear de Três Panos. Nos demais bairros da cidade é comum ver nas casas de teceloas apenas um ou dois teares do mesmo tipo.

Na zona rural a existência do único Tear de Batelão associado a outro tear, instalados e funcionando em um mesmo lugar é exclusividade da localidade Gameleira, na casa da mestra teceloa Rosa Alves Soares Pinheiro. Além dele, se utiliza de um Tear de Três Panos, herança de

família, como instrumentos de produção de colchas e tapetes. Viu-se que a tendência é aperfeiçoar e seguir com apenas um dos três equipamentos. A mestra é uma exceção no domínio dos teares, foi iniciada na TeMa com o Tear de Parede, na década de 1970, largou o Tear de Parede pelos outros dois.

Não foi identificada a utilização simultânea do Tear de Parede e do Tear de Três Panos por uma mesma teceloa em nenhuma localidade. Não foi sequer registrada a existência dos dois teares em uma mesma residência. Até existem mulheres que afirmam que sabem manusear os três tipos de teares, como é o caso de artesãs da Xique-Xique, que dominam o conhecimento e a técnica, mas no dia a dia de trabalho não fazem disso uma ocupação rotineira. Usualmente dedicam-se a apenas um dos equipamentos e com o tempo podem até alternar o uso prolongado dos tipos de teares. Uma rede manual costuma ser confeccionada, tecida e *aprontada*^G, em um mesmo tipo de tear, ao contrário das redes de brim que são *aprontadas*^G em qualquer um dos teares. Apesar das distâncias geográficas entre as diferentes localidades e o pouco contato entre as teceloa, o modo de fazer tradicional não sofreu alteração na forma e técnica.

A exemplo do que aconteceu em outros lugares de produção, o Tear de Parede deixou de existir. Na Comunidade Olho D'Água do Meio faz mais ou menos 40 anos que ele desapareceu. Pessoas do lugar afirmam que o Tear de Três Panos 'tomou o lugar' do Tear de Parede porque nele é possível produzir mais rápido. Entretanto, o mais rápido de todos é, contraditoriamente, o que é menos usado, que o Tear de Batelão.

“Se uma mulher *tecer direto*^G, todo dia ela *derruba uma rede*^G no Tear de Três Panos” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 19:35).

Olho D'Água do Meio hoje é polo na produção com ou Tear de Três Panos, com destaque para os tapetes. Há quem diga que a produção de tapetes é que ainda viabiliza a produção de redes porque o investimento para a produção de redes é alto, o lucro baixo e a venda demorada. Sem capital de giro fica difícil se manter no mercado. Viu-se, nas narrativas, que sem a renda dos tapetes os teares já teriam sido desmontados em muitas localidades

O exemplo da Comunidade Rural São João que já foi considerada um polo produtivo de Redes Tapuerãna, Batida e Olho de Pombo, redes confeccionadas no Tear de Parede é emblemático. Em uma década a localidade passou de Núcleo Produtivo Rural ligado a Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, para apenas mais um “lugar de resistência”, com cinco teares e uma produção irrisória de 10 redes/mês em média. O núcleo iniciou com vinte mulheres e dezessete mulheres tecendo na sede diariamente a, hoje são apenas duas trabalhando, uma delas tecendo, Maria Aldenir Barroso de Oliveira, 49 anos e a outra de 78 anos, mestra Neusa Barroso da Silva, responsável pela comercialização e relações com a sede em Pedro II. Ambas consorciaram atividades

da Associação com atividades de tecelagem particulares. Mestra Neusa Barroso da Silva não tece mais por motivo de saúde, encomenda os panos de redes para tecelões da comunidade vizinha Carnaubinha, faz *mamucabo*^G e todos os acabamentos e leva-os pessoalmente à feira para fazer a venda juntamente com a produção de uma filha, uma nora e tapetes feitos por sobrinhas no Tear de Parede. A grande maioria das mulheres do São João, optou por tecer apenas tapetes.

Os lugares de produção, aqui entendidos como as unidades produtivas existentes nas comunidades rurais e urbanas, apresentam movimento próprio, sincrônico e diacrônico que se entrelaçam em vários momentos da trajetória da TeMa guiados por elementos geradores de mudanças e adaptações.

PERÍODOS IMPORTANTES

(Descubram os momentos ou datas importantes associadas ao saber)

O saber-fazer da TeMa é aplicado durante todo o ano, sem se vincular a nenhuma data importante. Não se tem notícias da suspensão ou ausência da atividade no município em algum tempo por qualquer ordem ou razão.

De acordo com uma matéria do Jornal “O Piauí” (1925) o marco inicial da TeMa em Pedro II teria sido nos anos de 1895 e 1896, quando o Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes, vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição entre 1894 a 1897, mandou fazer o primeiro tear orientando todas as fases da fabricação do artefato. Em sua companhia vieram três sobrinhas: Honorina de Oliveira Lopes, Mariana de Oliveira Lopes e Severa de Oliveira Lopes, a quem coube ensinar a arte de fazer rede às pessoas interessadas. (Fonte: Jornal O Piauí, ano XXXVII, nº 294 de 26/09/1925. Acervo: Museu da Roça- Pedro II – PI).

Cronograma de produção e evolução da TeMa em Pedro II

Dos primórdios indígenas – as descobertas desta pesquisa

- Existência do saber-fazer da rede de dormir em Pedro II como produto doméstico

Anos noventa do século XIX – Origem segundo fontes bibliográficas

- Introdução do Tear e o respectivo aperfeiçoamento do processo de fazer redes de dormir no município de Pedro II (Fonte: Jornal O Piauí, ano XXXVII, nº 294 de 26/09/1925; acervo: Museu da Roça, Pedro II - PI)

Primeira metade do século XX

- A rede como produto comercial
 - Disseminação e fortalecimento das unidades familiares de produção doméstica como principal forma de organização social e as casas residenciais como lugares de produção;
 - A consolidação da “Feira do Tamboril” como principal mercado e lugar de venda da rede de dormir.

Segunda metade do século XX

- Importação e comercialização do fio de algodão industrializado torcido e tingido;
 - Extinção da fiação e tingimento manual;
 - A derrubada do Pé de Tamboril que abrigava a feira livre e a construção do Galpão das Teceloas;
 - Surgimento do associativismo - apoio e incentivo dos alemães, Ongs e políticas públicas;
 - A derrubada do Galpão das Teceloas, a construção do Centro do Artesão e o domínio das lojistas.

Século XXI

- Redução da atividade com tecelagem manual: diminuição do número de teceloas ocupadas e da produção;
- Introdução das redes industrializadas no mercado local;
 - Invisibilização progressiva da profissão e do saber-fazer;
 - Resistência silenciosa das teceloas e da tradição
 - Implicação de um Plano de Salvaguarda do saber-fazer da TeMa

HISTÓRIA

(Contem sobre as origens e transformação do saber ao longo do tempo)

Para contar a história da TeMa desde as origens, trajetória e transformação do saber ao longo do tempo optou-se por dividir a secção em subtítulos que não seguem uma ordem cronológica rigidamente, visto que as narrativas primam pela atemporalidade e por vezes até uma ideia de desterritorialização ou rememoração do antigo território. Destarte, o tempo para as teceloas é subjetivamente afetivo e tem como parâmetro as relações e acontecimentos pessoais, familiares ou ligados à profissão.

Os relatos mostram que em Pedro II o Tear de Três Panos e do Tear de Parede coexistiram harmoniosamente. Não foi identificado, todavia, os tipos de redes, nem dos teares, trazidos para Pedro II pelos possíveis índios tapuias tabajaras, identificados como habitantes, no século XVI dessa região, citada nas inferências da professora Sarah Mourão, (Disponível em: Wikipédia https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_de_Ibiapaba), para a região de cá. Por extensão, inferiu-se o que Cascudo (2003) afirma sobre a etnografia da rede de dormir em Pedro II.

O tear perpendicular aruaque foi responsável pela indústria das redes de dormir. Recebeu pequenas modificações pelo contato com os teres de Portugal. Já na primeira metade do século XVII as mulheres portuguesas teciam redes e por elas tivemos os acréscimos nas hamacas tradicionais. (CASCUDO, 2003: 132)

Sabe-se por Câmara Cascudo da herança indígena do nosso Tear de Parede, o “Tear Aruaque” feitos de madeira e suas primitivas redes como produtos, assim descritos:

Era perpendicular e não horizontal como os europeus, e da altura da tecedeira, na média do 1,60. Ali dispunha-se o fio de algodão, fiado em fuso rústico, e a tarefa começava de baixo para cima, da parte inferior para a superior. Esse tear pertence ao tipo que Nordenskiöld, apoiado em Max Schmidt, indicava como pertencente e divulgado pelos Aruaques, espécimen legítimo da Aruakkultur, não existente no Peru e que não poderia ter sido introduzido pelos Brancos e nem pelos Negros. (CASCUDO, 2003: 132)

São deles também, os registros sobre a interferência católica no aprimoramento do saber-fazer. Expressões como uma “rede mais unida” utilizada por Câmara Cascudo, é aqui interpretada como sendo uma ressignificação da *ini*.

Quem primeiro denominou a hamaca sul-americana de rede foi Pero Vaz de Caminha e temos a data exata da nominação; segunda-feira, 27 de abril de 1500[...] é o primeiro registro em língua portuguesa: *uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam*. Não perguntara aos donos da casa que nome havia. Impôs-lhe alcunha portuguesa[...] O nome velho seria INI e ini registraram os estrangeiros, Hans Staden, Jean de Lery, André Thevet, Claude de Abbeville, Jean Nieuhof... [...] (CASCUDO, 2003: 22)

Um exercício de imaginação histórica supõe-se que uma “rede mais unida”, como se refere Câmara Cascudo, seria uma rede tecida com uma *trama*^G mais *batida*^G, de pontos mais fechados, de *teçume*^G mais unido, o contrário de uma *tifanguinha*^G, para usar um termo/conceito que se escutou das tecelões e que faz lembrar um pouco a *ini*, enquanto peça utilitária simples e objetiva. Das nossas *tifanguinhas*^G pensa-se que pelas circunstâncias e condições favoráveis possa ter evoluído para as primeiras versões das Redes Caroá, simples, pequenas, utilitárias, fáceis de se transportar em

qualquer *trouxa*^G ou *matulão*^G, e hoje quase extinta de acordo com a memória coletiva, como veremos mais na frente.

“A Rede Caroá foi deixada de lado. Nem se usa mais não. São muito antigas A Caroá é diferente da Rede Batida, porque esta é só abrindo e fechando o *liço*^G, e a Caroá até no enliçar é diferente. Acho que eu nem sei mais fazer a Rede Caroá” (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 42:55)

Pressupõe-se que ela tenha chegado por Pedro II da mesma forma que se espalhou pelos rincões do Brasil colonial.

As mulheres e moças indígenas nas aldeias ou missões orientadas pelos padres jesuítas aprenderam a tecer mais cerradamente. E as que viviam ao redor das vilas e frequentavam as “ruas” tiveram essa prenda [...] no Rio Grande do Norte, ao redor de 1757, ensinavam a coser e tecer à cunhãs e cunhatãs, regularmente [...]

A rede de malha unida é presença de mãos portuguesas. Depois a técnica derramou-se por toda a parte (CASCUDO, 2003: 25)

De acordo com fontes orais as primeiras pedrossegundense que aprenderam a arte da tecelagem manual foram as irmãs Judite Cordeiro de Oliveira, Maria Adélia Cordeiro de Oliveira e Júlia Cordeiro de Oliveira, filhas de Francisco de Sales Cordeiro, um dos homens mais influentes do município e de maiores posses de terra da época. Às irmãs cordeiro coube a função de repassar o saber-fazer para as pessoas que trabalhavam com elas e estas, por sua vez, deram continuidade ao processo de transmissão do saber aos parentes, amigos e interessados. Foi-se desta maneira difundindo-se o modo de fazer da rede de dormir e certamente, também, do tear. Todavia, não foi possível identificar nas fontes pesquisadas, de qual tipo teria sido o primeiro o tear introduzido pelo Monsenhor Lopes.

José Luis de Araújo, após pesquisas sobre o Tear de Três Panos em Pedro II afirma:

Quanto ao início da confecção de redes a partir da emenda de panos estreitos, obtidos no tipo de tear referido, não se sabe precisar ao certo quando e onde isso começou, pois, a fabricação inicial de redes e de sua vulgarização, parecem estar muito mais ligadas ao outro tipo de tear que já era utilizado. (ARAÚJO, 1985: 48)

Abstrai-se da informação a primogenitura do Tear de Parede que somada às inferências populares de que já na época da introdução do primeiro tear existiam vários *pontos de redes*^G, isto é, técnicas de como fazer diferentes modelos de redes, entre eles “Olho de Pombo”, “Catado”, “Ponto de Colcha”, “Capuerãna” ou “Tapuerãna”, o de “Duas capas”, hoje praticamente extinto, e o ponto “Caroá”, mais rústico e tão belo quanto os outros, amplamente difundido e comercializado décadas atrás e hoje bastante desvalorizado, de acordo a história viva. Atualmente para além dos pontos acima citados, destacam-se: “De Ramo” ou “Furadinha”, “Coentro” ou “De Tala” e a rede

“Da Moda”. A expressão “Da Moda” foi introduzida na década de 1970 por influência da Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II, para ressignificar a Rede Olho de Pombo, que juntamente com a Ponto Catado e a Tapuerãna destacam-se como pontos típicos da região, sendo a Tapuerãna, hoje, bastante apreciada.

O percurso da Tecelagem Manual da rede de dormir tem mais de um século de história e perpassa pela trajetória de milhares de vidas em Pedro II. Vê-se que o tecido urbano e rural do município foi urdido nos teares manuais da economia silenciosa de teceloas invisíveis, guerreiras da resistência como detentoras do saber-fazer.

Pedro II é uma cidade que tece, tece sem parar. Mostra assim uma vocação, um traço de singular e singela beleza no seu trabalho criativo, nas cores alegres expostas no mercado público, nas ruas, numa festa de vida e cor que brota da alma do povo [...] em formas geométricas e desenhos de pássaros, uma prova incontestável da presença do índio reaproveitada, recriada, por elementos culturais das nossas raízes portuguesas (Fonte: BENÍCIO, Sarah Maria Mourão Benício, acervo: “Museu da Roça, em Pedro II)

Considerando que Pedro II é também Serra Grande, uma extensão da Serra da Ibiapaba, ligação do Piauí com o Ceará e a existência na região Ipuçaba, de numerosas tribos indígenas adeptas do uso da rede e sobre um possível legado, a prof.^a de língua e literatura Americana da UFPI, Sarah Mourão faz inferências sobre a historicidade do bem cultural de que

A tradição indígena nos trouxe a rede. É costume de o índio descansar não em jiraus, mas em redes [...] E a nossa rede de Pedro II veio através da Serra da Ibiapaba [...] mais tarde aperfeiçoada e diversificada na sua tessitura, nos pontos, nos usos variados para a vida prática [...] (Fonte: BENÍCIO, Sarah Maria Mourão Benício, acervo: “Museu da Roça, em Pedro II – PI)

Da Origem a um breve panorama atual

Os relatos registram a existência do saber em todo o município de Pedro II - PI. Diz-se, também que a tradição é de longa data, algumas mestras teceloas afirmam ser do “começo dos tempos” e a maioria enfatiza que quando se entenderam por gente os teares já existiam porque vem de muitos tempos.

“Na zona rural e urbana, as pessoas mais velhas já conheciam o saber e todas teciam, mais a gente não sabe de onde veio” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 5:22).

Para a produção das redes usa-se um Tear de Parede, um Tear de Três Panos e um Tear de Batelão.

Hoje predomina o uso do fio industrializado que já vem torcido e tingido a gosto das tecelões e encontra-se com facilidades nas casas de comércio local. Tal fato alterou profundamente as relações de trabalho e o processo produtivo, como veremos posteriormente ao se tratar das etapas e fases da confecção da rede. O preço combinado do fio no início da pesquisa custava R\$ 11,00, no final, R\$ 13,00.

“Troca de serviços”

As narrativas trazem, com ares nostálgico, uma prática muito comum até duas décadas atrás entre tecelões era o trabalho solidário em grupo, onde era comum se ‘fazer um serviço pelo o outro’, ou ‘uma pessoa pela outra’ caracterizando a “troca de serviços” que é uma expressão para caracterizar uma forma não assalariada de produção grupal. De maneira informal forma-se um grupo de tecelões que se juntavam nos finais de tarde, ou de acordo com a conveniência para aprontar as redes uma das outras, trocando serviço. Nas rodas de troca de serviços fazia-se coletivamente uma rede por vez e todas se encarregavam de uma tarefa diferente e complementar ao mesmo tempo na mesma peça de rede, enquanto uma fazia a costura, outra *prifilava*^G ou trançava, por exemplo. Até que todas as tarefas sejam feitas e as redes de todas fiquem prontas.

A rede era peça que juntava as mulheres em rodas produtivas e de conversa, ou palestra descontraída enquanto se trabalha nos *acabamentos*^G da rede. Quando jovens as mestras se referem à atividade nos fins de tarde ou *boquinha da noite*^G como uma atividade prazerosa, momento de descontração de mulheres trabalhando reunidas. Hoje ainda se vê alguns relatos da experiência resistindo o tempo do lucro pelo lucro e as mulheres se organizam de forma coletiva com pensamento e objetivos solidários. A troca de serviços pode ser também durante a etapa da tecelagem propriamente dita:

“Às vezes eu e Maria do Carmo (tecelões vizinhas na Comunidade Martins) trocamos serviço para ajudar uma à outra quando estamos aperreadas para tirar uma rede. Ninguém paga com dinheiro porque todo mundo tem sua rede para tecer, paga-se com serviço. É bom quando vamos tecer de duas porque não dá preguiça” (Maria de Lourdes Sousa, 13/08/2016, 4:58).

A troca de serviços é também uma troca de tempo e disponibilização de mão de obra especializada. A memória de uma prática cultural de trabalho solidário secular quase suplantada pelas relações capitalistas de assalariamento, desafia as possibilidades de convivência e produção alternativa no sistema capitalismo sem depender única e exclusivamente do dinheiro e das relações baseadas no assalariamento, uma espécie de escambo indireto, muito comum nas atividades campesinas de um tempo não muito remoto, com exemplo particularmente específico como o caso das farinhadas onde não existia relação de assalariamento, todo serviço feito coletivamente em regime de mutirão

se pagava com produtos da farinhada. Hoje vê-se um hibridismo com predomínio das relações capitalistas.

A Rede como fonte de renda e sustento das famílias mais humildes de Pedro II

“Nunca tinha acontecido isso de juntar duas redes, às vezes eu vendia até no tear” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 6:90)

Por muito tempo Pedro II teve uma economia ancorada na produção agropastoril e extrativista de subsistência. Hoje com maior IDH de sua história 0,571 e renda per capita mensal na faixa de R\$127,50 a R\$ 206,25 (fonte: IBGE 2015). A tecelagem manual, apesar de não configurar nas estatísticas, sempre esteve presente como complemento de renda e até mesmo como renda principal. “Estratégia de sobrevivência” em muitos momentos da vida de 100% das entrevistadas.

“Teceragem é meio de vida. Para mim é muito importante porque ajudou a criar meus filhos. Houve um tempo que a gente sobrevivia só do lucro da rede e dava, mas hoje não dá mais. Meus tapetes me ajudaram demais no sustento da casa” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 13:17)

A rede de dormir se apresenta como peça matriz utilitária da tecelagem manual em Pedro II. No parecer de Maria Luíza Vieira há algumas décadas atrás, “a rede foi ‘o carro chefe’ da feira livre no mercado de Pedro II, estimulava a produção e o comércio local. Em torno dela acontecia a comercialização dos demais gêneros, produtos locais e vindos de cidades e estados vizinho”. (Maria Luíza Vieira, ex-gerente do Programa de Desenvolvimento do Artesanato – Piauí - PRODART em Pedro II, 17/06/2016, 12:00).

“Houve um tempo em Pedro II que o homem só pegava em dinheiro quando vendia o legume e mulher quando vendia a rede. No meu tempo dos filhos pequenos eu passava precisão, não tenho vergonha de dizer que fazia uma rede e vendia para levar as coisas para casa (Anísa Alves de Sousa Oliveira, 17/06/2016, 33:10).

“A rede foi importante demais, era nosso sustento no começo da vida de casada. A renda de rede era a única renda que tinha. Os irmãos e irmãs mais velhos teciam para ajudar os pais criar os irmãos mais novos” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 21:33)

Em Pedro II o que se vê de mulheres dedicadas a tecelagem produzindo redes para vender é bastante expressivo. As narrativas enfatizam que atividade foi importante para a renda e sustento da família e da comunidade porque além de ajudar na criação dos filhos também contribuía com o sustento da casa das mulheres da classe baixa. José Luis Araújo (1982) estudando a produção artesanal da rede de dormir como estratégia de sobrevivência ressalta que o volume de produção

motivou até a existência semanal de uma “feira de redes”, fato único no Estado [...] (ARAÚJO, 1982: 25)

A pesquisa etnográfica de Câmara Cascudo (2003) sobre as Redes de Dormir afirma que rede para nordestino era labuta familiar.

Quem viveu no sertão do Nordeste até 1910 sabe perfeitamente que rara seria a fazenda onde a rede fosse objeto de compra. Era uma indústria doméstica e tradicional [...] (CASCUDO, 2003: 25-6)

Por ‘indústria doméstica tradicional’ entenda aqui “unidades familiares de produção doméstica” – UFPD. Viu-se que a prática acompanhava famílias de todas as classes sociais. No dizer das mestras teceloas “era a escola que a gente tinha”. As narrativas trazem a memória de pais preocupados com as prendas das filhas. Acontecia de se contratar mestras para ensinar em casa as moças que não vinham de famílias de teceloas ou se dedicavam à tarefa. As “mestras tecelonas”, termo usado pelas teceloas Antonieta Medeiros (89) e Chiquinha Medeiros (90), informantes para referir-se às suas “professoras da rede” Dona Tió e as irmãs Leocádio que entre as décadas de 1940 e 1990 produziam e repassavam o saber-fazer, principalmente os modelos Rede de Duas Capas e a Rede Ponto de Colcha.

As inferências levam a crer que a distinção nos tipos de redes produzidas e usadas pelas diferentes camadas sociais vem desde tempos mais remotos. As redes mais simples, como a caroá e a de três panos sempre foram mais populares. As mais luxuosas, como as redes de linha, bordada, coentro (de tala), duas capas, ponto de colcha, por exemplo, com varandas grandes, de grade ou de crochê, e acabamentos primorosos são do interesse especial da classe mais abastada, muito usadas para enxoval de casamento e presentes especiais.

[...] Comprava-se a rede mais larga, avarandada, bordada, “rede de casal”, às velhas donas que mantinham o artesanato obstinado. As redes menores, de uso comum, para latada, descanso, dormida de rapaz solteiro e de moça donzela, eram, quase sempre, tarefa familiar. As redes bonitas, caras, destinadas a presentes ou uso em ocasiões de festas, eram as “redes do Ceará”, tecidas e acabadas com um bom gosto inimitável. O mesmo dizia das redes do Piauí, famosas, trazidas pelos comboieiros, veteranos na histórica Estradas das Boiadas (CASCUDO, 2003: 25-6)

Ainda hoje, como diz a lojista Maria Alves Pereira “o que dá o preço da rede é o acabamento e a qualidade da varanda”. De qualquer forma vender é uma tarefa historicamente à parte, é uma tarefa extra do processo produtivo.

Teceloa gosta mesmo é de tecer. Vender redes de dormir na Terra da Rede exige um *aprifilamento*^G estratégico e quem tece sozinha enfrenta muitos desafios no percurso do fio ao punho e do punho à venda, entre eles suspender a *trama*^G e sai de casa para fazer a venda.

Vera Lúcia dos Santos Pereira diz que “vende quem tem novidade, qualidade e sabe vender” (17/06/2016, 28:10) e compra, acredito, quem sabe o que é o produto, conhece o processo e a técnica de fabricação, e sabe pelo o que está sendo cobrado. A venda é uma habilidade a ser desenvolvida de acordo com a divulgação do produto.

Algumas consideram que “no tempo do Pé de Tamboril”, até 1972, era a melhor época para vender rede. Muitos compradores interceptavam as mulheres no meio do caminho da vinda para a feira com o intuito de escolher as melhores redes para comprar

Entende-se que os compradores especializados escolhem a rede considerando a história dos locais de produção, das tradições dos modelos, competência, habilidades e fama das teceloa. Percebe-se o domínio do mercado sobre o conhecimento do produto, principalmente as redes ornamentais e dos lugares de produção, atendia as exigências do mercado pela qualidade e beneficiava principalmente o mercado da matéria prima que vivia em função das boas Redes de Pedro II, sem preocupação com o comércio justo e a garantia de dignidade às teceloa.

A feira já foi considerada um ponto forte de venda da rede de dormir em Pedro II. Hoje, a feira livre das sextas-feiras no Mercado do Artesão, apesar de ser o único ponto público de venda, afirma-se que não é mais a melhor opção para a teceloa. Frequentemente dizem ser a feira de hoje muito fraca. A melhor opção seria mandar para outros lugares de venda fora do município do que vender pelo preço dado pela feira.

“Além do Tamboril, melhor assim”

“Fazer rede para vender na feira hoje não tem mais sentido não,
é difícil vender, bom era no tempo do Tamboril”
(Anísia Alves de Sousa Oliveira, 17/06/2016, 8:25)

A frase que nomeia o subtítulo foi estampada na parede do galpão que passou a ser conhecido como ‘Galpão das Artesãs da Rede’ em 1972. O galpão foi o primeiro espaço físico destinado à comercialização das redes das teceloa de Pedro II, após um século de existência do saber-fazer no município. Antônia Castro (2013), educadora experiente descreve detalhes da feira livre da época:

Desde que me entendi conheci a feira de Pedro II aos sábados, com características muito próprias, debaixo daquela imensa árvore secular (...) quando foi derrubado, (em 1972) houve quem avaliasse a circunferência

do tronco do tamboril em seis metros e a altura em quarenta. (...) A imensidão daquela copa abrigava um enorme aglomerado de pessoas, mercadorias e animais, cada qual no espaço espontaneamente delimitado, juntos, mas não se misturavam. Encostado à parede do mercado e ao comércio do senhor João Matias, os enormes volumes das artesãs de rede de dormir” (CASTRO, 2013: 178)

Na feira, as teceloas, como todos os feirantes, ficavam com as redes na cabeça ou no chão esperando venda. Em 1972 foi derrubado o Pé de Tamboril e construído um galpão, anexo ao mercado público, destinado a abrigar as artesãs, frejeiras e demais feirantes para a comercialização dos produtos. Era um espaço aberto e amplo que facilitava o trânsito dos feirantes e compradores. Algum tempo depois, (1982) o espaço foi estruturado com os calçadões no entorno, ganhou um painel de 5m² do artista plástico João Batista Cruz em um dos paredões internos do galpão retratando o saber-fazer. Uma estátua de concreto homenageando as artesãs da feira livre de P II foi fixada no calçadão onde transcorria a feira de gêneros.

Em 2007 o Galpão das Artesãs foi derrubado e no lugar ao Mercado do Artesão. Obra construída pelo governo estadual, através do Ministério do Turismo e contrapartida da Prefeitura Municipal. A bem da necessidade, considerando a diversidade de atividades artesanais existentes em Pedro II, a coexistência dos três espaços talvez fosse suficiente para atender a todos com justiça, divulgando, expondo e vendendo os produtos.

A história nos mostra que a pouco mais de uma geração atrás a transmissão do saber estava assegurada pela cultura da convivência, a aprendizagem dava-se quase naturalmente porque o convívio ensinava. Como diz Lucimar Martins da Silva:

“Quando dei por mim, estava em cima de um Tear de Três Panos e ainda só era uma criança” (04/07/2016, 16:48).

Porém, não tem como acompanhar a *trama*^G da história sem uma *urdidura* mínima de estruturação do saber-fazer local. “Além do tamboril”, diga-se de passagem, pouca coisa mudou em termos de fortalecimento do Saber, vê-se muitas simbologias e romantismo nessa *trama*^G histórica. Uma feira debaixo de, um Pé de Tamboril, árvore símbolo da cidade e todo o encanto da espontaneidade da tradição e herança cultural chamam a atenção de fato, mas, por si só não tem conferido visibilidade às teceloas, por exemplo. Vê-se, posto um *ramo*^G mais enfeitado que os fatos históricos e sociais reais, *prifilado*^G nos *acabamentos*^G dos discursos e imagens que sustentam a resistência da “Rede de Pedro II”.

***Priflando*^G a comercialização da rede de dormir em Pedro II**

A comercialização da rede é certamente o assunto mais presente nas narrativas das teceloas. É a etapa que liga o fim de uma meta produtiva e o começo de outra, ela nos dá a compreensão cíclica do processo produtivo e pode carregar consigo dificuldades embutidas das etapas anteriores. É uma etapa decisiva com poder de provocar mudanças estruturais e conjunturais na forma original de organização do processo produtivo, as UFPD. Pela comercialização surgiram elementos novos em funções antigas dos processos básicos da tecelagem, a exemplo dos casos de terceirização de produtos e serviços, divisão e abandono de algumas atividades das etapas de confecção da rede, até a compra de serviços e de adornos adicionais.

As tão faladas “mulheres que encomendam redes”, assim como atravessadores, lojistas e viajantes são figuras desenhadas pelas dificuldades que a teceloa tem para vender seu produto pessoalmente, ou seja, eles têm sido uma consequência inevitável, visto que a venda leva tempo e exige um conhecimento específico que a maioria das teceloas não dispõe e nem domina. Sabe-se das dificuldades em se desenrolar todas as meadas do processo de produção e comercialização da rede, desde pensar a produção até o transporte e a venda. Alienar a produção de redes das teceloas, dá-se, certamente de várias formas. Quase sempre a rede aparece desvinculada de quem a produziu. Tecer a rede completa só por encomenda, ou tecer só o pano de rede, são apenas umas delas.

“Nunca gostei de tecer pano de rede para os outros. Gosto de fazer a rede completa. Só na necessidade, quando estava ruim para a rede, é que eu pegava fio no Avelino Pinheiro e ele pagava o feitiço da rede que eu entregava sem varanda. Nem para eu levar para a feira uso colocar varanda porque sai muito caro, porque nesta rede t tapuerãna tem que ser varanda boa” (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 7:33)

Nas UFPD identificadas pela pesquisa, a divisão de tarefas é compartilhada de maneira que a realização de todas as etapas seja abreviada, reduzido o tempo de serviço e aumentando a produção. Destaca-se nesta forma de organização da produção, a co-presença e co-participação dos homens, companheiros ou filhos das teceloas, como força de trabalho complementar. Exemplos expressivos identificados por este Inventário e que fizeram parte do grupo referência de estudo da pesquisa e outro aí identificados pela teia interativa de informações, como a mestra Aparecida Costa e Sr. João Neto na localidade Terra Dura.

Quando a teceloa se viu quase sozinha, sem a ajuda dos filhos ou sobrinhos ou irmãs e marido, abriu mão de vender seu produto pronto e acabado para não abrir da tecelagem. É aí que surgem os “arranjos produtivos” que favorecem a continuidade da produção independentemente de uma reflexão sobre as mudanças implementadas; nível de melhorias, fragmentação da produção, riscos de perda de identidade e em muitos casos desaparecimento das unidades produtivas.

“Quando a família tece, apronta e vende junta, mãe e filhas ou mãe e filhos, mãe filhos e esposo, parte da venda é para reinvestir e a outra parte é para sustento de casa. Quando as moças querem para elas mesmas, aí tecem a mais. Quando a rede é minha é da família, quando era delas era só delas, para comprar roupa, calçados, perfume (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 37:09)

“Faço a varanda e boto na rede porque se eu for pagar alguém para fazer, fica mais difícil, ainda mais agora que está ruim para vender” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 0:38).

Vendo por outro ângulo percebe-se que a divisão em etapas agrega mais gente à atividade e mantém a típica divisão social de trabalho da confecção da rede, agora não mais entre indivíduos familiares, mas com terceiros ou “estranhos”, ou seja, aquele que não é da família. Diz-se ainda da preservação da independência das produtoras, pelo direito de escolher de que forma seguir com a produção. De toda e qualquer forma são intervenções positiva no sentido de dar ênfase à dimensão da vida e continuidade do saber-fazer. O hibridismo é uma tônica em vários momentos históricos e culturais da TeMa.

A comercialização, a aquisição da matéria prima e o transporte são fios de meadas que se ligam entre sincronias e diacronias para os lugares de produção. São fatos, acontecimentos e situações que transcendem o tempo, provocam mudanças ou simplesmente parecem estar fora do tempo e do espaço, desterritorializadas, de tão peculiares e ao mesmo tempo diferentes em termos de organização social e perspectivas dentro de um mesmo território.

As narrativas contam que a primeira sexta-feira de maio, de acordo com a condição do inverno, era feira grande. Se o inverno fosse bom tinha venda boa para a rede, assim como para vários outros produtos e gêneros alimentícios. Se o inverno não correspondesse às expectativas, restava, esperar as vendas melhorarem com o passar do tempo. Como um fio de esperança o mês de maio era carregado de simbologia e alegrava tecelões e familiares, afora isso, supunha-se que o balanço de uma rede aliviava bem o calor do sertão [...] “de mato das capoeiras, onde caem as folhas murchas do sol quente de fins d’água” (Genuíno Sales, 1988: 47). Possivelmente a crença guarda relação ou coincidência com “os fins d’água”, expressão usual, ressaltada pelo professor Genuíno Sales para caracterizar o fim do período de chuva que corresponde ao mês de maio aqui em Pedro II, região serrana de transição entre o sertão e o meio norte do Brasil.

Não resta dúvida que o fato se relaciona com o índice pluviométrico, a boa distribuição de chuvas no inverno e uma produção agropecuária satisfatória, que trocada em reservas aumentava o poder de compra das pessoas do lugar e favorecia as vendas das redes. O mês de dezembro, quando acontece o festejo da padroeira católica de Pedro II, também era considerado, depois do mês de maio como o mês dos noivados, casamentos e batizados. A moldura revela dezembro e maio correspondendo ao período que corresponde ao começo e fins d’água no semiárido nordestino.

Chuva no sertão é alegria na certa. As narrativas enfatizam, mais ou menos três décadas atrás, quando o período correspondia aos planejamentos de comercialização de vários produtos, entre eles a rede para consumo local e revenda em outros municípios do Piauí e estados vizinhos como o Ceará e Maranhão. Hoje muitos afirmam, não ter mais isso, dizem que os tempos mudaram e que todo mês é igual, outros, porém, dizem observar e dizem que o fato só não aconteceu nos últimos três ou quatro anos.

Maria Alves de Oliveira, ativa sócia e fundadora da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, refere-se à comercialização da TeMa no lugar de fala de uma ativista do segmento associativista pelo artesanato local, da seguinte forma:

“Não existe um período do ano específico, qualquer mês pode ser um tempo bom porque a gente trabalha por encomenda, nossa demanda pode ser qualquer dia para o cliente de fora. Agora para o comércio local o período bom é o Festival de Inverno.” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 7:00)

A feira em 1982 era o principal local de vendas da rede para 53,3% dos grupos residentes na ZU e 42,4% na ZR (ARAÚJO, 1985:118 – Hoje as tecelões dizem vender mais para lojistas, “o Mercado do Artesão é na verdade um Mercado de lojistas” afirma a teceloa Maria Alves de Oliveira. O relato vai ao encontro do que se viu, durante as oficinas de escuta realizadas no Mercado do Artesão em dia de feira, foi teceloa entregando fardos de redes aos lojistas ou esperando fazer a venda. Ver foto da ficha do Projeto

A comercialização da rede na Feira de Pedro II caminhou, todavia, na via oposta a organização e crescimento da categoria, assim como da melhoria de vida das tecelões, via de regra, deslocadas de seus produtos. Enquanto a rede se mostrava imponente e vistosa identificando o lugar como a “Terra da Rede” a teceloa trabalhava dia e noite no anonimato dos alpendres, puxadinhos e fundos de quintal e quando não, povoavam estradas, veredas e ruas nas madrugadas dos dias de feira com *trouxas*⁶ de redes e novelos de fio na cabeça ou no chão do tamboril esperando o comprador chegar e “botar preço” para comprar o melhor produto sempre o mais barato possível e levar consigo uma peça sem os merecidos créditos. Dizem muitas tecelões que a feira nunca favoreceu o crescimento real delas e nem do saber-fazer porque não existia um planejamento voltado para o desenvolvimento do setor. O atravessador é um revendedor de redes que se transformar no maior consumidor e controlador de preços visto que sempre exige preços baixos.

A logística para fazer chegar a matéria prima até as unidades produtivas distribuídas na zona rural, assim como transportar o produto até os lugares de venda, tem melhorado lentamente à medida que o poder público implementa melhorias na infraestrutura das estradas vicinais e as iniciativas particulares cuidam da logística dos transportes de gêneros, produtos e pessoas de maneira geral.

Sabe-se que hoje a matéria prima e os elementos adicionais são ofertados no comércio local com facilidade. A princípio e até por volta de 1980, os vendedores de fio e linha costumavam ser também os grandes compradores de rede, destacaram os nomes dos comerciantes Nelson Rodrigues e Avelino Pinheiro com lojas localizadas no centro da cidade; Sr. Francisco Café, na localidade Goiabeira e o Sr. Nonato Sotero no Rodrigo. Aos poucos tornaram-se grandes comerciantes trabalhando exclusivamente com a venda de matérias primas para redes e representantes políticos locais. A influência e poder de acesso às centenas de mulheres tecelões possivelmente se revertia em poder de voto.

Maria Luiza Vieira, ex dirigente do Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART- PI) no município e defensora da organização social e política da categoria, ao compartilhar informações, observa que a Rede de fio de algodão além de estimular a produção e o comércio local, também estimulou a projeção política no cenário local de figuras do Comércio da Rede. Por outro lado, e contraditoriamente as propostas de governo e as políticas públicas municipais são acanhadas, quase ausentes na projeção do saber-fazer em questão e da categoria das tecelões.

Uma clientela cativa é sinônimo de renda mensal garantida para um comerciante. José Luis em suas pesquisas com essa temática, nas décadas de 1980 e 1990 afirma que vendedores de fio em Pedro II, na década de 1980 chegavam a ter 100 freguesas certas comprando fio semanalmente. (ARAÚJO, 1995: 207). Raras vezes viu-se uma tecelão estocando matéria prima ou redes, primeiro, que hoje é mais fácil adquirir o fio na hora que precisar e segundo que a compra do fio é feita, pela grande maioria das tecelões, com o lucro das vendas de redes na feira ou a prazo com acordo verbal. Fala-se das práticas comuns, há três décadas, do comerciante trocar fio por Redes de Três Panos, do aviamento do fio para as tecelões com intermediação de viajantes vendedores de redes ou, então, do comerciante de fio que vendia a prazo confiando receber seu pagamento com a venda da rede. São estratégias específicas do lugar, utilizadas como dinâmicas de sustentabilidade do modo de fazer pré-capitalista, com sistema de troca não envolvendo dinheiro em um mundo capitalista para facilitar a convivência do saber-fazer e a falta de capital de giro que ainda assola a grande maioria das tecelões. A venda do fio prazo é recorrente, porém, a linha de algodão, requer maior investimento, então, a tecelão prioriza encomendas de redes de linha por compradores certos, sejam lojistas ou terceiros, normalmente para revender em outros municípios ou Estados ou presentear pessoas e ocasiões especiais. Existem as tecelões especialistas em fazer redes de linha.

“É difícil tecer uma rede de linha hoje porque é muito cara, custa mais de R\$ 400,00, a gente só tece quando é por encomenda porque o investimento é muito grande.” (Fca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 8:33)

Os vendedores de fio certamente são um grande suporte à produção das Redes de Pedro II, porém, mais certo ainda é a desproporcional pobreza das tecelões versus crescimento do poder de compra dos vendedores de fio. Até parece os velhos padrões das relações capitalistas de assalariamento entre patrões e empregados onde a acumulação de capital dos donos dos meios de produção cresce vertiginosamente em detrimento da força de trabalho mal remunerada. Vê-se claramente a contradição, invisibilidade das detentoras do saber e exploração da mão de obra e supervalorização dos bens industrializados. Enfatizando, viu-se pelas narrativas um exemplo típico, na década de 1990 o lucro da venda de uma rede de três panos de uma tecelão que vinha a pé da Palmeira dos Soares fazer venda na feira, era de R\$ 2,00 por rede, hoje há quem lucre apenas R\$ 8,00

Para compreender o *apriofilamento*^G da comercialização da rede de dormir em Pedro II é imprescindível refletir sobre questões estruturais e conjunturais em torno da TeMa, visto que ela está inserida dentro de um contexto sócio cultural e histórico. São várias nuances de uma mesma etapa. Viu-se que a feira como principal lugar de venda da rede para a maioria das tecelões guarda relações com outras situações peculiares. Além dos aspectos vistos anteriormente somam-se ainda o fator transporte e apoio logístico às tecelões da zona rural.

Para se chegar até o espaço da feira, a tecelão que decide fazer pessoalmente a venda da sua produção ou da produção familiar ou ainda a produção de um determinado grupo de mulheres, articula uma logística de transporte que ofereça o menor custo possível. Considerando que não existe *carro de linha*^G do centro para toda localidade e que o preço da passagem pode variar muito dependendo do dia e das condições do transporte é preciso planejar bem. Se não existir transporte direto, não compensa fazer baldeação (mudar de transporte) ou pagar o moto taxi, porque o “lucro” da rede não compensa, então ainda hoje tem tecelão que faz trechos até a pé. Quando existia transporte, os chamados carros de linha, os problemas das tecelões já eram de outra ordem, pois não compensava pagar passagem para vir a todas as feiras vender as redes porque o lucro da rede era muito pequeno e as passagens caras, mesmo que não fosse cobrada taxa a mais pelo transporte da rede ou o fio. Era inviável vir pessoalmente todas as feiras para vender poucas redes, perdia-se dinheiro e tempo precioso para a produção.

A feira que acontecia sempre aos sábados e aos poucos foi mudando de dia. Hoje já não acontece no sábado, é na sexta-feira. Os relatos supõem que o fator da mudança tenha sido a relação com o movimento bancário e a circulação de dinheiro nas datas de pagamento do funcionalismo público, aposento e bolsa família, em um dia útil, a sexta-feira, o dinheiro que circula contribui com a melhoria das vendas. A situação despertou a solidariedade e visão dos comerciantes que possibilitavam o armazenamento seguro e gratuito das redes em seus comércios que funciona como pontos de apoio, uma espécie de depósito para as tecelões guardarem seus pertences até sua

próxima vinda à feira. Em contrapartida, como forma de agradecimento estabelecia-se uma relação de compadrio e garantia a fidelidade da freguesia que passava a comprar do comerciante todos os mantimentos de casa e pessoais. A atitude era eficaz visto que para muitas localidades do município não havia o transporte típico das feiras livres, os *carros de linha*^G ou carros de horário. Sem transporte e sem depósitos de armazenamento, as redes e as trouxas de fio seguiam para casa na cabeça das teceloas ou dentro dos jacás no lombo dos animais de carga, éguas, cavalos e jumentos. Hoje vê-se que os comércios continuam com a estratégia não só para teceloas, mas uma data comunidade. Os *carros de linha*^G, por comunidades, marcam seus pontos de encontro dos passageiros na frente dos comércios o que lhes reserva tempo para compras, normalmente o comerciante tem parentesco com alguém do lugar.

“Quando cheguei em Pedro II (década de 1970) vinda do Tamboril, zona rural de Pedro II, para morar aqui, para ver se melhorava a condição de trabalho, eu carregava, na cabeça, sacos de 30k de fio que comprava no centro da cidade e levava até minha casa no bairro Vila Kolping, são mais de 2km de caminhada” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 5:30)

Alternativas para enfrentar a dificuldade de vendas surgiram e se legitimaram ao longo do século com variações e atenuantes. Viajantes, por exemplo, não são vistos como atravessadores. Atravessador é quem vem de fora pegar o produto para revender, às vezes pegando na casa da teceloa, procurando o menor preço possível visando obter com a revenda a maior margem de lucro possível. O viajante é quase sempre um conhecido morador do lugar ou de um lugar próximo às unidades produtivas que leva as redes das teceloas para vender dentro ou fora do município. Existem mulheres na atividade, porém é mais comum de ver a presença masculina para viagens mais longas e fora do Estado.

“Eu acompanhava o papai vendendo redes no Maranhão e depois passei a viajar sozinha. Morei em Imperatriz no Maranhão e vi que lá tem muitas lojas de rede de Pedro II pertencentes aos Matias do Centro dos Gomes” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 39:01)

“Meu tio que faz a venda em Esperantina, levou umas redes para entregar, mas não trouxe nenhuma encomenda não, acho que é por causa da crise. ” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 11:25)

Outra estratégia para driblar os custos de produção e facilitar a vida das teceloas, como elas mesmas dizem, é a prática de venda da produção de um grupo de teceloas, diretamente ao comprador. Uma teceloa por vez se responsabiliza por trazer para vender na feira todas as redes das colegas da comunidade rural ou bairro da cidade. Pode ou não existir uma contribuição de r\$ 2,00 ou r\$ 3,00 por cada rede vendida repassada a quem faz a venda, a decisão é sempre coletiva. Vê-se que o exemplo pode envolver parentes e não existir a taxa. De qualquer forma o grupo paga

a passagem da vendedeira do dia. A prática é mais comum quando quem vai até a feira vender não tece mais, por motivos variados, e decide cuidar só de vendas. Ou simplesmente a ação é baseada na base da troca de serviços, conforme já tratamos anteriormente, cada dia de feira vai uma das mulheres fazer a venda da produção de todas que se agrupam para essa finalidade.

Mas, a forma predominante é a venda de redes para as lojistas. O processo funciona como uma casa de empenho que não paga no ato da entrega. Deixa-se a rede na loja e quando ela é vendida, repassa-se o valor combinado à teceloa, que varia de acordo com o tipo, tamanho, peso e matéria prima empregada na rede. Às vezes é preciso fazer três viagens no mês para receber o dinheiro de uma venda grande.

Vê-se, pelos exemplos emblemáticos, uma tessitura de improvisações respondendo às emergências que vão surgindo ao longo da trajetória da TeMa em Pedro II. O saber-fazer tem resistido bravamente e não desapareceu, apresenta-se intrincado na trama histórica e cultural das pessoas e do lugar, para absorvê-lo há que se percorrer muitas veredas entranhadas nos universos particulares de teceloa invisibilizadas pelo processo histórico e social.

O ramo^G associativista no urdimento^G da organização da produção da Rede de Pedro II

É notório que a Rede de Pedro II trouxe riquezas para muitas pessoas envolvidas em sua cadeia produtiva e de comercialização, mas certamente a riqueza não foi distribuída igualmente com as teceloa. A ausência quase total de políticas públicas locais voltadas para o setor produtivo da tecelagem manual despertou o interesse e ação de outras instituições e instâncias. As maiores influências e apoios particulares e filantrópicos vieram da ala confessional, Igreja Católica e dissidências católicas em movimentos sociais, organizações não governamentais e projetos sociais. As narrativas e informações colhidas dos segmentos revelam medidas expressivas e impactante para a continuidade do saber-fazer e crescimento da produção da tecelagem manual em anos anteriores.

A primeira Cooperativa de Pedro II foi a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II, criada em 1978 com apoio dos padres alemães, Lotário Weber e Norberto H. Herkenrath, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e do SEBRAE – PI. A sede da Cooperativa ficava no centro da cidade, onde também funcionava a loja com produtos que as teceloa produziam em casa. No início existiam 212 sócias inscritas e beneficiadas pela Cooperativa com investimentos para a compra da matéria prima, ensino-aprendizagem, aperfeiçoamento das técnicas tradicionais e diversificação da produção local. A Cooperativa funcionou até 07/03/1997, quando deixou essa razão social e passou a ser Associação dos Artesãos de Pedro II. (Fonte: Histórico da Instituição,

mímeo, sem autoria e sem data; arquivos da Associação). Nessa época houve uma redução no quadro de associados em mais de 50% e hoje o grupo conta com apenas 25 sócias, afirma Elzirene Lopes, professora da rede pública e responsável pelo setor de vendas da Associação.

As teceloas sócias e ex-sócias reconhecem a influência da Cooperativa no crescimento pessoal e profissional no que se refere a troca de experiências e aprendizagem adquiridas. Todavia, nada é ressaltado sobre a importância política e organizacional do grupo. A Associação existe até hoje e mantém uma loja de exposição e vendas no Mercado do Artesão. A sistemática de funcionamento é a mesma: fornece a matéria prima, pagar pelo serviço de tecelagem feitos pelas teceloas em suas casas, e fazer a venda dos produtos, redes e várias outras peças.

“Quando apareceu a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II a gente começou a trabalhar para ela, foram vários anos de trabalho para lá, depois quando eu saí, voltei a trabalhar para mim mesma, gosto das duas formas. A cooperativa tinha o lado bom da gente não ficar sofrendo para vender, era só chegar lá, entregar o produto e receber o dinheiro pelo serviço” (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 8: 02)

As narrativas das entrevistadas que participaram da Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II, nas décadas de 1970 e 1980, Alice Alves de Oliveira, Rosa Alves Soares Pinheiro e Anízia Alves de Sousa Oliveira nos informam que, no tempo da Cooperativa o volume de produção e de vendas era muito grande e havia menos pontos de venda de lojistas e menos atravessadores que hoje. Eram mais de 50 associadas divididas em grupos, cada grupo fazia um tipo de produto – tapetes, estolas, redes, mantas, etc – e tinha muitas encomendas e pedidos.

Alice Alves de Oliveira conta que a Cooperativa criava uns desenhos e dava para as cooperadas passarem para o papel e reproduzir modelos, às vezes, também, comprava peças em feiras e encontros de artesãs, para tirar amostras e servir como gabaritos. A Cooperativa não oferecia cursos de aperfeiçoamentos. “Quando era muito difícil as mulheres juntavam-se umas com as outras cooperadas para “bater cabeça até acertar”, diz Alice Alves de Oliveira.

Outra iniciativa de padres alemães foi a criação do Centro Social São José, ligado à Paróquia de São José Operário, localizada no bairro Vila Operária em Pedro II, na época ligada à Paróquia de São José Operário. No Centro funcionavam oficinas de aprendizagem de vários ofícios, entre eles o saber-fazer da tecelagem manual, além de funcionar como ponto de venda dos produtos. Os cursos dirigidos por freiras franciscanas destinavam-se à população local gratuitamente. O espaço foi grande aliado das artes, ofícios e saberes locais, favorecendo a transmissão intergeracional e o aperfeiçoamento profissional de jovens e adultos ao longo de mais de duas décadas, entre 1965 a 1990, quando durou as intervenções alemãs em Pedro II.

Seguindo essa mesma linha de atuação foi criada a Comunidade Kolping em Pedro II que atuou na capacitação profissional de artesãos em vários ramos e hoje financia microcréditos para a

tecelagem em Pedro II, através do Banco Popular Opala, o mesmo possui uma moeda local chamada rede opala.

Fontes orais revelaram a atuação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição também através de um projeto financiado pela Miséreor, instituição alemã apoiada pela Igreja Católica e Governo Alemão, conhecido como Projeto Social. O objetivo era a realização de um levantamento do número de tecelões existentes no município e a condição de trabalho das mesmas. Na segunda metade da década de 1980 foram catalogadas 5.000 tecelões em Pedro II. As ações do projeto contemplavam a introdução de trabalhos comunitários e formação de grupos de produção e associações. Formaram-se grupos nas localidades rurais Palmeira dos Soares, Gameleira, Fazendinha, Barroca, Lagoa de Sucuruju e Lagoa de São Francisco e no bairro Boa Esperança. Iniciou-se um processo de incentivo e fortalecimento de organizações associativas e de grupos de produção em Pedro II.

O Projeto, em tempos de crise econômica e períodos de estiagem e seca, financiava a compra de fio de algodão para tecelões carentes e compravam redes acima do preço da feira, afim de valorizar o produto. Apoiava mulheres tecelões em situação de risco através das ideias de economia popular e solidária na etapa de produção e comercialização. A iniciativa trouxe ideias de valorização do produtor e organização social da categoria e da produção que muito influenciou o ramo da tecelagem e agricultura familiar, ressalta-se a grande colaboração de Vitor Jun Arai e José Maria Saraiva no desenvolvimento do Projeto Social. (Fonte: Relatos orais de José Maria Saraiva, integrante do Projeto até 2003). Não foram identificados registros bibliográficos desse Projeto e nem o resultado do levantamento feito, em Pedro II.

Em termos de formação cidadã e despertar da consciência de grupo e de comunidade, o Projeto Social deixou resultados bastante expressivos. Um deles certamente é o exemplo da mestra | artesã Rosa Alves Soares Pinheiro, uma das integrantes do grupo referência de estudo desta pesquisa e grande representante do segmento do artesanato em Pedro II. Sua narrativa diz que, na década de 1980, quando a mesma foi apresentada à ideia de trabalho em grupo e aos Teares de Três panos e Batelão em oficina de saberes organizadas pelo Projeto Social, largou o Tear de Parede, com o qual trabalhava desde jovem e adotou as novas habilidades adquiridas com dedicação. A partir de então não teceu mais só rede, passou a consorciar a produção com peças menores e mais fáceis de vender, pois a produção doméstica na sua unidade familiar havia sido alterada desde sua e saída da casa dos pais, pela condição do casamento e cuidados maternos com os filhos e desempenho da função de professora da rede municipal que exercia na comunidade. Destarte, era uma forma de continuar com a tecelagem manual da rede de dormir, porém não mais exclusivamente, aprendeu que no “tempo ruim para a rede é preciso buscar outras novidades, ser

criativa e ter muita paciência, porque quem é rápido demais nunca aprende fazer coisas difíceis” (Rosa Alves Soares Pinheiro, 14:15, 17/06)

Ainda na década de 1980 a mestra Rosa Alves Soares Pinheiro saiu da Associação dos Artesão de Rede de Pedro II e decidiu nunca mais vender seus produtos na feira para atravessadores. Ingressou na Associação Comunitária de Produção e Consumo (ACPC). Identificou-se de imediato com a ideia do preço e comércio justo, aprendeu a contar as horas de serviço para “fazer o preço do produto” de forma consciente e tentou repassar às companheiras de ofício, diz não ter grandes resultados, em virtude da dificuldade que existe de conscientizar as mulheres sobre a importância para o artesão de como calcular o preço justo dos produtos. Hoje aposentada como professora, continua morando na Comunidade Gameleira e dedica-se ao artesanato com a mesma paixão, ainda que de forma individualizada.

“Na Palmeira dos Soares existiam grupos de produção incentivados pelo Vitor aquele japonês do Projeto Social, que passou por aqui, existiu grupos de artesanato mais não se segurou, não teve segmento, nem com gente nova, nem velho, nem para a manter a tradição. De 10 anos para cá ou mais, piorou muito.” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 6:13)

A origem da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II é outro exemplo de boas práticas e iniciativa com o saber da TeMa. Em verdade, é o melhor exemplo de experiência associativa de mulheres que existe em Pedro II. Daí a necessidade de aprofundar um pouco mais a história da Associação. Diz Maria Alves de Oliveira, sócia fundadora, que do Projeto Social receberam orientações sobre as formas de organização das Associações e sobre movimentação contábil. Como líder do grupo de produção, formado por tecelões e artesãs relata que antes da experiência as mulheres trabalhavam sozinhas e individualmente.

“A gente não se conhecia, morava na mesma rua e ninguém sabia nada uma da outra. Cada uma tecia e saía com sua rede na cabeça para vender na feira das sextas - feira, que era uma feira muito grande, só de artesanato, hoje só tem sol a sol” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 8:50).

O histórico que segue foi construído colaborativamente a partir das narrativas das protagonistas, dos apoiadores, tecelões, colaboradoras (es), incentivadoras (es) do grupo de mulheres. Até chegar, em 2000, como Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II e contar com 35 associadas, o coletivo de mulheres evoluiu muito, à medida que o trabalho no grupo foi amadurecendo. Por volta de 1990 eram apenas 8 mulheres trabalhando numa casa pequena, sem conforto, sem merenda, sem recursos e sem reserva de fio. Elas apenas acreditavam que trabalhando em grupo poderia ser mais produtivo do que cada uma em separado, visto que a vida toda de todas elas, tinha sido assim e nada parecia melhorar, era sempre a mesma cena, sexta-feira com a redinha na cabeça elas seguiam até a feira para tentar vender seu produto, ou praticamente trocar pelo fio da

próxima rede, de tão pequeno que era o lucro. Apoiadas e estimuladas por outras mulheres de visão, com Anna Maria Platen, Maria Cândida de Jesus e Adeodatada dos Anjos, ambas pertencentes ao Centro de Formação Mandacaru (CFM) e conhecedoras das ideias do Projeto Social, elas ‘juntaram o que tinham e decidiram caminhar de mãos dadas’, como diz Maria Alves de Oliveira, líder do grupo, e compravam matéria prima, produziam e vendiam os produtos de maneira coletiva. Anos depois receberam o apoio da Igreja católica que emprestou um quartinho, do galpão comunitário do bairro Saborá e continuaram unidas

Com a legalização da Associação o grupo cresceu em todos os sentidos. Ganhou mais sócias com os núcleos das localidades rurais São João e Barroca, ganhou representatividade, recebe formação continuada por instituições de fomento, como o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE-PI), adquiriu capacidade para negociar e conquistar novos mercados e um amplo espaço físico, simples, porém, adequado e equipado com vários teares e máquinas de costura para fortalecer o trabalho em grupo no lugar, onde também funciona a sede da Associação, construída com muito esforço e ajuda de instituições e comunitários. Em 2004 o núcleo do São João também consegue estruturar um espaço de trabalho na própria localidade. Pode-se dizer que está é a maior conquista que um grupo de teceloa conseguiu até o momento em Pedro II. Como tudo, as dificuldades são os desafios que o tempo traz. O de hoje, de acordo com as sócias ativas, é manter o atual quadro de 20 sócias, reerguer o grupo do São João e encontrar formas de repassar o modo de saber-fazer para geração mais nova. Vive-se um período difícil de grande redução no quadro de teceloa ativas, sem renovação da mão de obra e nenhuma iniciativa de ensino aprendizagem para transmissão do saber-fazer.

“Ensinei muita gente, não tenho ideia de quantas. Muitas meninas, sobrinhas e vizinhas e quem quisesse aprender. Hoje tenho um monte de tear encostado porque ninguém mais quer tecer” (Mestra Neusa Barroso da Silva, 19/07/2016, 3:54)

“Daqui mais uns tempos não tem mais que faça uma rede não. As de idade não vão mais meter cara e as mais novas não querem”. (Anísia Alves de Sousa Oliveira, 17/06/2016, 3:22)

As políticas públicas federais chegaram mais expressivamente a partir da década de 1990, através do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE-PI), Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART), Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (PROMOART), Artesanato Solidário/Central Artesol. É um capítulo à parte na história da Tecelagem Manual da Rede de Dormir em Pedro II, que ressoa como irradiador de uma nova perspectiva focada no associativismo e voltada para o fortalecimento da categoria e a produção social do trabalho como garantia para o resgate da tradição cultural da TeMa que vem sendo produzida “ao longo do tempo por diferentes grupos sociais e que tem como marca

distintiva o profundo enraizamento da cultura local” (CARVALHO, 2009) visando a melhoria da vida das detentoras do saber.

A Xique-Xique hoje é independente, estabelece excelentes relações e contatos com os mais diversos setores e ramos envolvidos com a TeMa, representa muito bem Pedro II em vários estados do Brasil. Lançou uma linha básica de produtos centrada no resgate das tradições locais e pontos típicos da região, além de redes, produzem toalhas de banho, colchas de cama, mochilas, patuás, jogos americanos, estojos e sacolas de viagem, todos eles tecidos em teares de grade e de parede. Mantém excelentes relações comerciais com grupos e lojas dentro e fora do estado do Piauí. Vende para o Brasil e Exterior, principalmente Alemanha, tem produtos em lojas do Rio de Janeiro e São Paulo. Teve dois catálogos produzidos, um deles foi tema da primeira exposição da Sala do Artista Popular (SAP) do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), Artes e Ofícios de Pedro II, catálogo da exposição realizada no período de 20 de agosto a 27 de setembro de 2009. Destarte tudo isso e mais o diferencial na vida das associadas, a associação não tem hoje, apoio, alcance da visibilidade e todo reconhecimento local que merece.

A Implantação, em 1999, da Oficina de Artesanato da Tecelagem – parceria com SEBRAE- PI e poder público local ofereceu cursos de capacitação nas várias etapas da confecção da rede; incentivo a participação e apoio do segmento em eventos e feiras; elaboração de catálogos e exposições entre outras ações marcam a presença do setor público. As duas associações, mais fortemente a Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II tem sido as maiores beneficiadas dessas políticas.

São muitas as mestras tecelãs, cidadãos e cidadãs pedrossegundenses que desconhecem todas essas iniciativas e organizações. Ressente-se de uma política educativa e de divulgação da profissão das tecelãs e do saber-fazer, pois, vê-se que a difusão das Associações contribuiu e ainda contribui muito para a o fortalecimento da referência cultural no município.

Como vimos as primeiras ideias associativistas em apoio à atividade de produção da rede em Pedro II surgiram na década de 1970. Por virem de fora e terem sido estimuladas por setores da Igreja Católica, talvez possam ser interpretadas como possuidoras de caráter mais assistencialista do que político organizacional. Para muitas tecelãs pobres, todavia, foram medidas imprescindíveis para o sustento das famílias nos períodos difíceis de crises econômicas. Acredita-se que sem esse apoio, o cenário atual de decréscimo na produção de redes manuais seria ainda mais dramático.

A cronologia abaixo foi estampada para visualizar melhor a proposta desse subitem.

- 1975 – Missionários alemães Lotário Weber e Norberto H. Herenkenrath ampliam e apoiam financeiramente grupos comunitários de produção;

- 1978 – é criada a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II Ltda com 212 sócias inscritas, mulheres da zona rural e urbana e recebem incentivo dos missionários alemães Lotário Weber e Norberto H. Herenkenrarth – atualmente extinta;
- 1990 – Coletivo de oito Mulheres se organiza como Grupo de Produção informal e reúne-se para tecer, dividir despesas e lucros;
- 1999 – O Coletivo de Mulheres quase se transforma em Cooperativa Artesanal Xique-Xique com 35 sócias e três núcleos de produção que funcionaram bem até 2012: um na cidade, bairro Santa Fé; um na localidade Barroca e outro no São João. Hoje só o núcleo urbano se mantém próspero. Barroca está inativo, sem produção e São João com baixíssima produção e apenas duas sócias;
- 1997 – A Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II passa a ser Associação dos Artesãos de Pedro II – ainda ativa, com loja no Mercado do Artesão;
- 1999 – Implantação da Oficina de Artesanato da Tecelagem – parceria SEBRAE/Prefeitura Municipal através do Programa Nacional de Artesanato. Atuou por três anos até 2001;
- 2000 – É construída e instalada a casa/sede da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II com esforço do grupo, incentivo de instituições e do Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (PROMOART) em parceria com o Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART);
- 2000 e 2002/2003 (2 intervenções); 2004/2005 – Artesanato Solidário/ArteSol desenvolve projetos em Pedro II – PI beneficiando 51 artesãos em Parceria com a Caixa Econômica e apoio do Ministério da Integração Nacional e SEBRAE.

SIGNIFICADOS

(Descubram que significados e funções tem o saber para a comunidade)

Minha mãe teve (16) dezesseis filhos, cada filho eram 10 (dez) redes na gravidez
(Evanilda Mª S. Santos, 25/07/2016, 17:00)

Tecer para garantir renda, manter o vício (hábito diário) uma profissão/independência (ocupação, autonomia) e o viço (saúde mental e física) curiosamente são muitos os significados. Mulheres tecelozas se queixam de “dores nas juntas e ossos” quando param de tecer, mesmo sendo considerado, por muitos como um trabalho pesado.

A TeMa é carregada de funções, sentidos e significados que se relacionam, objetiva e subjetivamente, com o contexto sociocultural que a rodeia e o modo de produção específico. Certamente a maior referência é com relação o emponderamento das mulheres tecelões. Os artefatos são confeccionados manualmente com instrumentos rústicos ainda fabricados manualmente, que lembram o sistema de fabricação manual medieval. Consideraremos aqui, de acordo com as narrativas, as funções e significados que remetem às UFPD unidades familiares de produção doméstica; ao mundo feminino e à questão de gênero; a influência ou invisibilidade da mulher teceloa na contemporaneidade, a um segmento profissional de uma camada social desfavorecida o que na visão de algumas mulheres representa “a única possibilidade de se ter uma profissão”; aos equipamentos e instrumentos de trabalho como meios de produção de vida e outras questões particulares implícitas nas entrelinhas.

Para contar a história da TeMa, por exemplo, buscando suas origens, trajetória e transformação do saber-fazer ao longo do tempo, optamos por dividir a sessão história, no interior da ficha da categoria saberes, em subtítulos que não seguem, rigidamente, uma ordem cronológica, visto que as narrativas remetem pela atemporalidade e por vezes até uma ideia de desterritorialização ou rememoração de uma territorialidade anterior. Contudo, o tempo para as tecelões é subjetivamente afetivo e tem como parâmetro as relações e acontecimentos pessoais, familiares ou ligados à profissão. Ouvimos, por exemplo, uma teceloa contar a gravidez pela quantidade de redes tecidas. Outras entrevistadas referiram-se a períodos da história da TeMa usando expressões ou palavras específicas do universo das tecelões referente a lugares, questão de gênero, relações socioeconômicas - aqui utilizadas para nomear ou anunciar os subtítulos.

Subtraiu-se das observações e escutas que o sonho de toda teceloa é ter comprador certo para seu produto, ou no melhor dos casos não se preocupar com a venda e cuidar só do urdimento e de tecer o pano de rede, que é, sem dúvida alguma, a etapa favorita de todas elas. A razão da não afinidade com a venda do produto certamente tem explicações a serem analisadas em outro momento, todavia, aspectos culturais podem revelar dados importantes como parâmetros para compreensão dos comportamentos e atitudes locais com relação a produção e comercialização da rede.

Na trama cultural da TeMa em Pedro II, um universo predominantemente feminino, cada coisa considerada neste inventário pode ser um fio de uma meada que aqui se enovela. Percebe-se que até quando se está falando de “homens tecendo” ou da presença masculina na tecelagem manual está na verdade se falando da condição feminina e de gênero dentro da sociedade pedrossegundense pela condição de estranhamento desse fato. Por esta via lhes são atribuídos valores que passam por dimensões sociais, culturais, políticas, ergométricas e de saúde, física,

mental, emocional e afetivas, porque “um saber-fazer que identifica um povo está no corpo e na memória de quem o faz.

“A tecelagem para mim tem muitos significados por isso que a gente faz, é um patrimônio que está em extinção, é muito importante porque deixa renda na cidade e você não é refém de ninguém” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 12:00)

“A tecelagem para mim significa tudo. Tudo que eu tenho eu consegui através dela”. (Vera Lúcia dos Santos Pereira, 17/06/2016, 10:26)

A TeMa cria redes de intercâmbio social, de dependência econômica, de solidariedade humana e de sustentabilidade na cadeia de produção e consumo. No dizer de Câmara Cascudo a confecção da rede é uma economia das mais distributivas e humana. Distributivas em “redes objetivas” formadas por aqueles que estimulam, viabilizam, organizam até chegar aqueles que concretizam a produção, somadas às redes subjetivas tecidas por aqueles que acreditam, estimulam, apresentam possibilidades de melhorias para as tecelões, tem paixão. Se todos juntos conversassem e assim agissem, teceriam uma trama coletiva de vida consciente e plena de justiça.

“Acho uma coisa importante, a gente saber que sabe fazer aquele tecido que nem todo mundo sabe fazer que nos enriquece porque a gente faz um produto diferente reconhecido pelas pessoas de fora, elas gostam, então, para a gente, da associação, tem muito significado, a gente dar muito valor porque sabe que tem gente lá do outro lado que valoriza” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 12:00)

“Tem gente que sabe fazer rede e vive sem fazer rede, não sei como é que consegue” (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 17:14)

Em termos econômicos é unânime a afirmação de que a tecelagem sempre ajudou no sustento das casas e famílias de Pedro II. Não somente das matriarcas tecelões, mas dos comerciantes da matéria prima, lojistas, vendedores, viajantes, artesãs (de varandas, franjas, punho, etc.) e consumidores. Não obstante, tantos e valiosos relatos compartilhado no IP, a atividade não consta como categoria profissional, não configura nas estatísticas, não aposenta, não é celebrada, não recebe *status* social. Pedro II vendeu a imagem de “Terra da Rede”, antes de ser “Terra da Opala”, todavia, não festeja suas artesãs, tecelãs, redeiras, tecelões, ou como a queiram denominar de tempos em tempos. A dança das nomenclaturas não parece ser o problema. A questão intrigante é o produto rede aparecer órfão, separado das detentoras do saber. Diz-se A rede de Pedro II. A rede é da terra, mas a terra há de ser de quem nela produz e a identifica.

Tecer, para as mulheres das Unidades Familiares de Produção Doméstica – UFPD

“Rede é meu divertimento e meu serviço, é tão abençoada de Deus que foi nosso sustento no começo da vida”
(Neusa Barroso da Silva, 19/07/2016, 5:54)

A produção da rede em Pedro II é organizada com base nos grupos familiares aqui denominados para efeito de compreensão do trabalho familiar de Unidades Familiares de Produção Doméstica, as UFPD. A existência de cooperativas e associações de produtoras são muito acanhadas e recentes, existindo apenas duas associações: A Associação dos Artesão de Pedro II, ex-Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II dos Artesãos de Pedro II e a Associação Artesanal Xique-Xique, surgidas da década de 1970 para cá. Uma foi criada e entregue a um grupo que não assimilou bem a proposta, e a outra evoluiu de um grupo de produção de tecelões e artesãs orientadas e assessoradas por entidades locais. Ambas importantíssimas para a evolução da TeMa. Aqui não existe fabricação industrial.

Em tempos mais remotos as UFPDs se organizavam em torno da preparação da matéria prima fio de algodão (plantar, fiar, tingir, alvejar), confecção dos equipamentos (teares) e instrumentos de trabalho (objetos essenciais para a atividade), teçume (pano de rede), feitura dos elementos complementares e adicionais das redes (punhos, grades, franjas, bolotas) e comercialização da rede. Hoje a matéria prima já vem pronta de outros estados e vende-se no varejo por comerciantes locais, identificados como os vendedores de fio. Sem as UFPD seria quase impossível produzir e vender redes diante de tantas dificuldades existentes.

“A arte de tecer com tear de três panos vem de longe, das minhas bisavós e para mim é bom demais, é uma vida, é o melhor para mim, eu gosto de trabalhar, quanto mais a gente mexe com um ofício, mais a gente tem vida. ” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 5:42)

“Quando se tecia com a família (década de 1950) ficávamos todos no mesmo espaço, na sala, enquanto duas teciam ao mesmo tempo no tear, os outros ficavam fiando com minha mãe ou fazendo outras coisas. ” (Anísa Alves de Sousa Oliveira, 17/06/2016, 29:05)

“Na época em que aprendi (1977) todo mundo tecia, mulher casada ou solteira, toda casa tinha tear, tinha casa que tinha 3 teares, fazendo rede da moda e tapuerãna. Se fossem seis pessoas em casa, eram três teares e trabalhavam duas pessoas por tear. Hoje quase não existe mais ninguém tecendo. Não existe nenhuma teceloa ativa na Palmeira dos Soares, minha terra natal, por exemplo”. (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 4:40)

Vê-se claramente que a questão não passa somente pela preservação de um bem cultural, passa principalmente por uma questão de justiça social que remete ao reconhecimento e valorização de

mulheres e homens detentores de saberes e fazeres importantes para o desenvolvimento sociocultural e econômico do contexto local.

A trama feminina no universo da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II – TeMa

“A rede vem da coragem das mulheres de trabalhar”
Mestra Cícera Pereira Matos de Sousa, 30/06/2016, 15:51).

É inquestionável a força produtiva feminina em Pedro II, as narrativas exaltam mulheres que se engajaram nas atividades produtivas locais, criaram novas atividades ou abriram campos para atuar, produzir, manter-se e sustentar suas famílias, agindo como legítimas descendentes das concentradas mulheres teceloas.

“A rede me deu uma independência financeira como mulher e no meu sustento porque eu gosto muito de trabalhar. Uma renda pouca mais abençoada de Deus, mais do que tudo no mundo” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 21:33)

O universo desta pesquisa é o mundo da TeMa. É o mundo das teceloas de Pedro II. Em 1980 elas correspondiam a 75,6% das mulheres ocupadas em Pedro II e representavam 21,2%, cerca de 2.840 do contingente populacional (fonte: Censo Demográfico de 1980). Os relatos trazem, pela pesquisa, 138 teceloas envolvidas com a TeMa, mas quando foi definido um grupo referência de estudo de 15 mulheres teceloas, os números não existiam, foram dados pela pesquisa. As quinze mulheres estão distribuídas na zona rural e urbana do município, compreendendo a faixa etária de 44 a 78 anos, nascidas e criadas em UFPD. (Ver perfil do grupo referência de estudo na Ficha do Projeto)

“Quando estava grávida tecia até 7, 8 meses, ia com meu tear lá para dentro, nos últimos quartos para fugir do enjojo do cheiro das comidas, eu botava as panelas no fogo e saía fechando tudo quanto era porta até chegar com o tear o mais longe possível das panelas” (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 1:01:38)

A trama feminina no universo da TeMa é tecida com coragem, desprendimento, prazer e sofrimento. Inclui profissão, trabalho, casamento, família, saúde, gravidez, concentração, vaidade, associativismo, independência, redes, tapetes, exploração, teceloas, redeiras, artesãs vendedeiras, encomendadeiras, lojistas, viajantes, autônomas, feirantes e comerciantes. É um mundo de sentimentos e realizações.

“Eu gosto do meu trabalho, eu gosto da arte que eu faço” (Maria Alves de Oliveira, 07/06,2016, 3:40).

“Vivo do meu trabalho é a única profissão que a gente tem” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 36:41).

“As moças reaproveitavam o saco de algodão que embalava os novelos de fios que vinham das fábricas. Alvejava o saco e costurava saias para usar, com varandinhas na barra, feitas com uma parte do saco desfiada” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 4:41).

José Luís Araújo (1985) ressalta “em Pedro II, dizia-se: ‘a mulher mantém o marido na roça’, vez que com seu ganho semanal na rede vai adquirindo o mínimo essencial à manutenção do grupo”.

“Tem gente que faz é ignorar que eu ainda teço sendo aposentada, considerando que o aposento dava para eu e meu velho comer, como se a vida fosse só isso” (Fca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 15:44).

“Teceragem é minha saúde, é minha alegria quando estou com minhas redes, às vezes, eu deixo de fazer coisas em minha casa. ” (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 17:03)

É comum a uma teceloa associar a tecelagem com tarefas domésticas e outras ocupações a título de renda adicional. D. Rosa Alves Soares Pinheiro, “mestra artesã”, como se autodenomina, moradora da Comunidade Gameleira, apresenta em sua narrativa características que se estendem, simbolicamente, a outras teceloa, a mesma chega a considerar que:

“A tecelagem manual, às vezes significa um vício, visto que a renda do produto foi sempre tão pequena, mas sempre existia uma rede no tear”. (Rosa Alves Soares Pinheiro, 17/06/2016, 4:20).

D. Rosa Alves Soares Pinheiro é professora da rede municipal e para complementar a renda familiar continuou com a atividade familiar, a tecelagem. Aprendeu a calcular o valor da hora de serviço com a TeMa e viu que as mulheres por não ter capital de giro vendiam o produto por um preço baixo porque precisavam vender rápido. Ao refletir sobre a situação decidiu não se submeter mais aos compradores e atravessadores da rede, decidiu, então, por não tecer mais só rede, passou a consorciar a produção com peças menores com menos investimento, e de acordo com sua experiência mais fáceis de vender. Era uma forma de continuar com a tecelagem manual da rede de dormir, porém não mais exclusivamente, mudou sua postura: “ quando o tempo está ruim para a rede é preciso buscar outras novidades e ser criativa”. Outra decisão de D. Rosa Alves Soares Pinheiro com relação a comercialização da rede é não conversar com atravessadores.

Viu-se que as mulheres que cuidam da venda de redes feitas nas comunidades rurais são de origem teceloa e abandonam a profissão, por motivo, quase sempre de doença, sendo muito comum a queixa de dores na coluna. Passam, então, a dedicar-se à finalização da produção com os acabamentos da rede e a venda do produto na Feira Livre do Mercado do Artesão de Pedro II,

em Teresina, Parnaíba, Campo Maior, Esperantina, entre outras cidades. Como são do ramo da tecelagem manual essas vendedoras conhecem profundamente o produto, o mercado e as tecelagens da região. Normalmente essa prática de venda consorcia os serviços de acabamento das redes manuais com redes sol-a-sol que são redes feitas com brim, um tecido industrializado que costuma vender mais rápido.

Há quem as chame as tecelagens de “as concentradas”. De fato, precisam de dedicação e horas a fio de trabalho enfiadas ao pé do tear entre bilros e lançadeiras, traçando *ramos*^G a casear.

Há, todavia um ponto a se pensar: será, que a sua rede, no sentido organizativo, não terá adormecido? Qual o grau de evolução no sentido organizativo para valorizar a profissão?

Por outro lado, vê-se que “as concentradas”, enquanto tecem, esbanjam saúde física e mental e decidem, conscientemente, sobre sua atuação profissional. É o que se vê nas palavras da mestra Cícera Pereira Matos de Sousa.

“Eu tenho filho que tem condição financeira e poderia me ajudar, também já sou aposentada, é que eu não quero deixar de trabalhar mesmo” (Cícera Pereira Matos de Sousa, 30/06/2016, 5:54).

A “discreta” presença masculina na TeMa

A TeMa significa quebra de paradigmas e de padrões. Nos universos particulares se respeitam e se tratam na igualdade. Pelos relatos viu-se que, a presença masculina na TeMa não é ressaltada pelo fato de não ser a regra e sim a exceção neste universo feminino e, via de regra, não assumem as tarefas da tecelagem propriamente dita nas UFPD, *urdume*^G e *trama*^G (tecelagem) e por ser uma atuação pontual ou localizada, visto que não se vê homens no tear em todas as localidades relacionadas anteriormente. Em algumas poucas localidades é comum a presença masculina na TeMa e outras não há referência alguma, principalmente com Tear de Parede.

Culturalmente, tecer é um comportamento aceitável aos homens em tempos e lugares diferentes dentro do município de Pedro II. Por exemplo nas UFPD das Comunidades rurais Filipe e Olho D’Água do Meio os homens tecem nos Teares de Três Panos sem constrangimento, mas na Comunidade Mangabeira, entre tantas outras comunidades, homens não tecem. Nunca teceram nos Teares de Parede ou quaisquer outros. Ocupam-se de atividades complementares para confecção dos elementos adicionais.

“Quando eu tecia mais meu pai, na década de 1970, enquanto a mãe fazia a comida, produziam duas redes por dia, (...) e quando o pai vinha da roça era enovelando fio” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 3:15)

As narrativas pontuam o apoio e a contribuição dos homens para o funcionamento das unidades familiares, principalmente nos séculos passados. Hoje das quinze situações analisadas no grupo referência de estudo, apenas em uma, identificou-se jovens rapazes tecendo juntamente com as mães e esposas. Os mesmos pertencem a famílias de tecelões e já viveram experiências nas UFPD antes de migrarem para a cidade vindos do Olho D'Água do Meio.

“Meu marido fazia rede, hoje os homens não tecem mais, mas antes eles ajudavam muito e teciam também, meu marido tecia no tear de três panos” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 8:55)

A pesquisa-ação identificou a memória de tecelões que deixaram de existir a menos de duas gerações atrás, mas nenhum caso no presente. Os homens casados com tecelões, principalmente os que residem na zona rural, conhecem muito bem a atividade, viu-se que a maioria apoia as mulheres, até porque precisam da renda complementar que a rede traz para as despesas domésticas. A maioria dos homens atua mais na hora de urdir, encher canelas, bilros, fazer punhos e até nos acabamentos da rede, nenhum homem ou auxílio deles foi identificado nos relatos sobre as associações. Há os que participam de todas as etapas, assumem tarefas complementares, são companheiros ativos do processo.

DESCRIÇÃO

ETAPAS

(Informe se há e quais são as etapas associadas ao saber)

A rede é produzida em etapas, dependendo dos costumes e mudanças ocorridas nas três últimas décadas na preparação e aquisição da matéria prima, as etapas podem variar um pouco de um lugar de produção para outro. Quanto ao processo de confecção da rede pouca coisa mudou. A técnica é praticamente a mesma. As adaptações são consequência de mudanças na matéria prima e reorganização da forma de produção. No geral, para todos os tipos de redes, são três etapas do processo de confecção, divididas em fases específicas e complementares.

Para efeito de registro e compreensão dos processos históricos que envolvem a produção, a força de trabalho e mão de obra empregadas ao longo do tempo, serão apenas citadas etapas, dentro das fases, que foram extintas, paulatinamente, em decorrência do processo social do saber-fazer.

Etapas Extintas ao Longo do Tempo

“Até os anos quarenta do século passado via-se muita capoeira de algodão plantado para fiar. Minha avó fiava muito”
(Evanilda M^a S. Santos, 25/07/2016, 21:48)

O fio de algodão industrializado, tipo *fio cru*^G começou a ser introduzido no mercado de Pedro II em 1907, vindo de Sobral – CE. Pelas narrativas percebeu-se que o mesmo não foi assimilado imediata e massivamente, há quem afirme que na década de 50 e 60 do século passado ainda desenvolvia todas as atividades de acordo com etapas desta primeira fase, pois era preciso providenciar a matéria prima básica para realizar o saber.

As etapas são muito dispendiosa e necessitam de muita força de trabalho e de força física, logo de uma estrutura mínima para manter-se. A organização estruturante para elas acontecerem foram as unidades familiares produtivas domésticas. A extinção dessas etapas está associada ao desinteresse pelo plantio do algodão e absorção do produto industrializado.

1. Plantar algodão
2. Colher algodão
3. Descarregar e limpar o algodão
4. Bater o algodão com talo de buriti para amaciar
5. Fazer as partes – separar o fardo
6. Fazer as tiradas – puxar o algodão em partes leves, tipo chumaços
7. Fiar o algodão – puxar os fiapos nos chumaços de algodão
8. Torcer o fio de algodão no fuso, carretel ou no engenho de fiar.
 - 8.1 – A etapa pode se repetir de acordo com a espessura do fio desejado para a respectiva finalidade
9. Tingir o fio (opcional) – duração mínima 2 (dois) dias
 - 9.1 – Desdobrar o fio - fazer meadas grandes no *giramundo*^G para separar as pernas de fio e facilitar o tingimento nas panelas de ferro;
 - 9.2 – Cozinhar as meadas de fio em uma solução de água quente e tinta química em pó dissolvida, mexendo sempre até fixar uma cor homogênea;
 - 9.3 – Lavar as meadas bastante água até sair todo o excesso da tinta
 - 9.4 – Colocar meadas na vara para secar ao sol;
 - 9.5 – Enovelar – desfazer meadas no *giramundo*^G
10. Alvejar o fio (opcional) duração média 8 (oito) dias

- 10.1 – Cortar o sabão em pedra e levar ao fogo em uma panela grande de alumínio para desmanchar o sabão e formar uma solução aquosa;
- 10.2 – Cozinhar as meadas de fio mexendo sempre até atingir a brancura desejada, o processo dura vários dias;
- 10.3 – Estender nos lajeiros dos riachos e deixar expostos ao sol por vários dias quarando um dia com uma noite e todo dia, pela manhã aguar e virar de um lado para o outro evitando queimar com a exposição ao sol.
- 10.4 – Repetir sempre que for preciso até atingir a brancura desejada;
- 10.5 – Bater o fio até amaciar;
- 10.6 – Lavar bem as meadas com muita água corrente;
- 10.7 – Dependurar meadas em varas, separando-as e deixar secar ao sol.

As narrativas mostram que o tingimento e alvejamento são etapas ultrapassadas em desuso na preparação da matéria prima desde a expansão de uso do fio industrializado tingido. Torcer o punho e fio ainda é comum para algumas finalidades e propostas, principalmente quando se opta por uma fazer uma rede 100% manual, então a teceloa faz até os punhos, torcendo o fio de acordo com o tipo de rede.

ETAPAS DO SABER-FAZER

Da introdução e expansão do fio industrializado tingido, da década de 1960 até hoje

A produção das redes é sistemática e interligada, são várias etapas complementares para a confecção e dependendo do tipo de rede leva-se de dois a quinze dias para produzir uma peça completa. O processo de produção e comercialização do produto e a respectiva divisão do trabalho tem sido conduzido em unidades familiares de produção domésticas, as UFPD, em associações e cooperativas locais de artesãos e até em “grupos terceirizados”, aparentemente individuais, o que tornaria quase impossível fazer uma rede. Não se faz uma rede sem abraços. Abraço de causas, de sonhos e de fios.

“Quando eu tecia para mim mesma eu fazia tudo, todas as etapas eu fazia, deixava a rede no ponto, trançava, mamucabava, até as varandas eu fazia, agora, quando eu fui para a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II as varandas eram feitas por fora, só que era incluído no pagamento da gente, porque lá tinha uma fichinha que a gente preenchia e já aparecia o preço das varandas, então elas mandavam a varanda para a gente pregar na rede”. (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 16:40)

Começar uma rede para muitas tecelões é a etapa mais difícil. O início do tecido de qualquer pano de rede não é uma coisa simples. Os 2cm iniciais de *teçume*^G determinam a base da rede para seguir com as mesmas características de textura e largura até o final, então, depois das *primeiras liçadas*^G necessário se faz verificar se está tudo embutido igualmente. Ver onde está ralo e separar os fios urdidos com a ponta de uma agulha grossa até deixar tudo igualzinho, não pode existir ponto aberto demais e nem fechado demais, onde a rede fica rala cria buchos que complicam na hora de tirar a rede do tear. É necessário também tirar todas as *paredas*^G para não apresentar defeitos futuros no tecido.

Etapas do Saber-Fazer (atualidade) de acordo com os tipos de tear

TEAR DE PAREDE

“Hoje eu faço mais rede é para os outros, agora mesmo estou fazendo para uma mulher de Teresina que mandou a linha, mas eu não sei nem quem é, aí eu teço, entranço e faço o mamucabo antes de entregar”
(Maria de Lourdes Sousa, 13/08/2016, 2:45)

Tabela 3 – Etapas de confecção da rede no Tear de Parede

ETAPAS	DESCRIÇÃO	OBJETIVO
<i>Primeira Fase – Preparação da Matéria Prima</i>		
<i>Fazer meadas</i>	Desnovelar ou desdobrar as pernas de fio de algodão com a utilização de um o <i>giramundo</i> ^G Hoje é opcional	Separar o fio para facilitar o tingimento ou o grude do fio
<i>Fazer o grude</i>	Adicionar água e goma de mandioca em uma panela de ferro o suficiente para cobrir o fio e levar para engrossar em fogo brando. Hoje é opcional	Obter uma mistura homogênea e grudenta que deixe o fio menos mole
<i>Passar meadas no grude</i>	Mergulhar as meadas de fio na mistura homogênea após retirá-la do fogo. Hoje é opcional.	Evitar que o fio quebre; reduzir pelos
<i>Enovelar</i>	Desfazer as meadas utilizando um <i>viramundo</i> ^G para separar o fio fazendo novelos de acordo com a quantidade de pernas de fio desejadas e por cores	Preparar fio para urdir, encher birros, fazer acessórios punhos e acabamentos.

<i>Acunbar o tear</i>	Equilibrar e acochar o tear para colocá-lo no esquadro, medindo e nivelando, até ficar bem durinho.	Evitar que os fios do urdimento fiquem moles, uns por cima dos outros.
Segunda Fase – Urdimento e Teçume		
<i>Urdir^G o pano de rede</i>	Montar a teia de fios contornando a parte superior e inferior na forma de meada sendo a régua de separar os fios o ponto de encontro das extremidades. Duração mínima 2h	Criar estrutura sobre a qual será tecido o pano e Programar a padronagem e tamanho do tecido
<i>Encher birros^G</i>	Abastecer os utensílios de madeira com o fio que vai tecer o pano de rede	Facilitar o processo
<i>Enliçar^G</i>	Pode ser de duas formas: 1- colocar cordões em feixes de fio contados no <i>urdume^G</i> na forma de pequenas argolas de fio; 2 – usar a talhinha de enliçar para colocar cordões como argolas, sem separar por feixes que servem para puxar os fios e movimentar o <i>urdume^G</i> abrindo e fechando para receber a trama	Desenhar os ramos abrindo e fechando os <i>liços^G</i> para passar os birros; Existe um cordão passando por dentro de todos os <i>liços^G</i> , na largura do tear, colocando-os todos em um mesmo plano
<i>Começar a rede</i>	Fazer a base do tecido de acordo com o modelo de rede planejado, mantendo largura e comprimento adequados para acabamentos, cerca de 20cm de <i>cabide^G</i> a ser trançado	Garantir qualidade e segurança do começo ao fim da rede
<i>Tecer</i>	Fazer o entrelaçamento dos fios urdidos com o movimento dos <i>liços^G</i> e introdução do facão para abrir a cala que recebe os birros com o fio da trama que se fecha com a retirada e batida do facão. A teceloa trabalha sempre em pé	Fazer a base de sustentação da rede
<i>Retirar o pano de rede do tear, cortar fiapos e bater a rede</i>	Sacudir para retirada de pelos e fiapos. Obs. Algumas marcas de fio soltam mais pelos que outras;	Retirar pelos e fiapos do tecido
Terceira Fase – Acabamentos		
<i>Trançar</i>	Fazer tranças com os fios não tecidos que formam o cabide deixando alças na cabeça das tranças para receber os punhos	Prender os fios que não foram tecidos em molhos entrançados

<i>Prijilar</i> ^G	Arrematar o tecido nos extremos do comprimento do pano costurando com agulha grossa com fio ou linha na base da trança	Garantir o arremate do tecido evitando que o tecido se desmanche e dar segurança à trança
<i>Mamucabar</i> ^G	Passar o <i>mamucabo</i> ^G – juntar tranças dentro de uma ou duas cintas em cada ponta da rede, mede de 3 a 4 cm de largura, é tecida no mesmo tear no sentido da largura da rede e serve de base para receber os punhos	Dar suporte e segurança às tranças para receber os punhos
<i>Fazer bolotas</i> ^G	Enfeitar rede com pequenos maços de fio que saem das pontas do <i>mamucado</i> ^G e caem pelas laterais da rede.	Embelezar/ enfeitar
<i>Fazer os punhos</i> ^G	Torcer várias pernas de fio para fazer cordões grossos a partir da junção e dos fios torcidos para torcer mais uma vez e formar os punhos. Serviço adicional que pode ser feito por terceiros	Fazer um cordão resistente para sustentar o peso das pessoas deitadas na rede
<i>Empunhar ou puxar os punhos</i>	Colocar os punhos nas alças das tranças da rede e puxar formando uma teia de punhos unidos e franzidos nos extremos da rede formando um moi de punhos originando a funda da rede	Criar suporte para armar a rede, ou seja, dependurar rede no armador ou similar
<i>Carelar</i>	Fazer o <i>carel</i> ^G ou <i>carelo</i> ^G ; juntar os cordões de punho em feixe formando um anel e amarrá-los com um punho grosso que favorece a função de dependurar a rede no armador	Criar suporte para pendurar a rede direto no armador ou usando cordas ou correntes, protegendo os punhos
<i>Pregar grades</i> ^G (<i>varandas</i>)	Costurar com agulha grossa e fio ou linha varandas na <i>urela</i> ^G , no extremo das laterais, da rede	Embelezar/enfeitar com abas esvoaçantes
<i>Pregar franja</i> ^G	Colocar <i>franjas</i> ^G nas urelas, laterais da rede, por cima das varandas	Embelezar, cobrir costura da varanda

TEAR DE TRÊS PANOS E TEAR BATELÃO

“Agora é só tecer aqui direto, em uma hora se tira um pano.
(Luíza Nascimento, 05/07/2016, 35:39)

Tabela 4 – etapas de confecção da rede no Tear de Três Panos e Tear Batelão

ETAPAS	DESCRIÇÃO	OBJETIVO
Primeira Fase – Preparação da Matéria Prima e Instrumentos de Trabalho		
Fazer meadas	Desnovelar ou desdobrar as pernas de fio de algodão com a utilização de um o <i>giramundo</i> ^G Hoje é opcional	Separar o fio para facilitar o tingimento ou o grude do fio
Fazer o grude	Adicionar água e goma de mandioca em uma panela de ferro o suficiente para cobrir o fio e levar para engrossar em fogo brando. Hoje é opcional	Obter uma mistura homogênea e grudenta que deixe o fio um pouco teso
Passar <i>meadas</i> ^G no <i>grude</i> ^G	Mergulhar as meadas de fio na mistura homogênea após retirá-la do fogo. Hoje é opcional	Evitar que o fio quebre; reduzir pelos. O uso do grude é uma prática de antes do fio industrializado
Enovelar	Desfazer as meadas e fazer novelos de fio	Separar fio suficiente para a rede de acordo com a quantidade de pernas de fio desejadas no urdimento e as cores desejadas
Prepara tear para urdir a rede	Aprumar e folgar pente, <i>liço</i> ^G e órgão nas distâncias corretas para urdir	Evitar que os fios fiquem moles ou uns por cima dos outros
Segunda Fase – Urdimento e Teçume		
Colocar o liço e completar o pente	Trazer para o Tear de Três Panos o <i>liço</i> ^G que foi feito no <i>tear de liço</i> ^G	Montar base para o urdimento da rede
<i>Urdir</i> ^G a rede no próprio tear	Puxar levemente os fios de um novelo e lançar de um torno ao outro manejando a <i>preaca</i> ^G que perpassa o pente e os liços para receber os fios e conduzir no sentido	Criar o <i>urdume</i> ^G que vai receber a <i>trama</i> ^G e gerar o <i>teçume</i> ^G na padronagem desejada. Quando a tarefa é feita em

	<p>do comprimento do tear até preencher todo o pente;</p> <p>- Colocar os 2 feixes de fios um em cada <i>órgão</i>^G; regular o tear até a <i>urdidura</i>^G ficar tesa. Tempo médio 40 min.</p> <p>Quando realizada por 1 pessoa apenas ela permanece em pé e joga o pente e o liço colados no primeiro <i>órgão</i>^G para acessar o torno com uma das mãos enquanto usa a <i>preaca</i>^G com a outra mão para enlaçar o outro torno. Sendo duas pessoas, elas permanecem sentadas, no chão ou em tamboretas, uma se posta antes do <i>pente</i>^G <i>liço</i>^G para receber o fio da que se coloca depois do pente e liço. Pouquíssimas tecelões sabem urdi sozinhas, desconhecem a possibilidade, é a variação da técnica mais recente. São mudanças que a pesquisa identificou: altura do torno e urdimento por uma só pessoa. Na falta de parentes ou pessoas próximas que ajudem na tarefa, situação típica da zona rural sem UFPD, paga-se 1R\$ a terceiros por cada pano urdido.</p>	<p>dupla, uma pessoa manéja a <i>preaca</i>^G recebendo os fios de lado e levando para o outro. Mudanças na técnica de urdi determinadas pela altura do torno provocam mudanças de postura e atitude da tecelão, com o torno baixo (20cm a 30 cm da superfície), forma mais antiga, duas pessoas sentam no chão para urdir, com o torno mais alto (40cm a 50cm da superfície) duas pessoas sentam em tamboretas para urdir, colocando o torno cerca de 80cm da superfície é possível que apenas uma tecelão, em pé faça o urdimento. As três formas ainda coexistem com predominância da segunda forma. Diz-se que qualquer pessoa pode ajudar a urdi um pano com uma pequena orientação, inclusive crianças de 5 anos foram citadas.</p>
Encher <i>canelas</i> ^G ou <i>espula</i> ^G	Abastecer utensílios com fio ou linha para tecer o pano	Tecer o pano de rede ou <i>teçume</i> ^G
Começar a rede	Fazer a base do tecido de acordo com o modelo de rede planejado	Garantir qualidade e segurança do começo ao fim da rede.
Tecer	Fazer o pano de rede, classificando os fios para o movimento de entrecruzamento a fim de receber o fio da trama	Fazer o corpo central da rede
Casear a rede	Fazer espécies de casas alinhavando as urelas dos panos, ou seja, caseando as laterais, com fio torcido mais grosso que o fio utilizado para tecer	Preparar para costura que junta os panos. O caseamento é um aprimoramento da costura para deixa-la menos grossa, nem sempre existiu.
Terceira Fase – Acabamentos		
Costurar	Juntar os três panos de rede	Formar o pano da rede com segurança e conforto na junção dos panos

Trançar	Fazer tranças com o cabide deixando alças na cabeça da trança para receber os punhos.	Prender os fios que não foram tecidos em moir para ser entrançados.
<i>Prifilar</i> ^G	Arrematar o tecido nos extremos costurando o pé da trança com agulha grossa e fio ou linha e preparar para entrançar o cabide.	Garantir o arremate do tecido e a segurança da trança.
<i>Mamucabar</i> ^G	Fazer/passar o <i>mamucabo</i> ^G – juntar tranças dentro de uma ou duas cintas em cada ponta da rede, mede de 3 a 4 cm de largura, é tecida no mesmo tear no sentido da largura da rede e serve de base para receber os punhos.	Dar suporte e segurança às tranças para receber punhos. Quando a atividade é terceirizada cobra-se 2,00 R\$ por <i>mamucabo</i> ^G de cada rede
Fazer <i>bolotas</i> ^G	Enfeitar rede com pequenos maços de fio que saem das pontas do <i>mamucado</i> ^G e caem pelas laterais da rede.	Embelezar/ enfeitar
Torcer o <i>par de punhos</i>	Juntar várias pernas de fio para fazer cordões grossos a partir da junção e dos fios torcidos para torcer mais uma vez e formar os punhos. Serviço adicional que pode ser feito por terceiros.	Fazer um cordão resistente para sustentar o peso das pessoas deitadas na rede
<i>Empunbar</i> ^G	Colocar os punhos nas alças das tranças da rede e formar uma	Criar suporte para armar/dependurar a rede no armador.
<i>Carelar</i> ^G	Fazer o <i>carel</i> ^G – juntar em moir os cordões de punho que passam pelas tranças em cada lado da rede e encapar com um cordão tipo uma costura grossa formando um anel para finalizar sobre o qual será que é colocado no suporte pregado na parede.	Dependurar a rede no armador

Quanto à organização das atividades para realização de todas as etapas de produção da rede existe variação de acordo com o sistema de produção estabelecido. Se é individual, coletivo, associativista ou prestação de serviço. Na Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II e Unidades Familiares de Produção Doméstica tudo é feito em grupo – “do fio ao punho”, é um sistema de produção coletivo capaz de fazer o pano de rede, trança, *mamucabo*^G, franja, *prifilado*^G, varanda macramê e punho. O grupo também efetiva a venda diretamente para consumidores ou revendedores. Quando a teceloa recebe encomenda da lojista e presta um serviço individualmente, cobra pelo produto e acerta quais serviços realizar, normalmente tecer e aprontar (trançar, *mamucabar*^G,

prifilar^G, *empunbar*^G). Os assessórios complementares e adicionais ficam por conta de quem encomendar, muitas vezes a própria pessoa que encomenda é quem faz os serviços, outras vezes terceiriza-se os serviço e acessórios.

“Dinheiro da rede é abençoado, dá para tudo.
Eu choro ainda com vontade de trabalhar
(Mestra Ester Campelo, 88 anos, 14:50)

ETAPA DA COMERCIALIZAÇÃO – Variações nas formas de venda

Tabela 5 – etapas de comercialização da rede

LUGARES DE VENDA	FORMA DE VENDA	RESPONSÁVEIS PELA VENDA
Casas de mulheres conhecedoras de rede que recebem encomendas	Contratada/encomendada - personalizada Obs. Muito comum para redes mais finas e delicadas	Mulheres que terceirizam a produção por encomendas. Obs. Muito comum ser uma mulher da classe média que vendem para amigos influentes de fora do município
Feira de Pedro II Feiras de municípios próximos Mercado do Artesão	Por peça (varejo) Atacado Encomendas	Teceloas, feirantes, vendedoras (es) de rede e de fio, lojistas
Lojistas de Pedro II, Teresina, Parnaíba, Piripiri, Capitão de Campos, Batalha, Esperantina Campo Maior e Municípios do Ceará e Maranhão	Por peça (varejo); Atacado; Encomendas; São lugares que dispõem de estoques de redes.	Lojistas Viajantes Teceloas
Casas das teceloas (UFPD)	Direta, varejo e atacado; À vista. Obs. Teceloa não vendem fiado porque não tem capital de giro, mas confiam receber dos viajantes da comunidade que levam redes para vender em outras localidades.	Família teceloa; Viajantes/revendedores; atravessadores. Obs. Viajantes nomeiam localidades fixas para vender e receber dinheiro com 30 ou 60 dias, depende do tamanho da compra, uma espécie de sistema de créditos verbal para

	São poucas tecelões ou UFPD que conseguem manter estoque do produto	consumidor. À teceloa eles pagam à vista
Porta em porta – sistema de camelôs	À Vista e à prazo (uso de fichas)	Viajantes. Obs. Viajantes, no início da profissão pegam dinheiro emprestado com agiotas, capital inicial, ou redes com vendedores estabelecidos e com estoque
Centros artesanais e de apoio, lojas especializadas (Centro de Artesanato de Teresina; Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – RJ; ArteSol – SP; Lojas do segmento de artesanato no RJ e SP)	Personalizada e representativa de coletivos de produção.	Associações Artesanais locais e lugares de venda
Comércio dos vendedores de fio. (Universo Masculino)	Troca de rede por fio e pagamento do serviço empregado	Obs. Prática extinta, já predominante. Vendedores de fio eram revendedores de rede, normalmente para viajantes e os próprios entregadores de fio de outros estados

Observações:

- 1- Diz-se de tecelões que usam o dia de domingo para nivelar, ajustar tear e limpar os liços;
- 2 – Quando o fio é tingido faz-se necessário o uso de um fogareiro atrás (Tear de Parede) ou à baixo (Tear de Três Panos) em dias frios para facilitar o movimento do liço
- 3 - Todas as etapas podem ser realizadas por uma única pessoa.

PESSOAS ENVOLVIDAS NO SABER-FAZER

(Informe quais são as pessoas envolvidas com o saber)

A confecção da rede é uma atividade agregadora é redistributiva de mão de obra. A produção da rede em Pedro II é sistêmica e interligada. “Tecer sozinha” seria um grande desafio para a teceloa, não por incapacidade, mas por ser uma atividade integrada que tradicionalmente mantém uma divisão de trabalho com categorias bem definidas. José Luís de Araújo (1995) relaciona uma distribuição das pessoas por 35 categoria de atividade – (ARAÚJO, 1995: 189). Segue aqui somente as categorias mais elementares.

Com a produção das unidades familiares:

- ✓ Tecelões – presença em todas as etapas
- ✓ Mestres de ofício – fabricação dos teares e instrumentos de trabalho,
- ✓ Familiares – apoio nas atividades complementares, elementos adicionais e logística.

Com a produção das Associações:

- ✓ Artesãos – presença em todas as etapas
- ✓ Mestres de ofício – fabricação dos teares e instrumentos de trabalho
- ✓ Família – apoio e incentivo
- ✓ Programas Governamentais e Instituições de Apoio e Fomento – formação, atualização, divulgação

Com a venda:

- ✓ Vendedores de redes – comerciantes, feirantes e *Viajantes*^G
- ✓ Vendedores de fio de algodão – comerciantes da matéria prima
- ✓ Atravessadores (intermediários)
- ✓ Lojistas – pontos de comercialização;
- ✓ Associações de artesãos instituições de apoio – exposições dos produtos e catálogos.

Os homens se inserem na TeMa, quase sempre com atividades complementares e não com a tecelagem propriamente dita (urdir e tecer). Percebe-se nos relatos que a presença deles já foi um pouco maior dependendo do costume do lugar e tem diminuído consideravelmente, de maneira geral, os homens na TeMa são exceções, a regra é exclusividade da presença feminina. Vê-se homens como auxiliares das mulheres e mestras tecelões.

“Há uns vinte anos atrás quando eu casei estava precisando do dinheiro para o sustento da casa, então eu fazia sozinha, em dois dias e meio aquelas redes furadinhas que são rápidas e boas de vender. Cansei de fazer três redes por semana. O marido fazia meadas, novelava o fio, fazia a franja e puxava o punho para ajudar, era a forma da família ter dinheiro para comer. Era muita gente que tecia para criar a família”. (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 19:01)

“Antes tinha muita gente que viajava para vender rede, hoje é que tem poucas, muitos já morreram. D. Anízia Barroso do São João era uma que viajava para Teresina, Campo Maior e outros lugares para vender. Sr. Manoel Bonifácio é viajante, leva rede da Serra dos Matões para o Maranhão. Na Mangabeira tem o Sr. Chico Olavo, Antônio Caboclo que ainda viajam e no São João a tia Neusa Barroso da Silva, do João Caburé” (Fca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 9:11)

Tabela 6 - Grupo referência de estudo da Pesquisa-Ação – Pessoas envolvidas com o saber-fazer

Nº	NOME/APELIDO	IDADE	RESIDÊNCIA	MODO DE PRODUÇÃO	TIPO DE TEAR
01	Alice Alves de Oliveira	64	Comunidade Pimenta – ZR	Individual	Tear de Parede
02	Anízia Alves Sousa de Oliveira	74	Comunidade Martins - ZR	Individual	Tear de Parede
03	Cícera Pereira Matos de Sousa	78	Rua Raimundo Nonato Brandão, 396, Vila Kolping – ZU	Individual	Tear de 3 Panos
04	Emília Pereira de Sousa	47	Comunidade Tucuns dos Pedro – ZR	UFPD*	Tear de 3 Panos
05	Evanilda Maria de Sousa Santos	44	Comunidade Gameleira – ZR	UFPD*	Tear de Parede
06	Francisca Maria de Oliveira Silva/França	52	Comunidade Serra dos Matões - ZR	UFPD*	Tear de Parede
07	Lucimar Martins da Silva/Bá	55	Rua Francisco Sotero, 886 bairro Vila Kolping Bairro Mutirão – ZU	Individual	Tear de 3 Panos
08	Luíza Maria de Carvalho Nascimento	65	Rua Francisco Sotero, nº 1660, bairro São Francisco – ZU	UFPD*	Tear de 3 Panos
09	Maria Alves de Oliveira	50	Rua Presidente Costa e Silva, nº 651, Bairro Santa Fé – ZU	Coletiva/ Associação	Tear de Parede e Tear de 3 Panos
10	Maria Teixeira Santiago Sousa	71	Comunidade Morro do Meio – ZR	Individual UFPD*	Tear de 3 Panos
11	Neusa Barroso da Silva	78	Comunidade São – ZR	Coletiva/ Associação	Tear de Parede

12	Rita Maria de Sousa/ Rita Nego	52	Rita Maria de Sousa (Rita Nego) – Rua 7 de setembro, 581, bairro Vila Kolping – ZU	UFPD*	Tear de 3 Panos
13	Rosa Alves Soares Pinheiro	68	Comunidade Gameleira- ZR	Individual	Tear de 3 Panos e Tear de Batelão
14	Suzete M ^a de Oliveira	55	Comunidade Barro dos Lopes - ZR	Individual	Tear de Parede
15	Vera Lúcia dos Santos Pereira	50	Vera Lúcia dos Santos Pereira – Rua Projetada 8, Bairro São José Engenho Novo - ZU	Individual	Tear de 3 Panos

Obs. Ao final da pesquisa Alice Alves de Oliveira, a pedido dos filhos que consideram o serviço pesado, havia deixado de tecer rede e se dedicado apenas a tecer estolas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA ESSE SABER

(Indiquem quais são os materiais necessários para esse saber)

Os materiais citados são apresentados de acordo com a ordem de uso pelas correspondentes atividades em cada fase e etapa do processo produtivo. Todos são importantes.

Materiais básicos para confecção do pano de rede

- ✓ Fio laço - hoje é muito raro, só usado para tampar lençóis encomendados.
- ✓ Fio de algodão ou linha

Materiais para elementos associados e adicionais

- ✓ Franja – artesanal ou fabricada – confeccionadas em Pedro II e vendidas nas casas do comércio local e feira livre do mercado público
- ✓ Punho de algodão – artesanal ou fabricados – confeccionadas em Pedro II e vendidas nas casas do comércio local e feira livre do mercado público

Materiais para elementos opcionais associados como adorno

- ✓ Varanda de crochê de fio, linha ou fio linha – confeccionadas em Pedro II e vendidas na feira livre do mercado público

- ✓ Varanda de macramê – confeccionadas em Pedro II e vendidas na feira livre do mercado público
- ✓ Varanda de parede – confeccionadas em Pedro II e vendidas na feira livre do mercado público
- ✓ Varanda de almofada e cheia na grade – em vias de extinção – confeccionadas em Pedro II só por encomenda. Só foi identificado um mestre na cidade;
- ✓ Franja;
- ✓ Bico de crochê.

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS

(Identifiquem e descrevam as formas de fazer que compõem o saber)

“Uma rede de três panos chega a durar 15 anos e se for urdida com fio de quatro pernas chega a durar mais de 20 anos”
(Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 25:31)



Figura 5- Sr. João Neto esposo de D. Aparecida Costa - Comunidade Terra Dura. Arquivo pessoal da pesquisadora. 20/07/2016.

A TeMa é uma atividade quase exclusiva de mulheres da camada popular e normalmente acontece no local de morada. A família toda conhece a dinâmica da produção e participa do processo, seja responsabilizando-se com uma atividade específica de forma direta, seja organizando sua rotina doméstica de acordo com os horários de trabalho das tecelãs, a exemplo do esposo de D. Emília Pereira de Sousa, Tucuns dos Pedro, que todo dia antes de sair para a roça ajuda *urdir*⁶ um *pano de rede*⁶, Seu João Neto esposo de Aparecida Costa, na localidade Terra Dura, que à noitinha costura emendando panos de rede quando chega da lida do campo ou do pai

de Lucimar Martins da Silva que vinha do campo, depois da lida, enovelando fio, ou ainda de Raimundo que faz franjas tranquilamente esperando os compradores.

“É tipo uma rede de pessoas que se juntam para aquela atividade. Uma pessoa sabe fazer todas as etapas e todas fazem de tudo, normalmente uma mulher sozinha, na Xique-Xique entrega a rede empunhada e com varanda, mas se precisar atender uma encomenda rápida, a gente junta de duas ou três para tecer e aprontar a rede e dar conta produzindo em equipe, enquanto uma tece a outra enche os bilros e assim vai” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 19:20)

Modos de Fazer – requisitos técnicos gerais e essenciais ao saber-fazer

- ✓ Dispor de mão de obra qualificada – a TeMa só é produzida por quem domina o Saber-Fazer;
- ✓ Selecionar e preparar o tipo de tear e os instrumentos de trabalho associados;
- ✓ Reservar lugar para instalar o tear no qual deverá permanecer até o final do processo de produção;
- ✓ Providenciar matéria prima e elementos adicionais e complementares;
- ✓ Urdir, enfiar e Tecer o pano de rede de acordo com o modelo escolhido – Tear de Parede;
- ✓ Enfiar, Urdir e Tecer – vê-se que no Tear de Três Panos a ordem é alterada
- ✓ Aprontar e Fazer acabamentos;
- ✓ Colocar adornos.

Nos universos particulares resgatados por este inventário vê-se o registro de detalhes importantes. Para fazer a “Rede de Pedro II” a teceloa utiliza um ou mais de um dos teares manuais escolhidos com os respectivos objetos e instrumentos de trabalho associados. O modo de fazer a rede é totalmente manual e mantém-se praticamente o mesmo ao longo do tempo, pouca coisa mudou, a técnica foi preservada em detrimento da preservação dos equipamentos utilizados. São três etapas de produção divididas em fases específicas e complementares, seguindo uma sequência fixa e harmoniosa conforme descrito anteriormente.

A atividade exige dedicação, esforço físico, intensa movimentação e longas horas de trabalho em pé, literalmente ao pé do tear. Praticamente as teceloa só sentam para trabalhar na hora dos acabamentos. Tudo é muito rústico e demanda muito tempo para produção, 2 a 15 dias ocasionando baixa produtividade.

As narrativas trazem informações sobre a instalação de três Teares de Três Panos ao mesmo tempo com o propósito de aumentar a produtividade e a capacidade de vendas das famílias. Enquanto duas teceloa tecem outras pessoas, homens ou mulheres, urdem no terceiro tear, que faz o papel de *urdideira*^G, ficando reservado só para essa função. Usa-se o pente e o *liço*^G para transportar a urdidura para o tear que será usado para tecer. Assim ocupa igualmente e valoriza toda a mão de obra da unidade familiar. Outra perspectiva da estratégia é não perder freguesia e atender melhor os clientes, conseqüentemente, não perder venda, pois “quando chega uma pessoa fazendo um pedido de um modelo e o único tear está ocupado inviabiliza a negociação imediata e você perde o freguês, orienta a mestra teceloa Eduvirgens Alves Pereira, de 78 anos, da Comunidade Felipe, zona rural de Pedro II.

“As mulheres aqui em Olho D’Água do Meio eram todas donas de fábrica de tear” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 4:07)

No Tear de Três Panos também é comum uma teceloa, sozinha, tecer de 3 a 5 panos de 0,70X2,50 (cm) por dia. Emenda-se os 3 panos, caseando e costurando manualmente para fazer o pano de uma rede de três panos, depois *prifilar*^G, trança, faz *mamucado*^G, puxa punhos, faz *carelo*^G e está pronta a rede. É possível fazer uma rede de 3 panos em 2 dias, no primeiro dia tece e no segundo apronta. Nas unidades familiares de produção doméstica costuma-se estipular uma produção semanal ou mensal de panos e aprontar todas as redes de uma só vez. Mas há também quem teça durante o dia e apronte à noite, numa roda de conversa na calçada ou vendo TV.

“Tiro três semanas para tecer e uma para aprontar, faço venda na feira uma vez por mês e volto com material para o mês seguinte” (Emília Pereira de Sousa, 20/07/2016, 20:00).

Curiosamente a etapa preferida de todas as entrevistadas é justamente a de mais movimento corporal e esforço físico, que é tecer o *pano de rede*^G justifica-se que quando começam a tecer só pensam em parar quando finaliza a etapa, ninguém reclamou do cansaço.

“Quando a gente está com vontade é bom demais tecer, não dá nem vontade de parar não, se eu ficar só tecendo numa semana eu tiro um pano de rede *capueirana*^G. São dois dias para *mamucabar*^G, *trançar*^G, *prifilar*^G e *aprontar*^G uma rede de linha, 2h para *enliçar*^G no Tear de Parede pode ser sentada ou em pé, pega-se perna por perna e junta para um liço. Quantos fechados e quantos abertos, definem o ramo”. (Suzete M^a de Oliveira, 22/07/2016, 38:56).

Assim como a maioria Suzete M^a de Oliveira guarda os ramos de cabeça, não passa os desenhos para o papel. Em sua localidade, Barro dos Lopes os tipos de ramos mais comuns e mais antigos são pé de onça, caracol, peninha (tipo X), flor com quadro e 3 liços tecidos.

Muitas afirmativas sobre a origem da rede *capuerãna*^G ou *taperãna*^G confirmam que ela é de Pedro II. Pode ser tecida com fio de algodão ou com linha. Ultimamente a rede de linha só é tecida por encomenda devido ao custo de produção ser alto e poucas teceloa possuem capital de giro para movimentar. A rede de linha, por ser delicada, exige um lugar que seja longe de poeira para se montar o tear. Suzete M^a de Oliveira mora no Barro dos Lopes, terra de barro vermelho e poeira fina, caminha 2km até o Cancão, para tecer na casa de uma filha, por oferecer melhores condições.

Tingimento

Com a chegada do fio torcido e tingido abandonou-se quase em 100% a técnica do processo artesanal de preparo da matéria prima da TeMa, mas não existe questionamento sobre a perda de elementos do fazer artesanal identitários e tampouco com a perda de elementos de uma cadeia de produção geradora de emprego e renda. Os relatos são associados à melhoria e facilidades. Não se usava tingimento natural com casca de pau, só a tintura em pó que se ganhava quando comprava o fio.

“Com o fio tingido e em tubo diminuiu mais o sofrimento da gente” (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 31:53).

Modos de fazer os Ramos^G

“Eu nunca fiz ramo só para mim, tudo que eu criava passava para as tecelões do Martins, todos os ramos que ainda existem por lá, tem tradição dos que eu criei” (Mestra Maria Ester Mendes da Silva).

No geral não existe uma preocupação específica com a criação dos ramos das redes. O design não é uma etapa especial dentro do processo de produção da rede. As UFPD ou produtoras independentes já têm os ramos tradicionais na cabeça e decidem pelas cores do fio ou da linha também pela conveniência, cores existentes nas casas de fio, restos de material guardado ou gosto do cliente. Costuma-se compartilhar os ramos que são de domínio público, copiar de outras redes que vêm ou criar novos. Os ramos mais citados como mais antigos são florais (8 folhas, 4 folhas), caracol, lagarta, borboleta, X e trevo. “Sempre foi assim desde o tempo de minha avó”, diz mestra Maria Ester Campelo, de 92 anos (16/06/16)

“Os ramos a gente têm na cabeça, inventa do jeito que a gente quer. O ramo que mais sai é o de oito folha. Eu acho o de lagarta muito bonito, mas as mulheres das lojas não querem mais não (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 18:28).

D. Rosa Alves Soares Pinheiro, da comunidade Gameleira é uma mestra completa, cria seus próprios desenhos de ramo com a forte presença de elementos da flora local. Mantém um gabarito pregado no tear para seguir metodologicamente um padrão de qualidade com todos os pontinhos contados e uso de cores em tom sobre tom. Ela é tão rigorosa que chega a utilizar linha, que é um produto mais caro, quando não encontra o fio na cor adequada para o padrão do ramo escolhido e não gosta de ser copiada anonimamente.

“Até para a fazer a padronização em listras em um pano de rede é preciso muita atenção e habilidade para não errar nos pontos, tudo é contado e harmonizado, é preciso ter paciência porque quem é rápido demais nunca consegue fazer coisas difíceis” (Rosa Alves Soares Pinheiro, 17/06/16, 14:15).

Urdimento^G

“Todos os dias antes de ir para a roça, 5h, meu marido urdi um pano de rede comigo”
(Emília Pereira de Sousa, 20/07/2016, 20:43).

O urdimento é uma etapa estruturante da feitura da rede. As mudanças ocorridas nesta etapa convivem harmoniosamente com as formas mais antigas de desenvolvê-la. A teceloa Rita Maria Sousa, fala da mudança quanto ao urdimento no tear de três panos no que se refere a fazer emendas no fio. Aprendeu com a mestra Eduvirgens Alves Pereira que é possível emendar no tamanho que quiser o pano tecido e dispensar o urdimento várias vezes. Assim também como é possível urdi com várias cores ao mesmo tempo, misturando pernas de fio com cores diversas e enovelando o fio. Com criatividade e a ideia de ganhar tempo, surgem as variáveis do processo, sem, contudo, mudar a técnica e a forma manual de tecer de acordo com tradição local.

Variações na técnica do modo de fazer redes de dormir no Tear de Parede.

- ✓ Uso de um ou dois facões ao mesmo tempo, um para cada lado da rede, questão de gosto das teceloa ou obrigatoriedade para alguns modelos de rede como a Ponto de Colcha, por exemplo, precisa-se de dois facões. Tem o jeito certo de bater o facão. Não pode bater o facão muitas vezes e nem bater com muita força ou devagar demais porque vai dar diferença na qualidade do tecido. É importante bater com o facão igualmente no meio e na *urela*^G da rede. Para a rede ficar molinha dá-se apenas uma batida com o facão, para a rede ficar durinha dá-se duas batidas seguidas

“Eu gosto de tecer com os dois facões, eu encho aqui e lá do outro lado e fico tecendo com os dois, e essa aqui (aponta rede ponto de colcha no tear) precisa de dois facões mesmo porque eu boto essa talhinha aqui, aí bota o facão e vai passando um *birrinbo*^G pelo outro” (Maria de Lourdes Sousa, 13/08/2016, 7:47)

- ✓ Uma só teceloa tecendo, que é o jeito mais comum, ou duas teceloa tecendo uma mesma rede, pouco usado, alega-se que pode dar diferença no tecido se uma das mulheres usar de mais força na batida do facão;
- ✓ Passar meadas de fio no grude, pouco uso depois da chegada do fio industrializado.
- ✓ Enliçar um a um ou direto separando os fios do urdimento na tala;

“De primeiro era assim, para urdir uma rede urdia-se os fios todos juntos e depois você ia separando um do outro, catando, separando para poder enliçar, aí depois teve gente mais inteligente que outros, que já vinha abrindo o fio e separando na vara e aí já ficava separado, só

no ponto de puxar a talhinha e enliçar, que nem trabalho dava mais. Tinha vez que dentro de 1h, com o uso das talhinhas, eu enliçava uma rede, quando a gente acabava de urdir já estava catado” (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 6:36).

“Urdir barulhada, um quadrinho com duas cores ou mais e do jeitinho que eu urdo eu enliço. Em mesma desenvolvi este modo de urdir. (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 19:30)

Na Rede Tapuerãna o *liço*^G é feito um por um, vai-se amarrando os fios na forma de feixes, o *liço*^G é todo emendado ou usa-se uma talhinha de enliçar e faz direto, depois é só puxar a talhinha que o *liço*^G já fica pronto, às vezes a atividade dura 1h. Usado para rede que não tem ramo e a caroá, já o *liço*^G da tapuerãna demora mais tempo, afirmam.

Variações na técnica do modo de fazer redes de dormir no Tear de Três Panos.

- ✓ Uso de *urdideira*^G, pouco conhecido e usado. É comum urdir direto no tear;
- ✓ Só uma pessoa para urdir um pano de rede, forma ideal para quem tece, porém, poucas tecelosas dominam a técnica;
- ✓ Duas pessoas para urdir um pano, forma mais antiga e mais usual;
- ✓ Inovações nas Redes de Três Panos que deixam de ser só práticas e utilitárias e tornam-se também, macias, grandes (3kg), com varandas de crochê e modelos variados como a tipo falhadinha;
- ✓ Uso de tiras de sola no lugar de carretilhas, ligadas às *pisadeiras*^G faz diminuir o barulho do tear, encontrada em único ponto de produção;

“Antes se usava cera de abelha para passar no liço e diminuir o pelo do fio, hoje a gente usa a cera de vela branca porque não a cera de abelha está difícil de conseguir, na rede de linha não precisa usar nada, porque a linha não solta pelo (Maria de Lourdes Sousa, 13/08/2016 28:50).

A forma de se produzir a rede determina outras questões importantes do processo produtivo. Quando as tecelosas assumem a produção e custos das redes para vender na feira pessoalmente faz-se todas as etapas da rede e mais os elementos associados que são adicionados após a tecelagem. É o caso das UFPD ou quando a tecelosa tem o apoio logístico da família. Com exceção da *varanda*^G que costuma ser um adorno feito à parte. Porque a varanda é uma peça independente e opcional, resultante de outro saber-fazer associado, é usada para embelezar e dependendo do tipo de *varanda*^G, investe-se muito tempo para confeccioná-la, por isso a grande maioria já compra as *varanda*^G prontas, para ganhar mais tempo, são fáceis de achar no município com grande variedade e beleza.

“Faço a rede completa com varanda e tudo que for preciso, é melhor para vender e ganhar um pouquinho mais. Demoro um mês, porque na verdade eu sou mesmo é lavradora, cuido de

meninos, da casa, dos animais, das plantas e das minhas redes. De dia eu teço e de noite faço varanda de crochê ou apronto as redes na sala da televisão com a família que é também para poupar energia do quarto onde está o tear” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 12:12)

Hoje com a popularização da prática da terceirização dos *acabamentos* e acessórios a grande maioria tece só o pano de rede por encomenda que vem de lojistas e/ou vendedores que fazem a revenda. A lojista ou vendedora que comprar se responsabilizará por fazer os acabamentos ou pagar pelos serviços a pessoas especializadas.

“Na Rede de Três Panos não se costuma colocar varanda, mas já tenho feito de encomenda, o dono traz a varanda e eu coloco. Porque se a gente fizer com varanda, acham caro. A rede já é R\$ 45,00, e a varanda de crochê é quase o preço da rede, mas eles não acreditam e não querem pagar. (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 4:56).

Nivelar o tear é básico. Precisa-se manter o, o tear nivelado, acunhado e firme constantemente. “Se desacunhar tem que acunhar” é dito, senão a rede não tem qualidade. Às vezes é preciso subir no Tear Grande para forçar o encaixe batendo as cunhas para encaixar o esquadro do tear e sempre que for preciso rodar para traz o pedaço de pano de rede já tecido, trazendo para a frente do tear o urdimento a ser batido e tecido. Se coincidir de homens estarem presentes em casa no momento, eles podem assumir a atividade de acunhar ou apenas ajudar na atividade que dura cerca de 10 a 15 minutos e se repete sempre que for preciso rodar o *teçume*^G. No Tear de Três Panos corresponde à etapa em que o tecido feito é enrolado em um dos órgãos do tear e o urdimento que é liberado do outro órgão do lado oposto fica disponível para ser tecido. Neste tear o processo é mais rápido, dura cerca de 5 minutos.

“Em duas semanas a gente faz dez, faz nove, faz mais de dez redes, depende da necessidade. Lá no Engenho Novo eu tinha quatro teares, porque as meninas também queriam tecer para elas” (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 31:53).

O uso do grude

O uso do grude no fio já foi consensual, hoje não é mais. Há umas duas décadas passava-se as meadas de fio no grude de goma antes de urdir a rede porque se valorizava a rede tesa, durinha na hora da venda, além de ser a uma forma de evitar os pelos que o fio tingido soltava durante a tecelagem. Acontecia de o fio cortar a pele dos braços ou das mãos da teceloa durante a tecelagem. Visto que o fio industrializado não solta pelos e que a preferência por redes macias e mole tem

aumentado, o uso do grude diminuiu, porém existe resistência por parte de quem gosta de urdi e tecer da forma que aprendeu e não se incomoda de continuar.

“O fio só pega grude se tiver sol. Numa só manhã de sol e vento, seca as meadas, mas se não tiver sol o grude desce todinho. (...) As meadas mergulhadas no grude são utilizadas para evitar quebrar o fio porque ele é macio demais” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 39:24).

“Antigamente antes de dormir pela primeira vez numa rede nova era preciso lavar, porque a rede era tesa do grude que era passado no fio antes de urdir, hoje não precisa mais lavar minha rede é delicada, mole e macia, eu não uso mais o grude porque o fio é bom” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 38:31).

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

(Identifiquem os principais produtos resultantes do saber)

“Em tempos ruins para a rede é preciso ser criativo”
Mestra Rosa Alves Soares Pinheiro

Os principais produtos da TeMa são as redes de dormir. A partir delas surge uma variedade muito grande de produtos feitos em fio ou linha de algodão que carregam consigo a marca registrada das “Redes de Pedro II”: confecção manual com equipamentos e tradição que mantém forma e manuseio com forte enraizamento da cultura local. Considerando esta premissa da TeMa e a possibilidade de inovações, destacam-se como **principais produtos** resultantes do saber:

1 – Dos mais antigos para os mais recentes e que permanecem:

- Redes de dormir: peças utilitárias e decorativas, para adultos e crianças;
- Cobertores de algodão feitos com fio laço: hoje é considerado uma raridade, feito por apenas uma teceloa, D. Anízia Alves Sousa Oliveira da localidade Martins;
- Colchas e cobertores leves e macios;
- Toalhas de mesa quadriculadas e coloridas.

2 – Produtos introduzidos na década de 1980 até os dias atuais:

- Tapetes de todos os tamanhos, modelos e formas; mantas; estolas de linha para indumentária sacerdotal; capas de almofadas; colchas finas; jogo americano em vários modelos e texturas; bolsas e mochilas; painéis com nomes e arranjos florais ou geométricos; jogos de banheiro; caminho de mesa; cobertura para sofás.

3 – Produtos surgidos na atualidade resultantes das novas possibilidades de ressignificação funcional e estética da mão de jovens designers com a preservação da tradição (formas e manuseios), quebra de conceitos e experimentação de novos materiais como fibras sintéticas e vegetais, fios de várias texturas, tecido e tiras de pneu reciclados, correntes de metal, linhas finas, fios dourados e prateados, cordões, lã, fiapos, pedras e cascalhos, entre outros. O resultado é uma ousada combinação que assegura a tradição do saber-fazer de raiz com o diferente. Resultados:

- Mochilas, porta níqueis, porta lápis, cachecol E echarpes, entradas de banho, toalhas de banho e de rosto, carteiras femininas, viseiras, colares, tecidos para confecção de roupas, peças decorativas e souvenir. Além de manter o que já existe.

Vê-se que as capacitações pelas instituições de fomento como o SEBRAE só se destinam às Associações. As UFPD e produtoras independentes, normalmente, não têm acesso a essas iniciativas resultantes do trabalho das associações.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

(Informe se há vestimentas e acessórios específicos associados ao saber. Caso sim, quais são, para que servem e quais são, para que servem e quais são as pessoas que os usam.)

As roupas usadas pelas tecelões são roupas confortáveis para facilitar a movimentação e o longo tempo de pé. Anéis e pulseiras devem ser evitados para evitar puxar fio ou machucar as tecelões. Viu-se tecelões descalças ou usando sandálias, tipo chinelos abertos e baixo.

EXPRESSÕES CORPORAIS

(Informe se há danças ou encenações associadas ao saber. Digam quando elas se realizam e quem são as pessoas envolvidas)

Não há danças ou encenações associadas ao saber. Os movimentos corporais são intensos e expressivos. Todas tecem em pé e algumas urdem sentadas. Para os acabamentos sentam-se em tamboretas, cadeiras sem laterais ou diretamente no chão. Praticamente as tecelões só sentam para trabalhar nessa hora dos acabamentos, é comum, nesse momento sentar-se ao chão e espalhar a rede nas pernas.

A movimentação dos braços é intensa e constante. Apesar do Tear de Parede ser chamado de Tear de Mão, pelo uso constante delas, também, se movimenta as pernas constantemente, flexionando joelho apanhando bilros, subindo no tear para acunhar e desacunhar. As mãos e braços funcionam como instrumento que facilita entrada do facão e abertura do *urdume*⁶. No Tear de Três Panos os

alongamentos são mais na horizontal movimentando queixa/pente, lançadeiras e órgãos. Os pés são as fontes geradoras de energia mecânica que faz funcionar pente e *liços*^G ligados às *pisadeiras*^G. A maioria das tecelões considera o tear uma fonte de saúde. Atribui-se aos movimentos do corpo estimulados pela mecânica dos teares Cícera Pereira Matos de Sousa, de 78 anos, considera o tear sua academia.

“Quando a gente fica sem esse tear a gente fica é doente. Dá graças à Deus quando está trabalhando” (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 15:38)

EXPRESSÕES ORAIS

(Informem se há músicas, cânticos, orações e outras formas de expressão oral próprias do saber. Caso sim, quais são eles? Diga quando são realizadas e quem são os responsáveis por fazê-los)

A forma de expressão oral própria do saber-fazer da TeMa é o “linguajar” carregado de termos peculiares e pronúncias nativas. Para expressá-las foi produzido um Glossário Especializado com termos próprios do saber-fazer que acompanha este Trabalho Final do Mestrado como produto/serviço exposto no apêndice B.

OBJETOS IMPORTANTES (FERRAMENTAS, INSTRUMENTOS UTILIZADOS)

(Informem se há e quais são os objetos necessários ao saber)

Utiliza-se um dos teares manuais com seus respectivos objetos associados, como instrumentos de trabalho utilizados para confeccionar as redes de dormir de Pedro II.

Os instrumentos e equipamentos vem sofrendo algumas pequenas adaptações pontuais em substituição a peças obsoletas. A mudança mais significativa é na “desestruturação” da UFPD, como já foi dito. Tudo na rede é feito à mão. Os teares e a maioria dos instrumentos de trabalho, antes feitos por mestres de ofícios, já podem ser fabricados em marcenarias, com exceção do pente e *liço*^G para o Tear de Três Panos que são feitos por mestres e mestras do ofício.

“Um tear de parede dura a vida da gente toda, o facão é que quebra mais fácil” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 32:30)

“Alguns instrumentos de trabalhos ainda são feitos manualmente, como é o caso da *preaca*^G, então fica mais difícil encontrar alguém que faça o instrumento” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 47:00)

Obs. Ver Ficha dos Objetos com descrição detalhada dos teares e seus elementos complementares.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

(Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para o saber)

“Não podemos impedir os filhos de viajar em busca de trabalho porque não dá para viver aqui do artesanato”.
(Rosa Alves Soares Pinheiro, 17/06/2016, 4:06)

Optou-se por subdividir e apresentar o item em subsecção, para compreensão da realidade específica:

- Estrutura Física:

- Tear completo com todos os acessórios e objetos associados. (Ver Ficha dos Objetos);
- Espaço físico para o montar o Tear. O Tear de Parede é móvel, porém mantém-se imóvel, quando armado e recostado numa estrutura vertical durante o processo de tecelagem do pano de rede. O Tear de Três Panos, que pode ser fixado no chão (situação mais comum) ou confeccionado de forma a manter-se dentro de um quadro de madeira pesada que impede o tear mover-se durante o manejo. Normalmente os Teares, na área urbana, são encontrados em áreas cobertas e abertas, ligadas às casas residenciais. Na zona rural, viu-se, o Tear de Três Panos instalado no quintal, fixado no chão, área aberta e cobertura improvisada ou ligado à cozinha. O ambiente é sempre muito simples e pouco confortável. O Tear de Batelão que não é fixo, porém bastante pesado, localiza-se em ambiente anexo à residência. Procura-se sempre um lugar menos quente, seja na frente, ao lado ou no fundo da casa.

Estrutura Organizacional:

A TeMa adequa-se como uma atividade individual, familiar ou coletiva. Quando organizada em UFPDs, grupos de produção, associações ou cooperativas, oferece melhores resultados, repercute na elevação da estima das teceloas, na preocupação com a qualidade do produto, na comercialização direta, assim como na presença de mão de obra jovem, que representam possibilidades reais de continuidade do saber-fazer. A produção individual, com a juda familiar, se apresenta menos promissora: é realizada nas residências, praticamente sem contato com outras teceloas, direcionados aos atravessadores ou lojistas. É frequente a fragmentação da produção para terceirização dos *prifilos*^G e *acabamentos*^G. A lojista encomenda o *teçume*^G às teceloas escolhe cores e padronagens e paga pelo serviço; repassando as outras etapas a outros profissionais. Percebe-se que a fragmentação é uma dinâmica em substituição à divisão de tarefas que existe dentro das UFPDs e uma forma de baratear a produção. Hoje existem mulheres que se especializaram em *mamucabar*^G e deixaram de tecer, inclusive cortaram os teares de parede e pente do tear de três

panos adaptando os teares para a finalidade pretendida. A rede não fica mais com as características da produtora.

“Na tecelagem tem muitas pessoas trabalhando em conjunto, porque nesse negócio de tecelagem tem muita coisa que as pessoas só fazem uma parte do trabalho, da produção da rede ou da preparação e manutenção do tear. Eu sou mais para tecer e aprontar; meus liços já é outra pessoa quem faz e os instrumentos em compro do mestre Pedro Artur, lá é coisa linda, a família toda faz tudo, sendo que cada um faz uma parte do processo” (Lucimar Martins da Silva, 04/07/2016, 15;15).

Recursos Humanos, Financeiros e Contábeis:

“Uma rede merecia um preço melhor porque dá trabalho demais e o investimento é grande, quando você soma a despesa não vê o lucro.”
(Evanilda M^a de S. Santos 25/07/2016, 1:00)

Tecer é uma atividade comum de mulheres da camada popular em Pedro II. A presença masculina é percebida nas comunidades rurais Olho D'Água do Meio e Felipe considerados polos locais da Rede de Três Panos. Fora desse contexto viu-se a presença masculina em grupos familiares urbanos originários dessas localidades. Com relação ao manuseio do Tear de Parede só foi identificada a presença feminina na tecelagem. Em algumas poucas atividades complementares, como por exemplo torcer punho, urdir e eventualmente, fazer franja, é que se percebe a presença masculina.

As narrativas são enfáticas quanto às dificuldades financeiras e contábeis pelas quais passam as tecelãs no exercício da função. Desde tempos remotos até o presente reclama-se da falta de recursos ou financiamentos para iniciar a atividade e de capital de giro para desempenhar a atividade. Muitas das tecelãs entrevistadas começaram a atividade praticamente sem recurso financeiro. Normalmente a família responsabiliza-se pela iniciação profissional, fazendo a doação do tear e do primeiro lote de matéria prima ou emprestando o fio para se pagar como puder, uma espécie de dote de casamento. Outra alternativa comum é comprar fiado, 2Kg de fio para 1 (uma) rede e pagar com a venda da rede, ou ainda, pegava-se o fio emprestado com alguma tecelã da UFPD para devolver pós-venda. Fala-se de vendedores de redes que afiançavam a compra do fio nas lojas, para as tecelãs que forneciam redes para eles fazerem a venda fora da cidade. Com o dinheiro da venda. A relação, nesse caso era do vendedor de fio com o (a) vendedor (a) de rede. Não existe mulheres comerciantes de fio.

Toda forma de incentivo à produção das quais se tomou conhecimento são de iniciativas pessoais ou particulares, não foram relatadas experiências com o poder público ou outros órgãos

financiadores. Só agora, na última década é que surgiu o Banco do Nordeste com uma política de microcrédito que facilita o acesso de tecelões a um pequeno capital, porém, rápido e sem burocracia.

“Para começar meu negócio com a rede minha mãe me emprestou fio suficiente para fazer três redes, com a venda eu paguei o fio dela e comprei mais fio para continuar tecendo” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 20:33)

Custo de produção componentes essenciais e complementares – valores repassados pelas tecelões.

Tabela 7 – Custo de produção matéria prima e acessórios - ano base 2016

Matéria Prima	Serviços Complementares Terceirizados	Produtos/Elementos Adicionais	Preço em R\$/ Unid
3 Kg Fio			13,00
12 novelos Linha			96,00
1/5 Kg de Punho			6,50
3 m franja			3,00
		Varanda de Crochê feita com fio, medindo 2,40cm	45,00
		Varanda Macramê feita com fio, medindo 2,40cm	20,00
		Varanda de parede feita com fio, medindo 2,40cm	3,00
	Mamucabar – 1 cinta de cada lado rede		2,00
	Tecer e aprontar Rede de Três Panos sem empunhar		7,00
	Tecer pano de rede batida, da Moda e Tapuerãna		60,00

Custo de produção por tipo de rede manual – valores repassados pelas teceloa.

Tabela 8 - Custo de produção de redes manuais Preço da teceloa – ano base 2016

Tipos De Redes	Rede de 2kg	Rede de 3kg	Matéria Prima	Tempo de Produção	Média de Preço R\$
Três Panos sem varanda	X		Fio	2 dias	40,00
Três Panos sem varanda		X	Fio	2 dias	100,00
Três Panos Falhadinha sem varanda		X	Fio	2 dias	120,00
Três Panos Falhadinha com varanda de crochê fio		X	Fio	2 dias e meio	150,00
Batida sem varanda	X		Linha	15 dias	200,00
Batida sem varanda	X		Fio	7 dias (o fio é mais grosso rende mais tempo)	100,00
Batida com varanda macramê			Fio	7 dias	115,00
Rede Da Moda com franja e varanda (Padrão)		X	Fio	15 dias	Pode variar de 160,00 a 250,00
Rede Tapuerãna com varanda terceirizada		X	Fio	15 dias	Pode variar de 160,00 a 250,00
Rede Tapuerãna com varanda terceirizada		X	Linha	15 dias	Pode variar de 450,00 a 600,00

Observações:

- 1 – Há cerca de 3 décadas atrás a rede de Três Panos pesava apenas 1,5Kg, daí a expressão “redinha pequena”, hoje só tem aceitação as redes de 2Kg acima;
- 2 – Para o tempo de produção considerado as varandas são compradas prontas;
- 3 – O que determina a variação de preço é a qualidade do acabamento e das varandas;
- 4 – Todas as varandas utilizadas são feitas no município que também atende a grande demanda de rede de sol-a-sol.

Equipamentos e instrumentos de trabalho utilizados da TeMa

Tabela 9 – Custo de equipamentos e ferramentas de trabalho

Tipos	Matéria Prima	Valor médio em r\$
Tear de Três Panos com elementos adicionais	Madeira	900,00
Tear de Parede com elementos adicionais	Madeira	600,00
Pente para Tear de Três Panos (um por ano)	Madeira	35,00
Pente para Tear de Três Panos	Ferro	50,00
Liço para tear de Três Panos	Fio torcido	15,00
Preaca	Madeira ou ferro	10,00
Facão	Madeira	30,00
Bilros	Madeira	2,00
Lançadeira	Madeira	10,00

Observações.

1. Os teares mais antigos são equipamentos muito resistentes, feitos com madeira especial, cada parte, peça ou instrumento de trabalho é feito com a madeira adequada para a função. Foram identificados teares em funcionamento que já pertenceram a três gerações.
2. On instrumentos de trabalho tem longa vida útil e geralmente são feitos com materiais reciclados;
3. Os poucos Teares de Batelão existentes foram introduzidos na década de 1970 e não são fabricados no Município de Pedro II. A pesquisa só identificou um Tear de Batelão ativo.

Lucro para a maioria das tecelões é o que se gasta com a matéria prima. É praticamente a única contabilidade utilizada. Horas de trabalho, água, luz, transporte, embalagem, entre outros não são contabilizados como despesas nas produções domésticas. O desenvolvimento de uma lógica própria, por vezes bastante rústica, de capital inicial, capital de giro, “lucro de sobra do fio” e estratégias de venda. Os exemplos são comuns: 2k de fio emprestado para pagar com a venda da rede, tear doado ou construído por pessoas da comunidade para pagar aos poucos. Criam-se dinâmicas próprias também para continuar com o saber-fazer, aproveitando-se, por exemplo, a iluminação da sala da televisão ou outro ambiente para aprontar a rede, iniciando e finalizando a

jornada de trabalho com a luz do dia, teares em alpendres fora de casa para aproveitar a ventilação. O imediatismo de vender barato para retorno imediato é uma medida para suprir as necessidades diárias da família.

“Uma Rede Batida feita de linha leva 15 (quinze) dias para ser confeccionada e aprontar, é vendida de R\$ 200,00 para lá e deixa uns 60,00 R\$ de lucro, sem varanda. Sendo de fio são só 7 (sete) dias porque o fio é mais grosso, rende mais tempo e custa R\$ 100,00” (Anísa Alves de Sousa Oliveira, 17/06/2016, 9:23)

Viu-se que 100% das entrevistadas para dar início à atividade tiveram que levantar um pequeno capital com a ajuda de familiares, vendendo animais de pequeno porte, ou até mesmo através de doação de equipamentos, instalando o tear e comprando 2kg a 3kg de fio, que só viriam a ser pagos, a partir da venda da terceira produção. No geral as UFPDs não dispõem de capital de giro e praticamente trocam a produção pela matéria prima que é responsável por mais de 60% do custo da produção. Não existe estocagem de matéria prima e nem de produção. No dizer das tecelões muitas vezes existe troca de serviços entre tecelões para aprontar a rede de madrugada e “amanhecer com ela na feira” para fazer venda que é para poder comprar os mantimentos de casa. Outras são vendidas ainda no tear.

“Vê-se que varanda boa é mais cara que a rede de três panos. Pode ser vendida até por R\$ 45,00 enquanto que uma rede de três panos se compra até por R\$ 30,00” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 20:12).

As narrativas mostram a força da TeMa na história de milhares de pessoas e famílias de Pedro II. Se ela chegou até aqui certamente deve-se às unidades familiares e se tem diminuído em número e produtividade grande parte é em consequência da desarticulação das UFPD, envelhecimento da tecnologia e principalmente porque não existe renovação da mão de obra, as tecelões estão envelhecendo e os jovens não querem mais aprender “um serviço pesado”, dizem as próprias tecelões. Viu-se que logo após a chegada do fio industrializado sobrou principalmente a mão de obra masculina que se dedicava principalmente à preparação da matéria prima – plantar, colher, bater e descarregar o algodão, torcer e tingir o fio e os punhos. Quase não houve ressignificação da força de trabalho masculina. A grande maioria não se inseriu em outra função dentro da TeMa

“No Engenho Novo quase todas as mulheres teciam, agora não tem mais ninguém. Os rapazinhos novos do Engenho Novo teciam porque a quarenta anos atrás não tinha nada para eles fazerem” (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 22:33).

Das narrativas das tecelões relacionamos algumas constatações como pontos de inflexões sobre os discursos das próprias tecelões sobre questões relacionadas aos fatores de ordem financeira e comerciais:

- Prevalência de contratos verbais de compra, venda e encomendas – negocia-se com a palavra;
- Teceloa não faz conta no papel, só na cabeça, interessa saber que a margem de lucro é pequena;
- Se pedir o preço justo da rede não vende, porque as pessoas não sabem avaliar a qualidade e o tempo gasto com o produto;
- Muito difícil organizar a categoria “em rede organizativa” de produção para conseguir uma melhor divulgação, preço e venda do produto;
- Nas associações ganha-se por produção quem não tece não ganha;
- Vê-se muitas mulheres que continuam tecendo mesmo depois de aposentar-se como lavradoras ou pela idade;
- A teceloa bota o preço na peça e a lojista que recebe para a venda bota o dela em cima
- Teceloa não conta todas as despesas e nem faz o preço do produto a partir da contagem das horas trabalhadas

“A dificuldade de trabalhar em grupo, ou em rede organizativa é pelo individualismo e egoísmo, dificuldade de fazer preço conjunto e contar as horas de trabalho, aprendi que margem de lucro é o que passa do que se gasta com material e mão-de-obra, então, coloca-se 60% ou 50% para cobrir despesas fixas e não fixas”. (Rosa Alves Soares Pinheiro, 13/08/2016, 29:00)

TRANSMISSÃO DO SABER

(Procurem descobrir como se aprende e se ensina esse saber)

“A Xique Xique é um lugar onde as pessoas vão aprender tecer?
Ouvi dizer que lá tem vários teares e as mulheres tecem sentadas”
(Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 47:44)

A transmissão do saber-fazer dá-se quase espontaneamente e quase sempre pela observação participante. Em família de teceloa, dizem as narrativas, que o repasse era feito pela convivência. Há uma geração atrás a mãe ou irmã mais velha ensinava as filhas/irmãs mais novas a tecer, outras aprendiam com a rotina diária de simplesmente ver fazer. A grande maioria das mulheres aprendeu tecer entre oito e doze anos de idade, mas bem antes já se misturava com os afazeres da tecelagem. A atividade era tão comum que estranho era que moças da camada baixa e/ou média baixa não soubessem tecer rede em Pedro II. Para muitas mulheres era a única profissão possível seja pela cultura do local, seja pela inexistência de oportunidade de estudos ou empregos. Diz-se, ainda que

a tecelagem é considerada como um trabalho, mas não um emprego, pois gera renda, mas, não é possível estabelecer uma remuneração fixa e certa, além de que, o horário de trabalho é bastante puxado.

“Sou órfã de pai e mãe, fui criada pela avó. Aos quatro anos já enchia canela e ajudava a urdir, foi me entendendo por gente e já fui tecendo. Ninguém me ensinou. Aprendi só olhando. Aos 13 anos já tinha um tear. Esse tear aqui tem quase a mesma idade que eu teço. Minhas filhas começaram me ajudar a partir dos 3 anos porque quem tem o convívio faz. Minha neta tem 5 anos e já ajuda a urdir (Luíza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 8:58)

“Minha mãe dizia: quem quiser aprender que venha olhar, e como eu queria saber das coisas, ia e ficava roubando lá de longe. Não tive professora para isso aqui não, era só olhar (...) eu fui urdir umas tiras lá nos paus, no quintal e pequei um talo de palmeira e ficava batendo, no quintal e fui fazendo sozinha, ninguém nunca veio dizer faz isso” (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 4:41)

Nas UFPDs a TeMa pode ser uma atividade com muitas horas de concentração, silêncio e ausência de companhia, as mulheres ficam horas a fio nos teares. Normalmente começa-se a tecer 5h da manhã, depois de um café preto, depois segue-se *tecendo direto*^G até 9h, para-se para uma merenda rápida e encaminhamentos das atividades domésticas. Volta-se a tecer por volta de 10h, entre uma olhada e outra nas panelas ao fogo. Às 11:30 para-se para almoçar, cuidar de atividades domésticas e descanso rápido. Volta-se às atividades com a tecelagem por volta 13:30 e continua-se até o por do sol, com os teares que ficam nos quintais. À noite a maioria prefere-se fazer os acabamentos da rede, mas há quem teça até por volta das 21h. Na Xique-Xique segue-se horário comercial e às vezes leva-se *acabamentos*^G para se fazer em casa.

Há cinco décadas quando uma moça desejava aprender a tecer e não vinha de uma família de tecelões os pais contratavam profissionais para vir em casa ensinar as filhas tecer rede no Tear Grande com a mestra Chiquinha Medeiros foi assim. Hoje não existe procura de moças pela aprendizagem da TeMa e nem centros culturais ou ações educativas oferecendo cursos ou oficinas do saber-fazer. Uma experiência da Ecoescola Tomas à Kempis, escola filantrópica com educação contextualizada tempo integral, ofereceu uma oficina de tecelagem manual para jovens através do Programa Mais Educação em 2012 e não houve interessados para inscrever-se. No início do ano de 2017 a Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II disponibilizou seu espaço e estrutura para instituições que trabalham com reintegração de jovens, mais as atividades não tiveram início. A situação é crítica.

A leitura das teceloas sobre a transmissão do Saber

“As pessoas têm que ter dom, não são todos que podem fazer”
(Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 23:16)

Na rede se aproveita tudo e se aprende fácil quando se está. Há quatro décadas aprender a tecer com 9 ou 10 anos não era exploração, o *fucão*^G não pesado. Era uma novidade, quase como uma brincadeira.

“Só ensinei uma filha minha, mas ela não quis tecer. No Martins todas as mulheres sabiam tecer no Tear de Parede, aprendi tecer no tear de 3 panos na Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II” (Alice Alves de Oliveira, 28/06/2016, 20:23).

“Mas o saber-fazer da rede de dormir no São João acho que veio de cabeça, as mulheres viam e diziam eu vou fazer e faziam. Tem tanta rede bonita por aí que eu não sei dizer de onde veio a rede. Não sabemos da origem” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 39:18)

A Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II já repassou cursos na Comunidade Olho D`água do Meio, que é o maior polo local na produção da Rede de Três Panos. O grupo também aplicou curso em outros municípios do Piauí como Batalha, Coronel José Dias, São Pedro do Piauí.

“Eu aprendi a Rede da Moda com 12 anos porque achava bonito e desde então não deixei mais de tecer, nem quando as crianças (filhos dela) eram pequenas” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 3:33).

“Tem um neto meu que faz meus punhos no carretel para as redes da Xique-Xique, para as outras a gente compra punho feito (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 11:55)

As experiências com associativismo apresentam melhores resultados e perspectivas de preservação do saber-fazer do que as produções individuais. A localidade Martins é considerada um núcleo produtivo e especializado nas redes do Tear de Parede. Lá foram identificadas cinco mestras ativas e duas inativas. É a única localidade que ainda produz Redes Ponto de Colcha. É um grupo (informal) de teceloas bastante integradas. A tradição já vem de longa data, mas o grupo do Martins é o mesmo que participou da primeira Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II, hoje apenas uma delas Maria do Rosário Lopes Alves, a Naná, participa da Associação dos Artesãos de Pedro II, que substituiu a Cooperativa. O único Tear de Batelão existente (grande com pente de ferro) era de um grupo de produtoras que existiu lá, hoje está com a mestra Rosa Alves Soares Pinheiro, da vizinha localidade Gameleira.

“Eu não acredito que esse saber acabe não. No Olho D`Água do Meio tem muita mocinha nova que tece” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 12:20)

AVALIAÇÃO

(Indiquem os **principais aspectos** para que o **saber continue** sendo uma referência cultural e quais podem **interferir para seu desaparecimento**)

“Depende de muitos fatores por exemplo o poder público, governantes, precisa definir qual o valor que atribui ao saber-fazer e dizer que o quer fazer para ele não desaparecer” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 10:50)

Este inventário permite analisar um estado de vulnerabilidade do bem cultural considerando a redução do número de exemplares em uso para confecção das redes manuais, assim como pelo desconhecimento de pessoas de várias gerações, sobre a existência e finalidade dos equipamentos e saber-fazer da TeMa.

O uso do Tear de Parede para confecção de redes manuais, apresenta indicadores de mudança. As estimativas apresentadas estampam fortes alterações no número de teares existentes, visto que até a década de 1980 era muito popular, quase toda casa tinha um ou dois. De acordo com as narrativas das teceloas, o Tear de Parede caiu para um número quase simbólico. Estamos diante de um quadro da realidade. Viu-se inclusive o espanto de uma das teceloas entrevistadas, mestra da TeMa no Tear de Três Panos, Luiza M^a de Carvalho Nascimento, 65 anos – ao saber da resistência do equipamento e sua produção, pois a mesma já supunha seu desaparecimento por completo no município, a partir do desaparecimento na sua localidade de origem, Engenho Novo.

Aumenta a cada dia a prática de “corte dos teares”, dizem os relatos, mais especificamente dos mourões horizontais da grade de madeira do Tear de Parede e do pente e *liço*^G nos Teares de Três Panos, são adaptações e ressignificação dos tradicionais teares, para a função *mamucabar*^G as redes de brim e confecção de tapetes. A dinâmica ao tempo que atende as recriações e necessidades das teceloas requer atenção pela vulgarização do ato e declínio na produção de redes manuais.

Sobre as transformações do espaço físico do mercado do artesão e do espaço da feira, acredita-se que uma construção não deveria sepultar outras, seja pela preservação do próprio prédio, enquanto patrimônio, seja pela visão e planejamento de crescimento do segmento e a necessidade de mais espaço físico para acomodar bem as (os) vendedores (as) e os compradores.

Hoje o Mercado do Artesão deixa muito a desejar no desempenho da função de apoio às teceloas e artesãos em geral porque restringe os espaços de venda às lojistas. A tradição cultural da feira perde em termos de caracterização, e as teceloas e demais artesãos perdem espaço porque não existem lugares, dentro do Centro do Artesão reservados à venda independente, ou seja, o regimento interno não permitiu a venda de produtos fora das lojas, se existe a venda é porque houve transgressões.

A relação das teceloas com as lojistas se apresenta como um mal necessário na finalização da cadeia produtiva, a comercialização. Não é consenso entre teceloas que as lojistas se coloquem bem diante desse patrimônio cultural. Enquanto umas fazem um trabalho consciente de manter um espaço de venda e divulgação do saber, divulgando a TeMa e as teceloas, outras se comportam de forma indiferente, traíndo “suas” fiéis teceloas comprando redes industrializadas da Paraíba e vendendo para turistas e pessoas de cidades vizinhas que não conhecem bem o produto, como se fossem Redes de Pedro II; tem lojista que já foi teceloa e conhece bem este universo de invisibilidade, todavia, viram as costas às produtoras.

“Tem lojista dentro do Mercado do Artesão virando atravessadora enchendo as lojas de produto industrializados e rede sol-a-sol (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 10:02).

“Tem lojista que não sabe nem sequer dobrar uma rede” (Vera Lúcia dos Santos Pereira, 17/06/2016, 30:37)

Enquanto isso percebe-se uma complacências e sujeição de muitas teceloas às imposições de lojistas que além de controlarem os preços e a atividade comercial dentro do Mercado do Artesão e fora de lá, estabelecendo relações de dependência com algumas teceloas que só tecem para lojistas ou encomendas, também dão um direcionamento ao processo criativo da estamparia/design das peças sem conhecimentos sobre design e sem preocupação com a tradição do saber. As teceloas ficam à mercê do mercado:

“A dona da loja compradora de minhas redes é quem diz as cores de fio e o jeito que gosta. Listras grossas tem saído muito (Luiza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 34:23)

A Estruturação de espaços físicos é necessário, obviamente, mas, só construção, desconstrução e reconstrução de um mesmo espaço, ao longo de cinco décadas torna-se inexpressível a ação do poder público local diante dos problemas que se arrastam por mais de um século – a falta de crédito e financiamento específico e facilitado; falta de incentivo produtivo e de fortalecimento das UFPD e associações; inexistência de programas educativos e de divulgação do saber; implementação de melhorias nas condições de vida, de trabalho e de transporte para as teceloas; assessoria para comercialização e pontos públicos de apoio ao armazenamento, depósito e venda dos produtos, organização da categoria e atendimento básico à saúde das teceloas; entre outras necessidades suscitadas ou subjetivadas ao longo deste IP. Todas essas questões têm permanecido ausentes das pautas governamentais. Não existe política pública local na linha educativa para assegurar a transmissão do saber, assim como não existe nenhuma iniciativa de desenvolvimento local sustentável pelo fio condutor da tecelagem manual.

Apresentar e divulgar as Redes de Pedro II como produtos símbolos de sua cultura requer vontade política de fortalecimento e visibilização do saber e das produtoras. Sem conhecer não há como

preservar. A riqueza dos detalhes, requinte e serviços agregados que as têm embutidos são “invizibilizados”, porque as pessoas só saberão e darão valor se conhecerem bem o produto e reconhecerem as produtoras e o saber-fazer. Há que existir um serviço de informação e de divulgação eficiente. Não se vive mais o tempo em que 92% das casas residenciais do município eram UFPD, ou mais remoto ainda, 1959, quando Câmara Cascudo já referia-se as “indústrias tradicionais domésticas” de Pedro II e a Rede como uma grande referência local.

A pesquisa-ação mostra-se essencialmente importante para o conhecimento da TeMa e a garantia da existência desse saber-fazer ancestral. Vê-se que as tecelões, o tear e a tecelagem são patrimônios culturais e meios de produção eficientes para a sustentabilidade da sociedade pedrossegundense, porém com mais ‘capitalização em simpatia’, parafraseando Câmara Cascudo, do que financeiramente.

“Eu tenho muito medo da rede desaparecer porque está muito ruim para produzir e vender rede. Se não for aquelas lojas se interessarem por uma cor que seja mais rentável para elas, há dias que não se vende nada.” (Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 17:10)

Cada tecelão tem seu universo particular. São realidades ricas e dinâmicas, construídas tradicionalmente há mais de um século de existência do saber-fazer. O movimento da rede embalava vidas entremeadas de contextos singulares e plurais, ao mesmo tempo, urdidos a várias mãos. Cada casa de tecelão é uma unidade de produção dentro da trama da rede e da TeMa. Nas casas, grupos ou associações tem uma lógica comum que se aplica. Na concentração e sedentarismo que o saber exige, não pode ser considerado alienante em si. Todas as envolvidas pelo grupo referência de estudo da pesquisa sabem dos pontos fracos da atividade. Conceituar o fazer como uma condição de isolamento talvez não seja justo para um movimento que resiste há mais de um século. As estruturas sociais, culturais e organizacionais que viabilizam ou dificultam a existência do saber-fazer da tecelagem manual compreendem um contexto historicamente construído. A história da atividade e de suas mestras não existe fora desse contexto. Há que se perceber o “amparo” social dado e/ou subtraído ao saber-fazer e as detentoras do saber e nessa teia interativa ver melhor quem não se enrola e percebe os fios da meada.

As ‘concentradas’ são exigentes com o fazer não param para conversar porque tempo é dinheiro que o lucro da rede não paga. Trabalha-se muito, ganha-se pouquíssimo. Mas, a rede não balança só, se faz preciso balança-la.

“Se valorizar mais talvez os mais novos quisessem aprender. Porque teve eu m tempo que ficou tão ruim de vender que o povo foi deixando, deixando até que muitas desanimaram e abandonaram.” (Francisca M^a de Oliveira Silva, 05/07/2016, 53:59).

Apesar de todas as dificuldades acredita-se que o saber-fazer tem raízes e artesão e tecelões de verdade sempre aparecem para manter a cultura, ainda que como tradição. Todavia, a esperança não é só utópica, se mostra realista e conhecedora da realidade. Os itens a seguir sintetizam os anseios colhidos na ação educativa do IP:

- Aumentar a estima das tecelões e valorizar a profissão;
- Valorizar a profissão com destaque para o nome dos artesãos;
- Aumentar a qualidade dos produtos em 100%
- Aperfeiçoamento dos profissionais
- Ensinar a geração mais nova envolvendo escolas e criando oficinas;
- Inovar na criação de peças novas sem perder a cultura da tradição, a arte de raiz misturar o novo, o criativo com o tradicional – a arte se mantém, agregando o novo a tradição;
- Manter a técnica com equipamentos, instrumentos, materiais e saberes agregando novos materiais e design;
- Manter a maneira de fazer e misturar com a arte de tecer inovando com materiais que agregam valores
- Grupos e associações fortes;
- Tecer em grupo tem muita vantagem porque a gente aprende com os outros;
- Trabalhar organizado que é melhor para todas, acreditando no seu trabalho e no projeto coletivo; O grupo ensina muita coisa, o grupo sabe fazer preço
- Investimentos como capital de giro
- Projetos para implantação de oficinas de aprendizagem; estudantes podem aprender o ofício enquanto estudam, não atrapalha. A compreensão de que hoje jovens só devem estudar precisa ser discutida na camada popular. Houve um tempo em que crianças e jovens só trabalhavam.
- Consorciar a confecção de peças pequenas, que são mais rápidos para fazer e mais fácil de vender, com a da rede, diversificando a produção, usos e matérias, mantendo a forma e a técnica tradicional;
- Manter uma estrutura física e material capaz de atender encomendas grandes e vários clientes.
- Acreditar que é possível
- Preocupar-se em criar peças, formas de organização e de comercialização.

Aspectos que podem interferir para o desaparecimento do saber-fazer:

“Daqui mais uns tempos não tem mais que faça uma rede não. As mulheres de idade não vão mais meter cara e as mais novas não querem aprender.” (Anísa Alves de Sousa Oliveira, 14:15)

“As mulheres que pararam não voltam mais e as mais novas só fazem varanda de crochê para rede sol-a-sol. Minha filha mesmo faz varanda e eu não ensinei tecer porque acho pesado.” (Evanilda M^a de S. Santos, 25/07/2016, 17:48).

“Ninguém quer aprender mais, acha que é um trabalho difícil e demorado e o retorno financeiro é pequeno, porque ninguém da cidade dá valor, querem pagar barato porque não sabem o trabalho que dá, os que vem de fora dão valor” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 11:00).

“Nem minhas filhas que aprenderam comigo não querem tecer, nem querem a profissão quanto mais que nunca fez, não vai querer tecer agora. Eu tiro pelas minhas filhas e filhos.” (Vera Lucia, 32:00)

Pontos de síntese das narrativas para avaliação dos pontos fracos:

- Falta apoio do poder público, não estimula as pessoas a aprender e continuar;
- Falta de divulgação fora do município, estado e exterior;
- Pouco apoio da própria comunidade;
- Relações de trabalho exploradoras (encomenda);
- Falta coragem para enfrentar os desafios de trabalhar em grupo, se segurar e acreditar que a amanhã pode ser um dia melhor;
- Só ainda tece as pessoas mais idosas que tem por lá, por isso que é mais fácil desaparecer do que continuar;
- Ideia de que é um ruim, pesado e por isso mesmo não quer ensinar seu ofício aos filhos e filhas;
- Lucro pequeno trabalho exaustivo, tecelões só colocam o preço do material e da mão de obra, todas as outras despesas não são contabilizadas (água, luz, transporte, embalagem, etc.);
- Aparecimento da rede de sol-a-sol, feita com tecido industrializado, mais barata e mais fácil de vender (ideia de praticidade);
- Os mais novos não querem aprender. Filhos só querem estudar e depois só querem outros empregos;
- Desmerecimento do serviço das tecelões;
- Mudança de costume e diminuição da rede como objeto de uso cotidiano;

- Mercado do artesanato está cheio de produto industrializado da Paraíba sendo vendido mais barato que o produto local pelos lojistas/atravessadores;
- De acordo com os relatos de experiências o trabalho de conscientização das tecelãs sobre o associativismo é muito lento, quase impossível de ser realizado
- Copiar modelo dos outros, não investir no processo criativo, não fazer diferente e nem a diferença
- Falta um ponto de venda direto para o artesanato. A grande maioria das tecelãs não considera o Mercado do Artesão, em Pedro II, como um lugar que acolhe e valoriza seu produto e sua presença.
- Deficiência no sistema de transporte da zona rural para cidade (mercado e feiras) muitas localidades só dispõem de carro de 8 em 8 dias.
- Vendedores de rede que não conhecem bem o produto e não divulgam.
- Agora não tem mais quem queira tecer os filhos brigam é para as mães pararem de tecer
- Os viajantes que levavam redes para vender em outras cidades foram ficando velhos e ninguém substituiu.

“A necessidade gera competição na hora da venda, as mulheres querem vender rápido porque vivem daquilo ali, não importa por quanto, porque o capital de giro é pequeno e não pode parar.” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 36:36)

“Fazer a venda é mais difícil que produzir a rede porque é importante valorizar o seu trabalho, conseguindo um bom preço, o mais perto do preço justo e dar nome a quem produziu a peça.” (Maria Alves de Oliveira, 07/06/2016, 43:39).

RECOMENDAÇÕES

(Indiquem o que pode ser feito para a preservação do saber)

“Aumentar o ganho é a forma de preservar”
(Emília Pereira de Sousa, 20/07/2016, 21:45)

Curiosamente as tecelãs fabricam redes de dormir, mas não funcionam em rede, ou ao menos não numa rede ativa, desperta, organizada de forma a poder defender a profissão, os direitos das tecelãs ou o saber-fazer hoje ameaçado pela escassa transmissão intergeracional. Falamos do saber-fazer e das criadoras das redes de dormir, mas a sua rede, no sentido organizativo, parece ter adormecido, ou pelo menos não tem evoluído no sentido de fortalecer a iniciativa, o

reconhecimento, isto poderá desembocar num sono profundo e definitivo em que a própria rede adormecerá de vez.

“Teceloa gosta de tecer em casa” A Rede da TeMa deve atentar para esta e outras questões culturais e pensar uma estrutura que converse com essa lógica, desconstruindo a domesticabilidade da atividade e exaltando a teceloa profissional que não desiste de ter uma atividade remunerada desde quando “não existia outra ocupação e nem escola para as mulheres.” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 11:23)

“Mesmo tendo que acompanhar o preço do mercado, mas eu quero saber quanto custa meu produto, por isso eu me esforcei para aprender a fazer o preço baseado, saber o que eu estou perdendo, saber o que eu estou ganhando.” (Rosa Alves Soares Pinheiro, 17/06/2016, 1:00:10)

Pontos de síntese das narrativas para recomendações

“Eu não anoto nada da produção nem comercialização da rede.
Dou graças a deus quando vendo uma e pronto”.
(Evanilda S. Santos, 52:37)

- Multiplicar o número de associações ou grupos de produtoras;
- Mudar as relações de produção;
- Apoio e incentivo à aprendizagem/ Renovação da força de trabalho (mão de obra);
- Qualidade de artesanato se sente no toque, a qualidade do produto é o maior argumento para divulgação e comercialização;
- Estudos/pesquisas para registrar a memória;
- Rever expressão “trabalho pesado” e alternativas de trabalho cooperativo, pois, “todo dia no pé do tear cansa”;
- Participar de feiras e eventos para ganhar/ trocar experiências;
- Disponibilizar cursos, oficinas e consultorias nas diversas áreas da TeMa (designer, embalagens, comercialização, associativismo);
- Combinar o preço da rede, tal qual, os comerciantes combinam o preço do fio;
- Teceloa não se aposentam como teceloa porque são lavradoras, doméstica.

Algumas reflexões sobre vendas

- Como criar capital de giro se o produto é vendido rápido para financiar a atividade e termina não valorizando o produto?
- Como virar um especialista em vendas e ao mesmo tempo criar, tecer, aprontar?

- Como superar a competição desleal entre as teceloas?
- Como criar uma categoria? Como criar uma categoria unida?
- Como estabelecer relações comerciais favoráveis? (Lojistas viram atravessadores, amigos duvidosos das artesãs; ex lideranças viram atravessadoras influentes porque foram capacitados, quando estavam à frente dos grupos e fizeram contatos importantes.)

Ouviram-se de algumas mestras do saber-fazer considerar-se a pessoa, lojista ou atravessador, que encomenda e paga pela terceirização do serviço, ou ainda aquele que compra a produção semanal ou mensal, como sendo “a pessoa para quem a teceloa trabalha”. O uso do termo “patroa” para designar “as mulheres que mandam tecer redes”, também é comum: a patroa da rede, apesar de existir apenas um acordo verbal, “um empenho da palavra” nas relações de produção da rede “por encomenda”. O termo se estende também ao vendedor de fio que em narrativas é chamado o “patrão do fio”. Nunca existiu, todavia, na forma individual ou familiar de produção da rede de dormir de Pedro II, qualquer formalidade no vínculo empregatício. Tudo é feito com base no “empenho da palavra”, ou acordo verbal. Empenho de palavra é exercício de oralidade. Suzete M^a de Oliveira, por exemplo, diz que quando começa a trabalhar com uma pessoa só deixa quando ela não quer mais seu serviço. Existe na relação comprador e teceloa uma fidelidade gratuita, por parte das teceloas, ou seja, baseada no “respeito e na consideração” a quem costuma comprar seu produto. Como, normalmente, são os compradores que costumam botar o preço na rede, a consideração assemelha-se a uma subserviência cultural.

Justificando poucas vendas, identificou-se pelas narrativas, lojistas e comerciantes suspenderem as encomendas ou compras combinadas. Nessas situações a teceloa fica parada ou aceita outras pequenas encomendas, que não comprometam sua relação com a lojista. O isolamento da produção e invisibilidade das teceloas vai de encontro à inexistência de políticas de incentivo ou geração de alternativas de comercialização. É comum encontrar teceloas que morando em Pedro II não conhecem bem o município e costumam sair de casa uma vez por mês para comprar matéria prima ou receber o dinheiro da aposentadoria, no caso das que já são aposentadas como lavradoras.

Existem teceloas que consideram muito difícil ser empreendedora autônoma. O costume de receber o fio e entregar o pano de rede tecido é muito cômodo. Com a terceirização do *teçume*^G, não são feitos os *acabamentos*^G e nem *aprontamentos*^G das redes porque acha-se perda de tempo com os serviços complementares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DA REDE DE DORMIR EM PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DOS OBJETOS

Nº 2

IDENTIFICAÇÃO

NOMES

- 1- Tear de Parede e seus elementos complementares.
- 2- Tear de Três Panos e seus e seus elementos complementares.
- 3- Tear Batelão e seus e seus elementos complementares.

O QUE SÃO

(Contém de forma resumida como são os objetos)

São equipamentos profissionais e seus elementos complementares de trabalho utilizados pelas tecelãs de Pedro II. Os Teares são feitos de madeira, de forma rústica com material do próprio lugar e permitem a confecção de um tecido de algodão como base para confecção das redes de dormir.

Os objetos aqui inventariados, ou talvez o projeto e arquitetura deles, são na verdade objetos “vivos”, ou seja, de uso cotidiano das mulheres tecelãs de Pedro II. Não se trata de peças/objetos musealizados ou reservados para exposição. O inventariamento é do saber-fazer da tecelagem

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

manual das redes de dormir de Pedro II, sua dinâmica e movimento do processo produtivo; dos equipamentos; instrumentos de trabalho e elementos complementares de cada Tear.

Para cada ficha da categoria objeto somar-se-á as informações sobre todos os elementos complementares de cada Tear, para tanto foi produzida uma ficha específica para cada um dos três teares, que seguiram enumeradas como:

- 2.1 - Tear de Parede e seus elementos complementares;
- 2.2 - Tear de Três Panos e seus elementos complementares;
- 2.3 - Tear Batelão e seus elementos complementares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DOS OBJETOS

Nº 2.1

“Um tear de parede dura a vida da gente toda, o facão é que quebra mais fácil”
(Neusa Barroso da Silva, 20/07/2016, 32:30)

IDENTIFICAÇÃO

NOME

(Escrevam o nome mais comum do saber e outros nomes pelos quais é conhecido)

Tear de Parede e seus elementos complementares de trabalho.

Também conhecido como:

Tear Grande. Tear de Mão. Tear de Grade. Tear de um Pano Só.

Elementos complementares do trabalho com o Tear de Parede.

Facão. Espichadeira. Bilros. Bilros Pequenos. Réguas. Talas. Tala de enliçar. Cunhas. Facão de Mamucabo. Varas.

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

O QUE SÃO

(Contém de forma resumida como é o objeto)

O Tear de Parede é um equipamento profissional das tecelões de Pedro II, feito de madeira, de forma rústica e simples. Assemelha-se a uma grade regulável em formato quadrado ou retangular, medindo normalmente 2m², mas adapta-se à necessidade, o Tear de Parede é, pois, montado de acordo com o tamanho da peça desejada, não sendo fixado, ou parafusado, é regulado por encaixes e nivelado com *cunbas*⁶ que permitem o perfeito equilíbrio da grade estruturante do equipamento. Comumente usa-se material do próprio lugar para a fabricação do Tear. A confecção de um tecido de algodão a partir do entrelaçamento ordenado de dois conjuntos de fios, o da trama e a urdidura. A função do Tear de Parede é produzir redes.

Os elementos complementares do Tear para desenvolvimento da atividade, são as ferramentas ou instrumentos de trabalho das tecelões de Pedro II. São todos feitos de madeira, com ferramentas simples, poucos possuem algumas finalizações com ferro. Todos os elementos são essências e indispensáveis ao desempenho da função.

IMAGEM

(No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do objeto)

Tear de Parede



Figura 6- Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II. Arquivo pessoal da pesquisadora. Em 13/08/2016.

QUAIS OS OBJETOS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO ASSOCIADOS AO RESPECTIVO TEAR

(Digam quais são e como são estes objetos e instrumentos)

A tabela 1 traz a relação dos elementos complementares do Tear de Parede com as características, medidas e usos/atividades relacionadas com a tecelagem manual.

Tabela 1- Elementos complementares do Tear de Parede

Instrumento de Trabalho	Definição/Materiais	Medidas (Comprimento x largura)	Usos/Atividades Relacionadas
<i>Cunbas</i>	Feitas de madeira, em vários tamanhos, para nivelar os teares	Variadas	Manter o Tear sem folga e o <i>teçume</i> ^G bem teso para desenvolver a atividade.
<i>Réguas</i>	Peças lisas e finas de madeira.	1,0 X 0,3	Usa-se 1 no ato de urdir e 1 para regular o trespasso do <i>teçume</i> ^G e mantê-lo teso
<i>Facões</i>	Peça de madeira seca, leve e lisa e polida, possui uma das laterais talhada feito gume	1,0 x 0,10	Bater para acochar o ponto da <i>trama</i> ^G ; utiliza-se de 1 a 2 por vez
<i>Espichadeiras</i>	Peça fina e comprida feita de madeira com um pequeno tridente de ferro encaixado em uma das ponta. Na outra extremidade existem furos para regular a largura	1,10 x 0,10	Usa-se 2 unidas por 1 cordão para manter as medidas da largura do <i>teçume</i> ^G
<i>Bilros</i>	Pequenos pedaços de madeira lisos e roliços	0,25 x 0,2	Receber uma carga de fio ou linha são utilizados para passar o fio da <i>trama</i> ^G
<i>Talas</i>	Tiras finas e lisas de madeira flexível, espécie de régua	0,60 x 0,2	Utilizada para apertar ou segurar os fios do <i>urdume</i> ^G em certos pontos/tipos de rede, como exemplo, a rede de coentro, duas capas, etc.
<i>Bilros pequenos</i>	Pequenos pedaços de madeira lisos e roliços	0,15 x 0,2	Receber carga de fio ou linha com a qual se fará a <i>trama</i> ^G do <i>ramo</i> ^G .

<i>Varas</i>	Pedaços de madeira, do comprimento da largura do <i>Tear de Parede</i> ^G , liso, redondo, com um centímetro e meio de largura. São usadas duas em cada rede	2,0 x 2,0	A <i>vara</i> superior define o início e o fim do pano de rede porque dela partem e finalizam os fios do <i>urdume</i> ^G , que dão voltas em seu entorno, é o primeiro elemento colocado depois do urdimento e retirada quando termina a tessitura.
<i>Talinhas de enliçar</i>	Pequena peça de madeira com um furinho em das extremidades e na outra uma espécie de gume.	0,15 x 0,2	Utilizada para colocar o <i>liço</i> ^G na rede
<i>Facão de mamucabo</i>	Peça de madeira retangular, lisa, polida com uma das extremidades na forma de gume.	0,5 x 0,40	Bater o ponto da cinta do <i>mamucabo</i> ^G para fixar as tranças

Todas as imagens dos elementos complementares do Tear de Parede utilizadas a seguir são do arquivo pessoal da pesquisadora. As fotos 5, 6, 8, 9 e 10 são de Samuel Lima, produzidas na Comunidade Martins, na residência de Maria de Lourdes Alves, zona rural de Pedro II.

Figura 2 – Cunhas



Figura 3 – Facão e Espichadeira

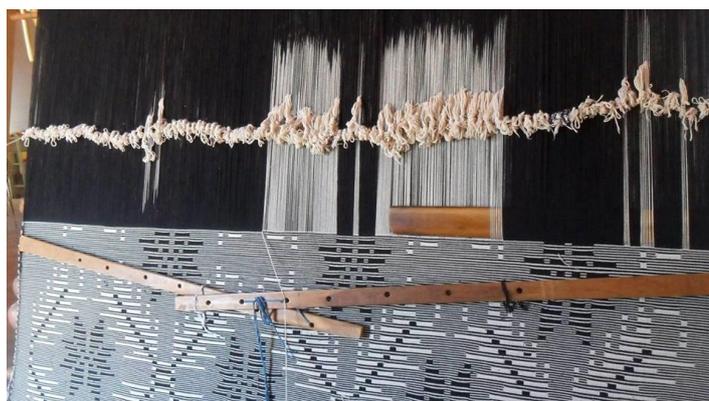


Figura 4 – Bilros sobre tamborete



Figura 5 – bilros pequenos



Figura 6 – Tala



Figura 7 – Varas



Figura 8 – Talinhas de Enliçar



Figura 9 – Talinhas de Enliçar



Os equipamentos a seguir estão associados à produção de elementos adicionais utilizados para finalizar e adornar as redes. São utilizados na fase de *acabamento*^G e *privilo*^G de todas as redes confeccionadas nos três tipos de teares manuais. A tabela a seguir traz os objetos adicionais relacionados com as respectivas definições, medidas e usos nas diferentes etapas das atividades relacionadas ao saber-fazer. Todos têm caráter obrigatório na composição da produção/confeção da rede de dormir de Pedro II.

Tabela 2 – Instrumentos de trabalho associados à TeMa dos produtos adicionais

Instrumento de Trabalho	Definição	Medidas	Usos/Atividades relacionadas
<i>Fuso</i>	Peça pequena, composta por uma agulha de madeira, ponta fina, atravessada e fixada por uma roda de madeira, perfurada bem no meio; ideal é ser feito de pau d'arco.	Agulha – 0,40 cm de comprimento x 1 a 0,5 cm de espessura; Roda – altura 0,5 x diâmetro 2 cm	Torcer o fio e punho
<i>Carretel de fazer e torcer punho</i>	Instrumento de madeira na forma de uma caixa retangular com 3 peças cilíndricas lisas, encaixadas e atravessadas por onde correm as pernas de fio, a serem trançadas e torcidas até formarem os punhos.	0,30 x 0,15	Fazer e torcer punho

<i>Tear de franja</i>	Equipamento feito de madeira, de formato quadrado, tipo moldura larga, possui um torno interno, do lado esquerdo, onde se enrola o fio, que sai por entre pequenas fendas feitas em uma das laterais	0,60 x 0,60 x 0,10	Fazer franja
<i>Viramundo ou Giramundo</i>	Instrumento manual feito de madeira no formato de uma armação cônica, quadrada ou retangular, alguns possuem uma manivela de madeira.	0,50 cm de altura por 0,20 de diâmetro na base	Utilizado para fazer meadas ou desdobrar as pernas de fio de algodão

Ver Fotos dos objetos adicionais relacionados com atividades das fases de *acabamento*^G e *privilo*^G de todas as redes confeccionadas nos três tipos de teares manuais na ficha N. 2.2 – Tear de Três Panos e seus elementos adicionais.

ONDE ESTÁ

(Localizem no território o objeto a partir das referências mais conhecidas)

O Tear de Parede é distribuído por várias localidades do município. Os dados estão diretamente relacionados à produção de redes manuais. Não foram coletadas informações sobre o uso do tear para a produção de tapetes e nem *mamucabo*^G. Ouviu-se relatos de indicação de uma grande quantidade de Teares de Parede adaptados, cortados para estas finalidades.

A tabela a seguir traz os lugares de produção e estimativas da quantidade de teares ativos. É uma síntese das informações dadas pela pesquisa, através das entrevistas, oficinas de escuta/cartografias sociais e informações complementares. Não foram identificadas estatísticas oficiais ou institucionais para somar às construções dessa pesquisa-ação.

Tabela 3 – Localização quantificada do Tear de Parede padrão e atividades relacionadas

Nº ordem	Comunidade	Teares	Atividade/Produto Relacionado: Redes/Tipos.
01	Mangabeira	09	Tapuerãna, Caroá, Olho De Pombo, Ponto Catado
02	Serra Dos Matões	07	Tapuerãna, Olho De Pombo
03	Pequis	01	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
04	Martins**	05	Tapuerãna, Caroá, Olho De Pombo, Bordada, Ponto De Colcha, Ponto Catado
05	São João	05	Tapuerãna, Da Moda, Caroá, Batida
06	Carnaúbas	05	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
07	Tiririca	02	Da Moda, Caroá
08	Coitadas	03	Tapuerãna, Da Moda, Caroá
09	Cipó De Cima	01	Da Moda
10	Pajeú	03	Tapuerãna, Caroá, Olho De Pombo
11	Roça Velha	03	Tapuerãna, Da Moda
12	Gado Bravo	03	Tapuerãna, Caroá, Olho De Pombo
13	Barro Dos Lopes	02	Tapuerãna, Da Moda, De Ramo, Bordada
14	Baixa Do Meio	01	Da Moda, De Ramo
15	Toca	02	Tapuerãna, Da Moda
16	Coitezeiro	02	Tapuerãna, Da Moda
17	Pimentas	01	Tapuerãna, Caroá, Olho De Pombo, De Ramo
18	Centro Dos Gomes	01	Tapuerãna, Caroá
19	Morro Do Meio	01	Coentro, Ponto Catado
20	Mamoeiro	01	Coentro, Da Moda
21	Açude	01	Da Moda, Tapuerãna
22	SUB TOTAL ÁREA RURAL	59	Tapuerãna Da Moda Ou Olho De Pombo, Caroá, De Ramo, Coentro, Ponto Catado, Bordada, Ponto De Colcha.
23	SUB TOTAL ÁREA URBANA	11	Tapuerãna, Da Moda, Caroá, Olho De Pombo, De Ramo, Ponto Catado
24	TOTAL GERAL	70	Tapuerãna Da Moda Ou Olho De Pombo, Caroá, De Ramo, Coentro, Ponto Catado, Bordada, Ponto De Colcha.

PERÍODOS IMPORTANTES

(Descubram os momentos ou datas importantes associadas ao objeto)

Os relatos mostram que em PII o Tear de Parede e o Tear de Três Panos coexistiram harmoniosamente há mais de quatro gerações. Não foi identificado, todavia, os tipos de redes, nem dos teares, trazidos para PII pelos possíveis índios tapuias tabajaras, identificados como habitantes, no século XVI dessa região, citada nas inferências da professora Sarah Mourão, (Disponível em: Wikipédia https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_de_Ibiapaba), para a região de cá. Por extensão, inferiu-se o que Cascudo (2003) afirma sobre a etnografia da rede de dormir em PII.

O tear perpendicular aruaque foi responsável pela indústria das redes de dormir. Recebeu pequenas modificações pelo contato com os teres de Portugal. Já na primeira metade do século XVII as mulheres portuguesas teciam redes e por elas tivemos os acréscimos nas hamacas tradicionais. (CASCUDO, 2003: 132)

Anos noventa do século XIX – Origem segundo fontes bibliográficas

Introdução do Tear e o respectivo aperfeiçoamento do processo de fazer redes de dormir no município de PII (Fonte: Jornal O Piauí, ano XXXVII, nº 294 de 26/09/1925; acervo: Museu da Roça, Pedro II - PI)

HISTÓRIA

(Contém as diferentes versões sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo)

Sabe-se por Câmara Cascudo da herança indígena do Tear de Parede, o “Tear Aruaque” feitos de madeira e suas primitivas redes como produtos, assim descritos:

Era perpendicular e não horizontal como os europeus, e da altura da tecedeira, na média do 1,60. Ali dispunha-se o fio de algodão, fiado em fuso rústico, e a tarefa começava de baixo para cima, da parte inferior para a superior. Esse tear pertence ao tipo que Nordenskiöld, apoiado em Max Schmidt, indicava como pertencente e divulgado pelos Aruaques, espécimen legítimo da Aruakkultur, não existente no Peru e que não poderia ter sido introduzido pelos Brancos e nem pelos Negros. (CASCUDO, 2003: 132)

Em PII é o Tear mais tradicional do século XIX, produz a maior variedade de produtos/tipos de redes, comparado aos outros dois tipos.

De acordo com uma matéria do Jornal “O Piauí” (1925) o marco inicial da TeMa em PII teria sido nos anos de 1895 e 1896, quando o Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes, vigário da

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição entre 1894 a 1897, mandou fazer o primeiro Tear orientando todas as fases da fabricação do artefato. Em sua companhia vieram três sobrinhas: Honorina de Oliveira Lopes, Mariana de Oliveira Lopes e Severa de Oliveira Lopes, a quem coube ensinar a arte de fazer rede às pessoas interessadas. (Fonte: Jornal O Piauí, ano XXXVII, nº 294 de 26/09/1925. Acervo: Museu da Roça- Pedro II – PI).

SIGNIFICADO

(Descubram que significados e funções tem o objeto para a comunidade)

O tear significa identidade cultural, independência e possibilidade de um meio de produção e de trabalho para centenas de mulheres e famílias da camada baixa de Pedro II. Fazer Tear e instrumentos de trabalho nunca foi o único ofício dos mestres rurais porque o homem do campo dificilmente se dedica a uma única atividade. Todos fazem a lavoura da terra como atividade básica sazonal e consorcia com outras atividades complementares. Aqueles que tem habilidade e gosto com a madeira dedicam-se a ofícios artesanais com a madeira. Pode ser simples a fabricação dos artefatos da tecelagem manual, mas não significa dizer que todas as pessoas conseguiam ou conseguem fazer com qualidade e capricho. O processo de fabricação do objeto é tecnicamente artesanal e sustentável, confeccionado sem agredir ao meio ambiente e com utilização de poucos recursos naturais e muitas vezes com a reutilização de materiais de refugo, desde que seja a madeira resistente. Simples, na arquitetura da peça, de beleza rústica que transcende os modismos e robustez para atender a complexa forma sistêmica de funcionalidade do Tear.

As redes produzidas no Tear de Parede, usualmente, são maiores em tamanho e levam mais tempo para serem produzidas. Uma teceloa não produz sozinha uma rede completa nesse tear, (com varandas feitas à parte) em menos de duas semanas, pode ser até mais, nunca menos tempo. Esteticamente mais elaboradas, recebem maior número de adorno, conseqüentemente mais vistosas, luxuosas, muito resistentes, e maior valor agregado. Vê-se que são mais apreciadas pela camada da população de maior poder aquisitivo. Usadas tanto como elemento decorativo ou “de enfeite” de salas, como redes de descanso e para presentes, como peça utilitária. Com exceção da Rede Caroá, não menos bela, porém tradicionalmente mais simples, pequena, utilitária, assimilada e amada pelas pessoas do lugar e conhecedores para uso no dia a dia.

DESCRIÇÃO

PESSOAS ENVOLVIDAS

(Informe quais são as pessoas envolvidas na confecção ou uso do objeto)

Há duas gerações, a confecção dos equipamentos e instrumentos era feita exclusivamente por mestres de ofícios, hoje restam poucos mestres, e já se utiliza também serviços de marceneiros. Os equipamentos e instrumentos são de uso exclusivo das tecelões.

A memória coletiva revela nomes dos mestres de ofícios:

- Raimundo Gonçalves de Sousa vulgo Raimundo Soares (Martins)
- Vicente Rufo (Martins)
- Salvador Alves (Aroeira)
- José Talau (Pedro II)
- Antônio Ramos (Pedro II)
- Pedro Arthur Nascimento (Pedro II) - ativo

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

(Informe a técnica usada na produção ou confecção do objeto e elementos associados)

É simples demais, se aprende só olhando.

Bom mesmo foi o primeiro inventor, já começou antes de mim e a gente nem sabe que é.

Aprendi com meu pai, que aprendeu vendo o pai dele, não tem segredo

(Salvador Alves, 11/07/2016, 3:40)

A produção artesanal, por pessoas da própria região tendo como base madeira nativa (piquiá, umburana, bambu, taboca, buriti, pau d'arco, marfim...) exige equipamentos simples: escopo, serrote, martelos, enxó, faquinhas e lixas, são suficientes. Os marceneiros usam máquinas de corte, tornos e prensadeiras.

Aprende-se observando o pai, o avô, o tio, quase sempre sem ser ensinado. A ideia passada nos relatos era que “quem quer aprender arranja tempo, jeito e paciência”. Compreende-se, então, que a transmissão se dá na convivência, pelo hábito, costumes e tradições. É pelo ver fazer e aprender

fazendo o Saber-fazer. As famílias tradicionais e patriarcais sempre numerosas, eram rígidas quanto à formação dos filhos. Culturalmente mantinha uma tradição de educação autoritária onde os filhos muitas vezes tinham medo de falar com os pais e avós, é compreensível não ficar perguntando sobre o modo de fazer dos objetos. Diz-se que muitos ficavam só observando, e de longe, sem atrapalhar, quando os mais velhos se ausentavam, os jovens aprendizes iam experimentar fazer, meio às escondidas, e “aí de quem desperdiçasse material ou danificasse uma ferramenta” (Salvador de Sousa Alves, 11/07/2016, 9:44)!

MANUTENÇÃO

(Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para sua manutenção do objeto)

A teceloa aninha seus instrumentos juntos aos cestos fofinhos dos novelos e gatos (foto). A manutenção é automática.

Os teares mais antigos são equipamentos muito resistentes, feitos com madeira especial, cada parte, peça ou instrumento de trabalho é feito com a madeira adequada para a função. Foram identificados teares em funcionamento que já pertenceram a três gerações.

CONSERVAÇÃO

(Informem se o objeto está bem ou malcuidado)

Os objetos vivos conservam marcas do tempo de uso e histórias da TeMa. Pela utilização constante a conservação é a regra da longa vida. Não jogar, não bater, não derrubar.

AVALIAÇÃO

(Indiquem os principais aspectos para que o objeto continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento)

A Visibilização e a dignificação da profissão e dos mestres de ofício assim como das teceloa, somados à preservação dos equipamentos e instrumentos de trabalho são os principais fatores para que o objeto continue como uma referência cultural da TeMa.

Os pontos identificados que podem determinar o seu desaparecimento foram: cortes de teares, redução do tamanho dos e “queima simbólica” de teares.

As famílias são muito resistentes à atividade quando mães com mais de 60 anos que insistem em continuar tecendo.

Não foi identificada a presença de mulheres e jovens na atividade de fabricação dos objetos da TeMa. Algumas mulheres fazem seus objetos mais simples como *talinha para enliçar^G*, *canelas^G*, *talas^G*, *bilros^G*, *réguas^G*, entre outros. Não exigem beleza, só funcionalidade. Alguns companheiros, avós, pais ou homens presentes na casa ou comunidades das tecelões sabem fazer peças para reposição, instrumentos de trabalho e concertos nos teares. Caso contrário, recorre-se aos marceneiros. Apenas os *liços^G* e pente do Tear de Três Panos são feitos por mestras e mestres e especialistas.

Todos dizem que é muito simples fazer e que aprenderam só olhando os mais velhos fazendo. Alguns chegam mesmo a desconsiderar qualquer dificuldade visto que a transmissão do saber é oral, pela observação direta, os instrumentos de trabalho também são confeccionados artesanalmente com matéria prima primária e local, ou seja, busca-se na mata mais próxima, muitas vezes é até o que já foi dispensado como refugo que serve como matéria prima. A simplicidade é tomada como desmerecedora do valor do saber fazer, dos mestres e dos produtos resultantes do saber.

Poucos são os que continuam como mestres de ofício dedicados à atividade. Soube-se de apenas dois que sabem fazer todas as peças do tear e instrumentos de trabalho da tecelagem manual, não só porque a procura diminuiu e os objetos são resistentes, mas porque não houve a transmissão do saber fazer. Os poucos mestres de ofícios existentes já são idosos e é comum hoje se levar a peça antiga e quebrada às marcenarias para reproduzir, copiar os instrumentos/objetos de trabalhos e peças dos teares.

RECOMENDAÇÕES

(Deem sugestões para a preservação do objeto, após fazer sua avaliação de sua importância como referência cultural)

- Não cortar os teares de Parede antigos – a existência do tear é uma garantia de que um dia atividade possa retornar;
- Fazer outros teares nos tamanhos adequados às novas funções e finalidades, qual seja, produzir peças pequenas;
- Conhecer os lugares onde existe hoje a madeira mais adequada;

- Coletar a madeira mais adequada para cada peça de forma sustentável ou reaproveitar matéria-prima que se tem em casa;
- Registrar formas e técnicas construtivas (desenhado ou descrevendo em documento escrito, fotografando);
- Transmitir o saber às novas gerações.

Duas imagens de teares cortados para fabricação de tapetes. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 10 – Tear de Maria do Amparo Alves



Comunidade Martins – ZR
Arquivo pessoal da pesquisadora.
Em 13/08/2016

Figura 11 – Casa de teceloa



Bairro Santa Fé – ZU
Arquivo pessoal da pesquisadora. Em 25/08/2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

**O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DA REDE DE DORMIR EM PEDRO
II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa**

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DOS OBJETOS

Nº 2.2

“O tear e os objetos deu luz para muita gente.
O tear de três panos segurou muita gente, muitas famílias no lugar.”
(Salvador Alves dos Santos, 11/07/2016, 35:480)

IDENTIFICAÇÃO

NOME

(Escrevam o nome mais comum do objeto e outros nomes pelos quais é conhecido)

Tear de Três Panos e seus elementos complementares

Também conhecido como Tear de Macaco, Tear Pequeno, Tear de Pé, Tear de Cambão

Elementos complementares e instrumentos | ferramentas de trabalhos adicionais do Tear de Três Panos

Canelas. Lançadeiras. Liços. Pente. Queixa. Preaca. Talas

IMAGENS

(No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do objeto)

Tear de Três Panos

Figura 7: Tear de Três Panos de Rosa Alves Soares Pinheiro, 13/08/2016, Comunidade Gameleira.
Arquivo pessoal da pesquisadora – foto: Samuel Lima



Figura 2: Tear de Três Panos de Cícera Pereira Matos de Sousa, 30/06/2016, Pedro II.
Arquivo pessoal da pesquisadora – foto: Ivanilda Amaral



Figura3: Vários Teares de Três Panos de Eduvirgens Alves Pereira, 24/06/2016, Comunidade Felipe.
Arquivo pessoal da pesquisadora – foto: Dany Rafael Melo

O QUE É

(Contém de forma resumida como é o objeto)

O Tear de Três Panos é um equipamento profissional das tecelões de Pedro II, feito de madeira, de forma rústica e simples. Assemelha-se a um quadro fechado amarrado com quatro mourões resistente, sob o qual se acopla todas as demais peças por encaixes ou amarrados para ajustes. Os mourões também podem ser fixos no chão cimentado ou de chão batido ou no terreiro de casa. A estabilidade é fundamental visto que exige muita segurança para a livre movimentação de pernas. Mede normalmente 2m² e de altura. Comumente usa-se material do próprio lugar para a fabricação do Tear, muitos deles apresentam a utilização de materiais alternativos reaproveitados. A função do Tear de Três Panos produzir tecidos e redes.

Os elementos complementares do Tear para desenvolvimento da atividade, são as ferramentas ou instrumentos de trabalho das tecelões de Pedro II. São todos feitos de madeira, com ferramentas simples, poucos possuem algumas finalizações com ferro. Todos os elementos são essenciais e indispensáveis ao desempenho da função.

QUAIS OS OBJETOS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO ASSOCIADOS AO RESPECTIVO TEAR

(Digam quais são e como são estes objetos e instrumentos)

Objetos associados à TeMa por ordem de definição, medidas e usos/atividades relacionadas. Todos têm caráter obrigatório na fase de produção/confecção

Tabela 1 – Objetos associados à TeMa por ordem de definição, medidas e usos/atividades relacionadas

Instrumento de Trabalho	Definição/Materiais	Medidas	Atividades Relacionadas
<i>Canelas</i> ^G	Peça pequena, comprida e oca, tipo cano/tubo, que recebe o fio de algodão e é encaixada no ferrinho da lançadeira de maneira a rodar para liberar o fio ou similar que vai tampar o tecido urdido no tear; antes era feita de talo de taboca ou de bambu, madeiras oca; hoje utiliza-se pedaços de mangueira plástica	0,10 x 0,4 x 0,4	Liberar fio da trama para tecer na urdidura
<i>Lançadeira</i> ^G	Instrumento feito de madeira, de preferência marfim porque é duro e maneiro, feito na forma de concha ou coxinho; é comprida e possui um ferrinho no meio grudado com cera de abelha nas extremidades para retirar e receber as canelas cheias com o fio de algodão. Em das laterais tem um furinho por onde sai o fio.	0,20 x 0,5 x 0,5	Fornecer fio para a trama
<i>Liços</i> ^G	Use o par; são partes móveis do <i>Tear de Três Panos</i> , feita em separado, com cordão de algodão e duas peças de madeira, lisas e finas, na largura do tear, para dar suporte à teia de fios grossos de algodão.	1,0 x 0,40	Abrir e fechar o <i>urdume</i> ^G , formando calas que possibilitam a passagem das lançadeiras,

<i>Pente</i> ^G	Peça retangular feita de madeira na forma de moldura vazada e preenchida no sentido vertical com talhinhas de palmeiras (buriti, babaçu carnaúba, etc) ou bambu por onde passaram os fios da urdidura do tecido. Pode ser feito até com raios de bicicleta, todavia, o mais comum ainda é o uso do pente feito com tala.	0,80 x 0,25	Acochar o ponto da trama
<i>Queixa</i> ^G	Peça retangular, que recebe o pente e movimenta-o, feita de madeira, de preferência de favela, árvore da caatinga, apreciada e utilizada para fabricação dos instrumentos de trabalho para a tecelagem manual, porque quando seca, fica leve e resistente, deixando os instrumentos fáceis de se manejar.	0,80 x 0,25	Acoplar o pente e se facilitar manuseio
<i>Preaca</i> 0,80 x 0,25	Pequena peça feita de madeira ou de ferro, medindo 40cm de comprimento com uma espécie de gancho em uma das extremidades.	0,40 x 0,3	<i>Urdir</i> no <i>Tear de Três Panos</i> , essencial para o urdimento.

Equipamentos de trabalho associados à TeMa por ordem de definição, medidas e usos/atividades relacionadas. Utilizados na fase de acabamentos e na produção de elementos complementares para todos os três tipos de teares e de redes manuais de PII.

IMAGENS DOS ELEMENTOS COMPLEMENTARES DO TEAR DE TRÊS PANOS

Figura 4 – Canelas e lançadeira



Figura 5 – Lançadeira e canela



Figura 6 – Liços



Figura 7 e 8 – Pente de Ferro e Pente de madeira
Mestre Pedro Artur do Nascimento



Figura 9 – Queixa e talinhas (ponto catado)



Figura 10 – Preaca de ferro e de madeira



OBJETOS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO ASSOCIADOS AO TEAR DE TRÊS PANOS

Figura 11 – Fuso



Figura 12 – Carretel de punho



Figura 13 – Tear de Franja



Figura 14– Giramundo ou Viramundo



Tabela 2 - Equipamentos de trabalho associados à TeMa por ordem de definição, medidas e usos/atividades relacionadas

Instrumento De Trabalho	Definição	Medida	Atividade Relacionadas
<i>Fuso</i>	Peça pequena, composta por uma agulha fina de madeira, de 40 cm de comprimento, atravessada por uma roda, perfurada, também feita de madeira, ideal ser feito de pau d'arco –	Agulha fina de madeira, de 40 cm de comprimento, atravessada por uma roda, perfurada, também feita de madeira, com a mesma medida de diâmetro	Torcer o fio e punho
<i>Carretel de fazer ou torcer punho</i>	Instrumento de madeira de forma de retangular para encaixar 3 peças cilíndricas e lisas por onde correm as pernas de fio, a serem torcidas até formar os punhos.	0,30 x 0,15	Fazer ou torcer punho
<i>Tear de franja</i>	Equipamento feito de madeira, de formato quadrado, tipo moldura, possui um torno interno, do lado esquerdo, onde se enrola o fio, que sai por entre pequenas fendas feitas em uma das laterais.	0,60 x 0,60 x 0,10	Fazer franja
<i>Viramundo ou Giramundo</i>	Instrumento manual feito de madeira no formato de uma armação cônica, quadrada ou retangular, alguns possuem uma manivela de madeira.	Média 50 cm de altura por 20 de diâmetro	Utilizado para fazer meadas ou desdobrar as pernas de fio de algodão;

ONDE ESTÁ

(Localizem no território o objeto a partir das referências mais conhecidas)

O Tear de Três Panos é distribuído por várias localidades do município. A tabela a seguir traz os lugares de produção e estimativas da quantidade de teares ativos. É uma síntese das informações dadas pela pesquisa, através das entrevistas, oficinas de escuta/cartografias sociais, revisão de

literatura e informações complementares. Não foram identificadas estatísticas oficiais ou institucionais para somar às construções dessa pesquisa-ação.

Tear de Três Panos, que pode ser fixado no chão (situação mais comum) ou confeccionado de forma a manter-se dentro de um quadro de madeira pesada que impede o tear mover-se durante o manejo. Normalmente os Teares, na área urbana, são encontrados em áreas cobertas e abertas, ligadas às casas residenciais. Na zona rural, viu-se, o Tear de Três Panos instalado no quintal, fixado no chão, área aberta e cobertura improvisada ou ligado à cozinha. O ambiente é sempre muito simples e pouco confortável.

Tabela 2 – Relação dos tipos de teares e de redes detectados em PII

Nº ordem	Comunidade	Tipo de Tear	Teares	Tipo de Redes
01	Olho D'Água do Meio***	Tear de Três Panos	09	Rede de Três Panos. Obs. 90% da comunidade tece tapetes, há duas décadas atrás tecia-se só redes de dormir
02	Pequis	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos.
03	Felipe	Tear de Três Panos	05	Rede de Três Panos
04	São Braz	Tear de Três Panos	03	Redes de Três Panos
05	Aroeira	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
06	Terra Dura	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
07	Tucuns dos Pedro	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
08	Tiririca	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
09	Cipó de Cima	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
10	Tamboril	Tear de Três Panos	03	Rede de Três Panos
11	Assentamento Arara	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
12	Engenho Novo	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos

13	Lagoa de Sucuruju	Tear de Três Panos	02	Rede de Três Panos
14	Goiabeira	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
15	Gameleira	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
16	Roça dos Pereira	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
17	Salobro	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
18	Barroca	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
19	Açude Velho	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
20	Carnaubinha	Tear de Três Panos	01	Rede de Três Panos
21	SUB TOTAL ÁREA RURAL	Tear de três Panos	48	Rede de Três Panos
22	SUB TOTAL ÁREA URBANA	Tear de Três Panos	14	Batida, Ponto Catado, Falhadinha
23	TOTAL GERAL	Tear de Três Panos	62	Três Panos: Batida, Ponto Catado, Falhadinha

PERÍODOS IMPORTANTES

(Descubram os momentos ou datas importantes associadas ao objeto)

A exemplo do que aconteceu em outros lugares de produção, o Tear de Parede deixou de existir. Na Comunidade Olho D'Água do Meio faz mais ou menos 40 anos que ele desapareceu. Pessoas do lugar afirmam que o Tear de Três Panos 'tomou o lugar' do Tear de Parede porque nele é possível produzir mais rápido. Entretanto, o mais rápido de todos é, contraditoriamente, o que é menos usado, que o Tear de Batelão.

Olho D'Água do Meio hoje é polo na produção com o Tear de Três Panos, com destaque para os tapetes. Há quem diga que a produção de tapetes é que ainda viabiliza a produção de redes

HISTÓRIA

(Contém as diferentes versões sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo)

Os relatos mostram que em PII o Tear de Três Panos e do Tear de Parede coexistiram harmoniosamente.

“O tear de três panos veio dos índios, mas o tear de parede e a rede tapuerãna, foi aplicada aqui pela primeira vez a pedido de um padre e pelas freiras que o acompanhavam, isso aconteceu a mais de cem anos atrás” (Maria Alves, 07/06/2016, 21:30)

“Os mais velhos dizem que já se produzia esses tipos de rede de três panos desde o começo dos tempos, mas a lei em Pedro II é de muito tempo e foi passando de geração para geração. A rede já era do lugar” (Rita M^a de Sousa, 01/07/2016, 10:11)

Tanto os teares quanto os instrumentos de trabalho só são confeccionados por encomenda. Há 50 anos atrás uma comunidade rural de Pedro II com mais ou menos 350 habitantes possuíam em média 40 teares. Diz-se que um mestre de ofício não dava conta das encomendas recebidas. O avô de Seu Salvador Alves dos Santos (68) mestre de ofício da comunidade Aroeira já fazia teares desde a juventude.

“Cambão no lugar das pisadeiras e sem as carretilhas é que dava o nome Tear de Macaco ou Tear de Cambão (M^a Teixeira Santiago, 24/06/2016, 32:55)

SIGNIFICADO

(Descubram que significados e funções tem o objeto para a comunidade)

“Meu tear foi meu pai quem fez para minha mãe,
a coisa mais linda do mundo”
(Rosa Alves Soares Pinheiro, 17/06/2016, 58:00)

O Tear de Três Panos empresta o próprio nome à sua única rede, a Rede de Três Panos, resultante da junção de três panos, daí a razão do nome, utilitária, simples, rústica e resistente, “feita para quatro mocotó”. Torna-se, por vez, também mais popular e acessível tanto pelo menor tempo de produção e menor preço, quanto pela disponibilização do produto no mercado, que somados à beleza da rede, fazem dela uma peça particular.

“A arte de tecer com tear de três panos vem de longe, das minhas bisavós e para mim é bom demais, é uma vida, é o melhor para mim, eu gosto de trabalhar, quanto mais a gente mexe com um ofício, mais a gente tem vida.” (M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 5:42)

O Tear significa a possibilidade de um meio de produção e de trabalho para várias pessoas e famílias de Pedro II. Fazer Tear e instrumentos de trabalho nunca foi o único ofício dos mestres rurais porque o homem do campo dificilmente se dedica a uma única atividade. Todos fazem a lavoura da terra como atividade básica sazonal e consorcia com outras atividades complementares. Aqueles que tem habilidade e gosto com a madeira dedicam-se a ofícios artesanais com a madeira. Pode ser simples a fabricação dos artefatos da tecelagem manual, mas não significa dizer que todas as pessoas conseguiram ou conseguem fazer com qualidade e capricho. O processo de fabricação do objeto é tecnicamente artesanal e sustentável, confeccionado sem agredir ao meio ambiente e com utilização de poucos recursos naturais e reutilização de refugo, desde que seja a madeira ou ferro, específico, adequado e resistente. Simples na arquitetura da peça de beleza rústica, transcende os modismos, porém, complexo na forma sistêmica e funcionalidade

DESCRIÇÃO

PESSOAS ENVOLVIDAS

(Informe quais são as pessoas envolvidas na confecção ou uso do objeto)

Há duas gerações, a confecção dos equipamentos e instrumentos era feita exclusivamente por mestres de ofícios, hoje restam poucos mestres, e já se utiliza também serviços de marceneiros. Os equipamentos e instrumentos são de uso exclusivo das tecelões.

A memória coletiva revela nomes dos mestres de ofícios:

- Raimundo Gonçalves de Sousa vulgo Raimundo Soares (Martins)
- Vicente Rufo (Martin – ZR)
- Salvador Alves dos Santos (Aroeira – ZR)
- José Talau (Vila Kolping – Pedro II)
- Antônio Ramos (Pedro II)
- Pedro Arthur Nascimento (Bairro São Francisco – Pedro II)
- Sebastião Durico (Goiabeira)
- José Ferreira (Bairro Mutirão – Pedro II)

A Rede de Três Panos e a Rede Caroá, são redes de dormir no dia a dia. Chamadas de “redinhas pequenas”, alcunha também do Tear de Três Panos – Tear Pequeno. Consumidas popularmente,

fazem parte da vida de muitas pessoas em tempos e espaços variados. Diz-se que foram e são ainda muito utilizadas por “meninos” (crianças), sertanejos, caçadores e vaqueiro, além é claro pelas tecelões. Quando vaqueiros e caçadores pernoitam na mata à procura de suas presas perdidas ou fazendo a “espera” da caça, armam as redes nas copas das árvores mais altas de maneira a observar os animais que passam ou mesmo para descansar em segurança de animais selvagens e rastejantes ao cair da noite e nas horas de sestas. Como são fáceis de armar e de se carregar seguem juntas a seus donos e donas por onde quer que vá, já dizia Câmara Cascudo.

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

(Informem a técnica usada na produção ou confecção do objeto)

“Eu nunca gostei das carretilhas no tear, sempre usei essas tiras de sola, são melhores porque não fazem zuada, comprei de um senhor que trabalha com couro e mora aqui perto” (Luiza Nascimento, 14:38)

A produção artesanal, por pessoas da própria região tendo como base madeira nativa (piquiá, umburana, bambu, taboca, buriti, pau d’arco, marfim...) exige equipamentos simples: escopo, serrote, martelos, enxó, faquinhas e lixas, são suficientes. Os marceneiros usam máquinas de corte, tornos e prensadeiras.

O saber fazer dos objetos e equipamentos é aplicado durante todo o ano sem se vincular a nenhuma data importante.

“Duas décadas atrás vendia-se muito pente para tear de três panos agora vende-se pouco. ” (Luiza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/2016, 05/07/2016, 7:40)

Aprende-se observando o pai, o avô, o tio, quase sempre sem ser ensinado. A ideia passada nos relatos era que “quem quer aprender arranja tempo, jeito e paciência”. Compreende-se, então, que a transmissão se dá na convivência, pelo hábito, costumes e tradições. É pelo ver fazer e aprender fazendo o Saber-fazer. As famílias tradicionais e patriarcais sempre numerosas, eram rígidas quanto à formação dos filhos. Culturalmente mantinha uma tradição de educação autoritária onde os filhos muitas vezes tinham medo de falar com os pais e avós, é compreensível não ficar perguntando sobre o modo de fazer dos objetos. Diz-se que muitos ficavam só observando, e de longe, sem atrapalhar, quando os mais velhos se ausentavam, os jovens aprendizes iam experimentar fazer, meio às escondidas, e “aí de quem desperdiçasse material ou danificasse uma ferramenta” (Salvador Alves dos Santos, 11/07/2016, 9:44)

MANUTENÇÃO

(Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para sua manutenção do objeto)

“Um tear dura muito, esse meu é quase do tempo em que eu comecei a tecer(...) década de 60
(Luiza M^a de Carvalho Nascimento, 05/07/201605/07/2016, 8:00)

A teceloa aninha seus instrumentos juntos aos cestos fofinhos dos novelos e gatos (foto). A manutenção é automática.

Os teares mais antigos são equipamentos muito resistentes, feitos com madeira especial, cada parte, peça ou instrumento de trabalho é feito com a madeira adequada para a função. Foram identificados teares em funcionamento que já pertenceram a três gerações.

CONSERVAÇÃO

(Informem se o objeto está bem ou malcuidado)

Os objetos conservam marcas do tempo de uso e histórias da TeMa. Pela utilização constante a conservação é a regra da longa vida. Não jogar, não bater, não derrubar.

AVALIAÇÃO

(Indiquem os principais aspectos para que o objeto continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento)

Para o mamucabo das redes de sol a sol usa-se o mesmo tear de três panos, liço e o pente em tamanho reduzido, adaptado para a função
(Luiza Maria Carvalho do Nascimento, 05/07/2016, 38:28)

Não foi identificada a presença de mulheres e jovens na atividade de fabricação dos objetos da TeMa. Algumas mulheres fazem seus objetos mais simples como *talinha para enliçar*^S, canelas, talas, bilros, réguas, entre outros. Não exigem beleza, só funcionalidade. Alguns companheiros, avós, pais ou homens presentes na casa ou comunidades das teceloa sabem fazer peças para reposição, instrumentos de trabalho e concertos nos teares. Caso contrário, recorre-se aos marceneiros. Apenas os liços e pente do Tear de Três Panos são feitos por mestras e mestres e especialistas. Todos dizem que é muito simples fazer e que aprenderam só olhando os mais velhos fazendo. Alguns chegam mesmo a desconsiderar qualquer dificuldade visto que a transmissão do saber é

oral, pela observação direta, os instrumentos de trabalho também são confeccionados artesanalmente com matéria prima primária e local, ou seja, busca-se na mata mais próxima, muitas vezes é até o que já foi dispensado como refugo que serve como matéria prima. A simplicidade é tomada como desmerecedora do valor do saber fazer, dos mestres e dos produtos resultantes do saber.

Poucos são os que continuam como mestres de ofício dedicados à atividade. Soube-se de apenas dois que sabem fazer todas as peças do tear e instrumentos de trabalho da tecelagem manual, não só porque a procura diminuiu e os objetos são resistentes, mas porque não houve a transmissão do saber fazer. Os mestres de ofícios já são idosos.

É comum hoje se levar a peça antiga e quebrada às marcenarias para reproduzir os objetos: instrumentos de trabalhos e peças dos teares.

Entre os pontos que podem determinar o desaparecimento do saber fazer é que as pessoas estão usando muito pouco os objetos porque a produção da rede caiu muito, logo não havendo desgaste, não se precisa de peças novas e via de regra dos mestres de ofício

A Visibilização e a dignificação da profissão e das teceloas, assim como o ofício dos mestres somados à preservação dos equipamentos e instrumentos de trabalho são os principal fator para que o objeto continue como uma referência cultural da TeMa.

Os pontos identificados que podem determinar o seu desaparecimento foram: cortes de teares, redução do tamanho dos e “queima simbólica” de teares.

As famílias são muito resistentes à atividade quando mães com mais de 60 anos que insistem em continuar tecendo.

RECOMENDAÇÕES

(Deem sugestões para a preservação do objeto, após fazer sua avaliação de sua importância como referência cultural)

A rusticidade é uma beleza do Tear, aos olhos de alguns, porém é também o desencanto para muitas jovens que não querem aprender o saber.

- O Tear e os instrumentos de trabalho, quando bem conservados tem vida longa, mas quando são desativados, também são descartados, é preciso preservar a memória dos lugares.
- Manter a característica do uso de materiais reciclados para construção de teares;

- Não cortar os teares de Parede antigos – a existência do tear é uma garantia de que um dia atividade possa retornar;
- Fazer outros teares nos tamanhos adequados às novas funções e finalidades;
- Conhecer os lugares onde tem a madeira adequada;
- Coletar a madeira mais adequada para cada peça de forma sustentável ou reaproveitar o que tem em casa;
- Registrar formas e técnicas construtivas (desenhado ou escrito);
- Repassar o saber.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II – Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DOS OBJETOS

Nº 4.3

“Fazer lixo para jogar no mundo, isso eu não quero fazer, sou perfeccionista e vaidosa, só gosto de fazer bem feito”
(Rosa Alves Soares Pinheiro, 13/08/2016: 14:15)

IDENTIFICAÇÃO

NOME

(Escrevam o nome mais comum do saber e outros nomes pelos quais é conhecido)

Tear Batelão e seus componentes e instrumentos de trabalho adicionais

Também conhecido como Tear de Chicote ou Tear do Pente de Ferro

Instrumentos de Trabalho Adicionais do Tear Batelão

Espulas. Lançadeiras. Liços. Pente. Preaca. Talas. Chicote

O QUE É

(Contém de forma resumida como é o objeto)

- Equipamento profissional de tecelões de Pedro II
- Instrumento de trabalho de tecelões de Pedro II

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

IMAGEM

(No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do objeto)

Tear de Batelão

Figura 1 – Rosa Alves Soares Pinheiro - Comunidade Gameleira
Foto: Samuel Lima, arquivo pessoal pesquisadora. Em 13/08/2016



Figura 2
Mestra Rosa Alves Soares Pinheiro
Enchendo espulas em um carretel.
Comunidade Gameleira
Arquivo pessoal pesquisadora
Foto: Samuel Lima, em 13/08/2016

INSTRUMENTOS DE TRABALHO ASSOCIADOS AO OBJETO

(Contém de forma resumida como são estes instrumentos)

Instrumento de Trabalho	Definição/Materiais	Medidas	Atividades Relacionadas
<i>Espulas</i>	Peça pequena, comprida e oca, tipo cano/tubo, feita de madeira com ferro, industrialmente.	0,20 x 0,4 x 0,4	Receber o fio de algodão que é encaixado no ferrinho da lançadeira de maneira a rodar para liberar o fio ou similar que vai tampar o tecido urdido no tear.
<i>Lançadeira</i>	Instrumento feito de madeira e ferro industrialmente, é comprido e possui um ferrinho no meio. Em das laterais tem um furinho por onde sai o fio.	0,3 x 0,5 x 0,20	Fornecer fio para a trama
<i>Preaca</i>	Pequena peça feita de madeira ou de ferro, medindo 40cm de comprimento com uma espécie de gancho em uma das extremidades.	0,40 x 0,3	<i>Urdir no Tear de Três Panos</i> , sem ela o urdimento não é possível,
<i>Chicote</i>	Cordão ligado ao lançamento das lançadeiras	2m	Movimentar as lançadeiras

Figura 3 – Detalhes: Pente-liço, chicote e lançadeira



ONDE ESTÁ

(Localizem no território o objeto a partir das referências mais conhecidas)

Na zona rural a existência do único Tear de Batelão de Pedro II, localidade Gameleira, na casa da mestra teceloa Rosa Alves Soares Pinheiro. Além dele, se utiliza de um Tear de Três Panos O Tear de Batelão que não é fixo, porém bastante pesado, localiza-se em ambiente anexo à residência. Procura-se sempre um lugar menos quente, seja na frente, ao lado ou no fundo da casa para instalar o Tear

PERÍODOS IMPORTANTES

(Descubram os momentos ou datas importantes associadas ao objeto)

O Tear de Batelão foi introduzido no município na década de 1970 através da ACPC – Associação Comunitária de Produção e Consumo, com apoio do Projeto Social e as Cáritas Paroquianas, financiados pela Igreja Católica do Brasil/Diocese Parnaíba – PI, com objetivo de favorecer grupos de mulheres em áreas desfavoráveis.

HISTÓRIA

(Contém as diferentes versões sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo)

A história do Tear de Batelão está diretamente ligada à história de Rosa Alves Soares Pinheiro, uma das entrevistadas do grupo referência de estudo desta pesquisa-ação e grande representante do segmento da TeMa

Sua narrativa diz que, década de 1980, quando a mesma foi apresentada à ideia de trabalho em grupo e aos teares de três panos e tear de batelão, em uma oficina de saberes organizadas pela Organização Não Governamental – Ong – Projeto Social, largou o Tear de Parede, com o qual trabalhava e adotou as novas habilidades adquiridas, aprendeu manusear o Tear sozinha, com muita dedicação pois não houve capacitação para todas as mulheres do grupo. Ela, porém, decidiu que ia aprender. E aprendeu. A partir de então não teceu mais só rede, passou a consorciar a produção com peças menores e mais fáceis de vender. Era uma nova alternativa, além do mais, a produção doméstica na sua unidade familiar havia sido alterada desde sua saída da casa dos pais, pela condição do casamento, cuidados maternos com os dois filhos e desempenho da função de professora da rede municipal que exercia na comunidade.

D. Rosa tinha se apaixonado. Era, todavia, uma forma de continuar com a tecelagem manual da rede de dormir, porém não mais exclusivamente, aprendeu que no “tempo ruim para a rede é preciso buscar outras novidades, ser criativa e ter muita paciência, porque quem é rápido demais nunca aprende fazer coisas difíceis” (Rosa Alves Soares Pinheiro, 14:15, 17/06)

Ainda na década de 1980 a mestra Rosa Alves Soares Pinheiro saiu da Associação dos Artesãos de Rede de Pedro II e decidiu nunca mais vender seus produtos na feira para atravessadores. Ingressou na Associação Comunitária de Produção e Consumo (ACPC). Identificou-se de imediato com a ideia do preço e comércio justo, aprendeu a contar as horas de serviço e tornou-se independente. Vê-se que o Tear de Batelão poderia ter sido o início de uma produção maior e em série. Mas assustou, ou não houve uma boa mediação. Fato é que ninguém mais aprendeu. O Tear veio acompanhado da nova mentalidade, mas a resposta foi inexpressiva.

SIGNIFICADO

(Descubram que significados e funções tem o objeto para a comunidade)

O Tear Batelão é maior, em tamanho e tecnologia, do que o Tear de Três Panos. A mecânica é bem semelhante, mas dispõe de mecanismos que permitem produzir tudo que se faz no Tear de Três Panos de forma mais acelerada. O Tear de Batelão poderia ter sido o início de uma produção maior e da organização da categoria. Mas, a ideia foi abortada. O tempo não era de muitas aberturas. O Tear funciona bem aquém da potencialidade.

DESCRIÇÃO

PESSOAS ENVOLVIDAS

(Informem quais são as pessoas envolvidas na confecção ou uso do objeto)

Sócios da Associação Comunitária de Produção e Consumo – ACPC - 1985/6.

A pesquisa não teve acesso a documentos com mais informações da época.

Rosa Alves Soares Pinheiro

MATERIAIS

(Identifiquem os materiais utilizados na confecção do objeto)

Madeira e ferro

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

(Informe a técnica usada na produção ou confecção do objeto)

Semi-industrial

MEDIDAS

(Identifiquem as dimensões do objeto)

2m X 2m X 2m

ATIVIDADES RELACIONADAS AO OBJETO

(Identifiquem as principais atividades realizadas por pessoas ou grupos que possam estar relacionados com o objeto estudado)

Tecelagem de redes, tapetes, mantas e colchas

MANUTENÇÃO

(Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para sua manutenção do objeto)

O Tear dispõe de espaço exclusivo para boas acomodações.

Rosa Alves Soares Pinheiro, como única representante do extinto grupo de tecelões ligadas à ACPC é a responsável pelos cuidados com o Tear de Batelão e mantém o patrimônio em uso, porém, preservado, com todas as peças originais e pouco utilizado, considerando que ela trabalha sozinha.

CONSERVAÇÃO

(Informe se o objeto está bem ou malcuidado)

O Tear está em bom estado de conservação e funcionamento, precisando apenas repor pequenos peças do pente de ferro.

AVALIAÇÃO

(Indiquem os principais aspectos para que o objeto continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento)

Aparente situação de desinteresse pelo equipamento;

Sub aproveitamento do equipamento;

Sem herdeiros do manuseio e modo de fazer.

RECOMENDAÇÕES

(Deem sugestões para a preservação do objeto, após fazer sua avaliação de sua importância como referência cultural)

Utilizar o equipamento em benefício do aumento da produção pela redução do tempo de serviço e melhoria de retorno financeiro, pois, o mesmo oferece grande potencialidade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DAS FONTES PESQUISADAS

Ao longo do Inventário, vários documentos fornecerão informações. Eles podem ser livros, papéis antigos, imagens, fotografias, mapas, vídeos, textos, jornais, revistas, sites na internet, relatos orais, entre outros. Pesquisem em bibliotecas, arquivos, museu, centro culturais, etc. Junto às pessoas do território onde ocorre a referência cultural inventariada, pesquisem músicas, diários, objetos, desenhos, mapas, relatos e outros materiais sobre as manifestações culturais.

Nº	Fonte	Onde Está
	RELATOS ORAIS	Sujeitos da pesquisa
01	Alice Aves de Oliveira	Comunidade Pimenta – ZR
02	Anitalice Galvão Passos	Residência: Vila Operária – Pedro II – PI
03	Anízia Alves Sousa de Oliveira	Comunidade Martins - ZR
04	Antônia Lisboa de Oliveira	Rua Irmãos Pereira, 1021, Bairro Cruzeiro
05	Antônia Medeiros	Bairro Santo Antônio
06	Cândida Maria de Jesus	Residência: Bairro Saborá
07	Celene Maria de Sousa	Comunidade Serra dos Matões
08	Cícera Pereira Matos de Sousa	Rua Raimundo Nonato Brandão, nº 396, Vila Kolping – ZU
09	Eduvirgens Alves Pereira	Comunidade Felipe
10	Emília Pereira de Sousa	Comunidade Tucuns dos Pedro – ZR
11	Evanilda Maria de Sousa Santos	Comunidade Gameleira – ZR

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

12	Francisca Maria de Oliveira Silva/França	Comunidade Serra dos Matões - ZR
13	Francisca Medeiros	Bairro Santo Antônio
14	Joana Alves Pinheiro	Bairro Boa Esperança – Pedro II –PI
15	Joaquina Costa Barroso	Rua Antônio Benigno, centro
16	Joelma Alves Oliveira	Rua Sete de setembro – Vila Kolping
17	José Maria Saraiva	Bairro Boa Esperança – Pedro II –PI
18	Lindalva Marques de Sousa –	Bairro Boa Esperança – Pedro II – PI
19	Luciana Pereira	PRODART – Pedro II –PI
20	Luciana Viana	São Paulo
21	Lucimar Martins da Silva/Bá	Rua Francisco Sotero, 886 bairro Vila Kolping Bairro Mutirão – ZU
22	Luíza Maria de Carvalho Nascimento	Rua Francisco Sotero, nº 1660, bairro São Francisco – ZU
23	Maria Alves de Oliveira	Rua Presidente Costa e Silva, nº 651, Bairro Santa Fé - ZU
24	Maria da Conceição Sousa –	Bairro Saborá – Pedro II – PI
25	Maria das Graças Alves dos Santos	Rua Lauro Cordeiro – Bairro Boa Esperança
26	Maria do Rosário Lopes Alves - Naná	Comunidade Martins – ZR
27	Maria do Socorro Alves Brandão	Comunidade Aroeira – ZR
28	Maria dos Remédios de Castro –	Comunidade Filipe – Pedro II – PI
29	Maria dos Remédios Pereira	Bairro Santo Antônio – Pedro II –PI
30	Maria Elzirene Lopes	Mercado do Artesão – Pedro II –PI
31	Maria Ester Mendes da Silva	Baixa do Meio – Pedro II –PI
32	Maria Luíza Vieira	Vila Operária – Pedro II –PI
33	Maria Oridete Santos Lopes de Oliveira	Vila Operária – Pedro II –PI
34	Maria Teixeira Santiago Sousa	Comunidade Morro do Meio – ZR
35	Neusa Barroso da Silva	Comunidade São João - ZR
36	Pedro Artur do Nascimento	Bairro São Francisco – Pedro II –PI
37	Rita Maria de Sousa/ Rita Nego	Rita Maria de Sousa (Rita Nego) – Rua 7 de setembro, 581, bairro Vila Kolping – ZU
38	Rosa Alves Soares Pinheiro	Comunidade Gameleira- ZR
39	Salvador Alves dos Santos	Comunidade Aroeira - ZR
40	Suzete M ^a de Oliveira	Comunidade Barro dos Lopes - ZR
41	Teresina Alves Brandão	Comunidade Aroeira – ZR
42	Vera Lúcia dos Santos Pereira	Vera Lúcia dos Santos Pereira – Rua Projetada 8, Engenho Novo – ZU

FONTE	ONDE ESTÃO AS FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA
TEXTOS/CRÔNICAS/POESIAS/CATÁ LOGO/outros	
Fonte: Jornal O Piauhy, ano XXXVII, nº 294 de 26/09/1925.	Acervo: Museu da Roça- Pedro II – PI).
Fotos, relatórios, recortes de jornais, memórias e relatos orais e papéis antigos	Casa de Anitalice Galvão Passos Vila Operária, Pedro II - PI
CASTRO, Antônia Rosa da Silva. Vivências. Edição do autor. Teresina 2013: 178	Acervo pessoal da pesquisadora
Histórico TeMa escrito por Pe. Lindolfo Uchôa – Recorte Jornal	Museu da Roça
Caderno com gabarito dos ramos utilizados nas redes tapuerãna – desenhos	Casa de D. Anizia Alves de Souza Oliveira Comunidade Rural Martins – Pedro II-PI
Livro “Fins d’Águas”. Genuíno Sales – livro de contos do antigo sertão do Piauí (2005)	Acervo particular de Afonso Celso Getirana de Lima
PEREIRA, José Eduardo. Coletânea Pedro II e Domingos Mourão. Coleção Itamaraty, caderno 5. Teresina; 1987	Acervo pessoal da pesquisadora
Associação dos Artesãos de Pedro II – Histórico da Instituição, mimeo, sem autoria e sem data	Arquivos da Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II ltda f
BENÍCIO, Sarah Maria Mourão.	Acervo: “Museu da Roça, em PII
SALES, Genuíno. “ Matões ” Poema	Acervo pessoal da pesquisadora
Tabela com dados sobre a tecelagem manual	Assessores de crédito BNB
Sites	
Atlas Nacional de Serviços e Comércio. Acessado em 10/11/2016. Às 10:56	http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1414414334.pdf
Dicionário On Line da Língua Portuguesa	https://www.dicio.com.br/jaca-2/
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Informações estatísticas de Pedro II, Piauí. Disponível em:	http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=2207900 , www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_piaui.pdf , acessado em 04/01/2016, acessado em 04/01/2016.

Construção do Mercado do Artesão	http://www.meionorte.com/noticias/mercado-do-artesao-marca-parceria-entre-governos-34343 . Acessado em 07/11/2016, 22:27
LIVROS	
Departamento de Articulação e Fomento. Coordenação de Educação Patrimonial. Educação Patrimonial: inventários participativos. Brasília, 2016.	Acervo pessoal da pesquisadora
GALVÃO, Tangneth. O município de Pedro II. <i>In</i> : GETIRANA, Ernâni. Lendas da cidade de Pedro II . 2 ed. Pedro II: Ed. Do Autor, 2002. p.5-10.	Acervo pessoal da pesquisadora
CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica . Rio de Janeiro: Global, 2003.	Acervo pessoal da pesquisadora
_____. Dicionário do Folclore Brasileiro . 11. Ed. – edição ilustrada – São Paulo: Global, 2001.	Biblioteca da Superintendência do IPHAN – São Raimundo Nonato
CARVALHO, Luciana. Artes e Ofícios de Pedro II . Sala do Artista Popular; Catálogo n. 152, 32 p. Rio de Janeiro: CNFCP/Iphan: 2009.	Acervo pessoal da pesquisadora
DISSERTAÇÕES E TESES	
ARAÚJO, José Luís Lopes. A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II . 1985. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1985.	PDF
NONATO, Clarice Borges. A Rede Nossa de Cada Dia: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Artesanal Xique-Xique em Pedro II-PI . Dissertação (Mestrado em Design). UFPE Recife, 2015.	http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/17323/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20corrigida.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acessado em 10/11/2016. Às 10:56

<p>_____.</p> <p>As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste Brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço. Tese (Doutoramento em Geografia Humana). USP, 1996.</p>	<p>PDF</p>
---	------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DA REDE DE DORMIR EM PEDRO II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa¹

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

FICHA DO ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Dados sócioprofissionais.

Nome da (o) entrevistada (o):

Idade:

Data e lugar de nascimento:

Sexo:

Endereço (precisar ano desde o qual mora nesta localidade)

Ocupação:

Telefone:

e-mail:

Data e local da entrevista:

Início:

Término:

2. A teceloa, a tecelagem e a transmissão do saber.

2.1 – Quais as origens da atividade?

2.2 – Quando, onde e com quem aprendeu a fazer tecelagem?

2.4 – O que primeiramente lhe vem à mente quando se fala em tecelagem?

(O que a tecelagem significa para você?)

2.5 – Quais o (s) período (s) de maior atividade?

2.6 – Além de você, outras pessoas da sua comunidade detêm os mesmos conhecimentos e/ou desempenham a mesma atividade? Quem?

2.7 – Ensina ou ensinou outras pessoas?

2.8 – Participa ou participou de alguma cooperativa ou associação?

2.9 – Em sua opinião, a continuidade da sua atividade e dos saberes tradicionais com que ela é realizada depende do que?

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

2.10 – O que você acha do saber-fazer da tecelagem? Considera um bem, ou um patrimônio cultural de Pedro II? Acha importante o seu estudo? Por quê?

3. Uma história especial.

3.1 – Pode me contar uma história, um fato ou uma situação interessante que lhe vem à memória acerca da tecelagem?

3.2 – Recorda-se de mudanças nos modos de fazer a rede e usos de matérias primas?

3.3 – Você considera que tem uma vida digna através da prática da tecelagem da rede? Por quê?

4. O modo de fazer e as formas de organização social.

4.1 – Qual (is) o (s) tipo (s) de tear (es) você usa e quais os tipos/modelos de rede que você sabe fazer? E os que faz regularmente?

Tipo de tear	Modelos de redes	Regularidade na produção

4.2 – Quais são as etapas do processo de produção da (s) rede (s) que tece?

Tipo de rede: _____

Tipo de tear: _____

Etapas	Descrição	Nº Participantes/função

4.3 – Você sabe fazer todas as etapas? Que parte do processo de produção da rede você gosta mais de fazer?

4.4 – Quais são as matérias primas utilizadas para produzir a rede de dormir e como são adquiridas?

4.5 – Quais são os equipamentos e ferramentas de trabalho, utilizados para produzir a rede de dormir? Quais as suas funções e como são adquiridos?

Denominação	Descrição	Função	Forma de aquisição

4.6 – Quem fez seu tear e os instrumentos que usa para tecer? Quando foram feitos? Quanto pagou por eles?

4.7 – Você tece sozinha, com a família ou faz parte de algum grupo de tecelãs? Qual a melhor opção?

4.8 – Quais os produtos resultantes desta atividade? Em que quantidade e qual o destino dos produtos?

5. Os lugares da tecelagem.

5.1 – Onde ocorre a atividade de produção?

5.2 – E a de comercialização?

5.3 – Quem é responsável ou proprietária/o do lugar em que ocorre a atividade de produção? E de comercialização?

6. Os recursos e a comercialização.

6.1 – Quais são os recursos financeiros, instalações e outros serviços utilizados para produzir a rede?

6.2 – Quanto você gasta com matéria prima, transporte, produção, embalagem, armazenamento, entre outras despesas, por cada rede tecida?

6.3 – Por quanto vende a (s) rede (s) que produz? Considera um preço justo?

6.4 – Qual a margem de lucro que você tem em cada rede produzida?

6.5 – Quais as pessoas envolvidas com a venda dos produtos e o que elas fazem?

6.6 – Esta atividade é importante para a renda/sustento de sua família? Quanto contribui mensalmente? E para comunidade, esse tipo de atividade é importante? Por quê?

7. A entrevista realizada

7.1 – O que achou desta entrevista? Acrescentaria algum outro dado sobre o qual não conversamos aqui?

Obrigada!

Apêndice B – Glossário Especializado

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II - PIAUÍ: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

GLOSSÁRIO ESPECIALIZADO

“Se uma mulher *tecer direto*^G, todo dia ela *derruba uma rede*^G no Tear de Três Panos”
(M^a Teixeira Santiago Sousa, 24/06/2016, 19:35).

APRESENTAÇÃO

O Glossário Especializado é fruto do Inventário Participativo (IP) e tem como objetivo registrar as expressões orais próprias do saber fazer da tecelagem manual da rede de dormir em Pedro II – TeMa¹. São expressões utilizadas rotineiramente pelas pessoas envolvidas com a referência cultural. Feito um dialeto, a forma de oralidade que aqui se apresenta é composta por um conjunto de termos essenciais para melhor compreensão desse bem cultural. Uma espécie de jargão da tecelagem manual de Pedro II, o qual possui um caráter educativo que o coloca como um elemento importante na salvaguarda ativa da riqueza da linguagem profissional dos modos de saber-fazer associados à TeMa.

Elaborado paralela e concomitantemente ao IP, o Glossário Especializado é um elemento complementar do IP. Possui independência didática e compreensiva, sociointerpretativa e sócio linguística, que facilita o uso em conjunto com os demais produtos resultantes da pesquisa-ação ou separadamente. É um guia intermediador da comunicação pessoal com o objeto e universo pesquisados, que valoriza e ressalta as peculiaridades do saber. Logo, está diretamente ligado aos

¹ Usarei o acrônimo TeMa – Te (tecelagem) Ma (manual) para referir-se ao Projeto, visto ser a Tecelagem Manual meu objeto de estudo

demais produtos resultantes da pesquisa-ação, alguns termos são nativos e ressaltam a linguagem particularmente peculiar do mundo da tecelagem, partilhados pelas narrativas das mestras tecelãs. O Glossário guarda relação direta com o saber-fazer da TeMa, como forma de expressão e tradição secular da cultura local. A opção metodológica escolhida foi a da seleção e transcrição dos termos que apresentam uma dimensão simbólica própria, e resultam da criatividade local para expressar formas, jeitos, ferramentas, processos ou métodos, sentidos e significados. Comunicam e repassam uma herança cultural do saber-fazer e saber-dizer.

Resultante da observação participante e escutas espontânea não estruturadas durante as entrevistas e demais metodologias utilizadas no IP. A reprodução gráfica das palavras foi mantida com fidelidade. Para análise e sistematização das informações e narrativas carregadas de adjetivações, recorreu-se a uma literatura mínima, citadas como referências. Quando existiu variações de termos e palavras transcreveu-se todas as opções. São 130 termos ou expressões. As 124 fotografias são todas do arquivo pessoal da pesquisadora, algumas foram feitas por colaboradores (as) acompanhados (as) da pesquisadora, as demais, pela mesma. Vale ressaltar, a importância do trabalho participativo, educativo e colaborativo do processo de elaboração desse elemento fundamental para ensinar a TeMa em vários contextos.

Didaticamente está dividido em três partes e a relação segue o critério da ordem alfabética, a primeira apresenta as ferramentas, objetos e instrumentos de trabalho; a segunda os métodos, matérias primas, produtos e acessórios usados pelos modos do saber-fazer e a terceira parte reservada aos termos e expressões usuais e corriqueiras do universo da TeMa. O Glossário foi ilustrado com o máximo possível de fotografias de situações reais e espontâneas, pertencentes ao arquivo pessoal da entrevistadora. Optou-se por não utilizar legendas nas fotografias e por identificar dentro do próprio texto as fotos feitas por parceiros que acompanharam algumas entrevistas, as demais são de autoria da pesquisadora.

Tecer é unir trama e urdidura. A trama de vidas nas urdiduras das realidades singulares das tecelãs. Cada unidade produtiva, seja ela individual, familiar ou associativa é um universo particular na tecelagem manual da rede de Pedro II. Divulgar sua linguagem é abrir caminhos e estabelecer diálogo para sua salvaguarda ativa.

Ivanilda Amaral

A. FERRAMENTAS, OBJETOS E INSTRUMENTOS DE TRABALHO

1. *Almofada de bilros* – instrumento de formato cilíndrico feito de tecido grosso, sacos e enchimentos com palha seca, algodão ou similar, é recoberto por um tecido fino, na superfície existe um papel grosso, esquadrinhado e perfurado que serve de base para a confecção a grade, também chamada varanda; para tanto, necessário se faz utilizar espinhos de mandacaru, seco, além de *bilros de tucum*. Tucum, é o fruto da palmeira que leva o mesmo nome e



se assemelha a uma bolinha que cabe na

palma da mão; para fazer os bilros são inseridos e fixados pequenos pedaços de madeira dentro do tucum seco, no outro extremo enrola-se o fio ou a linha com o qual se fará a grade.

Coloca-se a almofada deitada em um suporte e a artesã fica sentada, com frente, manuseando os bilros e marcando os pontos espetando os espinhos de mandacaru no papelão. Na foto, a mestra teceloa, inativa, M^a Ester Mendes da Silva, 90 anos, dona da única almofada identificada pela pesquisa e detentora do modo de saber fazer a Rede de Duas Capas, considerada em vias de extinção por não existir nenhum exemplar disponível no mercado.



2. *Bilro* – pequena peça de madeira arredondada e lisa; antes se usava pequenas cabeças torneadas nos dois extremos, hoje eles são lisos; utilizados para se



enrolar o fio ou linha, fio para tecer a

trama e preencher o urdume do Tear Grande; mede 25cm de comprimento e 2cm de diâmetro; usa-se o mínimo de dois bilros por vez, repõe-se o fio ou linha, sempre que secar e for preciso seguir com a trama. Na



foto, bilros secos no fundo do cesto ao pé do Tear; em primeiro plano vê-se também um facão de franja, que também é utilizado para ajudar a bater o ponto durante a tecelagem.

3. *Bilros pequenos* – pequenos pedaços de madeira, finos lisos e roliços, medindo 15 cm de



comprimento, são elementos adicionais do Tear de Parede; ao receber uma carga de fio ou linha são utilizados para tecer Redes de Ramo, Furadinha, Ponto de Colcha e Coentro, também conhecida como rede de tala. Na foto, os dois tipos de bilros para efeito de comparação de tamanho, são usados concomitantemente, de acordo com o tipo de rede. Tecelões usam a expressão “birrim” para referir-se aos mesmos.

4. *Canela ou canelinhas* – pequena peça, medindo 15cm de comprimento, cilíndrica, fina e oca.



Antes feita de madeira tipo taboca, hoje é mais comum usar pedaços de mangueira plástica, por onde passa um arame preso pelas extremidades da *lançadeira* com cera de abelha, possibilitando a canelinha rodar dentro da lançadeira, cheia com linha ou fio, a serem utilizados para tecer a trama no urdimento em um *Tear de Três Panos*. (Ver encher canela).

5. *Cala* – abertura do *urdume* resultante da movimentação dos *liços* que são utilizados para abrir e fechar o *teçume*, possibilitando a passagem das lançadeiras, no caso dos *Teares de Três Panos* (Ver foto ao lado) e *Batelão* ou dos *bilros*, no *Tear de Parede*, onde depositam o fio a ser batido com o pente ou facão, respectivamente, para acochar o ponto no processo de confecção do pano de rede. Na foto de baixo, ao lado, Evanilda Maria de Sousa Santos, joga o bilro dentro da cala em um *Tear de Parede*, na localidade Mangabeira.



6. *Carretel de encher canela e espula* - instrumento de madeira feito de forma artesanal para encher, com fio ou linha, as *canelas* e *espulas* que abastecem as *lançadeiras*, mede 30cm de altura e 40cm de largura; dispõe de um sistema de manivela e uma correia que faz movimentar os componentes que recebem a fibra usa-se o carretel acoplado a um tamborete ou qualquer outro suporte que dê estabilidade durante o uso. É uma das etapas em que homens colaboram, principalmente no turno da noite.



7. *Carretel de fazer ou torcer punho* – instrumento de madeira na forma de retângulo, medindo 0,30 cm por 0,15 cm, para encaixar 3 peças cilíndricas e lisas por onde correm as pernas de fio, a serem torcidas até formar punhos para as redes, usado sobre suporte, tamborete ou tronco de árvore para prendê-lo ao solo com segurança, evitando mover-se durante o processo; uma das pernas de quem o utiliza auxilia a função. Na foto de Adonias A. Galvão Neto, D. Rosa Alves, da Comunidade Mangabeira, demonstra como se torce punhos em carretel de madeira. É comum a presença masculina nesta função.



Para *fazer ou torcer punho* usa-se também o engenho de fazer punho, uma “máquina”, resultante de um carretel adaptado com uma calha de pneu de bicicleta acoplada a um banco de madeira. Na foto, flagrante em uma calçada da rua Corinto Andrade, bairro Santo Antônio, Sr. Cícero Pedro, 87 anos, torce punhos para vender, diz estar na atividade há mais de 60 anos.

8. *Carretilhas* – roldanas que ligam e movimentam o par de *liços*, que se ligam às *pisadeiras* no *Tear de Três Panos*. É certamente a peça com maior número de variação e possibilidade de confecção, identificada pela pesquisa. Vê-se o uso de madeira, ferro, tiras de sola e até reciclagem de material de refugio, foto ao lado.



A sola é uma proposta para reduzir o barulho produzido pelo *Tear*. Na sequência de fotos de carretilhas abaixo, da esquerda para direita vê-se, de acordo com as localidades: Assentamento Arara, bairro Vila Kolping, Tucuns dos Pedro e bairro São Francisco (sola).



9. *Cepo* – pedaço de tronco de árvore; *cepinho* – diminutivo de cepo, jeito carinhoso da teceloa referir-se ao pedaço de madeira, que servia de suporte para ela, ainda criança, subir e ficar na altura adequada dos teares para conseguir tecer; umas teceloa se referem a subir em uma gamela, vasilha de madeira utilizada para dar comida aos animais domésticos, para desempenhar a referida função.

10. *Cordão* – fio grosso e resistente, torcido com várias pernas de fio, de acordo com a finalidade; sete pernas de fio torcido, por exemplo, forma um punho forte para sustentar uma rede.



11. *Espichadeira* – peça fina e comprida (1,10 m X 0,10 cm), feita de madeira com um pequeno tridente de ferro encaixado em uma das pontas. Na outra extremidade existem furos para regular a largura do *teçume*; usa-se duas delas amarradas uma a outra para variar o distanciamento e manter a mesma largura do pano de rede, em tessitura, do início ao fim do processo de confecção.



12. *Espinho de mandacaru* – parte do vegetal, utilizado, quando seco, como instrumento auxiliar na confecção de grades de almofada. Pelo formato pontiagudo e fino, torna-se possível prender os fios de algodão, no papel grosso perfurado, marcando a teia que formará a grade.



13. *Espula* – pequena peça oca, torneada, cilíndrica e fina, com 10 cm de comprimento, introduzida dentro da lançadeira com linha ou fios, utilizados para tecer a trama no *urdume* do Tear de Batelão. Na foto, espula no torno pronta para receber o fio.



14. *Facão* – peça de madeira seca, leve e lisa, medindo 1,0mX10cm com uma das laterais talhada feito gume para bater o ponto da trama e acochar o ponto; é um componente do *Tear de Parede*. O movimento do facão é de acordo com o abrir e fechar dos *liços*, na ocasião a *teceloa* introduz a mão e o braço, abrindo a *cala* por onde será inserido o facão. Há quem goste de trabalhar com apenas um facão, enquanto outras preferem dois, um de cada lado.



15. *Fuso* – instrumento pequeno, composto por uma agulha fina, feita de madeira, com 40 cm



de comprimento, atravessada por uma roda, perfurada, também feita de madeira, contendo, rigorosamente, a mesma medida de diâmetro, por passa a agulha, que garante o equilíbrio na hora de torcer o fio e fazer o punho; a madeira ideal para a fabricação do fuso é o pau d'arco.

16. *Grade* – o mesmo que varanda; adorno em forma de renda, confeccionado com fio



ou linha para pregar nas abas da rede, pode ser feita de crochê, macramê ou em *almofada de bilros*. O termo tanto pode ser usado para referir-se à varanda feita na almofada, como para o equipamento que ampara a peça feita, estendida, tesa e amarrada na grade com

cordões, preparando-a para o preenchimento, na forma de desenhos e ramos, com o auxílio de uma agulha grossa, de costura, com fio torcido em poucas pernas. Nas fotos, uma grade de macramê e a venda de grade, na feira do Mercado do Artesão todas as sextas-feiras.



17. *Jacá* – espécie de cesto, feito com fibras vegetais de palmeiras, muito comum na região; já foi muito utilizado como suporte para cargas, colocados em cangalhas sob o lombo de animais, para transportar redes, fio de algodão e mantimentos como farinha de mandioca, queijo, rapadura, feijão, goma, etc. O uso diminuiu com redução do uso de animais para transporte de cargas.

18. *Lançadeira* – peça feita de preferência da madeira chamada favela, possui uma escavação reentrante, assemelhando-se a uma concha, para acoplar a *canela* carregada com o fio, linha ou fibra desejada para fazer a trama do *urdume*; é utilizada no *Tear de Três Panos*, também chamada de concha. Mede 0,20 x 0,5 x 0,3. Foto, Douglas Brandão.



19. *Liço* – é uma parte móvel do *Tear de Três Panos*, feita à parte do tear, com cordão e duas peças



de madeira, lisas e finas, na largura do tear, para dar suporte à teia de fios grossos de algodão, que formam os *liços*, foto, à esquerda; depois de prontos são encaixados nas armações do tear que se ligam às *pisadeiras* e são utilizados para abrir e fechar o *urdume*, formando calas

que possibilitam a passagem das lançadeiras, no processo de tessitura do pano de rede; o *liço* ligase diretamente ao *pente* nesta função, através de um cordão. Nem toda *teceloa* sabe fazer seus *liços*, assim como, existem artesãs (os) que fazem *liços*, mas não fazem redes. Uma segunda definição é para o *liço* utilizado no *Tear de Parede*, que é o nome que se dá aos cordões entrelaçados, na forma de argolas, que predem uma quantidade de fios do *urdume em feixes*, distribuídos na largura da rede e utilizados para movimentar os fios, à medida que a *teceloa* vai abrindo e fechando o *urdume* para entrada dos bilros na *cala*, onde depositam o fio a ser batido com o *facão* para acochar o ponto.



20. *Órgão* - rolo de madeira, com perfurações nos extremos que recebem os mourões que



regulam a largura desejada do Tear, feitos artesanalmente de madeira lisa, roliça e resistente para compor o *Tear de Três Panos*. São utilizados dois rolos por tear, um frontal, onde o *teçume* vai sendo enrolado, e um outro, do lado oposto, ao fundo, chamado rolo urdidor, de onde saem os fios da urdidura que receberam a *trama*. Têm a função

de manter a tensão dos fios sempre constante, para assegurar a textura da *trama* à medida que vai sendo confeccionado o tecido.

21. *Novelos de fio* – partes de fios enrolados na forma de bolas que facilitam o manuseio, sem enlinhar, dos fios de algodão. Nas fotos,



novelos espalhados no peitoril de entrada da casa a mestra Antônia Teixeira Santiago, na localidade Olho d'Água do Meio.

22. *Pente* – peça básica do *Tear de Três Panos* e *Tear de Batelão*. No *Tear de Três Panos*, normalmente



se apresenta na forma de uma moldura retangular de 80 cm de largura por 0,25 de altura feito com talos de palmeira – babaçu, buriti, ou talhinhas de tabocas de bambu presas nas extremidades por barras de madeira, fica encaixado na queixa, por entre as talhinhas passam os fios da urdidura. No *Tear de Batelão*,

a matéria prima utilizada é ferro, serve para separar os fios do urdimento do tecido da rede. Na foto ao lado, Sr. Pedro Artur, mestre de ofício, exhibe a mais nova invenção, “pente de ferro” para *Tear de Três Panos*, pode ser feito até com raios de bicicleta, todavia, o mais comum ainda é o uso do pente feito de madeira com tala de buriti, como se vê na foto à cima, à direita, pente de tala, no tear de Vera Lúcia dos Santos Pereira.



23. *Pente franja* – armação de madeira e talos de buriti, na forma de cruzetas flexíveis,



amarrada com cordões, utilizada para fazer franja de fio de algodão para enfeites das redes de dormir. Na foto, o único pente franja identificado pela pesquisa, encontrado na localidade Mangabeira, pertencente à teceloa Evanilda Maria de Sousa Santos.

24. *Pisadeiras* – peças grossas e resistentes, feitas de madeira, no comprimento de 1m por 10cm de diâmetro, ligadas, por um cordão grosso aos liços, posicionadas em baixo do Tear, funcionam como pedais no *Tear de Três Panos* e *Tear de Batelão*; utilizase duas *pisadeiras* por Tear, o movimento dos pés para cima e para baixo desencadeia a mecânica de funcionamento do Tear em harmonia com a movimentação das mãos e braços. Algumas *teceloas* são tão ágeis que pulam nas *pisadeiras*, sem olhar para baixo, com muita agilidade e rapidez. Na foto, Vera Lúcia dos Santos Pereira, bairro São José.



25. *Preaca* – pequena peça feita de madeira ou de ferro, medindo 40cm de comprimento com



uma espécie de gancho em uma das extremidades, utilizada para *urdir* no *Tear de Três Panos*, sem ela o urdimento não é possível, é introduzida no pente perpassando os espaçamentos entre *liços* e talas ou ferros do pente, para lançar o fio de algodão trazido

dos novelos e enrolados numa vara suspensa pelos dois tornos fixado à frente do tear e levados para laçar o *torno* localizado atrás do tear, o processo segue até preencher todo o *pente*.



26. *Punho* – cordão grosso, feito normalmente com sete pernas de fio torcido, utilizado como uma teia de suporte para abrir a rede ao ser armada. Quando o punho é torcido com duas ou mais cores, além da branca, chama-se punho pintado porque dá um efeito de manchas pintas.



27. *Queixa* – peça de madeira retangular, feita de preferência de favela, árvore da caatinga,



apreciada e utilizada para fabricação dos instrumentos de trabalho para a tecelagem manual, porque quando seca, fica leve e resistente, deixando os instrumentos fáceis de se manejar, como por exemplo a queixa, o facão e a lançadeira. Acoplada ao pente do *Tear de Três Panos*, possui uma ondulação, talhada ou fixada no meio da parte superior, para facilitar

a pegada e a movimentação do pente, para frente e para trás, objetivando acochar o ponto do tecido batido pela teceloa, está ligado diretamente às *carretilhas* na parte superior e às *pisadeiras* na parte inferior, formando o sistema que viabiliza a teceloa movimentar o Tear. Na foto acima, um equipamento, instalado no Assentamento Arara, residência de D. Maria Edite Sousa, destaque da queixa acima das lançadeiras. Na foto abaixo, mestra Cícera Pereira Matos de Sousa em ação.



28. *Talhinha de enfiçar* – pequena peça de madeira com um furinho em das extremidades e na outra uma espécie de gume, utilizada para colocar o liço na rede, o instrumento acompanha o *Tear de Parede*; seu uso teve início na década de 1970. Usa-se duas talhinhas por vez, com elas o trabalho de enfiçar dura 2h em média, a técnica é responsável pela grande mudança na maneira de enfiçar, direta e mais rápida. Fotos de Samuel Lima.



29. *Tear* – equipamento que permite a confecção de um tecido a partir do entrelaçamento ordenado de dois conjuntos de fios, o da trama e a urdidura. Hoje, em Pedro II, o *Tear de Três Panos* e o *Tear de Parede* são equipamentos manuais, feitos de madeira por mestres de ofícios e em marcenarias, o único *Tear de Batelão* existente é de fabricação industrial e foi introduzido no município na década de 1970. Na foto, de Douglas Brandão, salão-oficina da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II.



30. *Tear de franja* – equipamento feito de madeira, de formato quadrado, tipo moldura, medindo



em média 0,60 x 0,60 x 0,10 de profundidade; possui um torno interno, do lado esquerdo, onde se enrola o fio, que sai por entre pequenas fendas feitas em uma das laterais do tear que fica com frente a artesã, e com o qual se faz o adorno que será pregado nas abas das redes de dormir, por cima das varandas, ou ainda em almofadas, jogos de banheiro,

tapetes, etc. Nas fotos, flagrantes das Irmãs Oliveira fazendo franja na calçada, cena comum de fim de tarde. No tear de franja, Elisa, à direita Maria e com as estolas, feitas no Tear de Parede, Alice Alves de Oliveira e do proprietário da loja Ceila Artesã, dentro do Mercado do Artesã; a atividade que compete hoje com a franja industrializada vendida nas casas de fio existente na cidade.



31. *Tear de Parede* – equipamento feito de madeira para tecer manualmente, composto por quatro peças que formam uma grade vertical perpendicular, as peças laterais são também chamadas de mourões, a peça horizontal inferior, juntamente com a peça superior regulam o tamanho do tecido desejado; o tamanho do tear pode variar, o mais comum mede 2m X 2,5m também conhecido como Tear Grande, Tear de Mão, Tear de Grade. Algumas pessoas também se referem como tear de bater facão ou tear de um pano só. Considerado um dos mais antigos do gênero, de acordo com Luís da Câmara Cascudo e são originários do Peru, são conhecidos como antigo *Tear Aruaque*. Na foto, Mestra Josefa Oliveira, enamorada de seu Tear, localidade Carnaúbas.



32. *Tear de Grade* – tem todas as características do *Tear de Parede*, adicionado de um suporte de encosto que dispensa o uso da parede ou estrutura com objetivo semelhante. Na foto, Isabel Sousa, a ‘D. Biluca’, bate uma rede recém tirada do *Tear de Grade*, na Associação Artesanal Xique – Xique de Pedro II.



33. *Tear de Três Panos* – equipamento feito de madeira, com estrutura composta por quatro



peças verticais, que formam uma caixa de sustentação para as demais partes, possui em média 1m de largura por 2m de comprimento e 2m de altura. Pode ser fixo no chão ou montado sob um quadro fechado de madeira, para não se movimentar ao ser manuseado. Soma-se a ele um pente encaixado na queixa, ambos feitos de madeira e um par de *liços*, feito de fio torcido e sustentados por uma balança de madeira, dois rolos de madeira chamados de *órgãos*, um frontal, no qual o tecido pronto vai sendo enrolado, e um do lado oposto, ao fundo, conhecido como rolo urdidor, de onde partem os fios da

urdidura que alimentam o tamanho do *urdume*, duas *carretilhas*, duas *pisadeiras* e dois tornos, de onde partem os fios da urdidura.

34. *Torno* – suporte complementar do *Tear de três Panos* que viabiliza o urdimento. Peça de pau roliço fixado no chão, por onde são enrolados os fios de algodão que transpassam o *pente* e os *liços*; são utilizados dois tornos para cada *Tear*, um na frente e outro atrás. A altura do torno determina a posição das tecelões na hora de urdir, quando o torno tinha a altura de mais ou menos 50 cm, urdia-se sentada no chão, hoje a altura média é de 90 cm e a grande maioria das pessoas urde sentada



em um tamborete. Além da vida laboral, ergonomia e saúde das tecelões de acordo com uso dos teares e componentes, a altura do torno e sua proximidade do tear alterar também o número de pessoas envolvidas na etapa do urdimento, sentadas, normalmente são necessárias duas pessoas, em pé com o torno próximo ao tear é possível uma só pessoa dar

conta da função, todavia, são pouquíssimas as tecelões que dominam a técnica, a grande maioria, sequer sabia da possibilidade de urdir sozinha, a informação fluíu com a pesquisa. Na foto de Dany Rafael Melo, o detalhe de dois tornos atrás da tecelã Maria Remédios Pereira, ao fundo, mestra Eduvirgens Alves Pereira, matrona da UFPD. Os cinco teares da família ficam dispostos em baixo de um pé de Caju da frente da casa - na Localidade Felipe -, onde todos tecem, inclusive os homens.



35. *Varas* – pedaços de madeira, do comprimento da largura do *Tear de Parede*, liso, redondo, com um centímetro e meio de largura. São usadas duas em cada rede. A vara superior define o início e o fim do pano de rede porque dela partem e finalizam os fios do *urdume*, que dão voltas em seu entorno, é colocada logo depois do urdimento e retirada quando cessar a tessitura, puxa-se a vara devagar dos cabides e faz-se molhos dos fios enrolando-os para



não embarçar e só na fase dos *acabamentos*, usa-se os cabides para



fazer as tranças. Na foto ao lado, detalhe da finalização das pontas das varas na lateral esquerda do *Tear*. Na foto a baixo, Maria de

Lourdes Freire, da localidade Martins, coloca a vara no *urdume* de linha para uma Rede Bordada. Foto Samuel Lima.

36. *Urdideira manual* – instrumento de madeira, contendo pontas externas, tipo cabides, também



feitas de madeira lisa, por onde são enrolados os fios; utiliza-se fixando-o em uma parede para urdir, individualmente, a Rede de Três Panos fora do tear. Adequa-se aos Teares de Três Panos e de Batelão. Na foto D. Rosa Soares, da Comunidade Gameleira, inicia um urdimento.

37. *Viramundo de desenovelar fio* – também conhecido como *giramundo de desenovelar fio* – é um instrumento manual feito de madeira no formato de uma armação cônica, quadrada ou retangular, alguns possuem uma manivela de madeira; é utilizado para fazer meadas ou desdobrar as pernas de fio de algodão; para funcionar, roda-se a manivela, o que faz o *viramundo* girar e originar, uma ou mais meadas, de acordo com a quantidade de pernas de fio desejado. Pouco utilizado depois da introdução do fio industrializado na forma de tubo e a mudança na técnica de passar as meadas de fio no grude por algumas tecelões; outra alternativa é utilizar as próprias pernas das pessoas sentadas e curvadas na forma “borboleta” para realizar a mesma função.



38. *Viramundo de desdobrar meadas* – também conhecido como *giramundo de desenovelar fio*,



instrumento manual, feito de madeira no formato de uma armação cônica, utilizado para desfazer meadas ou desdobrar as pernas de fio de algodão, impulsiona-se o movimento girando, manualmente, o instrumento. O que mantém o *viramundo* girando e originando os novelos é o movimento do enovelamento pela puxada constante do fio da meada, o instrumento pode ser usado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, originando mais de um novelo de fio no caso. Na foto, Evanilda M^a de Sousa Santos, da localidade

Mangabeira, manuseia suas meadas.

B. MÉTODOS, MATÉRIAS PRIMAS, PRODUTOS E ACESSÓRIOS

39. *Aprontar a rede ou fazer os acabamentos* – diz-se da tarefa de finalizar as atividades das etapas de confecção da rede com *prifilo*, que são as costuras das laterais e extremidades; tranças, punho, *carelo*, pregar varandas e franjas. Para essa etapa utiliza-se uma agulha grossa de costura, e fio de algodão. Na foto, Aldenice Nascimento Carvalho, da Unidade Doméstica de Produção Familiar mais estruturada e ativa, identificada pela pesquisa. Aldenice é filha do mestre de ofício de instrumentos de trabalho da tecelagem manual, Seu Pedro Artur e da mestra teceloa Luiza Carvalho do Nascimento.



40. *Acunhar o tear* – utilizar cunhas, feitas de madeira, em vários tamanhos, para nivelar os teares;



a atividade precede o urdimento e acontece sempre que se percebe a necessidade de manter o *teçume* bem teso para desenvolver a atividade; o contrário, *desacunhar o tear*, significa retirar as cunhas para retirar o pano de rede, depois de finalizada a etapa da confecção do tecido. Nas fotos, M^a do

Carmo acunhando o *Tear de Parede*, Localidade Martins e exemplares de cunhas utilizadas para nivelar o tear.



41. *Alvejar o fio de algodão* – deixar alvo; retirar o sujo da cor do algodão cru. É uma técnica manual, consiste em depois de feitas as meadas, lavar os fios, cozinhar numa solução de água fervendo com sabão em pedra por mais ou menos 20 horas, retirar as meadas, colocá-las de quarador nos lajedos dos riachos, ou pisos cimentados, deixá-las expostas ao sol quente por mais de um dia, sendo molhadas, aguadas várias vezes. Depois, lavar bastante, com água corrente, até sair completamente o sabão e o sujo do fio de algodão. Por fim, coloca-se as meadas dependuradas numa vara, expostas ao sol para secar. Com umas batidas e esticadas amacia-se as meadas e as deixa no ponto de colocar no *giramundo* de enovelar. Hoje, a atividade é raríssima, visto que o fio já vem alvejado de fábrica. Na foto, o algodão arbóreo, na década de 1940 existiam grandes plantações da espécie que foram desaparecendo com a introdução do fio industrializado.

42. *Armar a rede* – dependurar a rede pelos *carelos* em um suporte fixo que viabilize um balanço seguro, pode ser um armador, como se vê na foto ao lado, caibro, etc. A expressão também pode significar a atitude de alguém decidir permanecer em um determinado lugar por um determinado período de tempo.



43. *Bolota* – adorno de fio de algodão ou linha, na forma de um chumaço, fofinho, pregado na ponta das tiras dos *mamucabos* das redes; usa-se, no mínimo, duas bolotas de cada lado da rede; pequenas bolotas também são usadas na finalização das grades de parede e grades de macramê; CASCUDO (2003) cita como bonecas.



44. *Bater a rede* – ação executada por duas pessoas quando sacodem o tecido de rede em movimento ondulatório, ao ser retirado do tear, segurando-o pelos *cabides*, para a retirada de pelos, fiapos e poeira acumulados durante a etapa da confecção. Uma teceloa identifica a ação pelo som e sabe que “*acabaram de tirar ou derrubar uma rede*”. Em outro contexto, a expressão “bater a rede” é utilizada também para se referir ao ato de lavar a rede. Na foto, teceloa da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, Isabel Sousa (D. Biluca) à direita e Maria do Socorro Pereira, à esquerda.



45. *Botar o ramo* – começar a rede seguindo a amostra ou gabarito com o desenho desejado. É comum as teceloa “guardarem o ramo de cabeça”, pouquíssimas são as que utilizam o papel riscado ou milimetrado para arquivar os ramos. O Caderno de Ramos, Pontos e Labirintos, pertence à mestra Anízia Alves de Oliveira.



46. *Birrada* – passar o bilro com o fio ou linha pelas *calas* abertas com os *liços* do *urdume* e bater com o *facão* para acochar o ponto da rede no *Tear de Parede*.

47. *Cabides* - partes extremas do urdimento das redes de dormir, que não são tecidas



justamente para serem trançadas. Na foto, Isabel Maria de Sousa, 'Mestra Biluca', da Associação Artesanal Xique - Xique, puxa a vara finalizando a etapa da tecelagem e enrola os *cabides* para não enlinhar, reservando-os para fazer as tranças. Agora é *bater a rede* antes dos *prifilos* e *acabamentos*.

48. *Carel ou Carelo* – anel feito com cordão que junta os punhos da rede; é a parte onde a rede é dependurada no armador da parede ou em qualquer outro suporte para ser usada. O *carel* protege os punhos da fricção com o suporte de aço no ato do balanço e evita cortá-los.



49. *Casear a rede* – fazer as costuras com fio ou linha em um dos lados do pano tecido, para facilitar a costurar de emenda com outro pano de rede; para uma *Rede de Três Panos* são necessários três panos unidos, daí a origem do nome.



50. *Costura de bico* – um dos nomes dados à costura feita para emendar os panos que formam Rede de Três Panos. Também conhecida como *Costura grega*.



51. *Criar pareia* [ê]– erro gerado pelo fio dobrado, ou seja, passado duas vezes dentro de um



mesmo espaço do *liço* e *penete*, durante o processo de urdimento da Rede de Três Panos. Necessário se faz tirar a pareia e reparar-se o erro durante a tessitura do pano, a fim de evitar falhas no tecido. Na foto, Socorro Alves Brandão, tirando uma pareia de um urdimento de um pano, localidade Aroeira.

52. *Dar a batida para acochar o ponto* – ação de pressionar com força o pente no Tear de Três Panos ou o facão no Tear de Parede, com o objetivo de fechar os pontos e unir os fios da trama na urdidura.

53. *Desdobrar o fio* – separar pernas de fio através das meadas no *giramundo* para facilitar o tingimento do fio ou *passar no grude*.

54. *Derrubar uma rede* – expressão usada para se referir a finalização, tecer e tirar uma rede do tear. “Se uma mulher tecer direto, todo dia ela derruba uma rede” (M^a Teixeira Santiago, 24/06/2016, 19:35). Na foto, três Redes Tapuerãnas, sob um tamborete, no ponto dos acabamentos.



55. *Encher canela* – abastecer as *canelas* com fio ou linha de algodão antes de colocá-las nas *lançadeiras*, para tanto prende-as com cera de abelha, por um ferrinho, no comprimento da mesma, que passa por dentro delas para fazê-las rodar; para *encher canelas* pode-se usar as mãos, um fuso ou ainda um carretel feito de madeira. Para o Tear de Batelão, enche-se *espulas*.

56. *Encher grade* – após confeccionar a grade na almofada de bilro, espicha-se a mesma numa



peça de madeira, como uma moldura retangular, medindo 2m X 0,50 cm, para encher os quadriculos de linha ou fio com agulha grossa, desenhando ramos. A expressão caracteriza a etapa do

preenchimento das grades com os mesmos ramos que estampam a rede. Na foto, uma varanda de grade enfeitando uma rede armada numa sala.

57. *Enliçar* – passar liço, por os liços no tear, no Tear de Parede, o processo se dá de duas formas: 1. coloca-se o liço no urdume, através de cordões, enlaçando partes dos fios em pequenos feixes para formar argolas, também de fio, conforme foto ao lado, teceloa liçando os fios que serão utilizadas para movimentar a urdidura; 2. usa-se uma *talhinha de enliçar* (Ver foto à baixo) para colocar cordões e formar argolas, sem separar os fios por feixes, segue



direto; ambas as formas servem para puxar os fios e movimentar o *urdume* no sentido vertical, abrindo e fechando a *cala* para receber a *trama*, de acordo com o tipo e desenho dos ramos, ponto ou modelo da rede.

58. *Enliçar direto* – liçamento inteiro para redes dos Tear de Parede, usando cordões e uma *talhinha de enliçar*^G, para formar argolas unitárias e unidas com fio grosso, sem fazer molhos de fios, nem separar em feixes, os fios que ficam no plano frontal do urdimento permanecem soltos, não são *liçado*^G; os fios do *urdume*^G cruzados e *liçados*^G são separados para que os *bilros*^G passem dentro das calas, compondo a *trama*^G; usa-se duas talhinhas de madeira, com um furo na ponta para realizar a função. A técnica foi introduzida na década de 1970 através da troca de experiências na Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II, antes o

liçamento^G era só em feixes, conforme descrição anterior. Nas fotos, M^a de Lourdes Freire, *liçando direto*^G, comunidade Martins.



59. *Fazer as partes do algodão* – separa o algodão colhido para bater com duas varinhas, mais ou menos flexíveis, com o objetivo de amaciar e facilitar a etapa seguinte, o descaroçamento.

60. *Fazer grade* – confeccionar tecido, leve e rendado, de linha ou fio de algodão para enfeitar



redes, também conhecido como fazer varanda. Pode ser de

crochê,
macramê,
almofada de

bilros. O crochê tem maior projeção, criação e produção. Na foto abaixo, Doralice Oliveira, filha da mestra Anízia Oliveira, expõe a novidade da varanda de crochê e bordado em tecido.



61. *Fiapos* – restos de fio de algodão que sobram do processo da urdidura, da produção, dos complementos e acabamentos da rede que são descartados.

62. *Fio laço* também chamado *fio mão* – fio de algodão fiado artesanalmente pelas tecelãs mais idosas; muito raro de se ver na região.

63. *Fio sujo* – fio não alvejado; que não é branco, fio de algodão, tipo 4 8, denominado popularmente fio cru, fio comum ou fio sujo.

64. *Franja* – enfeite lateral em forma de bico de fiapos, feito com fio ou linha de algodão no



tear de franja com a ajuda de um pequeno facão que determina a largura da franja, em média 3 cm, de largura pregados na base das varandas, no comprimento do pano de rede, utilizam-se pregadas sobre a varanda, nas *urelas* das redes de dormir, contorno de

almofadas, jogos de banheiro, jogo americano, entre outras peças. Atualmente, está sendo utilizado um bico feito de crochê como uma opção à franja, como se vê na foto à direita, ou adornando uma nova opção de varanda, feita com o próprio tecido, como se vê no trabalho da Associação artesanal Xique – Xique de Pedro II na foto, à esquerda.



65. *Grude* – mistura feita com água quente e goma de mandioca peneirada até atingir o ponto de gel ou papa, com liga suficiente para grudar, colar ou endurecer o fio. Para passar nas meadas, faz-se um grude o mais fino possível, a proposta é reduzir a quantidade de pelos liberados pelo fio e deixar a rede mais tesa.

66. *Liçar* – usar as mãos para movimentar, o liço, para cima e para baixo no Tear de Parede com o objetivo de abrir e fechar o urdume para entrada dos bilros que depositam o fio a ser batido com o facão. O movimento é comandado pelo desenho do ramo escolhido.

67. *Mamucabar* – tecer uma cinta de fio, inserindo as tranças que receberão os punhos da rede.



Mamucabo – etapa do processo de confecção da rede que junta as tranças dentro de uma ou duas cintas em cada ponta da rede, a cinta mede de 3 a 4 cm de largura, é tecida no mesmo tear no sentido da largura da rede com fio um pouco mais grosso que o *pano de rede* e serve de base para receber os punhos.

68. *Meadas* – parte de fios enrolados frouxamente. Na foto meada ainda no *giramundo*.



69. *Mostra, Gabaritos ou labirintos* – modelo, medida padrão, utilizadas para aplicar um desenho



ou ramo em redes tapuerãnas, tapetes, mantas, varandas, almofadas e jogos americanos. São utilizadas para referenciar os desenhos e manter as medidas. Na foto, Mestra Rosa Soares, entre o Tear e a mostra que criou com estampa de uma palmeira típica na região. O método também é utilizado para bordados, para encher varandas

de parede ou de grade e para fazer varanda de crochê.

70. *Prifilar* [perfilear]– fazer prifilo, o mesmo que, arrematar as extremidades do pano de rede, o *teçume*, ao pé das tranças, costurando com agulha grossa e fio ou linha para fortalecer o pano, para receber as tranças e evitar que o mesmo desfie ou se desmanche. (Ver acabamentos)



71. *Rede Batida* – rede manual, feita de fio ou linha no Tear de Parede, também conhecida como



Rede Caruá do tipo Batida Lisa. Na foto à esquerda, Lucimar Martins da Silva, mostra um pano de rede do tipo Batida. Na foto à baixo, uma Rede Batida bordada à mão, feita pela

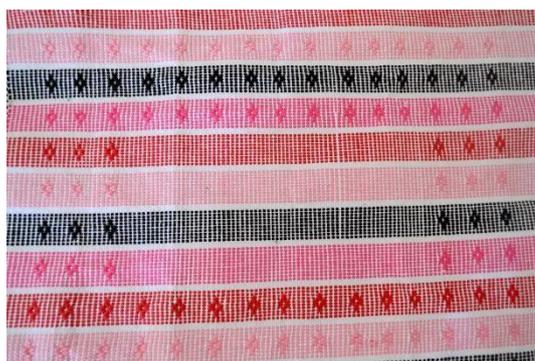
Associação Artesanal Xique – Xique de Pedro II.



72. *Rede Caruá* – tipo de rede manual mais simples, pode ser feita com fio de algodão ou linha nos três tipos de Teares: Três Panos, Batelão e Tear de Parede; não possui desenhos ou ramos, é comum a presença de listras coloridas verticais e listras com gregas, pode ser também de quadro virado ou batida lisa, também conhecida como Rede Batida. Pelas narrativas viu-se que é o primeiro tipo de rede de dormir que a maioria das tecelosas aprende a fazer. É produzida através da técnica do enlçamento direito. Na foto de Samuel Lima, uma Rede Caruá de quadro virado, flagrante no alpendre da casa de D. Maria do Carmo Alves, localidade Martins.



73. *Rede Catada ou Rede de Ponto Catado* – “A Catada é a trama da rede Batida com agregação de elementos figurativos. É, assim, denominada porque se catam, com os dedos e para frente da urdidura, os fios ou as linhas correspondentes aos pontos que compõem os desenhos. Esse procedimento é simultâneo a separação da fiação urdida para a passagem dos bilros. É desenvolvida apenas no tear de parede”. Na foto, detalhe do ponto catado. (BORGES, 108: 2015)



74. *Rede de Coentro* – rede manual, feita de fio ou linha no Tear de Parede, também conhecida como Rede de Tala. É rede delicada porque passa-se uma parte com fios soltos, deixando espaço, marcados com uma talhinha de buriti sem tecer; ao final da carreira, puxa-se a tala e ficam os fios aparentes. Hoje é muito difícil achar uma Rede de Coentro feita, só se faz por encomenda.
75. *Rede de Duas Capas* – rede manual, feita de fio ou linha no Tear de Parede, rara de ver, diz que só existem exemplares antigos e de uso pessoal, porque já saíram da linha de produção. A teceloa que detém o saber está com 90 anos e deixou de tecer e os dois únicos exemplares

feitos para exposição foram vendidos para turistas acidentalmente por uma funcionária pública, desavisada.

76. *Rede de Carrerinha* – rede manual, feita de fio ou linha no Tear de Parede. O processo de enliçar é igual a ponto catado, ponto ser uma cor, duas ou urdir barulhada. A diferença da Rede Olho de Pombo são os pontos furadinho, ou vasados, apresentarem-se contínuos e em carreiras. Na foto detalhes das “carreirinhas”.



77. *Rede Falhadinha* – rede manual, feita de fio ou linha, assemelhando-se à Rede de Tala, com espaçamentos maiores de fios livres do *urdume* sem tecer a trama. Pode ser lisa ou quadro virado. É desenvolvida apenas no Tear de Três Panos. Detalhe de um pano de rede falhadinha no tear.



78. *Rede Olho de Pombo* – rede manual, feita de fio ou linha no Tear de Parede, também conhecida como *Rede Furadinha* ou *Rede Da Moda*. Ganhou popularidade na década de 1980 e hoje é das preferidas, facilmente encontrada no comércio local.



79. *Rede Bordada* – rede manual, feita de linha no Tear de Parede, também conhecida como Rede de Ramo; já no liço separa as cores e não precisa urdir misturado, passa-se cinco birras lisa e faz o ramo todo para baixo; é muito delicada e demora em média 15 dias para ser confeccionada por uma teceloa especialista. Na foto, com a lojista, informante, Maria Alves Carvalho. Foto, Eugênia Teixeira.



80. *Rede Ponto de Colcha* – rede manual, feita de linha no Tear de Parede, é um dos pontos mais antigos e quase em desuso devido ao alto custo da matéria prima e a dificuldade em encontrar alguém que saiba fazer. Foto, Eugênia Teixeira.



81. *Redes de sol a sol* - rede de dormir, confeccionada, 80% com pano em tecido de algodão industrializado, brim, os outros 20% do feito das etapas de confecção são manuais, como *mamucabar*, *trançar*, *prifilar*, torcer e puxar os punhos, colocar varandas e franjas, nos acabamentos podem ser utilizados produtos artesanais locais para dar beleza e preço à

rede. A produção acontece no município através de uma produção doméstica. Na foto, Rede de sol a sol com varanda de crochê.



82. *Rede Tapuerãna ou Capuerãna* – tipo de rede de dormir típica de Pedro II, os relatos a caracterizam como uma das mais tradicionais, a técnica, a matéria prima e o modo de fazer mantem-se a mais de um século. Urdida em duas camadas de fio ou linha e produzida, em fio de algodão ou linha, com a técnica do *liçamento* separado, para ressaltar o *ramo* ou ponto labirinto que estampa a rede. A *Rede Tapuerãna* só é feita no *Tear de Parede* Mestra Josefa Oliveira e sua obra, localidade Carnaúbas.



83. *Rede de Três Panos* – rede rústica e robusta feita de fio de algodão no tear homônimo, *Tear de Três Panos*. Para confecção são tecidos três panos medindo em média 2,50 x 0,60, caseados e emendados um no outro, costurando-os na mão, com o mesmo fio da tecelagem e uma agulha de costura para formar o *teçume* no tamanho padrão de uma rede de 3K e receber os acabamentos. A tradição é usá-la sem varandas, mais há que prefira usá-la com varandas. São rede resistente e duram em média 10 anos. O dito popular diz que “a *rede de três panos* é feita para quatro mocotó”



84. *Tala* – tiras finas, macias e leves, de madeira ou talos, produzidas do miolo ou casca dos galhos e folhas de palmeiras usadas para confeccionar o pente que compõe o *Tear de Três Panos*.

85. *Tecelagem* – segundo Câmara Cascudo é uma “ Atividade muito antiga,



relacionada com a produção de tecidos. No Brasil, em 1861, havia 1.555 pequenos teares só na província de Goiás, produzindo a cada ano 37 mil varas (medida usada pelas artesãs) de pano grosso, mais de 12 mil varas de pano fino, 200 varas de riscado, 2 mil cobertores e 500 redes de dormir. Parte dessa produção

abastecia o estado; o restante era comercializado nos estados vizinhos. Rara era a fazenda ou povoado que não tivesse suas tecelãs (também chamadas tecedeiras ou tecelosas), com seus teares manuais antigos e toscos. Segundo Bernardo Élis, “até 1930, o tecido usado para todos os fins era o algodão que saía dos teares domésticos de madeira, tão numerosos quanto primitivos. O algodão ‘tecido cá’, como era chamado, atendia a mais de 95% do consumo de tecidos em geral. Nas casas das tecelãs havia implementos para fiação e tecelagem, rústicos e de fiação doméstica.” (Ortêncio Bariani, Dicionário do Brasil Central, Ática, São Paulo, 1983. IN CASCUDO, 2001: 670).

86. *Tinturar o fio* – o mesmo que tingir o fio, no contexto é utilizado para caracterizar o ato de colorir artesanalmente o fio cru.

87. *Tirar a rede* – soltar os *cabides* das partes extremas do urdimento das redes de dormir, que não são tecidas, justamente para serem reservadas para se fazer as tranças; à medida que se vai tirando a rede do tear, faz-se molhos dos cabides, enrolando-os e prendendo-os para não embarçar, até a hora de trançar.



88. *Torcer o fio* – formar um cordão, como o próprio nome diz, da espessura desejada, de acordo com a quantidade de pernas de fio utilizadas.

89. *Trançar* – Fazer tranças com os fios não tecidos que formam o cabide deixando alças na cabeça das tranças para receber os punhos. Na foto, mestra Luiza M^a do Nascimento Carvalho, trança o cabide de uma rede de três panos que acabou de sair do Tear.



90. *Urdir* – montar teia de fios no tear de acordo com o tipo ou modelo de rede planejada. Na foto ao lado Teresina Alves e M^a do Socorro Brandão Alves, urdem um pano de rede na localidade Aroeira.



91. *Urdir misturado* – também chamado urdir barulhado, significa misturar os fios de várias cores em um mesmo urdimento de rede, sem formar listras, quadros ou ramos.

92. *Urdume* – resultado do ato de *urdir*. Nas fotos, M^a de Lourdes Freire, localidade Martins, polo das Redes de um pano só, felizes com seu urdume em um Tear de Parede e o urdume do Tear de Três Panos, da mestra Antônia Santiago Teixeira, da localidade Olho D' Água do Meio, polo da Rede que leva o nome do Tear: Três Panos.



93. *Varanda* – também chamada de grade, é um enfeite adicional e opcional, feito em crochê, macramê ou nas almofadas de bilros. São usadas em par, nas abas laterais das redes de dormir, para embelezar, dão efeito esvoaçante durante o balanço da rede. Diz-se que, a qualidade da varanda e dos *acabamentos* definem uma boa rede.



94. *Varanda de almofada ou varanda de grade* – adorno para as abas das redes de dormir, confeccionados em almofadas, com bilros de tucum e espinho de mandacaru, preenchida na *grade*, com fio de algodão ou linha, utilizando ramos desenhados, combinando com os ramos da rede. Até uma década atrás era muito apreciada, mas não deixou herdeiros jovens do modo do saber-fazer, está praticamente extinta; os mestres e as mestras detentores (as) do saber não estão produzindo no momento. Foto acima

C. REFERÊNCIAS, TERMOS E EXPRESSÕES DO UNIVERSO DA TeMa

95. *Associação Artesanal Xique-Xique Pedro II* – entidade econômica de produção social privada, formada por mulheres pertencentes ao segmento associativista que dominam o conhecimento, a técnica de produção e venda da tecelagem manual. Com sede, oficina e loja próprias localizadas à Rua Da Costa e Silva, n. 35, bairro Santa Fé, em Pedro II – Piauí, tel/fax (86) 3271.2720. A instituição é independente e estabelece excelentes relações e contatos com os mais diversos setores e ramos envolvidos com a TeMa. Mantém uma linha variada de produtos centrada no resgate do artesanato de tradições e saber-fazer local com a técnica e forma de produção



nos Teares de Parede e Três Panos. Responde bem ao apoio, incentivo e assessorias que recebem do PROMOART, PRODART-PI, SEBRAE-PI, ARTESANATO SOLIDÁRIO/ARTESOL. Mantém excelentes relações comerciais com grupos e lojas dentro e fora do estado do Piauí. Vende para o Brasil e Exterior, principalmente Alemanha tem produtos em lojas do Rio de Janeiro e São Paulo. Teve dois catálogos produzidos, um deles, Artes e Ofícios de Pedro II, foi tema de exposição da Sala do Artista Popular (SAP) do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), a exposição aconteceu no período de 20 de agosto a 27 de setembro de 2009. É a maior representação do protagonismo do setor no município e faz a diferença na vida das associadas. Foto da Sede/Oficina da Associação, Francisco Moreira da Costa.

96. *Associação dos Artesãos de Pedro II* – herdeira do quadro de sócios e patrimônio da primeira cooperativa de Pedro II, a Cooperativa Artesanal de Redes de Pedro II Ltda, atuante no período de 1970 a 1990, quando possuía um grupo com mais de 200 associados, inclusive homens. Hoje, apesar do indicativo masculino é formada apenas por um pequeno grupo de 15 mulheres. Não possui sede própria, as tecelões tecem em casa e levam os produtos para vender na loja da Associação localizada no Mercado do Artesão. Mantém uma linha de peças pequenas e poucas redes, atende encomendas de dentro e fora do município. Recebe assessoria do SEBRAE-PI, PRODART, entre outros. Participou de vários eventos, feiras, amostras e exposições, com peças exclusivas e criação exclusivas.
97. *Atravessadores* – compradoras (es) de redes direto das tecelões, para revender aos consumidores. Conhecidos também como intermediários. Costumeiramente desvalorizam o produto como intuito de aumentar a margem pessoal de lucro.
97. *Botar alguém para tecer* – significa chamar uma pessoa para tecer em casa, na residência da teceloa juntamente com a dona da tecelagem; a prática era comum em períodos de gravidez avançada e resguardo da teceloa ou para melhor atender grandes encomendas.
98. *Bouquinha da noite* – comecinho da noite quando o fim de tarde entrega o dia e a maioria das tecelões encerra os trabalhos no tear e outras iniciam os acabamentos e *apriofilamentos* de redes.

99. *Carga de rede* – forma de empacotamento para transporte da produção de redes das unidades



de produção até os lugares de comercialização; a carga de redes das unidades familiares de produção doméstica, da zona rural, até três décadas atrás, era feita quase exclusivamente a pé, na cabeça das tecelões e familiares, de bicicleta ou lombo de animais de carga, como jumentos e cavalos, hoje predomina o uso de

motos, carros de linha ou carros de horário; vale observar que redes e fardos de fio, são dispensados de taxas extras de transporte, tal qual gênero alimentício, acompanha o passageiro, pelo pagamento único da passagem. Na foto, tecelões chegando com cargas de rede para feira no Mercado do Artesão.

100. *Carro de linha* – também chamado carro de horário, é um veículo particular utilizado para fazer o transporte de pessoas, mantimentos, gêneros, pequenos animais, mercadorias e etc., da área urbana até as localidades rurais e vice-versa; é uma prática muito comum no transporte rural do município, são utilizados caminhões três quartos, pick-ups, D20, S10, toyotas bandeirantes, entre outros. Em virtude do relevo montanhoso, estradas vicinais e da existência de ladeiras, os carros recebem adaptações para acomodar o maior número de pessoas possíveis, oferecendo o mínimo de conforto, como cobertura e bancos ou tábuas de madeira nas carrocerias para servirem de bancos. Todas as iniciativas são de particulares.
101. *Descer a pisadeira* – retirar os cordões e baixar, arrear as *pisadeiras*; separá-las do tear, seja para começar o urdimento dos fios, seja para suspender a produção; também simboliza o ato de pisar nas peças de madeira para movimentar o tear iniciar o ato de tecer no Tear de Três Panos.
102. *Encomendar uma rede* – espécie de acordo verbal celebrado entre tecelão e comprador (a) de rede, no qual se combina o tipo de rede, a matéria prima, os serviços e as condições de pagamento do produto; a forma mais usual é o pagamento por tarefa, ou seja, por realização das respectivas etapas que compõem a produção.

103. *Encher grade* – colocar, bordar, desenhar com fio ou linha de algodão e uma agulha de costura, ramos nas varandas feitas nas almofadas de bilros.

104. *Fazer a costura* – juntar os três panos de redes confeccionados no Tear de Três Panos, para forma a largura padrão da rede de três panos.



105. *Fazer negócio* – ato de saber negociar, comprar, vender, trocar um objeto ou serviço. Normalmente o acordo é verbal.

106. *Feira de Redes de Pedro II* – feira livre, que ocorre semanalmente a mais de 100 anos; a



princípio acontecia embaixo de um pé de tamboril e aos sábados, à medida que a demanda crescia, a feira acontecia às sextas-feiras e aos sábados, pela manhã, dentro do Mercado Público construído no lugar do Tamboril, quando também eram negociados produtos variados. Hoje acontece às

sextas feiras dentro do Centro do Artesão, construção que suplantou o Mercado Público.

107. *Fins d'água* – expressão usada para referir-se à época do ano em que cessam as chuvas, as colheitas já começam a render e a circulação de dinheiro da safra ocorre. Período cheio de

simbologias e significados que, de acordo com as tecelãs e vendedores (as) de redes, repercutia no aumento da produção e vendas de redes.

108. *Ficar de ponta* – se diz que quando uma rede de um pano, ou seja, feita no Tear de Parede, fica de ponta é resultado da batida do facão com mais força em um dos lados da rede, pela mesma tecelã ou quando se tece em dupla.

109. *Intermediários* – pessoas que compram redes para estocar e revender dentro ou fora do município. Também chamados de atravessadores.

110. *Passar mamucabo* – o mesmo que *mamucabar*, passar uma cinta tecida, prendendo as *tranças*



que receberam os punhos. Na foto D. Aparecida Lopes Ferreira, UFPD, na Terra Dura, passando o *mamucabo* em um *teçume*, no Tear de Três Panos; detalhe da movimentação da *pisadeira* apenas com um pé.

111. *Par de punhos* – expressão usada para referir-se ao jogo de punhos suficientes para suprir a necessidade de uma rede.

112. *Parea* [parelha] – em Pedro II, pronuncia-se *parea* [ê] é quando duas pernas de fio ficam juntas, dobradas dentro de um mesmo espaço de dente do *pente* e do *liço* no ato do urdimento no Tear de Três Panos ou do enlçamento no Tear de Parede; a *parea* também é gerada quando acontece a quebra de um fio do urdimento.

113. *Pontos de redes* – expressão usada para referir-se aos modelos de redes ou tipos de redes existentes.

114. *Ramo da rede* – desenhos em alto relevo, formados pela trama dos fios de algodão em duas



cores, de forma sequenciada e distribuídos pelo tecido da rede tapuerãna, de tapetes, almofadas, painéis e etc. Na foto, de Samuel Lima, amostras de Ramos de redes e de varandas, no papel, feitos pela mestra teceloa Anízia A. de Sousa Oliveira, Comunidade Martins.

115. *Rede Pequena* – expressão utilizada para referir-se às redes de três panos ou caroá de 1,5kg ou 2kg muito comuns e populares até a década de 1980, para adultos e crianças. Desde então a preferência é por redes maiores, de 2,5kg ou 3kg, a *Rede pequena*, hoje é mais apropriada para crianças e caçadores.

116. *Teceloa* – termo resgatado das narrativas das entrevistadas na pesquisa para referir-se à categoria de mulheres protagonistas da tecelagem das redes de dormir em teares manuais; pertencentes à camada popular em Pedro II. Outros termos utilizados são: tecelona, redeira, artesã da rede, artesã.



Na foto Anízia Alves de Sousa Oliveira, Comunidade Martins, mestra do modo de fazer redes no Tear de Parede.

117. *Tecer direto* – significa não parar para cuidar de outras atividades, doméstica, familiares, do campo, ou outra atividade econômica e/ou serviço; a prática mostra tecer de 10 a 12 horas por dia. Normalmente o trabalho tem início entre 5 e 7 da manhã e vai até o fim do dia. Muitas tecelões utilizam o tempo à noite para realizar atividades complementares que auxiliem a tecelagem do pano, como encher bilros e canelas, *prifilar*, aprontar a rede.

118. *Teçume* – é como é chamado o pano de rede, resultante da *trama* e *urdidura*, antes de receber os *acabamentos* e *prifilos*.



119. *Tifanguinha* – rede simples e utilitária, tecida de forma rala, pouco cerrada ou pouco unida, possui fios espaçados entre a trama e a urdidura, em decorrência da batida leve do facão ou pente, para não acochar o ponto; é tecida de forma rápida e aprontada sem muitos detalhes e primor, pois tem como objetivo maior produção e menor custo visando atender interesses de consumidores humildes, para uso diário pelo menor preço. Diz-se que a prática era comum quando as Unidades Familiares de Produção Domésticas, precisavam de dinheiro rápido para sustento da casa e dos filhos, algumas conseguiam tecer até quatro redes, por semana em um único tear, revezando tecelões e aumentando a jornada diária de trabalho. A tifanguinha nos lembra CASCUDO descrevendo a *ini*, rede indígena do período colonial.

120. *Tirar o ramo* – significa passar o desenho estampado na *mostra* do tecido de rede, ou que está na cabeça da tecelão, para um papel milimetrado ou para outro tecido de rede.

121. *Trama* – conjunto de fios que são transpassados pelas calas da urdidura com auxílio de lançadeiras, bilros ou novelos para formar elementos ou composições variadas que dão origem aos *ramos* ou pontos labirinto do teçume.

122. *Trama da tapuerãna* – forma de desenho produzida com a técnica do liçamento separado. “A fiação do plano da frente do urdimento permanece solta, não é liçada. O puxar dos liços, para baixo e para cima, e a passagem dos bilros entre a urdidura permitem,



simultaneamente, a execução da trama e dos seus desenhos. As formas desses desenhos são uma composição dos “ramos” ou pontos labirinto e fino construídos na tecedura. O urdimento dos fios ou linhas referentes a esses pontos ou “ramos” é puxado para frente e, em seguida, os bilros passados entre a urdidura” (BORGES, 2015: 100). São muito variados os elementos figurativos da tradicional trama da Tapuerãna, como exemplos dos *pontos* mais usados, desde o princípio do saber-fazer no território, podemos citar: caracol, estrela ou oito folhas, flor, borboleta, penas, X, lagarta, etc. Na foto, vê-se uma trama em flor.

123. *Trouxa de rede* – fardo de redes bem dobradas, forma tradicional de se transportar redes, as



teceloas possuem uma grande habilidade para carregar trouxas de rede e de fio na cabeça sem perder o equilíbrio. Foto, Douglas Brandão.

124. *Urela* – beiradas laterais da rede; extremidades onde são pregadas as varandas e franjas.

125. *Urdo* – diz-se do fio úmido. “Fio bem urdo antes de tinturar” – fio bem molhado, umedecido e torcido

126. *Vendedeira* de rede – mulher conhecedora da atividade da tecelagem e do produto rede, com experiência de vendas, é comum a presença de “teceloas que sabendo ‘fazer negócio’ mais que as outras, recebem redes para vender, ganhando, para isso, uma comissão que varia, sobretudo, conforme o grau de parentesco e os preços alcançados” (ARAUJO, 1985: 119).

127. *Unidades Familiares de Produção Doméstica – UFPD* – forma típica de organização social, informal da produção manual da rede de dormir em Pedro II em ambiente familiar. A expressão foi construída para identificar, a maneira mais antiga e comum de se produzir redes no município, considerando a divisão compartilhada de tarefas e serviços, a otimização do tempo de produção e a co-presença e co-participação de homens, companheiros ou filhos de tecelões, como força de trabalho complementar. Fotos da esquerda para direita, casa das mestras: Luíza M^a de Carvalho Nascimento – bairro São Francisco, Aparecida Lopes Ferreira, Terra Dura e Josefa Oliveira, Carnaúbas.



128. *Viajantes da rede* – pessoas do lugar que transportam redes de Pedro II para revender, dentro e fora do Estado do Piauí. Ceará, Maranhão, são os destinos mais citados nas narrativas; os viajantes, quase sempre, são pessoas que pertenciam à família de tecelões e vendiam o produto de um grupo de moradoras de uma ou mais localidades.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

ARAÚJO, José Luís Lopes. **A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Recife, UFPe 1985.

_____. **As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste Brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço**. Tese (Doutoramento em Geografia Humana). USP, 1996.

CARVALHO, Luciana. **Artes e Ofícios de Pedro II**. Sala do Artista Popular; n. 152, 32 p. Iphan, CNFCP, RJ; 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica**. Global, RJ: 2003.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. Ed. – edição ilustrada – São Paulo: Global, 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.
Departamento de Articulação e Fomento. Coordenação de Educação Patrimonial. **Educação Patrimonial: inventários participativos**. Brasília, 2016.

NONATO, Clarice Borges. **A Rede Nossa de Cada Dia**: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Artesanal Xique-Xique em Pedro II-PI. Dissertação (Mestrado em Design). UFPE Recife, 2015.

OLIVEIRA, Gracineia. **A trama e a urdidura: o vocabulário têxtil e a história da língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59895/63004>

ZACCHI, Marina Sallovitz. **A tecelagem de Poço Verde**. Rio de Janeiro: CNFCP/Iphan: 2011.

Apêndice C – Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
MESTRADO EM ARTES PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

Título do projeto

O SABER FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR EM PEDRO

II - Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa

Pesquisadora: Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista Social, Professora Licenciada (Sociologia da Educação)

Especialista em Supervisão de Ensino, Pedagogia da Alternância e Educação do Campo

MAPA DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II

“Mapeamento é um processo de criação que subverte
o lugar de enunciação para desafiar as narrativas dominantes sobre os territórios,
a partir do conhecimento e experiências dos participantes todos os dias”
ICONOCLASISTAS

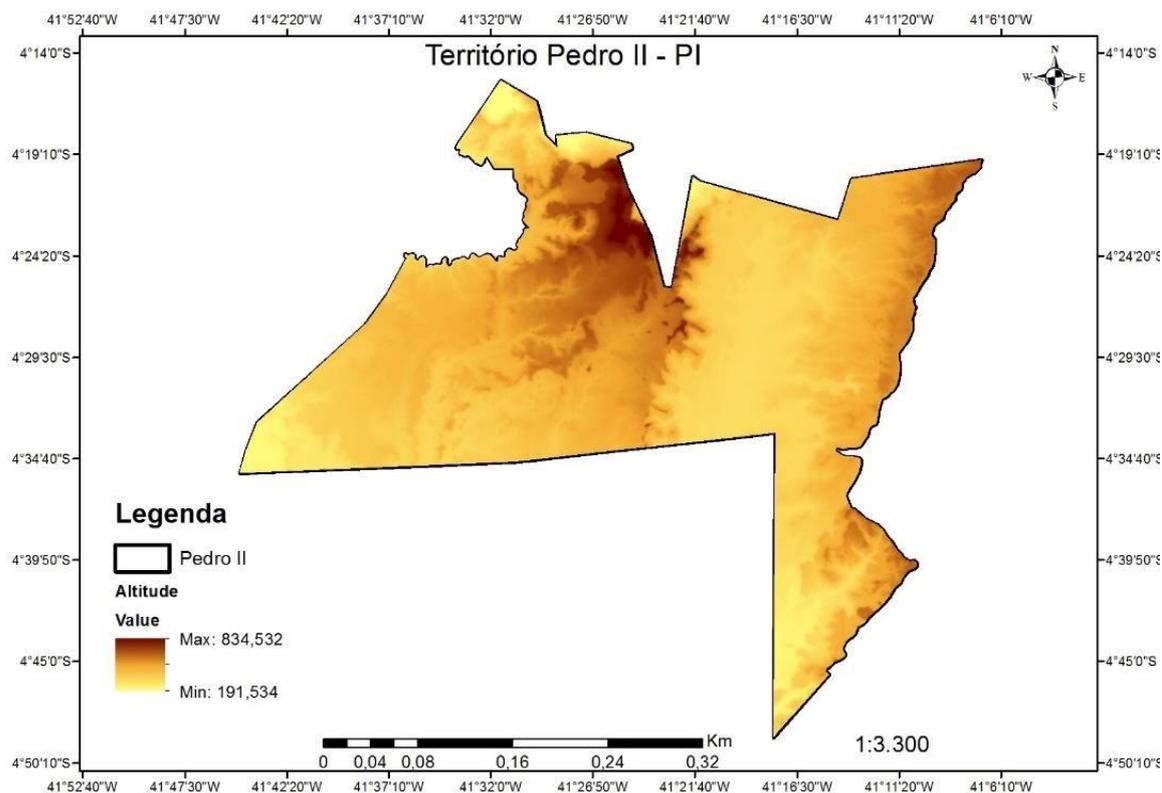
Este instrumental tem como objetivo georeferenciar os lugares de produção e de comercialização das redes de dormir, dos instrumentos de trabalho e da matéria prima utilizada na tecelagem manual - TeMa, incluindo o sistema de organização social das tecelagens de Pedro II - PI.

O mapeamento partiu dos lugares de fala das pessoas envolvidas com a referência cultural do saber-fazer da TeMa nos momentos das entrevistas/narrativas, oficinas de escuta e cartografias colaborativas, transformando-se, via rodas de conversa em categorias de análises fundamentais para a confecção dos mapas e demais produtos da pesquisa-ação.

O Mapa da TeMa é um instrumento, um meio e um produto agregador de parcerias e mão de obra colaborativa e voluntária. O resultado parcial é uma co-produção de todos que participaram do processo e para todos que almejam a salvaguarda do saber-fazer. Coloca-se em processo contínuo de transformação tendo em vista a dinâmica da própria referência cultural e da metodologia utilizada, além das questões de ordem sócio culturais e técnicas que envolvem a atividade. Novas

informações poderão ser acrescentadas à medida que mais pessoas colaborem com o processo de mudanças

MAPA DO TERRITÓRIO



O município de Pedro II está localizado no centro-norte do Estado do Piauí, ocupando uma área de 1.518,233 km², que corresponde a 0,6% da área total do Estado, na Microrregião Campo Maior.

O resultado da pesquisa mostrou que a tema se concentra mais no centro e noroeste do município, optou-se então pela produção de dois mapas que facilitem a visualização. Um na perspectiva geral dos lugares de produção e venda referenciados na zona rural e urbana, e outro só com as referências urbanas, considerando ser essa, proporcionalmente, a menor área geográfica e a de maior concentração dos lugares de venda.

Seguiu-se os passos abaixo para coleta de informações e confecção dos mapas da TeMa:

- ✓ Cartografia colaborativas e Oficinas de Escuta para localização dos pontos de produção, comercialização e organização social das tecelões de Pedro II;

- ✓ Identificação das mestras tecelões e mestre de ofício das ferramentas de trabalho;
- ✓ Levantamento, georeferenciamento e mapeamento dos lugares de produção e comercialização, assim como as formas de organização social das tecelões em 100% dos pontos levantados;
- ✓ Registrar e fotografar o fazer manual e suas técnicas de produção;
- ✓ Revisão documental e análise de registros;
- ✓ Esboço de ilustrações;
- ✓ Preparação de materiais e seleção iconográfica;
- ✓ Confecção e produção cartográfica, virtual e editorial do Mapa Cultural da TeMa das Redes de Pedro II;
- ✓ Impressão cartográfica (papel A3 e 44X65cm);
- ✓ Previsão de disposição em página web (junho 2017);
- ✓ Previsão de Divulgação/apresentação do Mapa da TeMa (junho 2017)

PRINCIPAIS ARTIGOS ARTESANAS PRODUZIDOS NA ZONA RURAL DE PEDRO II		
TIPO DE ARTESANATO	REGIÃO	FORMA DE PRODUÇÃO
REDE SOL-A-SOL	Felipe, Santana, Olho d'água do meio, olho d'água dos paulinos, lagoado, engatado, cipó, castiņas, lagoa do sacuruju, ingazeira, cachimbos, vitiana, olho d'água dos alexandrinos, chá do lambedor, rodriço, gorabeira, grotá, peguá, trivica, palmeira dos ferreiros, carnaudinha, chá dos barzozos, placas, pajé e roças dos pereiras	Manual / Máquina de costura
REDE DE TRÊS PAINOS	Trivica, olho d'água do meio, e Felipe	Teia de maracá, teia normal
REDE CAPURAMA / MOCÓ	Trica, rede vetha, coloradas	Teia normal
CROCHÊ	Felipe, Santana, Olho d'água do meio, olho d'água dos paulinos, lagoado, engatado, cipó, castiņas, lagoa do sacuruju, ingazeira, cachimbos, vitiana, olho d'água dos alexandrinos, chá do lambedor, rodriço, gorabeira, grotá, peguá, trivica, palmeira dos ferreiros, carnaudinha, chá dos barzozos, placas, pajé e roças dos pereiras	Manual
TAPETES	Felipe, Felipe, olho d'água do meio	Teia normal, crochê
GRADES DE NÓ / PARDE	Felipe, Santana, Olho d'água do meio, olho d'água dos paulinos, lagoado, engatado, cipó, castiņas, lagoa do sacuruju, ingazeira, cachimbos, vitiana, olho d'água dos alexandrinos, chá do lambedor, rodriço, gorabeira, grotá, peguá, trivica, palmeira dos ferreiros, carnaudinha, chá dos barzozos, placas, pajé e roças dos pereiras	Manual
TAPETE DE RETALHO	Lapa	Máquina de costura

Essas informações são fornecidas apenas nos registros dos visitantes regularmente e que temos clientes que geralmente fazem encaminhamentos junto ao agrônomo para as devidas atividades, sendo assim há outros tipos de artesãos que são desenvolvidos nas comunidades e não temos comércio. Alguns outros também que a produção de rede sol-a-sol é basicamente utilizada em quase todas as comunidades, assim como a produção de grades / variedades para rede, entre outros observado é que poucas comunidades ainda tem famílias utilizando o teia na produção de rede e tapetes, principalmente a rede de maracá.

Figura 1- Tabela com informações cedidas pelos assessores de crédito do BNB



Figura 2- Primeiro mapa confeccionado na oficina de escuta com tecelões no Mercado do Artesão -

Regidas pelo princípio das Cartografias Colaborativas¹, da construção da memória social com a comunidade, as Oficinas fundamentaram, metodologicamente o mapeamento do saber-fazer, objetivando a valorização e revitalização desse saber-fazer, a visibilização e a dignificação da profissão da tecelão.

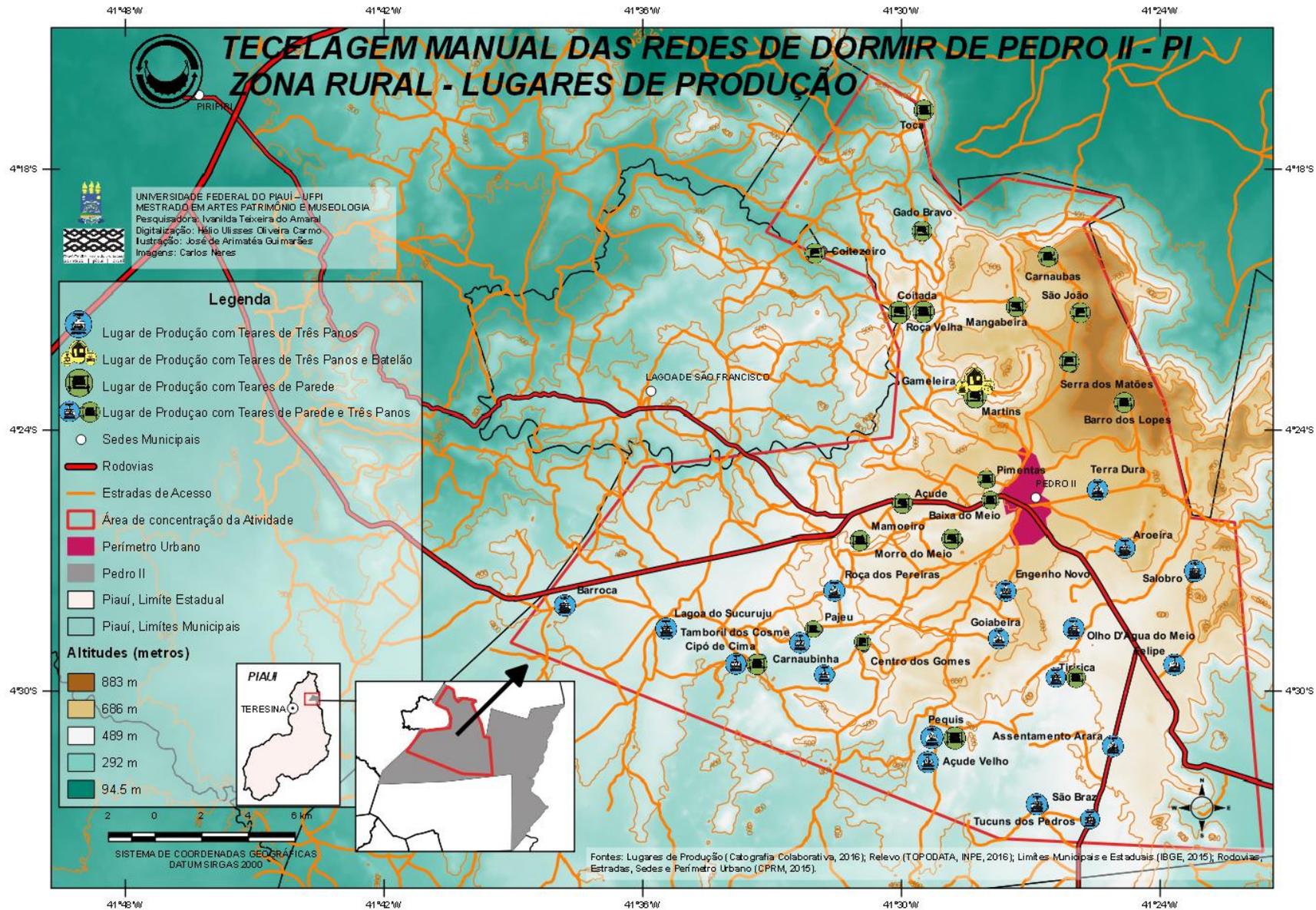
¹ “A Cartografia Colaborativa se configura como um dispositivo de mobilização das memórias, campo de proposições e compartilhamento de conhecimentos e processos”. ICONOCLASSISTAS

Mapeamento e Oficinas de Escuta – registro fotográfico

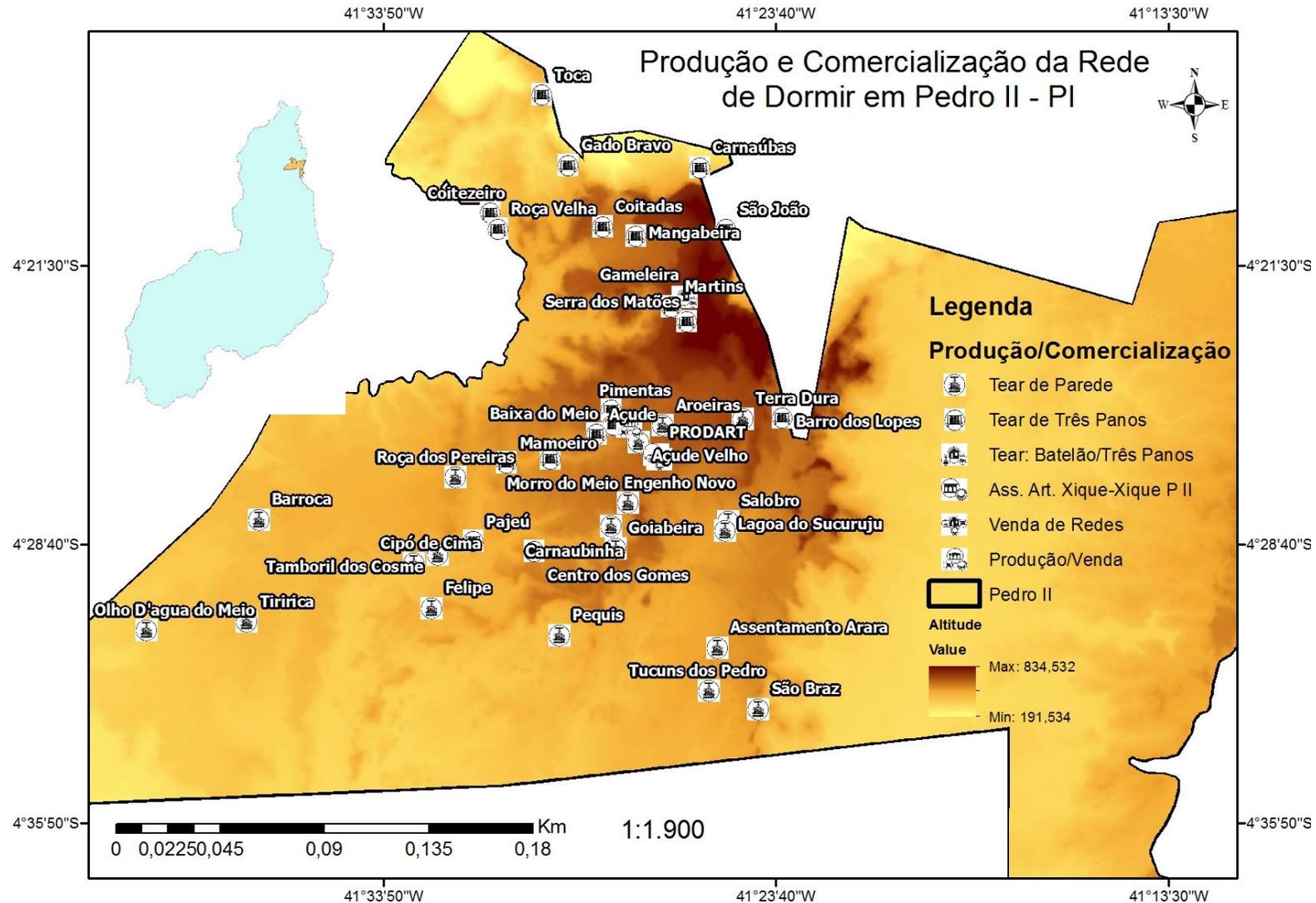
Arquivo pessoal da Pesquisadora

Figura 3, 4 e 5 – Mercado do Artesão; figura 6- Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II





MAPA GERAL DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO: REDES DE DORMIR - TeMa - PEDRO II – PI



REGISTRO DAS CARTOGRAFIAS COLABORATIVAS – TECELOAS DE PEDRO II

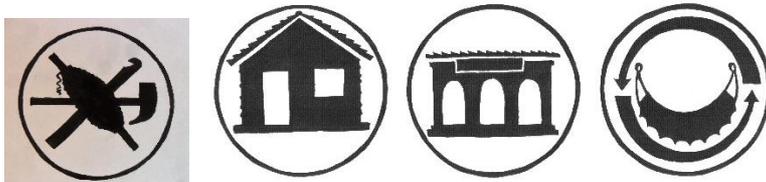


Oficina de Escuta/Cartografias Sociais – Mercado do Artesão – Teceloas de PII.
Arquivo pessoal da pesquisadora

Novas informações poderão ser acrescentadas à medida que mais pessoas intervenham no processo construtivo.

ANÁLISE ICONOGRAFICA – SELEÇÃO DE PICTOGRAMAS

(Desenhos do artista colaborador José de Arimatéa Guimarães Júnior)



1 – Lugares de produção de ferramentas/instrumentos de trabalho

2- Lugares de produção de redes

3 – Lugares de venda

4- Venda de redes

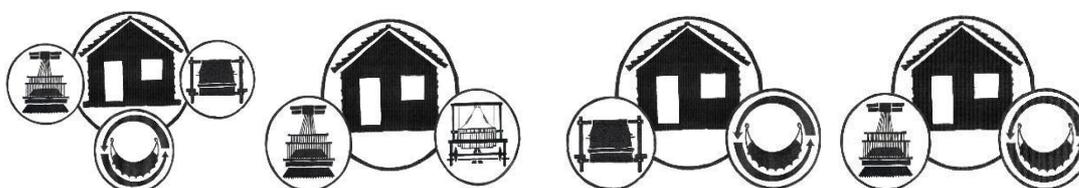


5 – Tear de Parede

6- Tear de três Panos

7 – Tear de Batelão

Composição de pictogramas para referências culturais do saber da TeMa

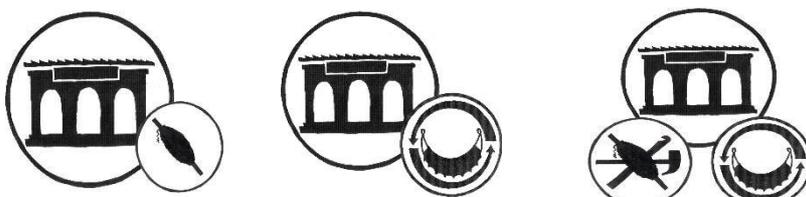


1 - Ass. Artesanal Xique-Xique

2- Lugares de produção e venda de redes dos Teares de Três Panos e Batelão

3 – Lugares de produção e venda de redes do Tear de Parede

4 – Lugares de produção e venda de redes do Tear de Três Panos



5– Lugares de venda de matéria prima;

6– Lugares de venda de redes manuais;

7- Lugares de venda de redes e elementos associados.

Tabela 1 - Localização Geográfica dos Lugares de produção de redes manuais na zona rural do município de Pedro II – PI

Nº	Localidades Rurais – Lugares de Produção de Redes Manuais	Latitude Sul	Longitude Oeste
01	Açude – Tear de Parede	4°25'47.86''	41°28'15.29''
02	Açude Velho – Tear de Três Panos	4°31'36''	41°29'45.6''
03	Aroeira – Tear de Três Panos	4°25'34.42''	41°26'54.79''
04	Assentamento Arara – Tear de Três Panos	4°31'19.3''	41°25'11.7''
05	Baixa do meio – Tear de Parede	4°25'35.28''	41°27'54.84''
06	Barro dos Lopes – Tear de Parede	4°26'04.83''	41°23'11.43''
07	Barroca – Tear de Três Panos	4°28'1.4''	41°37'4''
08	Carnaúbas – Tear de Parede	4°18'58.65''	41°25'39.31''
09	Carnaubinha – Tear de Três Panos	4°28'11.1''	41°27'56.3''
10	Centro dos Gomes – Tear de Parede	4°28'49.74''	41°29'56.02''
11	Cipó de Cima – Tear de Três Panos e Tear de Parede	4°29'9,4''	41°33'3''
12	Coitadas – Tear de Parede	4°20'29.69''	41°28'09.88''
13	Coitezeiro – Tear de Parede	4°20'08,40''	41°31'04,48''
14	Engenho Novo – Tear de Três Panos	4°27'35.84''	41°27'30.46''
15	Felipe – Tear de Três Panos	4°30'18''	41°32'35.3''
16	Gado Bravo – Tear de Parede	4°18'54.73''	41°29'03.31''
17	Gameleira – Tear de Três Panos e Tear de Batelão	4°22'18.41''	41°26'02.00''
18	Goiabeira – Tear de Três Panos	4°28'45.99''	41°27'49.41''
19	Lagoa de Sucuruju – Tear de Três Panos	4°28'18.3''	41°25'0.1''
20	Mamoeiro – Tear de Parede	4°26'34.00''	41°30'39.00''

21	Mangabeira – Tear de Parede	4°20'43.82”	41°27'18.70”
22	Martins – Tear de Parede	4°30'41.4”	41°29'33.6”
23	Morro do Meio – Tear de Parede	4°26'27”	41°29'31.4”
24	Olho D'Água do Meio – Tear de Três Panos	4°28'45.8”	41°25'36.7”
25	Pajeú – Tear de Parede	4°28'34.7”	41°31'30.5”
26	Pequis – Tear de Três Panos e Tear de Parede	4°31'0.1”	41°29'16.9”
27	Pimentas – Tear de Parede	4°25'12.4”	41°27'56.6”
28	Roça dos Pereiras – Tear de Três Panos	4°26'56.39”	41°31'58.61”
29	Roça Velha – Tear de Parede	4°20'32.7”	41°30'52.6”
30	Roça Velha – Tear de Parede	4°20'32.7”	41°30'52.6”
31	Salobro – Tear de Três Panos	4°28'3.8”	41°24'54.7”
32	São Braz – Tear de Três Panos	4°32'53.7”	41°24'7.7”
33	São João – Tear de Parede	4°20'33.30”	41°24'57.98”
34	Serra dos Matões – Tear de Parede	4°26'00.26”	41°26'46.50”
35	Tamboril dos Cosme – Tear de Três Panos	4°28'56.2”	41°32'25.9”
36	Terra Dura – Tear de Três Panos	4°26'54.10”	41°31'58.61”
37	Tiririca – Tear de Três Panos e Tear de Parede	4°30'39.0”	41°37'22.7”
38	Toca – Tear de Parede	4°17'06.4”	41°29'44.15”
39	Tucuns dos Pedro – Tear de Três Panos	4°32'25.5”	41°25'24.6”

Tabela 2 - Localização Geográfica dos Lugares de Produção de Redes Manuais – Zona Urbana – ZR

Nº	Lugares de Produção de Redes Manuais – Zona Urbana	Latitude Sul	Longitude Oeste
01	Associação Artesanal Xique –Xique de Pedro II – Rua Presidente Da Costa e Silva, 651, bairro Stª Fé Tear de Três Panos e Tear de Parede	4°26'29.04''	41°26'41.63''
02	Residência – Cícera Pereira Matos de Sousa, Rua Raimundo Nonato Brandão, 396, Vila Kolping – Tear de Três Panos	4° 26' 04.31''	41° 27' 15.24''
03	Residência – Lucimar Martins da Silva/Bá – Rua Francisco Sotero, 886 bairro Vila Kolping – Tear de Três Panos	4° 26' 17.03''	41° 27' 08.21''
04	Residência – Luiza Maria de Carvalho Nascimento – Rua Francisco Sotero, 1660, bairro São Francisco (antiga embrapa) – Tear de Três Panos	4° 26' 31.08''	41° 27' 25.78''
05	Residência – Rita Maria de Sousa (Rita Nego) – Rua 7 de setembro, 581, bairro Vila Kolping – Tear de Três Panos	4° 26' 22.26''	41° 27' 07.20''
06	Residência – Vera Lúcia dos Santos Pereira – Rua Projetada 8, bairro São José – Tear de Três Panos	4° 26' 22.26''	41° 27' 07.20''
07	Residência – Raimunda Gonçalves dos Santos Avenida Dr. José Lourenço Mourão, 443, Vila Operária Tear de Parede	4° 26' 17.34''	41° 26' 49.48''
08	Residência – Isabel Maria dos Santos Diolindo Rua Agostinho Alves, 87, Vila Operária – Tear de Parede	4° 26' 03.10''	41° 27' 06.09''

Tabela 3 - Localização Geográfica dos Lugares de Venda de Redes Manuais – Zona Urbana

Nº	Lugares de Venda de Redes Manuais	Latitude Sul	Longitude Oeste
01	Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II. Rua Presidente Costa e Silva, 651, bairro Stª Fé (vários tipos de redes)	4°26'29.04''	41°26'41.63''
02	Mercado do Artesão (vários tipos de redes)	4°25'38.45''	41°27'27.71''

03	PRODART – Av. Dr. José Lourenço Mourão. Ed Irmãs Cordeiro	4°26'21.43''	41°26'46.50''
04	Loja Ceila. Rua Tertuliano Filho, 12. Bairro Santa Fé (vários tipos de redes)	4° 25' 47.17''	41° 27' 39.48''
05	Loja/Residência Lucimar Martins da Silva Rua Francisco Sotero, 886 Bairro Mutirão – (Redes de Três Panos)	4° 26' 17.08''	41° 27' 09.20''
06	Residência – Luiza Maria de Carvalho Nascimento Rua Francisco Sotero, 1660, bairro São Francisco (antiga embrapa) - Rede de Três Panos.	4° 26' 30.27''	41° 27' 25.04''
07	Residência – Cícera Pereira Matos de Sousa, Rua Raimundo Nonato Brandão, 396, Vila Kolping - (Rede de Três Panos)	4° 26' 03.22''	41° 27' 15.73''
08	Res. – Santana Martins de Medeiros, Avenida Coronel Cordeiro, 723, Campestre (vários tipos de redes)	4° 26' 00.74''	41° 26' 49.34''
09	Industria de Redes de Pedro II Rua Sotero Nogueira Lima, 57, centro, 64255-000 – Tapueirana (vários tipos de redes)	4° 25' 53.93''	41° 27' 17.67''

Tabela 4 - Localização Geográfica dos Lugares de Venda de Fio e linha – Zona Urbana

Nº	Lugares de Venda de Matéria Prima	Latitude Sul	Longitude Oeste
01	Industria de Redes de Pedro II Rua Sotero Nogueira Lima, 57, centro, 64255-000	4 °25' 52.24''	41° 27' 17.17''
03	Lojas Avelino Pinheiro – Avenida Coronel Cordeiro, (Próximo ao Bumerang - Shopping Minervina)	4° 26' 00.74''	41° 26' 49.34''
04	Souza Tecidos. 1- Indústria e Comércio, Rua Domingos Nogueira, 292– Bairro Mutirão.	4° 26' 00.56''	41° 27' 18.11''

Referências

IPHAN. **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

Google Eart para AutoCAD

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFONI, Simone. **O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação**. PARC Pesq. em Arquit. e Constr., Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 26-38, jan./mar. 2015, ISSN 1980-6809. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc>

SCIFONI, Simone e Wagner Costa RIBEIRO. **PRESERVAR: POR QUE E PARA QUEM?** UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p.10

_____. . Desafios para uma nova educação patrimonial. Revista Teias. 2016

SILVA, Cláudia Feijó da. **A ATUAÇÃO PARTICIPATIVA ENTRE HISTORIADORES E COMUNIDADE: PROCESSO METODOLÓGICO DE INVENTÁRIO PARTICIPATIVO**. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e diálogo social. Natal – RN, 22 A 26 de julho de 2013.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria 137/2016

Projetos Inspiradores

Iconoclasistas. Mapeo colectivo, cartografías, investigación e imágenes de libre circulación. Argentina. Disponível em: <http://www.iconoclasistas.net/> Acesso em: 28/08/2015 Projecto MEMORIAMEDIA. Portugal.

Disponível em: <http://www.memoriamedia.net/> Acesso em: 28/08/2015

Apêndice D

Oficinas de Escuta como Metodologia de Inventário Participativo: uma experiência em Pedro II-PI

OFICINAS DE ESCUTA COMO METODOLOGIA DE INVENTÁRIO PARTICIPATIVO: uma experiência em Pedro II-PI

Ivanilda Teixeira do Amaral

Cientista social, discente do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: ivanildaamaral@outlook.com.

Resumo

O presente trabalho apresenta as experiências de oficinas de escuta realizadas enquanto procedimento metodológico de um Inventário Participativo dos modos de saber-fazer associados à tecelagem manual da rede de dormir, no município de Pedro II, Piauí, Brasil. Discute-se a pertinência dessas atividades, embasadas na construção de narrativas através da memória coletiva, para o trabalho de salvaguarda de uma referência cultural local.

Palavras-chave: Oficinas de escuta; Inventário Participativo; Patrimônio Imaterial; Tecelagem manual; Pedro II.

Abstract

The present work presents the experiences of listening workshops carried out as a methodological procedure of a Participatory Inventory of the ways of know-how associated with manual weaving of the sleeping net, in the municipality of Pedro II, Piauí, Brazil. The relevance of these activities, based on the construction of narratives through collective memory, is discussed for the work of safeguarding a local cultural reference.

Key-words: Listening workshops; Participatory Inventory; Intangible Heritage; Manual weaving; Pedro II.

Introdução

Situado na região da Serra dos Matões, no Nordeste do Piauí, o município de Pedro II agrega um complexo patrimônio cultural e natural, sendo popularmente reconhecido pelo título de “terra da rede e da opala”. Notabilizando-se a representatividade da tecelagem manual na formação da identidade local, o projeto de pesquisa-ação *O Saber-Fazer da*

Tecelagem Manual das Redes de dormir em Pedro II – Piauí: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa foi elaborado em resposta à necessidade de salvaguardar essa referência cultural do território pedrossegundense.

Entre as produções técnicas objetivadas pela pesquisa como elementos integrantes do Inventário Participativo (IP), figuraram a elaboração de um Glossário Especializado da Tecelagem Manual, com a descrição dos instrumentos de trabalho e da matéria-prima utilizada na TeMa – acrônimo adotado na pesquisa para tecelagem manual -; e a produção de um mapa da tecelagem manual da rede de dormir em Pedro II, no qual fosse indicada a localização georreferenciada dos lugares de produção e de comercialização da rede no território do município.

A premissa da pesquisa-ação, desenvolvida entre 2015 e 2017, foi a singularidade dos modos de saber-fazer da TeMa e a possibilidade de ainda se ter acesso a essa prática cultural, que se encontra em risco de desaparecimento. A proposta de estimular a própria comunidade a protagonizar a realização do inventário, definindo e valorando a referência cultural, foi pautada na lógica inter, trans e multidisciplinar de construção do saber. Pela contribuição que a realização de oficinas de escuta oferece para o aprimoramento dos “acervos que representam as iniciativas comunitárias de memória e museologia social” (SILVA, 2013:1), essa metodologia foi adotada no processo de inventariamento como uma estratégia de empoderamento da comunidade através da construção coletiva e dialógica do conhecimento. Partilhou-se a ideia de que é muito importante “construir uma possibilidade de entendimento a partir da realidade vivida” (SCIFONI, 2017:11) quando se trata de inventariar e registrar uma referência cultural, e nada mais coerente que envolver a população no processo:

A participação popular deve ser estimulada em mais essa dimensão às gerações futuras. Como não se sabe ao certo como elas serão, é no mínimo prudente permitir que diversos modelos possam prosperar. Eles indicam que a pluralidade de visões de mundo deve ser mantida (SCIFONI, 2015:35).

O planejamento das oficinas de escuta no âmbito da realização do inventário participativo foi, então, admitido como um processo de educação patrimonial, por envolver “processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado [...]” (IPHAN, 2016:1). As ações executadas foram fortemente influenciadas pela concepção de cartografia social apreendida pelo movimento museológico Iconoclasista, o qual defende o processo de mapeamento coletivo como “um processo de creación que subvierte el lugar de enunciación para desafiar

los relatos dominantes sobre los territorios, a partir de los saberes y experiencias cotidianas de los participantes”(in: <http://www.iconoclasistas.net/mapeo-colectivo/>).

1 Urdindo ideias e abrindo a roda para desdobrar os fios da meada – tecendo a história da TeMa

O universo invisível e particular das teceloas - autodenominação da categoria formada pelas mulheres que exercem o ofício de tear manualmente - defronta-se com a necessidade de se escrever coletivamente a história da tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II, a partir de uma metodologia democrática e abrangente, capaz de abarcar fatos, nuances e perspectivas que projetem o saber-fazer, promova a visibilidade das mestres teceloas e trate o processo produtivo das redes como fenômeno social que conduz o fio da história de um importante grupo da sociedade pedrossegundense.

A pesquisa-ação foi desenvolvida com base no preceito de “conhecimento colaborativo”, pautada pela construção coletiva e partilhada do conhecimento, sem prevalência ou propriedade do discurso científico sobre o tradicional, ou vice-versa. Nessa perspectiva, os conhecimentos tradicionais sobre os modos de fazer a rede de dormir em Pedro II têm a mesma relevância do conhecimento científico existente, que não se revelou extenso, sobre essa referência cultural do município. Buscamos pelas versões, através da memória e da bibliografia, sobre a história do tear e da tecelagem em Pedro II com o cuidado de não hierarquizar os saberes.

1.1 Planejamento pedagógico e realização das Oficinas de Escuta

As oficinas de escuta para o mapeamento dos lugares de produção e de venda da TeMa foram realizadas entre os meses de junho e dezembro de 2016, com a participação de teceloas, pessoas do público e colaboradores do projeto presentes em feiras no Mercado do Artesão, localizado no centro do município; e com as teceloas integrantes da Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II, em sua sede. Paralelamente, escutas foram viabilizadas nas rodas de conversas que se formaram anteriormente ou após a realização de entrevistas, ocasiões em que as pessoas demonstraram interesse em torno da temática, principalmente nas localidades da zona rural.

Os cidadãos e cidadãs participantes das oficinas atuaram como coprodutores e coautores do conhecimento reelaborado sobre o saber-fazer da tecelagem manual. As oficinas reuniram pessoas de grupos sociais diversos para discutir estratégias do Inventário Participativo (IP), tais como o propósito de mapeamento da produção e comercialização da rede de dormir e a proteção do modo de saber-fazer da TeMa, apreendida como uma atividade representativa do processo histórico do município.

Regidas pelo princípio das cartografias colaborativas - “como um dispositivo de mobilização das memórias, campo de proposições e compartilhamento de conhecimentos e processos” (in: <http://www.iconoclasistas.net/>), as oficinas fundamentaram metodologicamente o mapeamento do saber-fazer e primaram pelo respeito às particularidades de perfil e disponibilidade dos participantes de cada atividade de escuta.

Para isso, foi desenvolvido o seguinte plano de ação para a execução das oficinas de escuta:

1) Temas apresentados:

- ✚ Suas memórias tecem histórias;
- ✚ O que é patrimônio cultural para você?
- ✚ Qual sua relação com a tecelagem manual das redes de dormir em Pedro II?

2) Processo e objetivo metodológico das oficinas:

- ✚ Integrar as memórias coletivas em um projeto de Educação Patrimonial por meio da construção participativa de mapas que traduzam trajetórias afetivas e profissionais, percursos históricos, instrumentos de trabalho, formas de organização social e lugares de produção e comercialização, tendo como protagonista a rede de dormir de Pedro II.

✚ Tempos:

1. Tempo das Narrativas da Memória:

Conte sua história. Compartilhe/disponibilize registros, documentos, fotos e objetos que falem de sua relação afetiva e profissional com o TeMa.

2. Tempo da Memória Mapeada:

Suas memórias integrarão a criação coletiva de um Mapa Cultural da TeMa da Rede de Pedro II – impresso e virtual – resultante do diálogo com o território mapeado: uma representação da memória coletiva. Atividade colaborativa de criação, registro e publicação.

- ✚ 02 Oficinas com teceloas, feirantes, representante da Associação do Artesão de Pedro II e lojistas no Mercado do Artesão – livres, espontâneas; abordagens individuais e rodas

de conversas; seguiu com a dinâmica e movimento do espaço público, a feira. Apoio: educadores, colaboradores/parceiros. (Figuras 1 e 2).

Recurso utilizado e produzido: Mapa do território em papel madeira (Figura 4), fotos e anotações.



Figura 8: I Cartografia Social, realizada em 4/06/2016 no Mercado do Artesão; arquivo pessoal dos pesquisadores – foto: Eugênia Teixeira.



Figura 9: II Cartografia Social, realizada em 11/11/2016 no Mercado do Artesão; arquivo pessoal dos pesquisadores- foto: Douglas Brandão.

- ✚ 01 Oficina na Associação Artesanal Xique-Xique de Pedro II – tecelões e artesãs da Associação e interessados. Roda de conversa: como sobrevivem os modos de saber-fazer da tecelagem manual da rede de dormir em Pedro II? Quais as características destes modos de saber-fazer? Como ocorrem os processos de transmissão? Que artefatos/instrumentos se ligam a essa sabedoria ancestral no território?

Recurso/material utilizado e produzido: catálogo, mapa, anotações, fotos e vídeo. Apoio: colaboradores.

- ✚ 01 Oficina Aberta com assessores de crédito do Banco do Nordeste, agentes da Agência de Defesa do Piauí - ADAPI; Artistas e educadores – socialização de informações sobre o território, atividades econômicas locais, localização do saber-fazer no mapa, análise iconográfica para seleção de pictogramas (Figura 3).

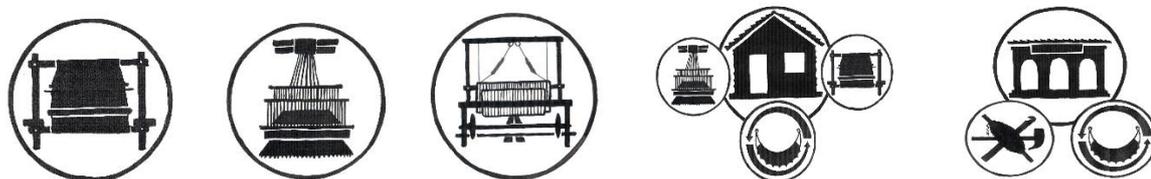


Figura 3 – Conjunto de cinco pictogramas elaborados para representar os tipos de teares existentes e os lugares de produção e venda; da esquerda para direita, respectivamente: Tear de Parede, Tear de Três

vida dos seres em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias” (CHAGAS, 2007:219).

O Mapa da TeMa é um instrumento, um meio e um produto agregador de parcerias e mão de obra colaborativa e voluntária. O resultado parcial é uma coprodução de todos que participaram do processo e para o alcance de todos que almejam a salvaguarda do saber-fazer. A finalização do mapa, através do programa AutoCAD, foi realizada por Francisco Eudes do Amaral, sob orientação dos pesquisadores. Esse produto encontra-se em processo contínuo de transformação, tendo em vista a dinâmica da própria referência cultural e da metodologia utilizada, além das questões de ordem sociocultural e técnicas que envolvem a atividade. Novas informações poderão ser acrescentadas à medida que mais pessoas colaborem com o processo de transformação.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, M. Casas e Portas da Memória e do Patrimônio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

ICONOCLASISTAS. Mapeo colectivo, cartografías, investigación e imágenes de libre circulación. Disponível em: <<http://www.iconoclasistas.net/>>, acessado em: 20/03/2017.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria 137, de 28 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, 29 abr. 2016, sec.1, n.81, p.6.

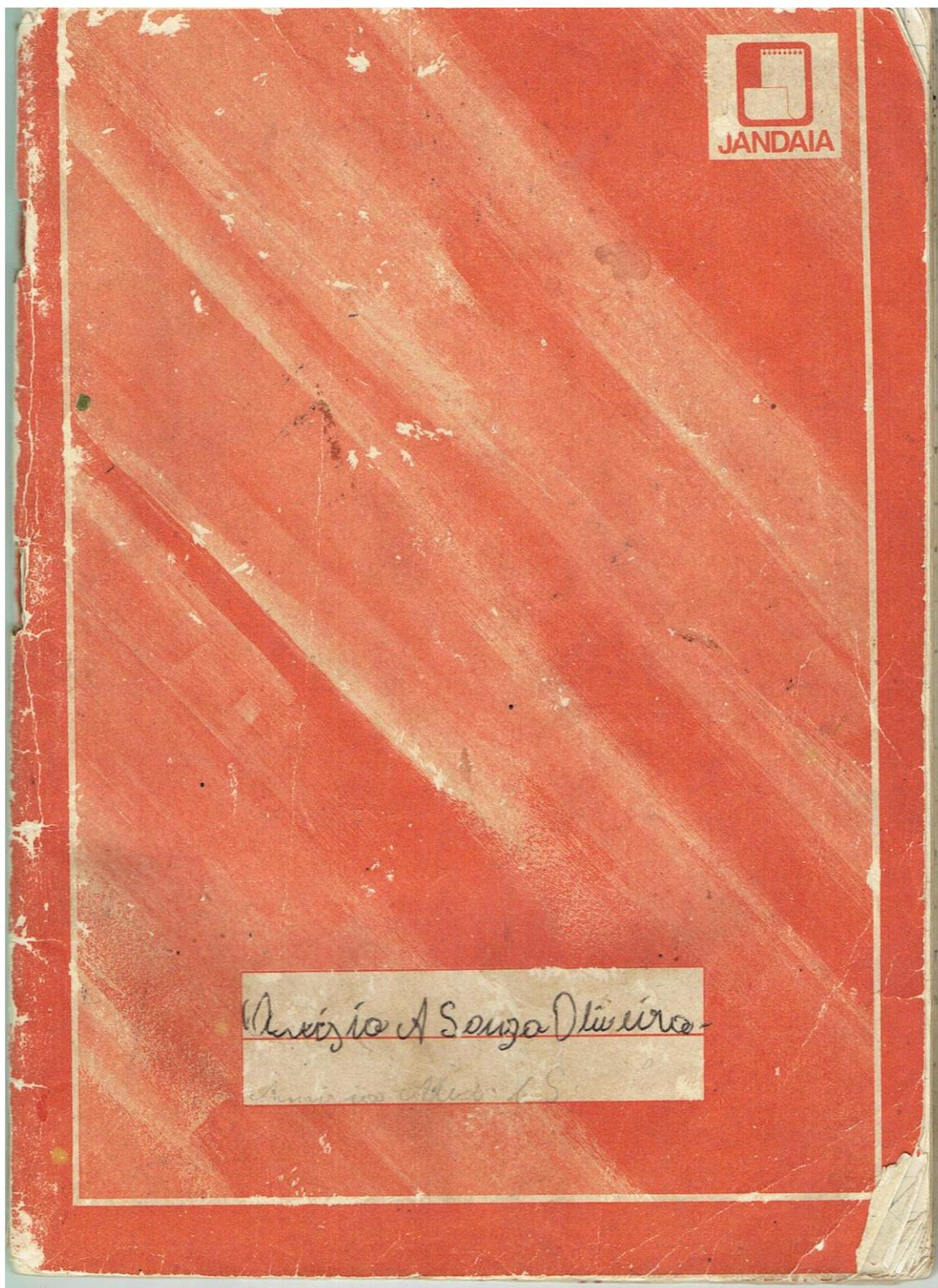
NASCIMENTO, F. B. do; SCIFONI, S. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de patrimônio nacional. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 26-38, jan./mar. 2015. ISSN 1980-6809.

SCIFONI, S. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, v. 18, n. 48, jan-mar 2017. p.5-16. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231/pdf>>, acessado em 18/03/2017.

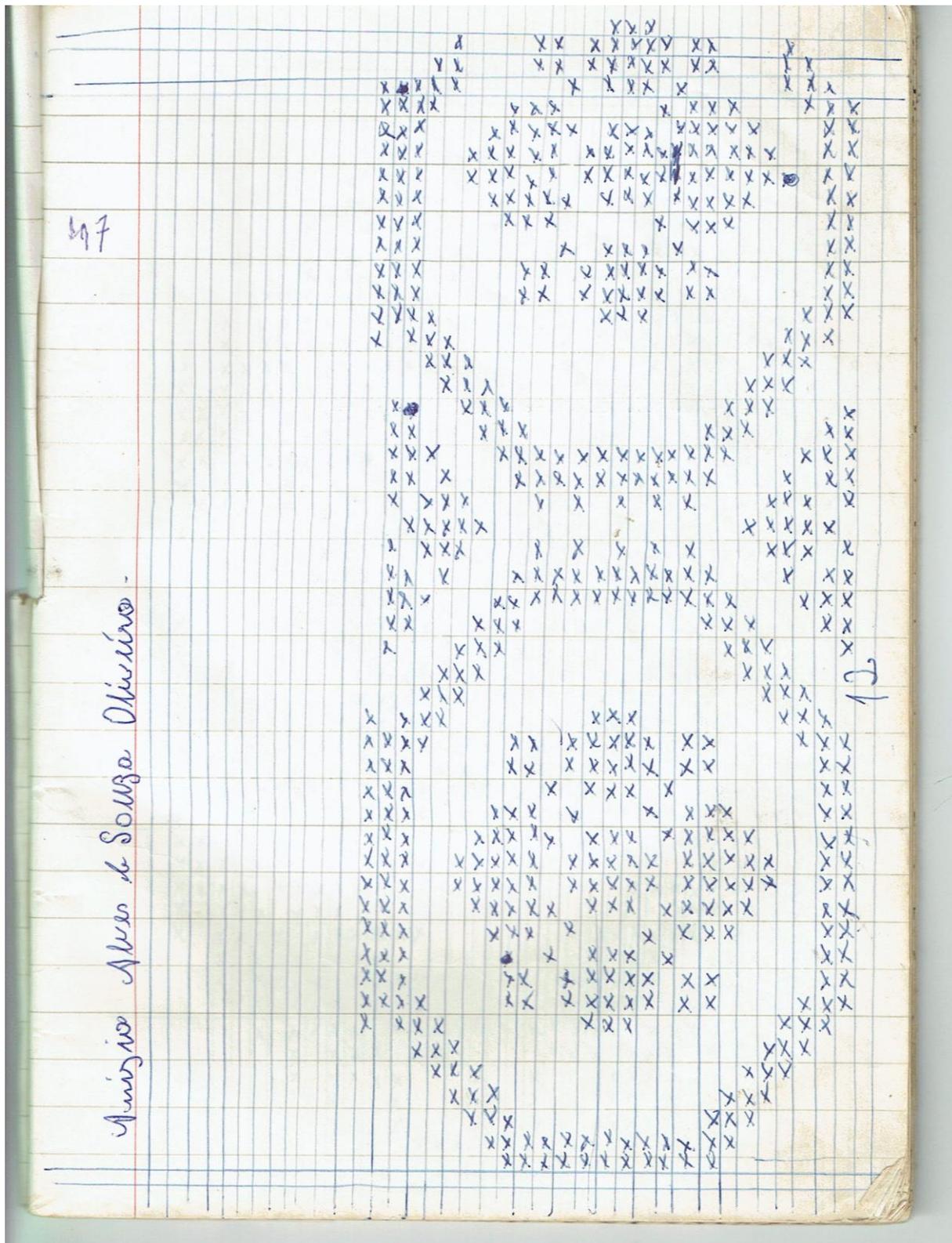
SILVA, C. F. da. A atuação participativa entre historiadores e comunidade: processo metodológico de inventário participativo. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346502_ARQUIVO_Claudia_FEIJ_O_ANPUH_2013.pdf>, acessado em 12/03/2017.

11. ANEXOS

Anexo A – Fragmentos do Caderno da teceloa Anízia Alves Sousa de Oliveira com *Gabaritos/Ramos* – digitalizados



Ramos Florais



Ramo de 8 folhas

